



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA E CULTURAS

BRUNA APARECIDA BARROS

**A PROTAGONISTA É A AIDS: REPRESENTAÇÕES E ESTIGMAS DA NOVA
SÍNDROME NOS FILMES: AIDS, ACONTECEU COMIGO 1985
E FILADÉLFIA 1993.**

FORTALEZA – CEARÁ
2017

BRUNA APARECIDA BARROS

A PROTAGONISTA É A AIDS: REPRESENTAÇÕES E ESTIGMAS DA NOVA
SÍNDROME NOS FILMES: AIDS, ACONTECEU COMIGO 1985
E FILADÉLFIA 1993

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em História e Culturas do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para à obtenção do título de Mestre em História. Área de Concentração: História e Culturas.

Orientadora: Prof^a. Pós Dr^a. Zilda Maria Menezes Lima.

FORTALEZA – CEARÁ

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Barros, Bruna Aparecida.

A protagonista é a aids: representações e estigmas da nova síndrome nos filmes: aids, aconteceu comigo 1985 e filadélfia 1993. [recurso eletrônico] / Bruna Aparecida Barros. - 2017.

1 CD-ROM: il.; 4 ⅝ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 246 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Mestrado Acadêmico em História e Culturas, Fortaleza, 2017.

Área de concentração: História e Culturas. .

Orientação: Prof.^a Ph.D. Zilda Maria Menezes Lima.

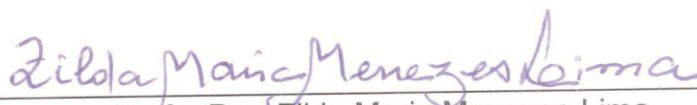
1. AIDS. 2. Níveis de estigmatização. 3. Representação. 4. Filme. I. Título.

BRUNA APARECIDA BARROS

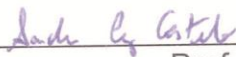
A PROTAGONISTA É A AIDS: REPRESENTAÇÕES E ESTIGMA DA NOVA
SÍNDROME NOS FILMES: AIDS, ACONTECEU COMIGO 1985
E FILADÉLFIA 1993

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para à obtenção de título de Mestre em História.

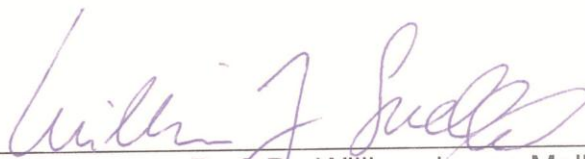
Aprovada em: 14 de agosto de 2017



Profa. Dra. Zilda Maria Menezes Lima
Universidade Estadual do Ceará-UECE
Orientadora



Prof. Dr. Sander Cruz Castelo
Faculdade de Educação Ciência e Letras do Sertão Central - FECLESC/UECE
Membro Interno



Prof. Dr. William James Mello
Indiana University – IU / Universidade Estadual do Ceará- UECE
Membro Externo

AGRADECIMENTOS

As palavras digitadas a seguir serão expressões da mais imensa gratidão, pois os anos pelos quais me dediquei a esta pesquisa, considerada desafiadora, a vida também decidiu me desafiar com situações difíceis, que nunca pensei que iria conseguir suportar ou superar, contudo, hoje comprovo que “O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pelo amanhecer”; e a primeira pessoa que quero demonstrar muito mais do que gratidão é o Senhor Jesus, porque o amo muito. Ele que me conduz, fortalece e me enche de amor e graça, colocando anjos disfarçados de pessoas no meu caminho, para que a minha trajetória seja a mais agradável possível de ser trilhada.

Ao meu pai por todo seu apoio incondicional, por cuidar de mim e acreditar na minha capacidade.

A minha mãe, por me ensinar a ser: forte, independente e destemida.

Ao meu irmão por estar presente disposto a ajudar, pois quando achava algo referente à pesquisa, ou ainda que não fosse referente a ela, tentava colaborar.

Ao meu querido, “lindinho”, engraçado e amigo Marquinhos que foi e é muito presente na minha vida, e na minha trajetória acadêmica, ouvindo-me, aguentando minhas inúmeras reclamações, (risadas), ajudando-me a encontrar sentindo na minha pesquisa, inclusive ajudou encontrar minhas fontes, (risadas) e mais do que tudo isto sendo amigo extraordinário, pronto a me ajudar, e rir de tudo (situações boas e ruins) junto comigo, consolar-me, enfim ele é muito especial; muitas Saudades!

A minha amiga Gabriela Bandeira por ser presente desde o início na minha caminhada acadêmica, por esta sempre pronta a me ouvir e ajudar no que fosse preciso e sempre chorar e rir das mais variadas situações da vida comigo. De ir ao cinema comigo e com João Marcos nos dias de segunda feira no shopping Parangaba. (risadas). Saudades!

Ao meu amigo Brayan Correia que também acompanhou este projeto e sempre me deu total apoio e força, quando ainda estava difícil a pesquisa. Saudades!

As minhas amigas Marília Marques e Marcia Régia que desde graduação me ofereceram suas amizades e as mais gasguitas gargalhadas. Saudades!

A minha amiga Elanne, que sempre esteve presente, perguntando da minha pesquisa, da minha vida, ajudando-me em oração. Saudades!

A minha bebê e amada Jhully (minha cadelinha) que esteve ao meu lado, praticamente em todo o período da escrita me fazendo inveja, pois ela dormia enquanto eu escrevia (risadas),

porém sua presença e todo seu carinho e fofura tornou os meus momentos de trabalho mais leves.

A minha amiga Mirian e minha prima Renata que com generosidade, me ajudou disponibilizando de seu espaço e tempo para me acolher em sua casa, quando foi necessário. Saudades!

As minhas eternas amigas de trabalho: Dona Berenice, Dona Mazé e Dona Cilene, que sempre torceram por mim o meu muito obrigada!

A minha orientadora Zilda Maria Menezes Lima por sua nobreza, dedicação, atenção e disponibilidade, por um acompanhamento de perto da minha pesquisa desde graduação, diante das dificuldades que esta pesquisa apresentou, em nenhum momento hesitou em darmos continuidade e fez o possível para me ajudar. Obrigada por tudo, por nossas conversas; espero sempre contar com a senhora, pois a senhora pode e poderá sempre contar comigo.

Ao professor Dr. Sander Cruz Castelo que atendeu de pronto ao pedido de ajuda, para nos mostrar o mundo dos filmes e do cinema, e nos apresentou bibliografias que explicavam como pode se dar uma relação entre História e Cinema, e ainda nos ajudou sobremaneira em nossa Qualificação. Obrigada!

Aos professores doutores William James Mello e Georgina da Silva Gadelha pelas preciosas contribuições na Banca de Qualificação.

A Banca de Defesa que aceitou o convite composta pelos professores doutores: William James Mello, Sander Cruz Castelo e minha orientadora Zilda Maria Menezes Lima. Obrigada. A minha Turma 2015.1, que foi ótima. Partilharmos de nossas angustias e alegrias das pesquisas, trocamos informações uns com outros: sobre fontes e bibliografias, apresentamos nossas pesquisas em outros Estados do Brasil, juntos, sempre rindo bastante. Obrigada Pessoal.

Ao Neto que sempre nos ajudou com as questões burocráticas do MAHIS.

A Dona Silvia por sempre nos receber com educação, carinho, um belo sorriso e sempre deixava nossas salas sempre prontas para nossas aulas.

A CAPES, que me proporcionou uma bolsa, para que eu me dedicasse por completo a minha pesquisa, não teria conseguido sem este importante apoio. Obrigada.

RESUMO

Esta pesquisa consiste em construir níveis de compreensão referente às representações da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS, no âmbito da sétima arte apresentados nas obras ficcionais: AIDS Aconteceu comigo de 1985 e Filadélfia de 1993. Ambas as obras são as primeiras produções fílmicas estadunidenses e tem como temática principal esta enfermidade na Televisão e no Cinema, respectivamente. Através das metodologias de abordagem entre História e cinema e interpretações da linguagem fílmica se compreende as diversas mensagens dos filmes em questão, onde não se pode resumir apenas em obras de arte, contudo se constituem um agente histórico, cultural e social, que interfere direta ou indiretamente na sociedade da qual se oriunda. A finalidade desta pesquisa recai numa tentativa de conhecimento dos modos como a doença e o doente foram apresentados nestes filmes, pois embora saibamos que a arte não possui nenhum compromisso com a “verdade”, porém a calamidade causada pela Síndrome da Imunodeficiência Adquirida provoca uma cobrança de lealdade em suas representações, chegando também a representar nas produções fílmicas os níveis de estigmatização dos enfermos nos personagens.

Palavras-chave: AIDS. Níveis de estigmatização. Representação. Filme.

RESUMEN

Esta investigación es una construcción de niveles de comprensión con respecto las representaciones del Síndrome de Inmunodeficiencia Adquirida - SIDA dentro del séptimo arte a través de las obras de ficción: *Helada Temprana* 1985 y *Filadelfia* 1993. Ambas obras son producciones fílmicas de los Estados Unidos de la América con el tema principal de la enfermedad en televisión y cine, respectivamente. A través de las metodologías de la Historia y de la película y de la interpretación del lenguaje cinematográfico se entienden los diversos mensajes de las películas en cuestión, que no puede ser restringido solamente en las obras de arte, sin embargo constituir un agente histórico, cultural y social, que interfieren directa o indirectamente en la sociedad de la que se originó. El propósito de esta investigación se centra en los estados de conocimiento como la enfermedad y el enfermo se muestran en estas películas, se sabe que el arte no tiene compromiso con la “verdade”, pero la calamidad causada por la Síndrome de la Inmunodeficiencia Adquirida provoca una cobranza de lealtad en sus representaciones, también llegando a representar las producciones fílmicas los niveles de estigmatización de los enfermos en los personajes.

Palabrasclave: SIDA. Los niveles de estigmatización. De representación. Películas.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Legislação estatal de proteção à AIDS. Artigo: Resposta do Governo do Estado à epidemia da AIDS. Colby, David,C; Beker, David. State Policy Resposes to the Epidemic. Vol 18. N° 3, 1988, p. 121.....57**
- Figura 2 - Apoio a políticas coercitivas relacionadas à AIDS, sentimentos negativos para as pessoas com SIDA (PVHS), e as atribuições de responsabilidade e culpa por PWAs. Artigo: Conhecimento do HIV-Estigma nos Estados Unidos: Prevalência e Tendências, (1991-1999). HEREK, Gregory. M; CAPITANIO, John. P; WIDAMAN, Keith F. HIV-Related Stigma and Knowledge in the Unites States: Prealence and Trends, 1991-1999. National Center for Biotechnology Information. Mar. 2002.....87**

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Diagnóstico de AIDS por sexo, idade e raça e/ou etnicidade, relatada em dezembro de 1990. Fonte: CENTER FOR DISEASES CONTROL.

Report of the Center for Disease Control Surveillance of HIV / AIDS.

AIDS cases reported in December 1990, report issued January

1991. 22 p.....61

LISTA DE ABREVEATURA E SIGLAS

ABC	American Broadcasting Company
ACP UP	Coalition Unleash Power
AFDC	Aid to Families with Dependent Children
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
AZT	Zidovudina
CDC	Centro de Controle de Doenças dos Estados Unidos da América – EUA
CSB	Columbia Broadcasting System
DGA	Diretors Guids DF American
DNA	Ácido desoxirribonucleico
DVD	Digital Versatile Disc
EUA	Estados Unidos da América
FDA	Food And Drug Administration
GLOBO	Rede Globo de Televisão
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
NBC	National Broadcasting Company
NCBI	Revista do Centro Nacional de Biotecnologia e Informação dos EUA
NCI	Instituto Nacional do Câncer dos EUA
NOW	Organização Nacional das Mulheres
ONG	Organização Não Governamental
PCP	Pneumocystis jirovecii (carinni)
PIB	Produto Interno Bruto
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
SSI	Supplemental Security Income
TV	Televisão
URSS	União das Republicas Socialistas Soviéticas/ União Soviética

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	AIDS E A SÉTIMA ARTE: ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA E A NOVA SÍNDROME.....	27
2.1	OS EUA E A ATUAÇÃO DOS GOVERNOS, LUTAS SOCIAIS NAS DÉCADAS DE 1980 E INÍCIO DOS ANOS 1990.....	27
2.2	A AIDS E SUA TRAJETÓRIA NOS ESTADOS UNIDOS.....	27
2.3	“NÃO É O QUE A AIDS FAZ PARA A ARTE, MAS O QUE A ARTE PODE FAZER SOBRE A AIDS”.....	45
3	“NÃO É SÓ PNEUMONIA MÃE. ESTOU COM AIDS”: AS REPRESENTAÇÕES E ESTIGMAS DA AIDS, NO FILME AIDS, ACONTECEU COMIGO 1985.....	63
3.1	“NÃO QUERO ENTRAR... ELE ESTÁ COM AIDS”: PRODUÇÃO DO FILME AIDS, ACONTECEU COMIGO.....	78
3.2	REPRESENTAÇÃO & ESTIGMA: O DESESCREDITÁVEL EM AIDS, ACONTECEU COMIGO.....	78
3.3	“PERMITA QUE ELE TENHA ESPERANÇA. É A ÚNICA ARMA QUE LHE RESTA”: O DESACREDITADO EM AIDS, ACONTECEU COMIGO.....	112
3.4	“VOCÊ SENTE?! MAS SOU EU QUE ESTOU COM AIDS!”: RECEPÇÃO DO FILME DO AIDS, ACONTECEU COMIGO.....	149
4	SEM JUSTIÇA NÃO A PAZ: REPRESENTAÇÃO E ESTIGMA EM FILADÉLFIA 1993.....	165
4.1	“VOCÊ NÃO TINHA OBRIGAÇÃO DE AVISÁ-LOS DESSA DOENÇA FATAL E CONTAGIOSA?” : PRODUÇÃO DO FILME FILADÉLFIA.....	166
4.2	“ANDREW BECKETT FOI E É UM EXCELENTE ADVOGADO” REPRESENTAÇÃO, ESTIGMA E O DESESCREDITÁVEL EM FILADÉLFIA.....	177
4.3	“EU NÃO ME CONSIDERO DIFERENTE DE OUTROS QUE TEM ESTA DOENÇA”: NÍVEIS DE ESTIGMA E O DESACREDITADO EM FILADÉLFIA.....	193
4.4	RECEPÇÃO DO FILME FILADÉLFIA 1993 e 1994.....	216
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	231
	REFERÊNCIAS.....	237

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa que ora apresentamos é compreendida no campo da História da Saúde e das Doenças. Segundo a médica e historiadora Dilene Nascimento (2004) há mais de três décadas que esta área compreende como as enfermidades e suas mais diversas manifestações epidêmicas¹ e pandêmicas² desestruturam e reorganizam sociedades em suas mais complexas estruturas. Diversas enfermidades como: a Hanseníase, a Cólera, a Febre Amarela, a Varíola, a Tuberculose e muitas outras, provocaram na humanidade, em diferentes épocas, mobilizações, combates, sentimentos e ressentimentos contra a doença e em consequência contra os doentes.

Segundo Paul Slack citado por Nascimento (2004) esclarece:

[...] as epidemias não se resumem unicamente à narração de um desastre urbano ou da desagregação social. Essa descrição compõe apenas um dos níveis a partir dos quais esses eventos podem ser analisados: o das respostas sociais aos impactos da epidemia sobre a vida cotidiana (NASCIMENTO, 2004, p. 27).

A doença atinge os mais diversos âmbitos de uma sociedade e não somente a ciência e a medicina possuem a preocupação em estudar e dar significados para uma determinada enfermidade; a religião, a política, e a cultura, e os demais pilares sociais podem tentar das maneiras mais diversas, explicar e criar representações para tais enfermidades. Segundo a historiadora Zilda Maria Menezes Lima (2007) as doenças contagiosas e mortais,

¹ Os termos epidemia e endemia são dos mais antigos em medicina. No Corpus Hippocraticum há sete livros com o título de Epidemias (8) e Galeno usou endemia com o mesmo significado atual (11). Quando se indaga sobre a diferença entre epidemia e endemia, ocorre-nos, imediatamente, a ideia de que a epidemia se caracteriza pela incidência, em curto período de tempo, de grande número de casos de uma doença, ao passo que a endemia se traduz pelo aparecimento de menor número de casos ao longo do tempo. A distinção entre epidemia e endemia não pode ser feita, entretanto, com base apenas na maior ou menor incidência de determinada enfermidade em uma população. Se o elevado número de casos novos e sua rápida difusão constituem a principal característica da epidemia, para a definição de endemia já não basta o critério quantitativo. O que define o caráter endêmico de uma doença é o fato de ser a mesma peculiar a um povo, país ou região. Disponível em: <<http://revistas.ufg.emnuvens.com.br/iptsp/article/viewFile/17199/10371>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

² Pandemia, palavra de origem grega, formada com o prefixo neutro pan e demos, povo, foi pela primeira vez empregada por Platão, em seu livro Das Leis (11). Platão usou-a no sentido genérico, referindo-se a qualquer acontecimento capaz de alcançar toda a população. No mesmo sentido foi também utilizada por Aristóteles (1). Galeno utilizou o adjetivo pandêmico em relação a doenças epidêmicas de grande difusão (9). A incorporação definitiva do termo pandemia ao glossário médico firmou-se a partir do século XVIII, encontrando-se o seu registro em francês no **Dictionnaire universel français et latin**, de Trévoux, de 1771 (5). Em português foi o vocábulo dicionarizado como termo médico por Domingos Vieira, em 1873(15). O conceito moderno de pandemia é o de uma epidemia de grandes proporções, que se espalha a vários países e a mais de um continente, Exemplo tantas vezes citado é o da chamada "gripe espanhola", que se seguiu à I Guerra Mundial, nos anos de 1918-1919, e que causou a morte de cerca de 20 milhões de pessoas em todo o mundo. Disponível em: <<http://revistas.ufg.emnuvens.com.br/iptsp/article/viewFile/17199/10371>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

principalmente na sua forma epidêmica, podem provocar na sociedade um desequilíbrio impactante entre o doente e o meio social.

A doença não pertence somente à história superficial dos progressos científicos e tecnológicos como também à história profunda dos saberes e das práticas ligadas às estruturas sociais, às instituições, às representações, às mentalidades (LE GOFF, 1997, p. 08). Assim, entendemos com o historiador citado, que a enfermidade é um objeto da história, pois ela provoca ações dos homens nos mais diversos períodos da existência humana, não apenas referente às atuações médicas, também a crenças e outros saberes, para tentar entender e deter a doença. Ainda segundo o autor, o horror, o medo e os sentimentos de culpa, já acompanhavam as enfermidades e os enfermos, desde a antiguidade (LE GOFF, 1997, p. 08).

O historiador Diego Armus (2005) observa que outras ciências também apresentam interesse sobre as doenças, como por exemplo, as ciências sociais. Armus (2005) assim como os historiadores citados anteriormente, também destaca a importância de se debruçar sobre a temática da enfermidade ao longo da história e nos explica que o campo da História da Saúde e das Doenças não para de se expandir e os temas e periodizações são cada vez mais ambiciosos. Desse modo, ele cita algumas ramificações desta área: Nova História da Medicina, História da Saúde Pública, e ainda, História sociocultural da enfermidade. E explica mais sobre as subdivisões deste campo:

Es evidente también que todas ellas reconocen a las enfermedades como fenómenos complejos, algo más que un virus o una bacteria. Además de su dimension biológica, las enfermedades cargan con um repertorio de practicas y construcciones discursivas que reflejan la historia intelectual e institucional de la medicina. **Las enfermedades también pueden ser una oportunidad para desarrollar y legitimar políticas públicas, canalizar ansiedades sociales de todo tipo, facilitar y justificar el uso de ciertas tecnologías, descubrir aspectos de las identidades individuales y colectivas, sancionar valores culturales e y estructurar la interacion entre enfermos proveedores de atencion a la salud.** (ARMUS, 2005, p. 13, 14). Grifo nosso.

Armus (2005) explica que além das doenças justificarem o uso de algumas tecnologias elas interferem em identidades individuais e coletivas, atribuindo valores culturais e interferindo em outras estruturas. Estes valores culturais e esta interferência no individual e coletivo é o que podemos observar nas obras fílmicas que escolhemos que abordam nossa principal temática: a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS, que é uma prova fatídica e concreta deste desequilíbrio na sociedade e de desestruturação de identidades, como abordaremos mais adiante em diálogo com o sociólogo Erving Goffman (1963).

O objeto da nossa pesquisa: a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida - AIDS³, teria surgido nos Estados Unidos da América – EUA em 1980. Tal crença é creditada ao fato do país ter sido o primeiro a notificar o mundo sobre a mais nova e estranha Síndrome. Segundo o jornalista Randy Shilts (1987) houve, de modo geral, certa resistência à apresentação da doença nos meios de comunicação da época, porém alguns jornais, noticiários de televisão e outros meios de entretenimentos como séries e filmes, apresentaram a AIDS para a sociedade. As principais fontes que escolhemos para esta pesquisa foram dois filmes ficcionais: **An Early Frost/ AIDS, Aconteceu comigo** (1985) e **Philadelphia/Filadélfia** (1993). Estes são reconhecidamente as primeiras obras fílmicas que ousaram encarar a temática na TV, e posteriormente no cinema.

Assim, optamos por analisar neste trabalho, o impacto e os estigmas representados nas obras acima citadas no que tange a olhares que foram lançados nessas obras acerca da doença. Os critérios utilizados para escolher estas duas obras foram: primeiro, porque ambas têm a AIDS como temática principal, nosso objetivo é entender qual era o interesse e/ou a necessidade em abordar uma doença tão estigmatizada em produções fílmicas. A periodização foi outro fator importante, pois nosso empenho será investigar como a doença foi representada nos primeiros anos em que surgiu a enfermidade. E ambos os filmes abordam a primeira década da doença.

AIDS, Aconteceu comigo de 1985, foi primeiro filme produzido para a televisão a enfrentar a temática da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS. Dirigido por John Erman, sua estreia foi em 11 de novembro, na TV norte americana National Broadcasting Company (NBC)⁴. O filme narra à história de Michel Pierson (Aidan Quinn), um jovem

³ A AIDS é o estágio mais avançado da doença que ataca o sistema imunológico. A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, como também é chamada, é causada pelo HIV. Como esse vírus ataca as células de defesa do nosso corpo, o organismo fica mais vulnerável a diversas doenças, de um simples resfriado a infecções mais graves como tuberculose ou câncer. O próprio tratamento dessas doenças fica prejudicado. Há alguns anos, receber o diagnóstico de AIDS era uma sentença de morte. Mas, hoje em dia, é possível ser soropositivo e viver com qualidade de vida. Basta tomar os medicamentos indicados e seguir corretamente as recomendações médicas (...). Informações retiradas da página do Portal sobre AIDS, doenças sexualmente transmissíveis e hepatites virais - Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pagina/o-que-e-aids>. Acesso em: 12 dez. 2015.

⁴ A NBC é uma das pioneiras no ramo da televisão americana, pois através da RCA, ela foi uma das empresas que mais investiu no desenvolvimento do veículo em seus primórdios; época em que a televisão não passava de uma ideia: criar um aparelho que pudesse transmitir som e imagem, ou melhor, dizendo, um rádio com imagens. O invento da televisão começou a tomar forma na década de 20, quando algumas experiências passaram a ser realizados na Inglaterra e Estados Unidos. Entre as empresas que investiam nesse novo veículo estavam a GE (General Electric), empresa de eletrodomésticos; e a RCA (Radio Corporation of América) uma das maiores empresas de rádio dos EUA. Assim, em 20 de julho de 1928 a RCA criou a empresa NBC, que se tornaria um dos primeiros canais oficiais de televisão americana. Ao longo dos anos 30 a NBC cresceu de tal forma que chegou ao ponto de ser acusada de monopólio. Em função disso, o FCC, órgão que regulariza o veículo nos EUA, obrigou a rede NBC a se dividir. Daí surgiu a rede ABC em 1940, que se tornaria uma de suas

advogado bem sucedido, que acabara de se tornar sócio de um grande escritório de advocacia no qual trabalhava, e no contexto da narrativa, tinha uma importante causa para defender. Porém, não andava muito bem de saúde. Sentia fadiga, cansaço, suores noturnos e uma gripe de muitas semanas. Michel que tinha uma família harmoniosa, contudo muito tradicional, omitiu sua condição sexual. Porém, as circunstâncias o obrigariam a revelar a sua grande verdade, pois se descobriu enfermo de AIDS.

Michel sofreu com o desprezo: de seu pai Nick Pierson (Ben Gazzara), que não aceitava a orientação sexual do filho e pouco sabia sobre a doença, e com o pavor de sua irmã Susan Maracek (Sydney Walsh), uma das poucas pessoas que aceitava a orientação sexual do irmão, mas tinha muito medo da contaminação pela doença. O filme traz o cotidiano do personagem: o ambiente da casa de seus pais e do hospital, onde conhece outros portadores e outras histórias de personagens que também foram acometidos pela moléstia mortal.

A obra fílmica foi indicada para mais de 14 premiações e venceu nove. Entre as principais conquistas quatro foram Emmy⁵ nas categorias de melhor roteiro, fotografia, edição e som. Na categoria de melhor atriz coadjuvante, Sylvia Sidney recebeu o Globo de Ouro⁶. (depois do Oscar⁷ o Globo de Ouro é considerado uma das maiores premiações que uma obra fílmica pode receber nos Estados Unidos).

concorrentes, juntamente com a CBS. Foi à rede NBC que transmitiu uma das primeiras imagens oficiais no país, com a Feira Mundial em 1939; também foi a NBC que forçou o FCC a oficializar o início das transmissões comerciais da televisão em 1945; com isso tornou-se possível à exibição de comercial pago o que viabilizou a produção televisiva. Além disso, a NBC foi à segunda rede de televisão a fazer experiências com transmissões a cores, em 1953, tornando-se a primeira a transmitir oficialmente em cores em 1963, chegando em 1965 com 95% de sua programação a cores. Isto fez com que os demais canais adotassem o sistema em 1966, o que levou a transmissão da televisão americana a tornar-se oficialmente colorida. O envolvimento da NBC com a Universal teve início nos anos 50, época em que o canal produzia programas em parceria com a Revue Studios, de propriedade da MCA, que alugava os estúdios da Universal. Em 1962 a MCA comprou a Universal. Em 1986, a NBC foi vendida à GE, no entanto, ela começou a entrar em declínio a partir do ano 2000, época em que a francesa Vivendi comprou a MCA/Universal. A Vivendi é uma empresa que desde 1986 atua no ramo das telecomunicações, sendo a proprietária da brasileira GVT. Assim, em 2003 a GE uniu-se à Vivendi, criando a NBC Universal em 2004, da qual a GE detinha 80% das ações. Agora, com a venda para a Comcast, a GE perde força no comando da empresa, que passa para o controle da Comcast. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/temporadas/televisao/nbc-universal-tem-novo-dono/>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

⁵ Os Emmy Awards são uma premiação anual em que a Academia de Artes e Ciências Televisivas dos EUA elege as séries, minisséries e telefilmes que mais se destacaram dentro de suas categorias. Disponível em: <<http://omelete.uol.com.br/emmy/>> Acesso em: 10 ago. 2015.

⁶ Com mais de 70 anos de vida, o Globo de Ouro é considerado a premiação que mais se aproxima dos indicados e vencedores do Oscar. Formada pela Associação de Correspondentes Estrangeiros de Hollywood (baseando-se nos votos de 96 jornalistas), a premiação reconhece os trabalhos cinematográficos e televisivos nos gêneros de Drama e Comédia (ou Musical para os filmes). Diferente do Oscar, o Globo de Ouro acontece durante um jantar, à cerimônia também tem um clima mais relaxante e íntimo que os convidados e indicados adoram. A festa é realizada desde 1961 no Hotel Beverly Hilton, em Beverly Hills. Disponível em: <<http://www.termometrooscar.com/globo-de-ouro-2015---indicados-e-vencedores.html>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

⁷ A Academia das Artes e Ciências Cinematográficas criou o Oscar em 1927 para promover seus filmes e honrar o desempenho de atores, atrizes, diretores e outros realizadores, que competem em 24 categorias. Originalmente,

Sob a Direção John Erman, produção de Perry Lafferty, roteiro de Ron Cowen, Daniel Lipman e Sherman Yellen, edição de Jerrold L. Ludwig, o elenco principal do filme é composto por Aidan Quinn, Gena Rowlands, Ben Gazzara, Sylvia Sidney e D.W. Moffett. Compreendido na categoria drama, foi distribuído pela TV norte americana National Broadcasting Company (NBC) em 1985, e sua versão em DVD foi produzida em 1996⁸. Em países como o Japão, o filme foi distribuído em 1994. No Brasil, segundo a revista **Veja** de três de janeiro de 1996, o filme foi exibido no Sistema Brasileiro de Televisão – SBT em dezembro de 1995 e na Rede Globo de Televisão – GLOBO em 1996.

A outra obra fílmica escolhida para nossa análise foi **Filadélfia de 1993**. Inspirada em uma história real de um também advogado chamado Geoffrey Bowers que morreu de AIDS aos 33 anos de idade em 1987, mas que antes processou a empresa em que trabalhava por alegar que fora demitido, injustamente, por ter AIDS. **Filadélfia** é considerado um grande marco, para a história do cinema norte americano, pois este filme representa a quebra do silêncio, vivenciado por Hollywood por mais de uma década, referente a uma epidemia assustadora que assolava os EUA, (cuja classe artística foi muito atingida) e diversos países do mundo. Nesta obra fílmica foram investidos mais de US\$ 4,26 milhões de dólares e gerou uma Receita de US\$ 206, 678, 440 dólares.

O filme, produzido por Jonathan Demme e Edward Saxon, roteiro escrito por Ron Nyswaner, cujo elenco principal era composto de Tom Hanks e Denzel Washington, estreou em 22 de dezembro de 1993. O drama tem na sua trilha sonora “Streets of Philadelphia”, composta por Howard Shore; cinematografia elaborada e executada por Tak Fujimoto e responsável pela edição Craig McKay. A Companhia produtora Clínica Estético e a distribuição foi realizada pela TriStar Pictures.

O filme dirigido por Jonathan Demme narra à história de um jovem da cidade de Filadélfia, advogado homossexual bem sucedido e portador do vírus do HIV. É respeitado e admirado no seu local de trabalho. Recebe uma justa promoção. Porém tudo muda quando um dos sócios do escritório descobre que Andrew Beckett (o nome do personagem vivido por

a Academia contava com 36 membros, mas hoje já soma 5.830. O diretor de arte do estúdio Metro-Goldwyn-Mayer, Cedric Gibbons, foi eleito para desenhar a estatueta: um homem desnudo e corpulento, com os braços cruzados segurando uma espada e parado sobre um rolo de filme. A primeira cerimônia --simples e rápida-- ocorreu no dia 16 de maio de 1929 no Hotel Roosevelt de Hollywood, a poucos metros de onde atualmente são entregues os prêmios, o Teatro Kodak. Desde a primeira cerimônia, milhares de troféus foram entregues em uma festa que se tornou um evento pomposo. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/oscar/2012/noticia/2012/02/conheca-origem-do-oscar-o-premio-mais-cobicado-do-cinema_2.html>. Acesso em: 10 ago. 2015.

⁸ Disponível em: <www.imdb.com/title/tt0089069/&prev=search>. Acesso em: 10 ago. 2015.

Tom Hanks) tem AIDS, pois os sintomas o denunciavam. Assim foi forjado um erro administrativo imperdoável para que este fosse considerado responsável por tal erro e fosse demitido.

Andrew procura quem o represente no tribunal e depois de recorrer a nove advogados todos se recusam a aceitar o caso, até que ele procura Joe Miller interpretado por Denzel Washington, que depois de resistir por ter preconceito contra homossexuais e, inicialmente, não saber como era o contágio da AIDS, reluta em aceitar o caso. Mas, finalmente, resolve defender Andrew perante o Tribunal. Este filme representa de forma clara o estigma que esta enfermidade provocou/provoca ainda na sociedade e explicita a morte social do personagem na sociedade ficcional.

Além das obras fílmicas, outras fontes como artigos científicos e as próprias críticas aos filmes que analisamos além da rápida apresentação de alguns outros filmes que foram produzidos no mesmo período (e que abordam ligeiramente a temática) percebemos que houve uma mobilização da classe artística estadunidense, para que a doença fosse informada e amparada pelo Governo e por esta sociedade⁹.

Assim, afirmamos que esta pesquisa se situa, mais genericamente, no campo da Nova História Cultural. Pesavento (2003) nos mostra a diversidade de caminhos que podemos trilhar com as “novas fontes”. Dentre essas, a obra fílmica é mais uma das fontes que a História Cultural possibilita ao historiador escolher.

Segundo a historiadora Monica Kornis (1992), em 1898 houve o primeiro relato de filme como documento histórico, por um câmara polonês: Bolestas Matuszewski¹⁰ que entendia película fílmica como um reflexo da realidade. Em 1920, a autora esclarece que o cinema foi reconhecido como uma fonte histórica¹¹, principalmente os filmes documentários e os filmes chamados de cine jornais, com as cenas selecionadas e justapostas. Segundo os

⁹ Já no Brasil, encontramos apenas um filme ficcional que tem a AIDS como temática principal: Boa Sorte dirigido por Carolina Jabor, contudo, não trata da enfermidade no período por nós escolhido, por mais este motivo optamos por filmes estadunidenses.

¹⁰ Matuszewski era integrante da equipe de inventores do cinema os Irmãos Lumière. Seu escrito se intitula: “Une nouvelle source de l’histoire: création d’un dépôt de cinématographe historique. Publicado em Culture, vol, 2, nº 1, Paris/Nechâtel, Press Unesco/ La Baconnière.

¹¹ Segundo Kornis (1992) prova disso foi o interesse do filme como documento histórico demonstrado por alguns historiadores que compareceu aos encontros do Congresso Internacional de Ciências Históricas realizados em 1926 e 1934. Sua atenção se concentrava-se contudo na busca de condições de preservação de filmes nos arquivos que viriam a ser criados. É possível afirmar que sua concepção do valor do filme era a mesma de Matuszewski, isto é, o filme era visto como um registro da realidade. Esse argumento é reforçado pela observação do historiador inglês Anthony Aldgate, de que aqueles historiadores estavam voltados exclusivamente para os filmes de atualidades [...]. Nos anos 1950, sobretudo na Inglaterra e Alemanha um número relevante de historiadores passaram a reconhecer os filmes portando um valor histórico como, por exemplo, o inglês Sir Arthur Elton e o alemão Fritz Terveen, o último salientava a importância de se criar uma metodologia para aceitar o filme como um documento histórico. (Kornis, 1992, p. 242).

mesmos, tais linearidades na apresentação possibilitavam que “as imagens da realidade” fossem compreendidas, porém, os filmes de ficção não eram levados em consideração, pois não tinham “comprometimento com a realidade”.

Entretanto, em 1970, o historiador Marc Ferro considerado pela historiografia, atual, como pioneiro em trabalhar com fontes fílmicas, mostrava a possibilidade de fazer pesquisas com filmes de ficção, e argumentava que o filme é um produto do seu tempo, e mesmo não possuindo compromisso com a verdade, pode revelar, em suas narrativas, características importantes da sociedade para a qual foi produzido. Podemos perceber isto claramente, nos filmes escolhidos.

José D’ Assunção Barros (2007) nos explica que diferente do Teatro que nos apresenta um ato um atrás do outro, nos filmes podem ocorrer de maneira diferente, com cenas justapostas, não obrigatoriamente de uma forma linear. O fato é que as pessoas aprenderam a compreender as imagens, diferente de tempos mais antigos, que eram comuns até explicadores para explicar as cenas dos filmes e a mudança de sequência das cenas em alguns momentos do filme.

O autor cita Jean Epstein que criou uma “gramática cinematográfica”, explicando as mais diversas possibilidades de se ler um filme, através de posicionamentos de câmeras, que explicam muitos significados diferentes em uma cena dentro de uma obra fílmica.

O simples deslocamento do ponto de vista a partir da câmera podia criar espaços novos e situações psicológicas diferenciadas uma das outras. Podia-se utilizar a câmera focalizar um personagem de baixo para cima para fazer com que ele aparecesse ameaçador e todo poderoso, ou ressaltar a exuberância física de uma mulher, ou ao contrário, focalizar um personagem de cima para baixo para mostra-lo amedrontado, insignificante ou inexpressivo. (BARROS, 2007, p. 21).

Ao trabalhar com uma fonte fílmica, necessitamos compreender um pouco sobre a “linguagem” ou “gramática cinematográfica”, pois é através da “leitura” desta linguagem que podemos analisar esta fonte e possuir melhor compreensão das representações que o Diretor tentou expressar nas cenas. A exposição do historiador Barros (2007) sobre os ângulos de câmeras observaremos, mais profundamente também com outros autores de outras áreas como, por exemplo: a jornalista Ana Maria Bahiana (2012) que nos explica didaticamente a “leitura desta fonte” que, posteriormente, nos capítulos, iremos aplicar de forma simples este método, no intuito de dar suporte metodológico aos filmes que estamos abordando nesta dissertação.

Bahiana (2012) além de esclarecer como funcionam as lentes das câmeras, iluminação, como ocorre à montagem de cenários e outras particularidades, que tentamos descrever e analisar no decorrer da dissertação e os seus mais variados sentidos, nos ajuda a entender como um filme é produzido e como o mesmo custa caro. Diante do esclarecimento da autora compreendemos o cuidado das produções que foram realizadas e serão analisadas a seguir. O porquê de algumas preocupações excessivas ao tocar em uma temática tão delicada como a AIDS. Ferro (1992) nos explica, parcialmente, como é a metodologia para que um historiador possa analisar uma obra fílmica de ficção. Segundo ele os materiais que são produzidos, referentes a um filme, também devem ser levados em consideração, inclusive a recepção social do mesmo. Barros (2007) se refere a esses materiais em seu texto.

Assim, em torno do filme que se toma para a análise, há que considerar o autor, o sistema de produção que o consubstancia, o público a quem dirige e que reprocessa diversificadas leituras do filme consumido, a crítica que o avalia de um ponto de vista menos ou mais especializado, e o regime de sociedade e poder que constrange ou delimita os lugares de produção, difusão e recepção da obra, cinematográfica, torna-se então possível chegar não apenas à compreensão da obra, mas também da realidade que ela represente. (BARROS, 2007, p. 17).

Como veremos nos capítulos a seguir, procuramos analisar estes materiais acerca das produções e recepções dos filmes escolhidos. Percebemos claramente nestas fontes o que o autor nos explica nesta citação: como estas fontes nos ajuda a compreender a sociedade, da qual surgiram as obras, e ainda porque nosso objeto foi representado do modo que foi por seus produtores.

Ferro (1992), sobretudo, nos fala que o filme é considerado mais do que uma obra de arte: para ele o filme é um agente histórico que interfere na sociedade e mais uma vez Barros (2007) concorda com Ferro e argumenta:

[...] – para além de seu papel como ‘expressão’, ‘representação’ e ‘tecnologia’ – vincula-se ao fato que o Cinema também pode corresponder a uma ação que interfere na História (não mais a História no sentido de campo do saber, mas a própria História realizada pelos homens na sua vida social). Veremos mais adiante que do Cinema, podem se apropriar poderes diversos que “agem” na História; e que, de outro lado, o cinema também pode se apresentar como campo de resistência a diversos poderes instituídos. Por isto, vale dizer que, em todos estes casos, o Cinema tem sido um poderoso ‘agente histórico’ desde os anos que viram surgir. (BARROS, 2007, p. 5).

O autor cita principalmente o cinema como agente histórico, porém compreendemos que a obra fílmica do cinema, ou feita para a televisão, pode ser um agente

histórico e iremos procurar perceber, em nossa pesquisa, esta característica. Assim, interessamos compreender como as obras fílmicas em questão podem ser entendidas e utilizadas como um agente que interfere socialmente. Podemos afirmar que houve intenção dos produtores dos filmes para um entendimento das obras enquanto agentes que interferissem de alguma maneira na sociedade?

Segundo Sevcenko (2001) as primeiras temáticas do Cinema foram voltadas para o divertimento dos trabalhadores, tratando de assuntos mais complexos com o passar dos anos. A televisão, posteriormente, também passou a exibir e a produzir filmes, competindo com o Cinema até que o último, com suas novas tecnologias, tornou-se cada vez mais um entretenimento muito atraente para todas as camadas sociais.

Compreendemos com o historiador Marc Ferro (1992) que o historiador pode fazer uso de obras fílmicas e que o filme pode ser visto, como um produto de sua sociedade e um agente histórico. Entendemos que mesmo um filme de ficção possa expressar o imaginário e representação da sociedade, em um determinado período. Desse modo, uma obra fílmica ficcional, segundo o autor, pode interferir no que concordamos. Todavia, Ferro ainda nos fala que a obra fílmica pode ser uma contra análise da história, ou ainda em um filme apresentar o “não visível” o que foge do consciente de seu diretor. O historiador Eduardo Victorio Morettin, analisando Ferro, afirma:

Não acreditamos, no entanto, que a análise das relações entre cinema e história possa ser elucidada a partir das dicotomias “aparente” – “latente”, “visível” – “não visível” e “história” – “contra história”. A ideia proposta pelo historiador de que o cinema não é uma expressão direta dos projetos ideológicos que lhe dão suporte deve ser ressaltada: um filme apresenta, de fato, tensões próprias. Essas, porém, não devem ser pensadas nos termos de sua inclusão ou no campo da “história” ou de sua “contra história”, tal como faces opostas de uma mesma moeda, *parti-pris* que define um único da obra. Por outro lado, afirmar a possibilidade de recuperar o “não visível” através do “visível” é contraditório, já que essa análise vê as obras cinematográficas como portadora de dois níveis de significado independentes, perdendo de vista o caráter polissêmico da imagem. (MORETTIN, 2003, p. 16).

Concordamos com a análise de Morettin, referente às contribuições de Ferro. Assim, o que analisaremos nos próximos capítulos, sugere intenções claras dos diretores, mesmo nas cenas que necessitaram mais cautela, para passar ao público as mensagens almejadas tentando não ser mal interpretados ou ainda censurados. Embora, acreditemos que não houverão artimanhas para tentar “despistar” suas vontades.

E por que escolhemos a obra fílmica como nossa principal fonte? Sobre isto o filósofo Marcel Martin (2013) estudioso em Filmologia, nos ajuda a responder em sua explicação sobre as imagens:

A imagem fílmica suscita, portanto, no espectador, um sentimento de realidade bastante forte, em certos casos, para induzir à crença na existência do que aparece na tela. Essa crença, essa adesão, vai das reações mais elementares, nos espectadores virgens, ou poucos evoluídos, cinematograficamente falando (os exemplos são numerosos), aos fenômenos bem conhecidos de participação (os espectadores que advertem a heroína dos perigos que a ameaçam) e de identificação com os personagens (donde decorre toda a mitologia da estrela). (MARTIN, 2013, p. 22).

Segundo Martin a sensação de realidade é criada nos espectadores, criando nestes sentimentos referente às imagens que estão assistindo, ainda se forem “virgens” cinematograficamente falando, como diz o autor, a empatia pode ser tão forte que acaba por influenciar suas ações, tentando avisar personagens, enquanto assiste ao filme, ou ainda reações como risos e as lágrimas. Para nós é interessante a colocação de Martin, pois acreditamos que nossas fontes fílmicas sobre a enfermidade, são repletas de representações, da doença, do doente e da sociedade, e que pode provocar sentimentos e ações, que analisaremos mais adiante nas recepções das obras.

Representação e Estigma serão os principais conceitos que nos ajudaram a compreender estas obras fílmicas no contexto de uma análise histórica. Segundo Júnior (2008) o filme não deve ser considerado um reflexo da realidade, mas uma representação da mesma, Este autor explica também que as imagens da obra fílmica podem ser entendidas como uma construção histórica na qual as cenas são representações que algo em choque no mundo as gerou.

Compreendemos que a AIDS provocou este choque no mundo real, que gerou nas obras fílmicas representações sobre a enfermidade e nossa pesquisa, pretende analisar como os diretores e os produtores dos filmes representaram esta doença que era mortal naquele período.

O historiador Roger Chartier nos explica:

[...] O porquê da importância da noção de representação que permite articular três registros: por um lado, as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e organizam os esquemas de percepção a partir dos quais eles classificam, julgam e agem; por outro, as formas de exibição e de estilização da identidade que pretendem ser reconhecida; enfim a delegação a representantes (indivíduos particulares, instituições, instâncias abstratas) da coerência e da estabilidade da identidade assim afirmada. (CHARTIER, 2002, p. 11.).

É nossa intenção analisar as representações construídas em relação à doença e aos doentes. Neste sentido, nos interessa perceber como foram representados os setores da sociedade que não estavam doentes e que não faziam parte do Grupo de Risco? Houve representações de julgamentos morais na sociedade ficcional? Havia algum padrão de “normalidade” estabelecido nesta sociedade ficcional da qual o doente não fazia parte?

Segundo a historiadora Eleonora Zicari Costa Brito (2008) as representações, de acordo com Chartier, não são objetivas e são construídas por fatores políticos, discursivos e entre outros que acabam por construir figuras pelas quais atribuímos significados ao mundo, que são as representações:

As representações, então, são formas que encontramos de dar significado às tramas do mundo social, de maneira a torná-las compreensíveis. É por esse mecanismo que nos ajustamos ao mundo, nomeando-o e definindo a realidade do dia-a-dia. Portanto, as representações constroem sentidos para a realidade e, por sua natureza social, são sempre plurais, muitas vezes contraditórias, representativas dos interesses dos grupos que lutam para dar à realidade o sentido resultante de sua leitura do mundo social. (BRITO, 2008, p. 33).

A representação é construtora de sentidos para o mundo conforme os Grupos sociais. A seguir, veremos médicos, cientistas, religiosos, ativistas, jornalistas e outros representando a doença e o doente conforme sua experiência, seus conhecimentos, suas vivências e suas crenças. Os filmes representam também estas lutas e seus respectivos grupos. Desse modo, o conceito de representação será fundamental para que possamos estabelecer alguns níveis de compreensão em relação a todos estes processos no âmbito das obras fílmicas.

Outro conceito que iremos utilizar será o de Estigma. O sociólogo Erving Goffman (1963) nos explica que o estigma pode ser considerado uma marca, ou sinal que diferencia uma pessoa de outras que socialmente são consideradas “normais”. Nas antigas civilizações gregas, por exemplo, o estigma poderia significar uma distinção como uma marca corporal provocada por uma doença ou ainda uma condição de alguém que fosse escravo que poderia receber uma marca, através de queimaduras ou cortes. Poderia significar também, de modo mais comum, um desvio moral. De modo geral, esta marca, mais particularmente, deixava o indivíduo inapto para ser aceito pela sociedade na qual estava inserido (GOFFMAN, 1963, p. 11).

Goffman apresenta um modelo de sociedade como um sistema de categorização em que os indivíduos precisam possuir atributos considerados naturais dentro deste sistema,

entretanto, se estes indivíduos não responderem satisfatoriamente a determinados padrões pré-estabelecidos, serão estigmatizados. Goffman ainda esclarece que a sociedade cria uma identidade social virtual para os indivíduos, e esta identidade possui pré-requisitos que um indivíduo precisa portar. Porém, se ele em sua identidade social real (sua verdadeira identidade), não conseguir atingir o mínimo das expectativas sociais necessárias para ser aceito, ele passa a ser estigmatizado.

Segundo Goffman há dois estágios possíveis para quem possui um estigma: o *desacreditável* e o *desacreditado*. O *desacreditável* é aquele que consegue esconder seu estigma e passa por “normal”, na sociedade. Já o *desacreditado* é aquele que não consegue esconder sua “marca”, e a partir deste momento, passa a ser julgado e condenado socialmente por se portador da citada marca. Estes conceitos também serão abordados nesta análise.

O autor ainda nos esclarece que quem convive com pessoas que possuem um estigma, geralmente possuem uma classificação na sociedade, pois muitas das vezes passam a ser reconhecidas como: parentes, amigas, cônjuge da pessoa que é estigmatizada e são classificados pelo autor como *informados*, pois mesmo sem possuir um estigma carregam parte de um por ter uma ligação próxima ao estigmatizado. Este conceito também será importante no nosso estudo ao observarmos os ambientes em que nossos personagens circulam.

Assim, buscamos nessas obras fílmicas, compreender como o estigma é representado na ficção. Como o personagem enfermo de AIDS e a sociedade ficcional apresentam o estigma? Houve alguma intenção de combate ao estigma, nas obras? E ainda perceber a representação de níveis de estigmatização nos personagens acometidos pela AIDS e como se dava a categorização criada por Goffman.

No primeiro capítulo iremos abordar a sociedade estadunidense realizando um rápido histórico e afunilando para o momento em que a AIDS é “descoberta”. Compreendemos que a mesma sofreu algumas transformações, principalmente nas décadas de 1960 e 1970, devido a alguns movimentos extremamente importantes para o país como: a luta da população negra, das mulheres e da comunidade homossexual por direitos sociais, que as décadas de 1980 e 1990 ainda sentiram os reflexos desses acontecimentos. A Guerra Fria é um exemplo desta reverberação ocorrida no cenário externo político, que durou até o final da década de 1980 e que movimentou a estrutura de poder dos Estados Unidos da América – EUA.

A necessidade de apresentar minimamente a sociedade estadunidense reside no fato de nossas fontes serem originárias deste país e muito do que é representado nas obras fílmicas escolhidas **An Early Frost/ AIDS Aconteceu Comigo** (1985) e **Philadelphia/ Filadélfia** (1993) são observadas nessa sociedade, e nas formas pela quais tal sociedade é construída e representada nas obras citadas.

Além das fontes, nosso objeto de estudo: a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS, também parece ter dado seus sinais mais evidentes nos Estados Unidos da América, por atingir um grande número de pessoas em um curto período de tempo, chamando a atenção por sua gravidade e consequente mortalidade. Por este motivo, ainda no primeiro capítulo, iremos abordar a História da Síndrome Imunodeficiência Adquirida – AIDS, uma doença considerada um mistério para a medicina e para a ciência nos primeiros anos de seu surgimento. A sociedade estadunidense sofreu com o medo da nova enfermidade e por ter sido acusada de ser o berço da doença que assolou o planeta com um número grande de mortes.

Além de uma ampla bibliografia que registra a história desta doença, iremos utilizar a documentação oficial do Centro de Controle de Doenças – CDC dos Estados Unidos, que além de nos mostrar os números de acometidos pela enfermidade, nos apontam particularidades que podemos encontrar naquela sociedade: reflexos das diferenças raciais, diferenças entre cidadãos norte-americanos e imigrantes e ainda de sexo.

Pesquisamos também em outras fontes como a Revista do Centro Nacional de Biotecnologia e Informação - NCBI sobre a AIDS nos Estados Unidos da América do período de 1991 a 1999, que analisa a sociedade estadunidense e o estigma que a mesma revelou referente à doença e ao doente com AIDS, bem como o Jornal de Marketing e Políticas Públicas, Saúde e Questões de Segurança (1989), que aborda o tema da doença no país e principalmente, mostra como o Governo estava se manifestando para dar combate à enfermidade.

Outra questão importante são os artistas famosos como os atores: Rock Hudson e Brad Davis que foram acometidos pela AIDS na vida real. Analisamos como o país se comoveu e os meios de comunicação passaram a prestar mais atenção na enfermidade. Porém, antes mesmo das notícias referentes aos artistas atingidos pela moléstia, as obras fílmicas

representavam o enfermo, pois o cotidiano¹² é subjacente enquanto temática fílmica e a doença também passava à fazer parte das histórias ficcionais¹³.

No segundo capítulo, iremos analisar o filme **An Early Frost/ AIDS, Aconteceu comigo** a primeira obra fílmica a representar a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida nos EUA, pelo veículo de comunicação da Televisão no canal da NBC. Este filme entrou na casa dos estadunidenses com muita delicadeza e cautela. Iniciaremos nossa análise sobre este filme através das notícias e críticas sobre a produção do filme, tentando problematizar como ela se sucedeu? Houve algum tipo de precaução, ou até mesmo censura para este filme? Como o Diretor mediou às dificuldades que lhe foram apresentadas para um primeiro filme sobre a AIDS. Observando as notícias e críticas sobre o filme, tentaremos responder como foi sua recepção pelos críticos? Foi possível perceber se o filme proporcionou algum nível de debate na sociedade?

Neste filme iremos analisar porquê a homossexualidade e a AIDS estão fortemente ligadas nas representações fílmicas aqui analisadas, bem como o estigma sobre os portadores da enfermidade. Se o Grupo de Risco era composto de outras composições sociais, por que os homossexuais foram os mais atingidos e mais culpabilizados? Aqui começaremos a desenvolver nossa hipótese de níveis de estigmatização sobre os portadores e enfermos de AIDS, tentando compreender o porquê do heterossexual mesmo enfermo, padecia menos estigma que o homossexual.

No terceiro e último capítulo iremos analisar a obra fílmica **Filadélfia** (1993) com intuito de compreender ainda as representações que foram dadas ao doente e a doença no filme por seus produtores, em uma década depois da existência da AIDS, e consequentemente neste momento, com mais informações sobre a enfermidade.

As notícias e críticas ao filme serão analisadas, pois queremos compreender como aconteceu a produção de **Filadélfia**, quais foram os desafios do Diretor para realizar esta obra. Como Demme explica o “atraso” de Hollywood em abordar a temática da AIDS? E os críticos, como compreenderam **Filadélfia** e a resistência de Hollywood em abordar a temática da doença, apesar da pressão dos artistas? Podemos perceber se **Filadélfia** provocou algum

¹² Um exemplo esclarecedor que veremos a seguir no segundo capítulo é o filme: “The Burning Bed” baseado em uma história real de uma mulher que era maltratada pelo marido e não aguentando tanto sofrimento, comete homicídio. Filmes que representavam diversas temáticas que acontecia na sociedade estadunidense. Informações encontradas na crítica fílmica de Stephen Farber em 19 de novembro de 1985.

¹³ Filmes como: Meu querido companheiro (Longtime Companion) (1989) dirigido por Norman René (filme independente). Nossos Filhos (Our Sons) (1991), dirigido John Erman e E a vida continua (And The Band Played On) (1993), dirigido por Roger Spottiswoode são obras que também representaram enfermos da AIDS, na televisão, ou ainda como filme independente, após o primeiro filme: AIDS, Aconteceu comigo de 1985.

debate público sobre a doença na sociedade estadunidense a partir do que foi dito pelas notícias e crítica especializada?

Contudo, o que iremos aprofundar nesta obra fílmica é a investigação sobre o estigma no sentido de tentar perceber se eram perceptíveis níveis diferenciados de estigmatização. Por exemplo: Andrew é um personagem que pertence ao chamado Grupo de Risco e nesta obra apresenta uma personagem fora do Grupo de Risco, mas que contraiu a doença. Há alguma diferença no modo como a sociedade ficcional representa o doente do Grupo de Risco e o doente de AIDS fora do Grupo de Risco? Algum entre estes personagens é absolvido da culpabilização e do estigma sofrido pela enfermidade?

Analisaremos também a sociedade ficcional, pois diferente do filme: **AIDS, Aconteceu comigo**, o filme **Filadélfia** dá ênfase ao ambiente de trabalho do personagem, que representa uma sociedade exterior ao ambiente familiar, mais explícito no primeiro filme, o que mostra o convívio social mais amplo do personagem principal com outros personagens que não possuem a enfermidade. Reafirmamos, então, que pretendemos analisar as representações possíveis de serem observadas nas duas obras fílmicas já citadas, a partir da categorização inspirada em Goffman, tendo como base o conceito de estigma e seus desdobramentos. Optamos por apresentar os debates que os filmes em questão produziram antes das narrativas propriamente ditas. Talvez fosse mais didático fazer o contrário, mas a escolha de um autor tem razões que somente ele conhece.

2 AIDS E A SÉTIMA ARTE: ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA E A NOVA SÍNDROME

Neste capítulo abordaremos em linhas gerais como era organizada a sociedade norte americana nas décadas de 1980 e início de 1990. Para isso observamos décadas anteriores onde houve grandes movimentos externos e internos, políticos, culturais e sociais que influenciaram o período abordado em nossa pesquisa. Estas mobilizações foram fundamentais para que alguns direitos fossem criados e estabelecidos naquela sociedade.

Também estudaremos de maneira sintetizada o sistema de saúde estadunidense, neste momento, pois precisamos compreender como o mesmo funcionava, já que queremos assimilar como as pessoas acometidas pela AIDS foram tratadas por este sistema. Tentaremos perceber se as ações de combate à doença era perceptível bem como a posição oficial do Governo dos EUA em relação à questão.

Ainda neste capítulo iremos falar sobre a História da AIDS, como esta enfermidade assolou os Estados Unidos e apavorou outros países, como uma epidemia pode abalar aquela sociedade, e ainda como foram as construções das representações e estigmas da enfermidade e do enfermo. Procuramos observar a ciência que acreditava estar segura, mas que infelizmente por algum tempo não obteve respostas diante da epidemia, e ainda médicos que segundo a nossa bibliografia sobre a enfermidade se utilizaram até de dogmas religiosos ao se referirem a AIDS e ainda o receio dos meios de comunicação em noticiar a doença.

2.1 OS EUA E A ATUAÇÃO DOS GOVERNOS, LUTAS SOCIAIS NAS DÉCADAS DE 1980 E INÍCIO DOS ANOS 1990.

Neste tópico consideramos importante apresentar um pouco da sociedade dos Estados Unidos da América – EUA: a primeira nação a anunciar a estranha e nova doença em seu território: a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS, que foi tratada e representada nos filmes que estão em análise em nossa pesquisa, cujos desdobramentos, olhares e abordagens podem ser compreendidos com base na cultura, nas crenças, no cenário político e de outros fatores múltiplos característico daquele país.

Desse modo, é necessário certo entendimento daquela sociedade que é não simples de ser compreendida, pois sua complexidade se dá desde seu surgimento. Os EUA além de receber muitas pessoas dos mais diversos lugares do mundo, também em seu

nascimento como nação, tiveram ainda pessoas que vieram das mais diversas regiões da Inglaterra, muitas em busca de quitar suas dívidas, e de buscar oportunidades que já não encontravam em seu país, muitas possuíam ideias, culturas que não eram completamente homogêneas, pois cada região que provinham, traziam suas particularidades.

Nosso intuito é apresentar o cenário político e cultural em linhas gerais, que pode de forma direta ou indireta, ser representado nos filmes em questão. Segundo a jornalista Ana Maria Bahiana (2012) um filme nos faz pensar uma série de perguntas; e uma das nossas perguntas principais é, por exemplo: Por que somente os homossexuais foram representados com a enfermidade, sendo que o Grupo de Risco compunha outras pessoas? Por que os heterossexuais que são apenas citados nos filmes, não têm uma representação com personagens ativos? Quando conhecemos um pouco desta sociedade podemos entender o porquê de muitas questões que iremos responder mais à frente, junto à análise de nossas fontes, nos tópicos e capítulos posteriores.

Os EUA são considerados um país potente mundialmente e ao mesmo tempo é admirado, invejado e odiado por muitas pessoas e nações. Muito do que este país construiu e conquistou foi a custo de muitas lutas, guerras e derramamento de sangue do seu povo e de outros povos. Desde os primórdios da História da Nação norte-americana, quando eram apenas colônias, e serviam de entreposto comercial para a Inglaterra, as intenções de desenvolvimento e crescimento eram um constante alvo, primeiramente, para dar retorno para a Inglaterra que explorava o continente através do trabalho de seus colonos; e depois dos cidadãos dos Estados Unidos o desejo de crescimento e desenvolvimento. As lutas por território contra os índios e contra a tutela da Inglaterra foram às primeiras lutas para conquistar seus ideais, posteriormente lutando com outras nações.

Segundo o jornalista norte-americano Mark Hertsgaard, citado pelo historiador Leandro Karnal (2007) em sua pesquisa de campo sobre: o que outros povos pensam sobre os EUA. O jornalista constatou que os pensamentos são os mais controversos e diferentes que se possa imaginar e listou alguns deles:

As ambiguidades exploradas por Hertsgaard continuam. As viagens pela Ásia e Europa ele repete a experiência de indagar e analisar as opiniões mundiais sobre a grande potência do século XXI. O autor enumera uma lista contraditória do que os estrangeiros pensam sobre a América:

1. A América é provinciana e egocêntrica. 2. A América é rica e empolgante. 3. A América é a terra da liberdade 4. A América é um império hipócrita e dominador. 5. Os americanos são ingênuos em relação ao mundo. 6. Os americanos são filisteus. 7. A América é a terra da oportunidade. 8. A América acha que sua democracia é a

melhor que existe 9. A América é o futuro. 10. A América só pensa em si mesma. (KARNAL, 2007, p. 12).

Os sentimentos pelos Estados Unidos, já no século XXI, foram construídos durante anos com as mais diversas atuações culturais, políticas e militares em todo mundo, que fizeram outras nações admirarem ou odiarem a grande potência.

Nas décadas de 1960 a 1980, por exemplo, o país estava completamente envolvido na Guerra Fria. Neste período à elevação nos preços do petróleo, fizeram com que os EUA passassem por algumas dificuldades econômicas. Para além das instabilidades externas, os Governos do período das décadas de 1960, 1970, 1980 e 1990 enfrentaram mobilizações internas que provocaram algumas mudanças muito importantes para o país. Alguns presidentes precisaram ampliar a sua agenda, não apenas pensando na política externa do país, mas também internamente, posto que esta sociedade se levantava em luta por direitos humanos e políticos.

Segundo Karnal (2007), ainda na década de 1960 a morte de John Kennedy¹⁴ eternizou a memória do jovem presidente que era contra o comunismo e já havia começado a guerra contra o Vietnã e a luta contra Cuba. O presidente consolidou uma agenda composta por “New Deal¹⁵ suavizado”, que realizaria algumas mudanças. O autor apresenta o sucessor

¹⁴34º presidente dos Estados Unidos (1961-1963) nascido em Brookline, Massachusetts, cujo governo foi marcado por uma série de acontecimentos históricos, como o lançamento de uma ambiciosa política trabalhista, o crescente envolvimento dos Estados Unidos no Vietnã, o fracasso da invasão de Cuba, a crise dos mísseis, a criação da Aliança para o Progresso e, finalmente, o seu trágico assassinato. Filho de uma rica e tradicional família católica, ligada ao Partido Democrata, morou em Boston e Nova York. Sua tese de graduação na Universidade de Harvard, *Why England Slept* (1940). Em 1952 elegeu-se senador pelo estado de Massachusetts e, no ano seguinte, casou (1953) com a bela jornalista Jacqueline Lee Bouvier Kennedy, a Jackie (1929-1994), com a qual teria dois filhos, Caroline (1957) e John Jr (1960), e comporia sua imagem pública de chefe de estado. Enquanto se recuperava de uma cirurgia, escreveu *Profiles in Courage* (1955), com o qual venceu o Pulitzer Prize em história. Foi eleito em 1960 presidente dos Estados Unidos, o mais jovem da história e o primeiro católico a ocupar o cargo, depois de vencer por pequena margem o candidato republicano, Richard Nixon. Apoiou uma expedição de cubanos exilados contra Cuba, no famoso episódio da invasão da baía dos Porcos, que resultou num grande fracasso. Ao descobrir (1962) que a União Soviética instalara mísseis atômicos em Cuba, pressionou e conseguiu que os mísseis fossem retirados. No ano seguinte, assinou o tratado de proscrição de testes nucleares com o Reino Unido e a União Soviética. Também na política internacional criou a Aliança para o Progresso, organização de ajuda aos países da América Latina e multiplicou o número de assessores militares americanos no Vietnã. Internamente, com seu irmão Robert Francis como secretário de Justiça, impôs medidas contra o racismo, o que lhe valeu o apoio dos negros e da população de origem latino-americana. Também durante seu mandato, a Casa Branca se caracterizou pelo alto nível intelectual e social das pessoas que cercavam o presidente e a primeira-dama. Desgraçadamente, em 22 de novembro (1963), durante uma visita à cidade texana de Dallas, com o objetivo de consolidar a unidade do Partido Democrata, foi atingido mortalmente na cabeça por um tiro, supostamente disparado por Lee Harvey Oswald, que, por sua vez, foi assassinado dois dias mais tarde, dando margem a que a versão oficial fosse contestada por alguns, que viam no episódio sinais de uma conspiração. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/USPJFKen.html>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

¹⁵ Segundo Karnal (2007) foi um pacote de reformas para promover a recuperação industrial e agrícola, regular o sistema financeiro e providenciar mais assistência social e obras públicas. As primeiras medidas New Deal

do presidente, que além de continuar as ações anticomunistas de Kennedy, realizou algumas reformas sociais, Lyndon B. Johnson¹⁶ proporcionou para a população mais carente serviços públicos como:

Os chamados “programas da Grande Sociedade”, lançados durante seu mandato, proporcionaram serviços médicos para idosos e pobres, deram “vale comida” para os mais destituídos como viúvas e mães solteiras e destinaram mais dinheiro federal à educação, obras públicas, treinamento ocupacional e moradia. Esses programas sociais contribuíram em parte para a redução da pobreza de 21% da população total em 1959 para 12% em 1969, mas o crescimento econômico geral foi, provavelmente, mais importante que essas intervenções políticas. (KARNAL, 2007, p. 237).

Para o presidente Johnson o que faltava para os pobres eram habilidades para sair da situação de pobreza. Em sua opinião, o problema não estava nas instituições ou no governo. Este presidente também foi importante na questão referente à segregação racial, pois em 1964 sancionou a lei contra a discriminação racial. Os sucessores de Johnson, segundo Karnal (2007) aos poucos revogaram alguns destes programas criados em seu governo. Assim como Johnson eles acreditavam que faltavam habilidades para os pobres, porém, eram os pobres que deveriam ir em buscas de suas melhoras, sem depender de ajuda governamental.

No Governo de Richard Nixon¹⁷, por exemplo, o Vietnã continuou a ser massacrado, contudo não perdeu a Guerra. Já Cuba sofreu com os embargos, os obstáculos e

aconteceram no Governo do Presidente Roosevelt nos anos 30 e foi sendo aprimorado pelo próprio presidente ao longo dos anos, diferente do New Deal de Roosevelt que propunha reformas profundas, em 1960 o New Deal foi “suavizado”, o país passaria por reformas, mas não seriam profundas, o que significa que não abalaria as estruturas das camadas mais abastadas.

¹⁶Político norte-americano nascido em Gillespie County, Texas, 35º presidente americano, cujo governo foi marcado por conflitos raciais e pela intervenção dos Estados Unidos na guerra do Vietnã. Iniciou a carreira política (1931) como secretário do deputado republicano Richard M. Kleberg e quatro anos depois foi designado diretor da Juventude Nacional Texana. Casou-se (1934) com Claudia Taylor Johnson, a Lady Bird (1912-). Elegeu-se para a Câmara dos Deputados (1937) e para o Senado (1948), tornando-se vice-líder do Partido Democrata (1951). Eleito vice-presidente da república na chapa de John Kennedy (1960), assumiu a presidência com o assassinato de presidente (1963). Sancionou o decreto que proibia a discriminação racial (1964) e combateu a pobreza com um programa que visava melhorar as condições de vida das camadas mais pobres da população americana. Na política externa, seguiu as diretrizes de Kennedy, apoiando a Aliança para o Progresso e reconhecendo a necessidade de aproximação com o Leste e de maior ajuda aos países subdesenvolvidos. Venceu as eleições presidenciais (1964) com sessenta por cento dos votos populares. Porém sua popularidade começou a decair com a evolução da guerra do Vietnã e, ante a perspectiva de uma derrota (1968), retirou sua candidatura para reeleição presidencial e abandonou a vida pública. Morreu em San Antonio, Texas. Disponível em: < <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/USPLBJoh.html> >. Acesso em: 21mar. 2016.

¹⁷36º presidente dos Estados Unidos (1969-1974) nascido em Yorba Linda, Califórnia, cujo segundo mandato na presidência terminou dramaticamente quando se descobriu que o presidente havia encoberto ações de espionagem contra seus adversários políticos. Formado em direito (1937) pela Universidade Duke, em Durham, Carolina do Norte, durante breve período, trabalhou no Escritório de Administração de Preços, em Washington. Casou-se (1940) com Patricia Ryan Nixon e foi pai de duas filhas: Patricia, a Tricia, e Julie. Na Segunda Grande Guerra, alistou-se na Marinha (1942) e serviu no Pacífico. De volta à vida civil, dedicou-se à política e foi eleito deputado federal (1947/1949) e para o Senado (1951). Foi Vice-presidente (1953-1961) do republicano Dwight

restrições, apenas apresentando um fim, após a virada do século XX para o século XXI, em que uma década depois houve a possibilidade de uma possível reconciliação entre os dois países. Então o que podemos constatar é que os governos dos presidentes dos EUA têm de semelhantes? Mesmo sendo de partidos diferentes, a vontade de manter o país como a primeira economia e potência do mundo os move; mesmo que para isto tenham que enfrentar as mais difíceis guerras ou produzi-las.

Karnal (2007) nos aponta que, no período da Guerra Fria, as estratégias foram diversas; o interesse econômico, ininterruptamente, esteve em primeiro plano, o país apoiou outras nações financeira e politicamente, para que elas permanecessem ao seu lado, contra a União Soviética e contra o comunismo. Ditaduras na América do Sul como: no Brasil 1964, no Chile 1973, no Uruguai 1974, na Argentina 1976 e em outros continentes e países como a Indonésia 1965 e Congo 1963, foram apoiadas pelos EUA um país que, aparentemente, é democrático.

Depois da renúncia de Nixon em 1974, e o fim do mandato de seu sucessor Gerald Rudolph Ford, Jr.¹⁸ Em 1976 foi eleito o presidente Democrata Jimmy Carter¹⁹, que tinha em

Eisenhower. Enfrentou e perdeu para John Kennedy a campanha presidencial (1960). Dois anos depois também perdeu a disputa para governador da Califórnia. Afastou-se da vida política e passou a exercer a advocacia em Nova York, porém, o Partido Republicano novamente lançou sua candidatura à presidência (1968) e, desta vez, saiu-se vitorioso contra o democrata Hubert Humphrey. Durante seu primeiro mandato na Casa Branca, procurou reduzir os efetivos militares americanos no exterior e substituiu os soldados por ajuda econômica e defensiva. Assim, grandes contingentes de tropas receberam ordem de abandonar o Vietnã. Na política interna, Nixon travou dura luta contra a inflação, mediante o controle de preços e salários e a redução dos gastos públicos. O presidente restabeleceu as relações dos Estados Unidos com a China e viajou a Moscou, onde deu impulso às negociações com a União Soviética sobre a redução de armamentos. Sua política externa contou com o apoio de um brilhante consultor, Henry Kissinger, primeiro como diretor do Conselho Nacional de Segurança e depois como secretário de Estado. Reeito (1972) foi tragado pelo chamado Escândalo Watergate, nome de um edifício em Washington onde o Partido Democrata, na oposição, descobriu que era espionado pelos republicanos. Acusado de dificultar as investigações, renunciou à presidência (1974) e foi sucedido pelo vice-presidente Gerald Ford, que usou de seus poderes constitucionais para perdô-lo, um mês depois. Morreu em Nova York em 22 de abril. Disponível em: < <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/USPRMNix.html> >. Acesso em: 22 mar. 2016.

¹⁸ 37º presidente dos Estados Unidos (1974-1977) nascido em Omaha, Nebraska, que ao assumir o poder, após a renúncia de Richard Nixon, tornou-se o primeiro presidente do país que não foi eleito para o cargo nem para a vice-presidência. Formou-se em direito pela Universidade de Yale (1941), serviu na Marinha durante a segunda guerra mundial. Poucas semanas antes de ser eleito para o Congresso, casou-se com Elizabeth Bloomer Ford (1948), casamento que lhes trouxe quatro filhos: Michael, John, Steven e Susan. Eleito deputado federal (1948), pelo Partido Republicano, foi a partir de então reeleito sucessivamente. Integrou a comissão Warren, encarregada de investigar o assassinato do presidente Kennedy, e liderou a minoria (1965-1973). Nesse último ano, foi designado pelo presidente Richard Nixon para ocupar a vice-presidência, em substituição a Spiro Agnew, obrigado a renunciar por problemas com a justiça. Depois da renúncia do presidente, por causa do escândalo de Watergate, passou a ocupar a presidência (1974). Um mês depois, concedeu pleno perdão ao ex-presidente e para explicar seu gesto, tornou-se o primeiro presidente americano a depor formalmente diante de um comitê do Congresso. Mas o gesto fez despencar sua popularidade e, candidato à presidência (1976), foi derrotado por Jimmy Carter, em uma das eleições mais disputadas da história dos Estados Unidos. O curto mandato do presidente teve duas tentativas de assassinato, a queda do Vietnã, a captura de um navio dos EUA pelo Camboja, brigas constantes com o Congresso e um estilo desengonçado que lhe rendeu muitas piadas. Críticos

seu plano de Governo aplicar na política externa os Direitos Humanos condenando as Ditaduras que usavam de grande violência. Porém Kiernan (2005) nos fala que:

[...] Jeane Kirkpatrick escreveu para *Commentary* (novembro de 1979) o que foi amplamente considerado o panfleto intelectual mais influente para a política externa do Governo Reagan, com o título “Ditaduras e dois pesos e duas medidas”. Nele, ela justificou o apoio para ditaduras até sanguinárias de direita porque, em sua opinião, elas poderiam se transformar em democracias, enquanto regimes comunistas permaneceriam congelados em suas atitudes totalitárias. Reagan apreciou tanto seus argumentos que a nomeou embaixadora dos EUA nas Nações Unidas, onde defendeu regularmente aliados dos EUA na América Central e alhures que haviam governado praticando torturas em massa e assassinatos de camponeses e rebeldes políticos. Nem mesmo o estupro e o assassinato de freiras ou o massacre de padres jesuítas conseguiram levar Kirkpatrick e a equipe de Reagan a romper com seus aliados autoritários de direita (KIERNAN, 2005, p. 424).

Como podemos ver com o historiador Kiernan, no final da década de 1970 e ainda no governo do presidente republicano Reagan²⁰ na década de 1980, as ditaduras em outros

ridicularizavam seu estilo desajeitado, dizendo que não poderia mascar chiclete e andar ao mesmo tempo. O ex-presidente estava doente e fora da vida pública há anos e morreu em casa, em Rancho Mirage, no deserto da Califórnia, localizado a cerca de 150 quilômetros de Los Angeles, aos 93 anos, onde sua mulher e três filhos haviam comemorado o Natal um dia antes. O corpo foi levado para Washington, antes do enterro em Grand Rapids, Michigan. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/USPGRFor.html>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

¹⁹ 38º presidente dos Estados Unidos (1977-1981) nascido em Plains, Geórgia, que obteve na política externa, sobretudo nas questões relativas aos direitos humanos e ao desarmamento, seus maiores êxitos, que culminaram com a assinatura dos acordos de paz de Camp David entre Egito e Israel e Prêmio Nobel da Paz (2002) por décadas de esforços incansáveis no sentido de encontrar soluções pacíficas para conflitos internacionais, em prol da democracia e direitos humanos, promovendo o desenvolvimento econômico e social. Pregador batista leigo, opôs-se à segregação racial em seu estado. Elegeu-se senador estadual (1962) e governador da Geórgia (1971). Depois foi eleito presidente dos Estados Unidos, pelo Partido Democrata, vencendo o republicano Gerald Ford (1976). Sem maioria no Congresso teve muitas dificuldades em realizar as reformas econômicas e administrativas que idealizara, sobretudo as relacionadas com a utilização de novas formas de energia. Definiu uma política externa com base na defesa internacional dos direitos humanos, procurou diminuir a tensão com a União Soviética, estabeleceu relações com a China e promoveu a assinatura dos acordos de Camp David entre Israel e Egito. Firmou também com o governo panamenho um acordo para a futura devolução da soberania do canal do Panamá a esse país. Seus esforços na política exterior foram frustrados pela crise com o Irã (1979), quando militantes islâmicos, depois de derrubarem o xá, invadiram a embaixada americana. O longo seqüestro do pessoal diplomático e uma frustrada tentativa de resgate dos reféns debilitou a imagem do presidente. A invasão do Afeganistão pela União Soviética, no mesmo ano, interrompeu as boas relações entre as duas superpotências. Internamente cresceram a inflação, o desemprego e o déficit orçamentário e, candidato à reeleição (1980), foi derrotado por Ronald Reagan. Resumiu a experiência de seus anos na presidência no livro *Keeping Faith* (1982). O ex-presidente norte-americano ganhou hoje o Prêmio Nobel da Paz (2002), “por seus esforços infatigáveis em busca de uma solução pacífica dos conflitos internacionais, da democracia, dos direitos humanos e do desenvolvimento econômico e social”, segundo anunciou o Comitê Nobel norueguês. Ele concorreu com mais de 150 candidatos e foi escolhido especialmente por seu trabalho em prol do reatamento das relações políticas entre Cuba e Estados Unidos. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/USPJECar.html>>. Acesso em: 22 mar. 2016

²⁰ 39º Presidente dos EUA (1981-1989) nascido em Tampico, Illinois, cujo governo desenvolveu entre os norte-americanos um forte sentimento de autoconfiança nacional, e no plano global, via a restauração de prosperidade e a meta de garantia da paz pela força. Filho de Nelle e John Reagan, cursou a high school em Dixon e trabalhou no Eureka College. Estudou economia e sociologia, jogou futebol e atuou em peças do teatro escolar. Após a graduação, tornou-se repórter esportivo no rádio. Venceu um teste de ator (1937) e assinou um contrato em

países eram ainda apoiadas com a justificativa que elas poderiam ser reversíveis, diferente do comunismo, que Kirkpatrick²¹ afirmava não havia outra solução para comunismo a não ser a luta contra ele.

Os Estados Unidos não mediam esforços para alcançar o que desejava também apoiou a criação do Estado de Israel, pois se interessava pelo petróleo na região do Golfo Pérsico, e no território árabe, já Israel precisava de armas e apoio militar para conquistar este território, então podemos compreender de forma clara a troca de benefícios.

O país conhecia seu grande potencial e sabia como e quando usá-lo. A corrida armamentista é outro exemplo que não foi apenas por causa das Guerras que ela surgiu e se fortificou, mas, também por motivos econômicos. Segundo o historiador Kiernan (2005):

Na década de 1960, a Lockheed Aircraft, a maior de todas as empresas de armamentos, recebeu contrato totalizando mais de 16 bilhões de dólares. Seu ano mais próspero foi 1969, no auge da luta do Vietnã. Para os acionistas, uma guerra tão lucrativa não precisava de motivo, quer se ganhasse ou se perdesse. Alguns congressistas estavam reclamando de serem “incitados” pelo Pentágono, através de empresas de armas em seus estados a votar a favor da guerra. (KIERNAN, 2005, p. 313).

A indústria de armas dos EUA são as maiores do mundo e as que mais fornecem lucro para o país, pois, em meio aos conflitos, o país distribui armamentos, compreendemos

Hollywood, onde durante os vinte anos seguintes atuou em cerca de 53 filmes. Envolvido em disputas político-profissionais durante a carreira de ator, elegeu-se folgadoamente governador da Califórnia (1966) e foi reeleito (1970). Indicado pelos republicanos venceu as eleições presidenciais (1980), ganhado facilmente do presidente Jimmy Carter, que tentava a reeleição, por 489 votos contra 49, no Colégio Eleitoral. Empossado em 20 de janeiro do ano seguinte, decorridos 69 dias após sua posse, foi baleado em um atentado, mas logo se recuperou o que fez aumentar sua popularidade. Lidando habilmente com Congresso, obteve uma legislação para estimular crescimento econômico, baixa inflação, aumento do emprego e fortalecimento militar. Reduziu impostos e despesas de Governo, porém às custas do crescimento substancial do déficit público. Nas eleições seguintes (1984), novamente com seu vice George Herbert Bush, ganhou o segundo mandato com uma vitória esmagadora sobre os democratas Walter F. Mondale e Geraldine Ferraro. Ainda na área econômica interna, neste período obteve (1986) uma revisão nas leis do imposto de renda que eliminou muitas deduções e isentaram milhões de pessoas julgadas de baixas rendas. Externamente comportou-se como um anticomunista visceral e liderou uma corrida armamentista sem precedentes durante o tempo que esteve no poder. Buscou melhorar relações com a União Soviética do líder soviético Mikhail Gorbachev, com quem negociou um tratado sobre armas nucleares. Declarou guerra contra terrorismo internacional, enviando bombardeiros americanos contra a Líbia, sob a alegação de aquele governo estava envolvido em um ataque contra soldados americanos em uma boate de Berlim Ocidental. Ordenou escoltas navais no Golfo Persa, para manutenção do fluxo livre de óleo durante a Guerra de Irã-Iraque. Deu apoio as anticomunistas na América Central, Ásia e África. Ao término da administração dele, a Nação estava desfrutando seu mais longo período de prosperidade e paz, sem quedas ou depressão, o que facilitou a eleição de seu vice e sucessor, George Bush. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/USPRoWRe.html>>. Acesso em: 22 mar.2016.

²¹Professora de ciência política da Universidade de Georgetown que se tornou a primeira mulher a servir como embaixadora dos EUA nas Nações Unidas, e que foi uma das principais arquiteta da política externa anticomunista muscular que veio a ser conhecida como doutrina Reagan. Informações sobre Jeane Kirkpatrick encontradas no Jornal Washington Post. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2007/02/09/AR2007020901129.html>>. Acesso em: 22 mar.2016.

que a guerra é importante para esta nação, não apenas pelo que tem estado em questão na luta, contudo pelo comercio de armas que é lucrativo. O crescimento econômico e a corrida armamentista, os EUA alcança um dos seus principais objetivos, enfraquecer seu maior inimigo do período, a URSS.

Além de toda movimentação externa, houve transformações sociais internas que marcaram as décadas de 1960, que reverberam nos anos posteriores, tiveram participações, principalmente, das camadas sociais mais carentes, não somente financeiramente, contudo em relação a direitos sociais: Negros, Mulheres, Homossexuais e Imigrantes.

Segundo Karnal (2007), muitos negros sofreram durante séculos com a escravidão e com o racismo, o último ainda perdure “no país da liberdade e da oportunidade”. A luta desta população não se iniciou em 1960, mas teve o seu auge nesta década, diante de muitas manifestações comícios de líderes como: Martin Luther King e mobilizações de outros grupos como Panteras Negras, que no final dos anos 60 e início dos anos 70, foi criado por universitários da Califórnia, que lutavam contra o racismo, por dignidade e contra a pobreza.

Karnal (2007) observa que a Guerra do Vietnã também era pauta de manifestações, muitas pessoas foram presas em 1971, e se opuseram a guerra. O autor exemplifica com a fala do boxeador Muhammad Ali que não aceitou servir ao exército e disse “Nenhum vietnamita já me chamou de preto” e que a “Guerra era coisa de homens brancos” (KARNAL, 2007, p. 250). No período muitos negros e latinos americanos eram convocados pelo exército americano²², alguns fugiram para o Canadá, e outros até participaram da Guerra, mas não consideravam como sua.

Houve ainda uma grande efervescência cultural desta população, a música e os programas de televisão representavam a cultura afro descente e afro americana; e a classe média negra acabou também por conquistar mais espaço.

Ao final das contas, os ganhos dos movimentos negros dos anos 1960 foram contraditórios. Havia mais rostos negros nas manifestações culturais, nos esportes profissionais e na política. Negros podiam comer em restaurantes, hospedar-se em hotéis e usar serviços públicos. No Norte e no Sul, escolas em áreas de população misturada acabaram com a política de segregação.

Mas, como o New York Times relatou em 1977, mesmo onde negros ocupam posições de poder político, “brancos sempre retêm o poder econômico”. A maioria dos negros era somente 60% da renda da família branca. Desindustrialização,

²² O processo de convocação para o exercito americano era por sorteio, contudo havia requisitos que poderiam fazer com que uma pessoa convocada, conseguisse se esquivar deste compromisso. Estar cursando a Universidade, ou por motivos familiares, a verdade é que era subjetivo e muitos latinos americanos e afros americanos que não estavam dentro dos requisitos tinham pouca chance de se negar a servir ao exercito. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Selective-Service-Acts>> Acesso em: 04 nov. 2016.

reestruturação econômica e políticas federais alargaram os guetos pobres, cujos residentes sofreram com moradia, educação e serviços públicos de baixa qualidade e com a violência e a ação de gangues, que brotaram da miséria econômica e do desespero social. Comentou o New York Times, em 1978, a respeito dos lugares em que tinha havido motins urbanos nos anos 1960: “com algumas exceções, têm mudado pouco, e as condições de pobreza se expandiram na maioria das cidades”. (KARNAL, 2007, p. 248- 249).

Mesmo com as grandes mobilizações e ganhos que obteve todo o movimento negro, ainda havia diferença de assistência do Governo referente às famílias pobres negras e as brancas. A luta tinha que ser uma constante. A diferença para os negros apareceu principalmente nas famílias que já pertenciam à classe média, esta pode aproveitar ainda alguns espaços, antes restritos, porém muito ainda precisava ser transformado na sociedade estadunidense referente à questão racial e as oportunidades.

Segundo Karnal (2007), na década de 1960 as mulheres também avançaram em alguns direitos, com um ressurgimento do feminismo de forma intensa que influenciou algumas lutas contra a discriminação sexual; em 1966 foi criada a Organização Nacional das Mulheres – NOW pela escritora Betty Friedan, e aliando-se aos políticos do partido Democratas, que simpatizavam com a luta feminina, conseguiram alguns direitos que proibiam a discriminação no ambiente de trabalho, “já 1973 o aborto foi liberado”²³, a luta feminina inspirou outros movimentos contra a discriminação sexual.

No encalço dessas vitórias feministas, outros grupos questionaram publicamente valores sexuais dominantes na sociedade. Lésbicas e gays organizaram-se em movimentos “para a liberação gay”. Sua referência mais marcante foi à sublevação contra a repressão policial no bar Stonewall, em Nova York, em 1969. Como acontecia com o movimento feminista, ativistas lésbicas e gays estavam dando continuidade às políticas e práticas de “formação de comunidade” iniciadas por militares durante e logo depois a Segunda Guerra Mundial. (KARNAL, 2007, p. 251).

As lutas feministas serviram de inspiração para Grupos de homossexuais e lésbicas alcançarem o que eles consideravam um direito que estava sendo negado: a liberdade sexual. A partir destas décadas as representações destas comunidades na política, nas artes e nas manifestações coletivas aumentaram consideravelmente.

²³ Segundo o historiador Leandro Karnal em 1973 foi legalizado o aborto. Entretanto, uma matéria publicada no jornal Chicago Tribune sobre a Cronologia de leis e eventos referente ao aborto, percebe-se, que não há uma definição homogênea sobre o assunto. Cada Estado do país possui suas próprias leis e ressalvas referentes a prática do aborto, não é uma decisão igual em todo país, há diversas particularidades sobre o tema. Disponível em: < <http://www.chicagotribune.com/sns-abortion-timeline-story.html> >. Acesso em: 02 nov.2016.

Assim, as décadas de 1960 e 1970 foram importantes para a sociedade estadunidense, pois aconteceram diversas mobilizações sociais e foram fundamentais para a conquista de direitos importantes para as populações menos favorecidas. O leitor pode estar a se perguntar o que isto tem a ver com esta pesquisa? Podemos perceber muitas características acerca das lutas pelos direitos humanos e sociais aparecem nos filmes em questão. Os diretores John Erman e Jonathan Demme representaram em alguns personagens tanto em: **AIDS, Aconteceu comigo**, principalmente os homossexuais, e em **Filadélfia** integrantes das camadas mais desassistidas pelo Governo.

Coalizão arco-íris de simpatias é impecavelmente arrumado - O advogado de Andrew é preto, seu “parceiro” é espanhol, uma testemunha julgamento é uma mulher que contraiu AIDS “inocentemente” através de uma transfusão, os advogados de defesa são uma mulher e um homem negro, a família de Andrew é infalivelmente amor e apoio, e os bandidos são grandes advogados da WASP. (McCARTHY, Todd. Review: ‘Philadelphia’. Variety. 6 Dec. 1993. Tradução nossa).

Na crítica acima analisamos como Jonathan Demme, diretor de **Filadélfia**, foi perspicaz e situou no filme, representantes das diferentes camadas sociais que se pode encontrar na sociedade estadunidense. O olhar do jornalista foi interessante para mostrar a crítica do Diretor através representação de cada personagem: o advogado Andrew (Tom Hanks) que é gay, seu parceiro Miguel (Antônio Bandeiras) é espanhol e o advogado de defesa Joe Miller (Denzel Washington) é negro, a família de Andrew toda o apoia o filho homossexual e os vilões da história são sócios da grande empresa de advocacia Weller, todos brancos e heterossexuais.

Este filme da década de 1990 ainda causou muita repercussão, por tratar um tema como a AIDS e por dispor cada personagem desta forma. Obviamente, no período situado entre 1985 e 1993, anos da estreia dos filmes, muito do cenário real destes indivíduos representados foram transformados, porém ainda eram evidentes as discriminações na vida real. E por isso eles continuavam lutando.

A década de 1980 para a sociedade estadunidense também não foi fácil, após anos conturbados de muitas lutas sociais, nas décadas de 1980 e 1990 houve uma preocupação dos governos Republicanos Ronald Reagan, George Bush Sr.²⁴ e o Democrata Bill Clinton²⁵ com

²⁴40º presidente dos Estados Unidos nascido em 1924 Milton, Massachusetts, cuja eleição para a presidência (1989-1993), em novembro (1988), expressou o desejo do povo americano de prolongar a política conservadora de seu antecessor, Ronald Reagan. Filho de um senador republicano viveu seus primeiros anos em Greenwich, Connecticut. Durante a segunda guerra mundial foi piloto da Marinha. Terminada a guerra estudou na

a economia, mas desta vez priorizaram as questões corporativas, provocando assim muitos cortes em salários e desempregos.

Segundo a historiadora Dana Frank, citada por Karnal (2007), os sindicatos estavam colhendo o que haviam plantado contra o comunismo, pois através das lutas anticomunistas as multinacionais instalaram-se em outros países empregando pessoas pagando-lhes salários inferiores aos que eram acostumados a pagar seus funcionários nos Estados Unidos, o que para estas empresas era muito vantajoso. Compreendemos que os trabalhadores ficaram basicamente a mercê das vontades de seus empregadores, que ameaçavam fechar as portas, caso não concordassem com que eles estavam propondo.

Karnal (2007) explica que no fim da década de 1970 houve um acordo tanto com os políticos do partido Democratas, quanto do partido Republicano apoiados por lobbies²⁶, fundações, instituições educacionais e outros decidiram privatizar serviços públicos, retirando o Estado de muitas áreas importantes para a sociedade mais carente do país, como a previdência social e na desregulamentação da indústria. Em 1980 Reagan criticou o

Universidade de Yale e casou (1945) com Barbara Pierce Bush (1925-) e do casamento nasceram seis filhos: George, Robin (que morreu ainda criança), John (conhecido como Jeb), Neil, Marvin e Dorothy. Formando-se em economia, transferiu-se para Houston, Texas, onde se dedicou aos negócios petrolíferos. Foi candidato sem êxito ao Senado (1964), mas não desistiu da política. Deputado do Partido Republicano (1966/1968), durante a presidência de Richard Nixon (1969-1974) foi nomeado embaixador dos Estados Unidos junto às Nações Unidas (1970) e presidente do Comitê Nacional Republicano (1972). Tornou-se diretor da Central Intelligence Agency, a CIA (1975), cargo que abandonou no ano seguinte para se dedicar à carreira política. Indicado para a vice-presidência, cargo para o qual foi eleito (1980) e reeleito (1984), mostrou-se um leal defensor das medidas conservadoras do governo Reagan, tanto na política interna quanto na externa. A enorme aprovação da maioria do eleitorado americano ao governo Reagan, fez com que ele derrotasse por ampla margem o candidato democrata Michael S. Dukakis, na eleição de 8 de novembro (1988), para a presidência da república. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/USPGeHBu.html>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

²⁵ 41º presidente dos Estados Unidos (1993-2001) nascido em Hope, Arkansas, tendo como vice Albert Arnold Gore, Jr. sucedendo George Bush, o pai. Filho de um comerciante que faleceu em um acidente de carro três meses após o seu nascimento, William Jefferson Blythe Jr. e de Virginia Dell Cassidy, foi criado em Hot Springs, Arkansas. Sua mãe casou-se então com Roger Clinton (1950) e criado por sua mãe e seu padrasto, ao seu apelido Billy, como era chamado, foi formalizado o nome do padrasto (1961). Na Convenção Democrata (1992) foi indicado o candidato do partido com a difícil missão de interromper doze anos de gestão republicana na presidência. Com a popularidade de Bush valorizada pelo desempenho estadunidense na Guerra do Golfo, mas por outro lado ameaçada pelo desemprego e a recessão econômica, somados à imagem jovial do democrata e às dissidências internas entre os republicanos, acabaram por levá-lo à presidência (1992), batendo o então candidato a reeleição, George Bush. Foi um dos presidentes mais populares da história norte-americana, apesar de sofrer várias acusações de assédio sexual, como nos episódios de Gennifer Flowers e de Monica Lewinsky, o que não acabou seu casamento com Hilary Clinton, com quem se casara a mais de 15 anos (1975) e tiveram uma única filha, Chelsea Clinton, nem deixou que sua imagem fosse seriamente prejudicada. Na segunda metade do século XX foi o único presidente dos EUA integrante do Partido Democrata a conseguir a reeleição. Durante os seus dois mandatos teve como vice-presidente Albert Gore Jr., senador por Tennessee. No entanto seu vice viria a ser derrotado por George Bush, mesmo recebendo a maioria dos votos populares, nas controvertidas eleições presidenciais seguintes (2000). Sua esposa, Hillary Rodham Clinton, nascida Hillary Diane Rodham, em Chicago (1947) é uma política estadunidense, eleita senadora do estado de Nova Iorque (2001) a senadora mais jovem de seu país. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/USPBCLit.html>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

²⁶ Segundo o dicionário Aurélio Lobbies a formação de um Grupo OU Grupos de pressão visando influenciar decisões governamentais em favor de determinados interesses.

investimento em programas sociais voltados para trabalhadores e pobres e apoiava principalmente a saúde das empresas. Kiernan nos explica que:

[...] na década de 1980, o diretor do Gabinete de Administração e Orçamento (OMB, sigla em inglês), David Stockman, havia confessado a um jornalista que a sustentação, pela administração Reagan, dos déficits baseou-se numa estratégia para sufocar despesas sociais. Ao incrementar simultaneamente aumentos de despesas com defesa e cortes de impostos para os ricos, os homens de Reagan puderam criar déficits que então seriam usados para justificar o corte de orçamentos para a saúde e serviços sociais. (KIERNAN, 2005, p. 427).

O governo estadunidense agiu em prol das empresas cortando 25% dos impostos e acabando com alguns programas sociais, também trabalhou para que a política de livre comércio em outros países. Na década 1970, o Neoliberalismo²⁷ já era uma política utilizada na Europa e nos EUA e nos anos 1980 e 1990 foi a política chave, com variáveis apenas de escalas maiores ou medias nos Governos do país.

Além do Neoliberalismo, a característica de imperialismo norte americano subsistiu no Governo do presidente Reagan, por exemplo, persistiu a luta contra o comunismo e segundo Karnal (2007) o presidente elaborou planos para uma maior defesa do país, o que atrapalhou a campanha de desarmamento nuclear firmado entre a União Soviética e os EUA. Reagan planejava fazer um programa de satélite que poderia proteger o país de possíveis mísseis da União Soviética, que, se sentindo ameaçada, reagiu se negando a continuar com o acordo de suspensão da produção das armas nucleares. Diante desta situação, a Europa e os norte-americanos reagiram, em Nova York mais de dois milhões de pessoas foram às ruas em 1982 protestar contra estas possíveis ameaças, em 1983 Reagan retomou as negociações.

Compreendemos que mais do que a luta contra comunismo, os EUA lutaram por uma livre entrada em países, com o seu capital e comércio. As empresas multinacionais dependiam cada vez mais da intervenção militar para que isso fosse possível; o comunismo era um obstáculo em seu caminho. O potencial econômico dos EUA e os investimentos em armas foram usados para desestabilizar a URSS que já estava debilitada economicamente.

²⁷ No governo Reagan, por exemplo, houve cortes em programas sociais, mais investimento na segurança nacional e diminuição de impostos para empresas privadas. O Neoliberalismo há privatizações e comodificação na atividade pública.

Segundo o linguista Deli Machado de Oliveria (2009) citando o linguista Norman Fairclough (2001) que explica o termo Comodificação: A comodificação é o processo pelo qual os domínios e as instituições sociais, cujo propósito não seja produzir mercadorias no sentido econômico restrito de artigos para venda, vêm, não obstante a serem organizados e definidos em termos de produção, distribuição e consumo de mercadorias. [...] A comodificação não é um processo particularmente novo, mas recentemente ganhou novo vigor e intensidade como um aspecto da cultura empresarial. [...]. (Fairclough, 2001a, p. 255). Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiiicnlf/XIII_CNLF_04/educacao_e_mercado_a_comodificacao_das_praticas_derli.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2017.

Já os movimentos sociais, segundo Kiernan (2005), nas décadas de 1980 e 1990 permaneceram com alguns direitos que haviam conquistados nas décadas anteriores, entre eles: a proibição da discriminação racial e sexual na sociedade civil. O Governo Reagan não foi um Governo muito acessível para a população mais carente, porém alguns avanços foram alcançados na mídia - que pelo menos de forma aberta, não se disseminava a discriminação contra as pessoas que faziam partes destes movimentos.

Outro fator observado nas décadas de 1980 e 1990 é que a taxa de natalidade diminuiu, com a atividade mais intensa da mulher no mercado de trabalho e a expectativa de vida aumentando, o sistema de saúde foi um dos mais utilizados neste período, o que fez com que, contra a vontade do Governo, houvesse um maior gasto nesta área. Poucos tinham plano de saúde e a dependência da aposentadoria aumentou consideravelmente, o que foi mais um agravante quando a AIDS eclodiu.

No mercado de trabalho as mulheres se desenvolviam cada vez mais, na década de 90 já conseguiam se aproximar do nível salarial dos homens, porém, não porque trabalho estava sendo valorizado, contudo o pagamento dos homens estava diminuindo; praticas como a do aborto continuaram a acontecer, contudo com ressalvas, pois movimentos contrários a este tipo de liberdade como o chamado “Direito à Vida” pressionaram os presidentes Reagan e Bush para que não houvesse investimentos na rede pública para este tipo de procedimento médico e as manifestações contrárias foram muito além, causando muitos constrangimentos para as mulheres e para os médicos.

Em 1980, mais de 70 milhões de americanos se descreveram como “cristãos renascidos”, quase um terço da população total. Enquanto alguns evangélicos consideravam sua religião a base da justiça social e racial, a maioria se preocupou em combater a expansão de valores seculares e liberais na sociedade e cultura. Defenderam o imperialismo americano, a economia livre e a autonomia nas políticas locais.

Mas o combate pelo que diziam ser “os valores cristãos” se concentrou mais nos debates contra o feminismo e os movimentos homossexuais. Evangélicos criticaram o feminismo, a homossexualidade, o aborto, o divórcio, “falta geral de autoridade social” e o ensino da Teoria da Evolução nas escolas. Sua influência dos anos 1980 e 1990 não foi pouca. (KARNAL, 2007, p. 269).

Percebemos claramente em nossas fontes, principalmente nas críticas que veremos mais adiante que as ideologias e práticas religiosas interferem sobre as notícias e nas programações sobre a doença, no sentido de limitar o que deveria ou não ser investido nestes programas. Os homossexuais, desde as décadas anteriores, estavam lutando para conquistar seus direitos, faziam passeatas do orgulho Gay, porém a Síndrome da Imunodeficiência

Adquirida foi um grande pesadelo para esta comunidade que foi uma das primeiras atingidas no país, que provocou entre a ciência e a religião afirmações imediatas culpabilizando os homossexuais e a doença, ligando a enfermidade diretamente a orientação sexual destes indivíduos.

O jornalista Randy Shilts (1987) nos esclarece que as passeatas homossexuais, além de ser um encontro dos Gays, era uma forma de luta e resistência. A representação na política, desde o final da década de 1960 e 1970, aos poucos foi se firmando e ganhando espaço. No final da década de 1970, o ativista Gay Harvey Milk foi eleito como supervisor e foi o Conselheiro de Supervisores de San Francisco um dos responsáveis pela aprovação de leis que beneficiavam a Comunidade Gay, porém, após onze meses ocupando este cargo público, ele e o prefeito de San Francisco, George Moscone, foram assassinados por Dan White um ex-supervisor conservador que renunciara ao cargo.

Segundo Lindsey, jornalista do New York Times²⁸, a Comunidade Gay se revoltou com a morte do seu representante e no julgamento de White houve uma passeata até a prefeitura onde foi seu julgamento e arremessaram pedras contra o prédio na tentativa de demonstrar toda a indignação. Milk se tornou um mártir para a Comunidade Gay e foi substituído por outro ativista em 1979, Harry Britt, como supervisor em San Francisco. Bill Kraus, também ativista homossexual, apoiava Britt e teve a oportunidade de discurso no palanque democrata em 1980, era um dos nomes cogitados para reforçar os representantes dos homossexuais na política.

Disse Bill Kraus: – Não lhes pedimos que nos concedam privilégios especiais. Não pedimos a ninguém para gostar de nós. Nem mesmo pedimos que o Partido Democrata nos dê muitas das proteções legais consideradas o direito de todos os demais americanos.

“Companheiros participantes do Comitê de Plataforma, o que esta emenda pede, em uma época em que ouvimos muito proeminentes membros do Partido Democrata a respeito de direitos humanos, é que o Partido reconheça que nós, gay deste país, também somos seres humanos.” (SHILTS, 1987, p. 37).

²⁸Quando Mr. White foi condenado de homicídio voluntário, em vez de assassinato, milhares de manifestantes, incluindo muitos membros da comunidade homossexual aqui, marcharam à Prefeitura, onde se encontraram com a polícia em um confronto violento. Em San Francisco, o Sr. Milk passou a ser reverenciado entre muitos homossexuais como uma espécie de mártir, cuja morte encorajou-os a tornar-se mais agressivo na busca de poder político. Mr. White, depois de entrar em cúpula da Câmara Municipal de São Francisco através de uma chave para evitar um detector de metal, atirou em Mr. Moscone e em Mr. Milk. Mr. White nunca expressou remorso público para os assassinatos e, aparentemente, morreu sem fazê-lo. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1985/10/22/us/dan-white-killer-of-san-francisco-mayor-a-suicide.html>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

Observamos claramente a luta por espaço na política homossexual, como seus representantes solicitavam por espaço na sociedade e por respeito a sua orientação sexual, na fala de Kraus a súplica por dignidade é sentida por toda a comunidade homossexual. A luta era árdua, mas a representação de Milk e Britt e a fala de Kraus era a prova que a comunidade estava sendo ouvida.

A sociedade norte americana é muito complexa, pois o Governo Federal tem limites, cada Estado possui grande autonomia referente a recursos (pode, por exemplo, decidir em que irá investir e como investir), em leis e, culturalmente, podemos dizer que há grandes diferenças, então por este motivo quando falamos sobre homossexuais nos Estados Unidos a cidade que pode ser considerada referencia é: San Francisco no Estado da Califórnia, e a citamos como um exemplo. Na política vemos os homossexuais ganhando mais espaço e voz para lutar por seus ideais, sofrendo para garantir cada vez mais espaço. Inicialmente os homossexuais foram os mais atingidos pela AIDS. Mostramos como e onde eles foram mais atuantes na luta por seus direitos reverberando sua atuação pelo país.

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida foi uma péssima surpresa, uma nova enfermidade avassaladora no território norte americano, que atingiu primeiramente uma comunidade que lutava por direitos básicos na sociedade e, a partir da década de 1980, ano do aparecimento massivo da doença, esta comunidade teria que unir forças, para combater a onda da morte que assolaria os Estados Unidos.

Nos anos que nossas fontes foram produzidas e que o nosso objeto, a AIDS, surgiu, enquanto um fenômeno do adoecimento, o mundo respondia à doença com base nos conhecimentos médicos disponíveis e a partir de como a enfermidade se apresentava. Eric Hobsbawm (1995) observa desde início do século XX a ciência passava por diversas transformações e avanços, o autor fala principalmente da física, química e biologia o quanto houve estudos e descobertas sobre estas ciências, e como a tecnologia junto a elas evoluíram. Contudo o autor explica que havia limites nas pesquisas por conta de recursos.

[...]. Pois como sabiam todos os cientistas, a pesquisa científica *não* era ilimitada e livre, quando nada porque exigia recursos que eram limitados. A questão não era se alguém devia dizer aos pesquisadores o que fazer, mas quem impunha esses limites e orientações, e por quais critérios. Para a maioria dos cientistas, cujas instituições eram direta ou indiretamente pagas com verbas públicas, esses controladores de pesquisa eram os governos, cujos critérios, por mais sinceros que fossem em sua dedicação aos valores livre investigação, não eram os de Planck, Rutherford ou Einstein.

As propriedades deles não eram, por definição, as da pesquisa “pura”, sobretudo quando essa pesquisa era cara; e, após o fim do grande *boom* global, até mesmo os governos, cujos critérios, por mais ricos, com suas rendas não mais crescendo à

frente dos gastos, não tinham orçamento. Tampouco eram, ou podiam ser, as prioridades da pesquisa “aplicada”, que empregava a grande maioria dos cientistas, pois essas não eram postas em termos de “avanços do conhecimento” em geral (embora bem pudessem resultar nisso), mas da necessidade de atingir determinados resultados práticos – por exemplo, a cura do câncer ou da Aids.[...]. (HOBBSAWM 1995, p. 535).

Vemos com Hobsbawm (1995) que havia um controle na expansão desta ciência por causa dos recursos, que eram limitados, e quem investia geralmente o setor público que obviamente, tinha prioridade de escolher o que pesquisar. O autor chega a explicar que as pesquisas que eram realizadas geralmente eram para beneficiar a sociedade, como a busca pela cura de doenças graves como o câncer e a AIDS. O fato é que doenças graves como as citadas o grau de investimento é altíssimo, e até o alcance da cura, o tratamento para amenizar o sofrimento de quem padece com estas enfermidades, não custa barato para o Governo e para o paciente. Em um país que a assistência médica é privada torna-se mais difícil, para quem não possui recursos financeiros.

O médico doutor José Carvalho de Noronha e a economista e doutora em Saúde Coletiva Maria Alicia Dominguez Ugá (1995) explicam a complexidade do Sistema de Saúde estadunidense. Segundo os autores já nos séculos XVIII e XIX a saúde era tratada no país com caráter individualista. Havia hospitais comunitários sustentados por caridade, ou ainda étnicos, religiosos, contudo, no final do século XIX houve uma maior especialização com hospitais privados voltados principalmente para a prática cirúrgica.

A participação do Governo Federal em relação à Saúde nos EUA pode ser considerada heterogênea, pois os Estados possuem autonomia para decidir inclusive sobre os recursos Federais que lhe são destinados, por exemplo, na saúde: como investir e distribuir. Isto não significa que não haja instituições Federais que coordene a saúde, ou hospitais federais, porém os Estados são autônomos, o que lhes garante o poder de decisão sobre como os recursos Federais para a saúde, bem como serão distribuídos, aplicabilidade e elaboração de leis e outros. Os recursos Federais ainda são fornecidos de acordo com a situação financeira dos Estados.

Com as reformas sociais realizadas por Lyndon Johnson em 1963, o presidente elaborou propostas para a saúde que atendiam camadas diferenciadas da população com os programas MEDICAID e MEDICARE que foram aprovadas em 1965. Noronha e Ugá respectivamente, esclarecem que:

O programa MEDICAID é de responsabilidade estadual, é financiado com recursos fiscais desta esfera de governo e também recebe transferências específicas federais, em proporção variada de acordo com nível de pobreza do estado. Ele se destina exclusivamente a população de *baixa renda* (que de comprovar condição de pobreza) e os serviços a ele vinculados são preponderantemente prestados por hospitais privados contratados pelos governos estaduais. Trata-se de programa com níveis de atenção e cobertura heterogêneos, dado que estes dependem da capacidade de financiamento e das diretrizes políticas de cada unidade da federação norte-americana.

O Programa MEDICARE diferente do MEDICAID. Este programa é assumido pelo governo federal, apresentando, portanto, regulamentação nacional uniforme no que diz respeito à população beneficiária, ao financiamento e aos benefícios por ele oferecidos. O programa Medicare se destina a cobertura médico-hospitalar dos *aposentados*, isto é, a população maior de 65 anos (desassistidas pelos seguros de saúde das empresas, que só cobrem os trabalhadores em atividade – ou seja, enquanto contribuem com sistema) e seus dependentes e aos portadores de doença renal terminal. Os serviços incluídos nesse Programa são prestados fundamentalmente por hospitais privados contratados e, mais recentemente, por número crescente de organizações do tipo de medicina de grupo, chamado *managed health care*, como as *Health Maintenance Organizations (HMOs)* e as *Preferred Providers Organizations (PPOs)*. (NORONHA; UGÁ, 1995, p. 186).

Como podemos compreender com os autores, mesmo com os programas voltados para a população carente ou aposentados o Sistema de Saúde é privado, estes atendimentos dados às estas pessoas são descontados nos impostos dos hospitais que os oferecem. No programa Medicaid é necessário ter um atestado de pobreza para utiliza-lo, já o Medicare os autores explicam que é oferecido para os aposentados que já não participam do sistema de trabalho.

O Medicare também atende trabalhadores, contudo existem dois tipos de financiamento: o por contribuição compulsória de empregados ou empresas, estipulando em teto máximo, ou ainda por adesão voluntária, a última serve como um complemento de planos de saúde. Nestes dois modelos os autores explicam que não há uma cobertura total, quase sempre há tratamentos e serviços que são necessários pagamentos.

Então o desenho do sistema dos EUA na abordagem de Noronha e Ugá se desenvolveu formando a configuração atual do sistema.

[...] trata-se de sistema plural, no qual participa grande variedade de instituições públicas e privadas, sendo: i) o braço estatal fortemente descentralizado e responsável por ações de controle (vigilância epidemiológica e sanitária) e ainda, pela provisão – e não pela prestação direta – de serviços médico-hospitalares destinados a segmentos populacionais específicos; ii) o setor privado – predominante na assistência direta à saúde – objeto de múltiplos e elaborados arranjos institucionais e administrativos.

Dessa forma, o sistema de saúde estadunidense é composto de uma miríade de subsistemas, aos quais correspondem clientela distintas com acesso a planos de saúde de cobertura também diferenciada. (NORONHA; UGÁ, 1995, p. 188).

A explicação dos autores referente ao Sistema de Saúde é esclarecedora. O Governo cuida principalmente das questões voltadas para ações e controle de epidemias e vigilância sanitária, provendo recursos quando necessário, enquanto, quem presta serviços são as instituições privadas de saúde que possuem diversos subsistemas atendendo públicos diferenciados.

Contudo, observamos que além do público do MEDICAID e MEDICARE, o sistema privado atende trabalhadores que tem condições de pagar pelo serviço, ou empresas que junto ao MEDICARE, ou independente do último, pagam o plano de saúde para seus funcionários junto às instituições privadas. Porém não é sempre as pequenas e médias empresas, conseguem custear este benefício, (pois este recurso, não compõe um direito trabalhista) para seus funcionários, e muitos sem condições de custear planos de saúde se veem desprotegidos. Ainda segundo Noronha e Ugá (1995):

A população descoberta pelo sistema de saúde norte-americano é, portanto, constituída fundamentalmente pelos que: - não são suficientemente pobres para utilizar serviços vinculados ao programa Medicaid; ou - estão desempregados; ou - têm vínculo empregatício de trabalho formal, mas não acedem como *fringe benefit* a um plano de seguro-saúde privado nem têm poder aquisitivo para adquiri-lo individualmente. (NORONHA; UGÁ, 1995, p. 196).

Há uma problemática no Sistema de Saúde estadunidense, pois segundo os autores mais de 37 milhões de pessoas são descobertas por este sistema. Mesmo os EUA sendo um país que investe na saúde, pois 12% do Produto Interno Bruto – PIB é voltado para a saúde, entretanto muitos não estão cobertos por estes planos e não podem usufruir o que o Governo garante, pois não possuem o perfil para fazê-lo.

Neste contexto nos perguntamos como as pessoas que não estavam enquadradas nas prerrogativas de ser beneficiada com plano de saúde, quando se descobriam enfermas de AIDS iriam se tratar? No próximo tópico trabalharemos mais esta questão; pois nas obras fílmicas que estamos analisando: AIDS, Aconteceu comigo (1985) e Filadélfia, tem como personagens principais, pessoas que pertencem classe média/alta da sociedade, que trabalhavam em grandes empresas, e ainda possuíam famílias com posses, então a representação social são de enfermos, que ainda tinham como se tratar.

Nossa intenção com essas breves informações acerca da sociedade norte-americana foi para que o leitor entenda que o país e sua sociedade estavam em constantes transformações. Grandes e diversas eram as preocupações que os presidentes dos Estados Unidos da América tinham, pois não eram apenas os EUA que era administrado por eles, mas

parte do mundo é influenciada pelo que acontece na primeira potencia mundial. E a AIDS foi uma surpresa desagradável que demorou em ser reconhecida com a importância e atenção que merecia.

2.2 A AIDS E SUA TRAJETÓRIA NOS EUA.

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS foi reconhecida como uma nova enfermidade em 1980 nos Estados Unidos da América – EUA, década em que muitos indivíduos apresentaram o quadro clínico perverso da doença, segundo Nascimento (2005) os primeiros acometidos pela AIDS foram: homossexuais do sexo masculino, logo em seguida hemofílicos e usuários de drogas intravenosas, criando assim o chamado grupo de risco.

O jornalista Randy Shilts (1987) observa que no final da década de 1970 a AIDS já estava manifesta, e nos relata o caso da médica dinamarquesa Gretch Rask que atuava no Zaire na África Central na década de 1970; em 1976 a médica passou a se sentir a cada dia mais debilitada e não conseguia descobrir a razão de seu mal estar, quando em 1977 veio a óbito por causa de uma pneumonia causada por um fungo²⁹, que em um organismo com funcionamento normal, não consegue provocar grandes males.

Muitos faleceram em pouco tempo, após a enfermidade ter apresentado os primeiros sintomas³⁰. A única certeza que se tinha sobre a nova moléstia é de que ela era mortal. Compreendemos a pressa por respostas observando as diversas hipóteses que surgiram

²⁹Pneumocystis pneumonia (PCP) é uma doença grave causada pelo fungo *Pneumocystis jirovecii* (*carinii*). PCP é uma das infecções oportunistas mais frequentes e severas em pessoas com sistema imunológico enfraquecido, particularmente pessoas com HIV / AIDS. Embora as pessoas com HIV / AIDS sejam menos propensas a receber PCP hoje do que nos últimos anos, PCP ainda é um problema de saúde pública significativa. *Pneumocystis jirovecii* também conhecida como pneumonia carinii, à última mais citada em nossa bibliografia. Disponível em: <<https://www.cdc.gov/fungal/diseases/pneumocystis-pneumonia/>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

³⁰ Quando ocorre a infecção pelo vírus causador da aids, o sistema imunológico começa a ser atacado. É na primeira fase, chamada de infecção aguda, que ocorre a incubação do HIV - tempo da exposição ao vírus até o surgimento dos primeiros sinais da doença. Esse período varia de 3 a 6 semanas. E o organismo leva de 30 a 60 dias após a infecção para produzir anticorpos anti-HIV. Os primeiros sintomas são muito parecidos com os de uma gripe, como febre e mal-estar. Por isso, a maioria dos casos passa despercebido. A próxima fase é marcada pela forte interação entre as células de defesa e as constantes e rápidas mutações do vírus. Mas que não enfraquece o organismo o suficiente para permitir novas doenças, pois os vírus amadurecem e morrem de forma equilibrada. Esse período, que pode durar muitos anos, é chamado de assintomático. Com o frequente ataque, as células de defesa começam a funcionar com menos eficiência até serem destruídas. O organismo fica cada vez mais fraco e vulnerável a infecções comuns. A fase sintomática inicial é caracterizada pela alta redução dos linfócitos T CD4 - glóbulos brancos do sistema imunológico - que chegam a ficar abaixo de 200 unidades por mm³ de sangue. Em adultos saudáveis, esse valor varia entre 800 a 1.200 unidades. Os sintomas mais comuns são: febre, diarreia, suores noturnos e emagrecimento. A baixa imunidade permite o aparecimento de doenças oportunistas, que recebem esse nome por se aproveitarem da fraqueza do organismo. Com isso, atinge-se o estágio mais avançado da doença, a aids. Quem chega a essa fase, por não saber ou não seguir o tratamento indicado pelos médicos, pode sofrer de hepatites virais, tuberculose, pneumonia, toxoplasmose e alguns tipos de câncer. Disponível em: < <http://www.aids.gov.br/pagina/sintomas-e-fases-da-aids>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

na sociedade. Pilares sociais como: ciência e religião passaram a criar conjecturas sobre a AIDS, tentando de alguma forma responder e acalmar em um momento que a “sombra da morte” estava rondando a todos.

Observamos no tópico anterior com Hobsbawm (1995) que a ciência estava no auge de suas descobertas e combates a vírus e bactérias, o autor ainda explica que os EUA era um dos países mais atuantes, cientificamente, e que investia muito em pesquisas. Porém segundo o médico Mário Scheffer (2012) o vírus da Imunodeficiência Humana - HIV foi descoberto após quatro anos de grandes aniquilamentos de vidas. As pesquisas para descobrir o agente etiológico da AIDS aconteceram nos EUA e na França. A jornalista Laurie Garrett (1994) observa que:

Enquanto isso, a competição científica também esquentava. Protegidos de quase toda a agitação que tomava conta da população, os laboratórios de Jay Levy, Luc Montagneir e Robert Gallo criavam suas próprias controvérsias, enquanto disputavam a descoberta do vírus causador da AIDS. Embora não viesse à tona nenhuma outra evidência que confirmasse o HTLV – I como tal, Gallo continuava a proclamá-lo publicamente como suspeito número um, fornecendo até mesmo esquemas complexos de sua evolução e propagação pelo planeta. [...]. O que se viu nos doze meses seguintes foi uma corrida até a linha de chegada, com os três laboratórios trocando delicadezas entre si, - e até amostras com vírus – enquanto se pegavam com unhas e dentes. Até o momento de cruzar a linha de chegada, bem depois de Montagnier ter anunciado os resultados relativos ao LAV, Gallo continuaria a insistir em que o HTLV – I era a causa provável da AIDS [...]. (GARRETT, 1994, p. 322-323).

Entre todos os sentimentos que uma doença pode causar a competição pode ser um sentimento positivo e/ou negativo. A corrida para encontrar o agente etiológico da AIDS foi interessante, apesar de ter se iniciado com mais força em 1983. Obviamente apenas descobrindo qual era o agente causador da enfermidade seria possível começar a tratá-la; impulsionados pela competição a corrida tornava-se cada vez mais rápida e os resultados apareceriam em um tempo recorde.

Contudo, esta disputa também fez aparecer o lado vaidoso dos cientistas que pensavam muito em seu status e no quanto poderiam ganhar com a descoberta. Robert Gallo, por exemplo, não se conformava em não ser o descobridor do HIV, e insistia que o seu vírus era o verdadeiro. Depois de muitas polêmicas entre os cientistas o francês Montaigner o primeiro a descobrir o vírus, e o cientista norte americano Gallo, ambos entraram em concordância, que o LAV era o causador da AIDS, mais conhecido agora como HIV.

Porém nos primeiros anos da manifestação da doença, antes mesmo de se descobrir o agente causador, cientistas e médicos pesquisaram e opinaram a respeito da Nova

Síndrome, antes mesmo de saber o que causava a moléstia. Nos comentários e primeiros artigos sobre a enfermidade citadas na obra de Nascimento (2005), por exemplo, podemos perceber a ansiedade da ciência médica para desvendar os mistérios da Nova Síndrome, sentimento que mostrava como a AIDS abalou certezas que pareciam inalteráveis, pois se acreditava que nada poderia desafiar o conhecimento e a tecnologia dos últimos tempos, porem a AIDS desafiou todo o conhecimento médico produzido até então:

Mas o fato de a ciência biomédica ter sido colocada em xeque foi o principal detonador de tão rápida reação ao desafio posto pela emergência da AIDS. No mundo científico, construiu-se a crença de que as doenças infecciosas viviam o período final de sua derrocada em franco processo de extinção – dito de outra forma, doença infecciosa não tratável e não prevenível pelo aparato médico seria coisa ultrapassada, “Mesmo na presença de tantas tecnologias médicas sofisticadas, nós nos sentimos impotentes” – é o que diz Noreen Russel, do Centro Médico da Universidade de Nova Iorque, ao expressar a perplexidade dos cientistas diante da AIDS. (NASCIMENTO, 2005, p. 85).

Observando a citação entendemos que a ciência e a medicina estavam em apuros por causa da AIDS, pois a doença se mostrou rápida e fatal. A tecnologia do período não conseguiu acompanhar a velocidade do agente etiológico da enfermidade. Nascimento (2005) nos explica ainda, em entrevista dada pelo médico Dráuzio Varella que o vírus do HIV era difícil de ser contido por causa de sua incompetência em fazer cópias iguais em sua reprodução, pois na maioria das vezes que o vírus se multiplicava ele cometia erros na combinação de seu DNA, criando, assim uma nova versão de si mesmo, deixando o combate através do sistema imunológico do organismo e posteriormente através de medicamentos mais difícil.

Segundo Shilts (1987) muitos pacientes doentes de AIDS viajavam para Paris, para tentar um tratamento experimental com quatro drogas desenvolvidas pelos franceses, (HPA-23, Isoprina, Interferon e o ribavirin) que ainda não eram liberadas pela a agência de análises de drogas (medicamentos) e alimentação nos Estados Unidos FDA (Food and Drug Administration), Farrell (2003) nos esclarece que:

Alguns pacientes de AIDS encontraram meios de obter drogas que tinham sido aprovadas em outros países, onde os regulamentos para testes não eram rígidos. Formaram organizações para adquirir drogas no exterior e distribuí-las cooperativamente. Uma dessas organizações traz tudo, desde antidepressivo alemão derivado da erva-de-são-joão até antibióticos ainda não aprovados nos Estados Unidos. Outros pacientes, se tinham condições, viajavam eles mesmos para fazer tratamentos no exterior, ou contrabandeavam medicamentos pela fronteira. Pacientes formavam clubes para trocar informações sobre tratamentos, reunindo-se semanalmente com médicos interessados e bem – informados; imprimiam boletins

descrevendo novas terapias; e criavam quadros de avisos boletim boards e grupos de notícias (news groups) na Internet. Marcus Conat começou a promover sessões mensais de informações, freqüentadas por pessoas que vinham de toda parte para aprender sobre mais recentes. (FARREL, 2003, p. 238).

Farrell (2003) afirma que os ativistas não gostavam da ideia de burlar as leis do país para conseguir medicamentos e tratamento digno para os enfermos de AIDS, por este motivo foram à luta para mudar as leis. Em 1987 foi fundada outra organização por Larry Kramer chamada de Coalização da AIDS para Desencadear Força (ACT UP – AIDS Coalition to Unleash Power), que visava de maneira específica batalhar por processos mais rápidos, para a liberação dos medicamentos.

Segundo Scheffer (2012) houve alguns testes nos EUA de medicamentos como a Suramina (medicamento inibidor da enzima transcriptase reversa usada para o combate da doença tripanossomíase africana conhecida como “doença do sono”), porém, Samuel Broder no período diretor dos Institutos Nacionais do Câncer dos EUA – NCI, percebendo que muitos pacientes que se submeteram ao tratamento foram a óbito rapidamente; suspendeu o tratamento. Contudo foi-lhe oferecido pela filial americana da empresa inglesa Wellcome PLC o composto “S” da classe das azidomitimidinas que demonstraram eficácia em laboratório, que seria a Zidovudina - AZT³¹ futuramente, o importante medicamento, que até os dias atuais é usado para o tratamento da AIDS.

Em 3 julho de 1985, Samuel Broder administrou pela primeira vez o AZT em um doente de aids e deu início aos estudos para determinar sua melhor posologia. Diante da eficácia confirmada e da tolerância satisfatória, passou-se a um estudo controlado ao acaso, duplo cego, coordenado por Margaret Fischl: 145 pacientes com aids receberam AZT e 137 apenas o placebo. O estudo foi considerado antiético manter um grupo tomando placebo ante a eficácia do medicamento. No momento da interrupção, 19 pacientes que recebiam placebo já haviam morrido, contra apenas uma morte no grupo do AZT.

Em 19 de março de 1987, menos de três anos depois da descoberta do HIV, a FDA aceitou registrar o AZT com base apenas em um ensaio de fase II, interrompido antes do fim, e sem que tivessem sido realizados estudos terapêuticos ampliados de fase III, que tem o propósito de determinar o resultado do risco/benefício de curto e longo prazo das formulações do princípio ativo. (SCHEFFER, 2012, p. 40).

Como podemos compreender com a explicação de Scheffer, o AZT se mostrou eficaz em sua primeira experiência com seres humanos, e foi rapidamente liberado, mesmo não chegando até o final do processo de avaliação que um medicamento necessita passar, pois vidas estavam sendo ceifadas pela AIDS e este medicamento surgiu como uma esperança de

³¹ [...] o AZT foi descoberto em 1964 já havia sido testado nos anos 1960, quando se revelara por demais tóxico para o tratamento de câncer. (SCHEFFER, 2012, p. 40).

aumentar a sobrevivência dos acometidos pela enfermidade. A possibilidade de pensar em vida após a AIDS surgiu apenas em 1985 com o experimento do AZT e com sua liberação em 1987, contudo antes das descobertas o desespero era o caminho comum de quem enfrentava aquela enfermidade.

Em 1990 as medidas definidas e defendidas pela ACT UP foram atendidas, entre os pedidos que as novas diretrizes estabeleciam uma em especial era que: a experimentação de drogas contra a AIDS alcançasse o maior número possível de doentes. Sem testá-las em pessoas saudáveis deveriam voltar-se principalmente para os doentes, os testes não deveriam se limitar a hospitais e pequenos grupos, mas serem experimentados em grandes quantidades de pessoas, e os médicos deveriam possuir a total liberdade de prescrever estas novas drogas, para seus pacientes com AIDS.

A urgência de controlar a doença foi o fator que levou a FDA liberar tais medidas, pois suas regras de controle de medicamentos são rígidas, porém a pressão dos próprios pacientes com AIDS, no período foi fundamental para que estes experimentos fossem liberados, afinal era uma probabilidade de possuir mais tempo de vida, e talvez de encontrar a cura.

Podemos observar ainda em algumas falas e expressões feitas por alguns profissionais da saúde o desespero antes dos possíveis tratamentos. A ciência que naquele momento achava ter a resposta para quase tudo a respeito da saúde humana, desconsiderava hipóteses ou opiniões que não fossem cientificamente comprovadas. Nesse sentido, as opiniões de leigos ou de crenças religiosas não eram apreciadas. Porém, como observamos com Nascimento (2004) as enfermidades podem desestruturar uma sociedade e como outras doenças a AIDS, também, desafiou a ciência e a medicina. Tronca (2000) nos mostra a opinião de um médico a respeito da enfermidade que expõe a tragédia médico científica que se vivia.

[...]. Foi graças a tal progresso da ciência e das técnicas que os homens venceram a varíola, criaram os instrumentos para estudar os retrovírus e abriram as portas à devastação causada por um vírus com o qual haviam convivido em harmonia. A medicina contribuiu eficazmente para a ruptura da *pathocenose*, quer dizer, suprimiu as doenças que barravam o caminho da aids, facilitando a transmissão do vírus, notadamente por meio das novas modalidades de contato direto com o sangue. Por outra parte, a tecnologia moderna está na origem da mistura entre populações e da liberalização dos costumes, outros fatores da emergência e da disseminação da aids. **A epidemia atual é o reverso da medalha, o preço inesperado que devemos pagar por ter perturbado tão radicalmente os equilíbrios ecológicos milenares. Em outras palavras, Grmeck, ao acreditar que “devemos pagar” pela eclosão da doença, insere-se ele também, no modelo alegórico bíblico [...]. Afinal, pagar pela doença significa aqui expiar a falta cometida contra o que chama de**

equilíbrio ecológico, equivalente ao pecado cristão, uma agressão à natureza que acaba desempenhando o papel de vicário de Deus. (TRONCA, 2000, p. 106. Grifo nosso).

O médico e historiador francês Mirko D. Grmeck, afirmava que com o avanço científico em torno das enfermidades foram vencidas, agentes etiológicos expostos, contudo, para Grmeck este avanço também abriu as portas para a AIDS, pois as novas técnicas também incluíram contato direto com o sangue. Ele ainda explica que a mistura de populações pode ser outro fator que deve ser considerado. Mas para Tronca (2000) o médico de uma maneira, não intencionalmente se aproximando da ideia cristã de se pensa a enfermidade, quando sugere que estaríamos pagando por desafiar o equilíbrio milenar. Segundo Nascimento (2005) em alguns hospitais dos EUA como: os da Califórnia e os de Nova Iorque a AIDS recebeu denominação por alguns profissionais da saúde de cunho religioso.

Essa nova entidade clínica vinha sendo notada em hospitais da Califórnia e Nova Iorque desde os últimos anos da década de 1970, Segundo Treichler (1988), a doença estranha que acometia ‘pessoas estranhas’ foi chamada pelos profissionais de saúde desses hospitais de Wrath of God Syndrome (Wogs), síndrome da ira Deus, tornando-se, logo, assunto de artigo no MMWR de junho de 1982, onde é descrita a ocorrência de sarcoma de Kaposi (SK) em homossexuais jovens e, anteriormente, saudáveis, em Nova Iorque e na Califórnia. (NASCIMENTO, 2005, p. 82).

A denominação: “síndrome da ira de Deus”, nos chama atenção, pois é a utilização de um termo religioso, que cientistas e médicos em sua grande maioria não simpatizam, nem com a expressão e muito menos com as causas religiosas apontadas. Ainda assim, a expressão amplamente utilizada nos faz reafirmar como as doenças tem o poder de desestabilizar as mais fortes convicções e hipóteses já testadas e comprovadas cientificamente e socialmente.

Ademais destacamos a colocação de Paula Treichler³² professora de comunicação, crítica e teoria interpretativa, medicina e estudos de gênero e mulheres na Universidade de Illinois. A autora afirma que a doença era estranha, acometia ‘pessoas estranhas’, referindo-se aos homossexuais. Assim, mesmo as diversas conquistas na política e em alguns direitos, os últimos eram visto por muitos como estranhos, ainda por profissionais esclarecidos como médicos. Até 1982 a doença recebia outros nomes em meio aos profissionais de saúde como:

³² Paula Treichler é professora de comunicação crítica, teoria interpretativa, medicina e estudos de gênero e mulheres na Universidade de Illinois em Urbana-Champaign. Ela é a autora ou coautora de três livros, incluindo How To Have Theory em uma epidemia: Cultural Chronicles of AIDS e A Feminist Dictionary. A pesquisa atual de Treichler está na história e no futuro dos preservativos. Disponível em: <<http://chicagohumanities.org/profile/bio.aspx?userid=0d0385d1-1b47-46f0-b07c-1136202833ac>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

GRID (Imunodeficiência Relacionada a Gays), alguns médicos preferiam ACIDS (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida da Comunidade), outros favoreciam, CAIDS (Síndrome de Imunodeficiência da Comunidade Adquirida). O Centro Controle de Doenças detestava GRID. Preferindo chama-la de “a epidemia da imunodeficiência. (SHILTS, 1987, p. 185).

Shilts esclarece que o termo comunidade se referia aos homossexuais, porém a doença atingia outras pessoas que compunha o grupo de risco, e inclusive aqueles considerados fora desse grupo, contudo, os que eram mais atingidos, também eram os mais estigmatizados e culpabilizados por ter a doença. Segundo Tronca (2000) nos fala que alguns cristãos acreditavam que a AIDS era um castigo divino para os homossexuais, pois possuíam escolhas sexuais divergentes das consideradas pelos preceitos bíblicos. A jornalista Laurie Garrett (1994) em sua obra expõe a fala de alguns líderes cristãos que se mostraram implacáveis contra a homossexualidade e cujo discurso apontava convictamente que a doença era consequência das relações sexuais do mesmo sexo, que deveria ser o motivo de tal moléstia terrível.

[...]. O evangelista televisão e líder da Maioria Moral, Jerry Falwell, denunciou a “vida depravada”, dizendo num sermão transmitido nacionalmente pela televisão que “se a administração Reagan não tomar medidas drásticas contra isso, o que agora é uma peste gay no país, daqui a um ano, acho que o presidente será responsabilizado pessoalmente por permitir que esta horrível doença se alastre entre a população americana inocente. (GARRETT, 1994, p. 320).

Nesta citação é possível perceber como a doença era vista por alguns líderes cristãos: O modo de vida dos homossexuais era considerado errado por eles e a enfermidade vista como causa deste erro. Porém, o que também nos chama atenção, além da cobrança que Falwell faz ao presidente Reagan, é a preocupação do líder religioso, referente, ao perigo da doença atingir outras pessoas que ele qualifica como “inocentes”. Se a AIDS era considerada apenas de homossexuais, por que Falwell pensava na possibilidade de alcance de outros indivíduos? É possível que ele tivesse medo a enfermidade atingisse a sociedade em geral?

O medo da doença provocou em muitos religiosos opiniões e reações adversas das que sugeriam. Segundo a psiquiatra suíça Elisabeth Kübler-Ross³³, alguns de seus pacientes foram em busca de apoio e/ou consolo receberam o contrario do que buscavam.

³³ Elisabeth Kuber Ross nasceu em Zurique, Suíça. Formada pela Universidade de medicina de Zurique vivia em Head Waters, Virginia, EUA. Psiquiatra e autoridade mundialmente reconhecida no tratamento de doentes terminais é autora também do best seller Sobre a Morte e o Morrer, que no mundo inteiro vendeu três milhões de exemplares. Informações retiradas do próprio livro da autora.

Com sorriso no rosto, um pastor informou a uma de minhas pacientes aidéticas que ela não deveria mais comparecer à liturgia domingueira, pois sua presença poderia esvaziar rapidamente a igreja e ele não queria pregar para bancos vazios! O mesmo ocorreu com uma mãe solteira cujo filho de três anos estava morrendo – isto justo quando ela mais precisava do apoio “da igreja”. (KÜBLER-ROSS, 1988, p. 19).

A psiquiatra escreve sobre a enfermidade e o que presenciou junto aos seus pacientes de AIDS nos primeiros anos de manifestação da epidemia. A ignorância referente à doença e as formas de contaminação, afugentava os sentimentos mais nobres e humanos dos ensinamentos de Cristo, que eram para serem vividos e praticados nas igrejas cristãs. Podemos perceber isto claramente na citação acima. Este caso que a autora compartilha em seu livro, acerca das vítimas da moléstia, neste exemplo, não era referente aos homossexuais, mas a uma mulher e uma criança que Kübler-Ross não nos revela quais foram as formas de contaminação. Porém causa-lhe assombro tamanha falta de empatia pelo próximo em algumas igrejas cristãs.

Não podemos afirmar que todos os religiosos cristãos pensavam e agiam da mesma maneira, Shilts (1987) cita um exemplo de um bispo que tinha ideias diferentes sobre o assunto.

Líderes religiosos tinham desempenhado um papel decisivo ao solicitarem mais atenção para a AIDS. Em San Francisco, o bispo episcopal William Swing fez um sermão seminal no qual afirmava que se Jesus estivesse vivo em 1985, ele não estaria com os moralistas condenando os pederastas, mas com as pessoas sofrendo de AIDS. Uma das coisas que tinha feito Cristo tão piedoso, disse ele, era o fato de ele juntar a sua casta à dos párias. (SHILTS, 1987, p. 686).

O que podemos observar é que a doença mortal e contagiosa como a AIDS, sem as informações concretas e averiguadas pode trazer diversos problemas sociais: primeiro para quem contrai depois para quem convive que passa a ter um medo tão avassalador e incontrolável, que passa a se recusar a interagir com o enfermo o “isolando”, por não querer se relacionar com o indivíduo.

Outra questão que o autor nos chama atenção e que também observamos na citação anterior é a importância dos líderes religiosos para cobrar ação do Governo de Reagan, que inicialmente, segundo os autores Shilts (1987) e Garrett (1994), demorou a se posicionar referente ao combate da enfermidade. Para Shilts, Reagan pronunciou o nome AIDS através de um representante oficial da Casa Branca pela primeira vez, publicamente,

quando o ator Rock Hudson³⁴ foi diagnosticado com a doença em 1985, somente para desejar-lhe melhoras de seu complicado quadro clínico. Outra declaração publica que conseguimos encontrar no jornal New York Times de 18 de setembro de 1985, em que presidente toca no assunto, porque a imprensa lhe questiona sobre a doença.

WASHINGTON, 17 de setembro - O presidente Reagan, que foi acusado de indiferença pública à crise da Aids por grupos que representam as vítimas da doença mortal, disse ontem à noite que sua administração já estava fazendo uma "contribuição vital" para pesquisas sobre a doença dentro dos limites impostos pelas "restrições orçamentárias".

Reagan foi perguntado em sua coletiva de imprensa se ele poderia apoiar "um programa de pesquisa do governo maciço contra a AIDS, como o programa que o presidente Nixon lançou contra o câncer", em que Nixon chamou em 1971 para um "compromisso nacional total" "Para combater essa temível doença". O Presidente Reagan disse que ele havia apoiado a pesquisa sobre a AIDS, a Síndrome Imunodeficiência Adquirida, nos últimos quatro anos e que o esforço era uma "prioridade máxima" para a Administração.

O Presidente também expressou simpatia por ambos os lados na controvérsia sobre: se as crianças que sofrem de AIDS deveriam ser autorizadas a frequentar a escola com crianças saudáveis.

Suas observações pareciam ser a primeira vez que ele abordou publicamente a questão da doença letal que tem causado milhares de vítimas, principalmente entre homossexuais masculinos, viciados em drogas intravenosas e hemofílicos, cuja condição requer frequentes transfusões de sangue. Embora o Departamento de Saúde e Serviços Humanos tenha declarado a AIDS sua "prioridade número um", o próprio Reagan foi criticado por grupos que pedem mais ação do governo sobre a doença.

(BOFFEY, Philip M. Reagan Urges Wide AIDS Testing But Does Not Call For Compulsion. New York Times. Washington. 1 June. 1987. Tradução nossa).

Nesta coletiva de imprensa Reagan foi questionado se não haveria ações mais agressivas contra a AIDS. Segundo o presidente, ações e pesquisas já estavam sendo realizadas e a doença estava recebendo a atenção necessária, e era considerada uma prioridade do seu Governo, dentro dos limites de gastos da administração. Contudo, o jornalista nota a falta de intimidade do presidente com a temática, quando ele é questionado sobre o empasse

³⁴ O ator Rock Hudson, de 59 anos, torna-se a primeira grande celebridade a morrer de complicações da AIDS. A morte de Hudson levantou a consciência pública sobre a epidemia, que até então tinha sido ignorado por muitos no mainstream como uma "peste gay". Em 1984, enquanto trabalhava no Dynasty TV show, Hudson foi diagnosticado com AIDS. Em 25 de julho, 1985, ele reconheceu publicamente que tinha a doença em um hospital em Paris, onde ele tinha ido para procurar tratamento. A notícia de que Hudson, um ícone internacional, tinha AIDS focada a atenção mundial sobre a doença e ajudou a mudar a percepção pública do mesmo. Os primeiros casos de AIDS foram notificados em 1981 e as primeiras vítimas eram homens homossexuais que muitas vezes enfrentam a hostilidade pública e da discriminação. Como cientistas e autoridades de saúde pediram financiamento para combater a doença, eles foram amplamente ignorados pelo presidente Ronald Reagan e sua administração. Rock Hudson era um amigo de Reagan e sua morte foi dito ter mudado a visão do presidente da doença. No entanto, Reagan foi criticado por não abordar a questão da AIDS em um grande discurso público até 1987; por esse tempo, mais de 20.000 norte-americanos já morreram da doença e que se espalhou para mais de 100 países. Disponível em: <www.history.com/this-day-in-history/hollywood-icon-rock-hudson-dies-of-aids>. Acesso em: 11 set. 2016.

de crianças enfermas de AIDS devem ou não frequentar a escola, Reagan se embaraça na resposta concordando com os dois lados da questão.

Ainda no que diz respeito à política de combate à AIDS houve críticas a pouca atuação do presidente e comparações das ações em torno de outras doenças com a AIDS. Vejamos com Garrett (1994):

Durante mais ou menos o mesmo período de tempo – talvez menos – o CDC havia gasto 9 milhões de dólares procurando a causa da morte de 29 legionários em 1976 – 77, mais de 1 milhão de dólares nas investigações sobre a febre hemorrágica provocada pelo Ebola na África central, pelo menos 135 milhões de dólares na investigação da gripe suína e criação de vacina. No fim de 1982, Brandt defenderia a administração de Reagan, demonstrando que junho de 1981 e dezembro de 1982, um total de 5,5 milhões de dólares do governo tinha sido destinado a GRID, distribuído ao CDC, aos NIH e à Food Drug Administration (FDA). (GARRETT, 1994, p. 296).

Garrett nos mostra os investimentos do Governo Federal em luta contra outras enfermidades no final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Observamos também a aplicação de recursos na investigação e combate contra a AIDS através do repasse do dinheiro para organizações³⁵ consideradas fundamentais para descobrir o melhor método de enfrentamento contra a enfermidade. Porém, analisando os números notamos que no caso da AIDS, mesmo sendo uma doença recente os recursos ainda eram poucos, considerando o grau de mortalidade da doença, desde seu surgimento. Alguns políticos se manifestaram a respeito:

- Para mim não há dúvidas de que a doença, tivesse aparecido entre os americanos descendentes de noruegueses ou entre jogadores de tênis, e não entre *gays*, a reação do governo e da comunidade médica seria totalmente diferente – acusou um poderoso membro do Partido Democrata, deputado Henry Waxman, da Califórnia. – Desejo ser completamente franco a respeito do aspecto político do Sarcoma do Kaposi. Essa horrível doença aflige membros de uma das minorias mais estigmatizadas e discriminadas do país. As vítimas não são os americanos convencionais típicos. Trata-se de gays, principalmente de Nova York, Los Angeles e San Francisco. A doença dos legionários atingiu um grupo de membros da Legião americana composto predominantemente de homens de meia idade, brancos heterossexuais. A respeitabilidade das vítimas lhes garantiu um grau de atenção com verbas para pesquisas e tratamento, muito maior do que o que foi concedido até agora às vítimas com Sarcoma de Kaposi. Quero destacar o contraste entre a “mais simpática” doença dos legionários – que afetou um numero menor de pessoas e com menor probabilidade de ser fatal – e o Sarcoma de Kaposi. O que a sociedade levou

³⁵ Os Institutos Nacionais de Saúde (NIH), uma parte do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos EUA, é a agência de pesquisa médica do país - fazendo importantes descobertas que melhoram a saúde e salvam vidas. FDA é uma agência dentro do departamento da saúde e dos serviços humanos. A organização da FDA é constituída pelo Escritório do Comissário e por quatro diretorias que supervisionam as principais funções da agência: Produtos Médicos e Tabaco, Alimentos, Operações Regulatórias e Operações Globais e Operações. Disponível respectivamente em: <<https://www.nih.gov/about-nih/who-we-are>> e <http://www.fda.gov/AboutFDA/CentersOffices/default.htm>>. Acesso em: 11 set. 2016.

em conta não foi a gravidade da doença, mas a aceitação social dos indivíduos por ela atingidos. (GARRETT, 1994, p. 296).

O Deputado Democrata Henry Waxman da Califórnia em abril de 1982 faz uma grande crítica ao Governo e a sociedade estadunidense. Para o Deputado, o empenho não estava sendo suficiente, para uma doença que anunciava ser uma avalanche de desespero e morte. Waxman cita outra enfermidade, fazendo uma comparação com a AIDS, e chega à conclusão que o preconceito contra as principais vítimas da doença no momento era o motivo de não haver uma atuação mais forte do Governo Federal e da insensibilidade das demais esferas sociais.

O que observamos em nossas bibliografias, fontes: artigos científicos e notícias e artigos dos jornais *Washington Post* e *New York Times* do período, é que o presidente Reagan (1980-1989) mais se pronunciou sobre a AIDS, foi principalmente a partir de 1987, quando pressionado pelo Senado formou uma comissão para falar e tratar a doença nos EUA. Obviamente isto não significa que não foram liberados recursos para combate à doença, porquanto, o Centro de Controle de Doenças – CDC³⁶ e outros hospitais trabalhavam arduamente para tentar salvar vidas subjugadas pela AIDS, porém, muitas críticas foram feitas ao silêncio ensurdecedor do Presidente, para muitos o seu apoio era fundamental em meio uma epidemia que a cada dia aniquilava numerosas vidas.

Outra questão que precisamos levar em consideração é que os Estados são muito independentes, principalmente, sobre os investimentos de recursos nos mais diversos âmbitos sociais. Com a AIDS não foi diferente, os Estados investiram seus recursos e recursos provenientes do Governo Federal como consideravam importante. Segundo David C. Colby e David G. Baker³⁷ autores do artigo: *Resposta do Governo do Estado à epidemia da AIDS*³⁸. Houve ações dos Estados para tentar conter a doença e ajudar os enfermos.

³⁶ A construção de uma base sólida, abraçando o futuro. Em 01 de julho de 1946 no Centro de Doenças Transmissíveis (CDC) abriu as suas portas e ocuparam um andar de um pequeno prédio em Atlanta. A sua principal missão era simples, mas altamente desafiadora: prevenir a malária se espalhe por toda a nação. Armado com um orçamento de apenas US \$ 10 milhões e menos de 400 empregados, os primeiros desafios da agência incluía obter caminhões suficientes, pulverizadores, e pás necessárias para travar uma guerra contra os mosquitos. Como a organização criou raízes profundas no sul do país, uma vez conhecida como o coração da zona de malária, CDC Fundador Dr. Joseph Mountin continuou a defesa para problemas de saúde públicos e a incrementar o CDC para estender suas responsabilidades a outras doenças transmissíveis. Em 1947, o CDC fez um pagamento simbólico de \$ 10 à universidade de Emory para 15 acres de terra na estrada de Clifton em Atlanta que agora serve como sede da CDC. Hoje, o CDC é um dos principais componentes de funcionamento do Departamento de Saúde Humano. Serve e é reconhecido como o promotor da nação em saúde, prevenção e entidades de preparação. Disponível em: <www.cdc.gov/about/history/ourstory.htm>. Acesso em: 01 nov. 2015.

³⁷ David G. Beker é Professor Associado de Ciência Política e Decano Assistente de Estudos Gerais e Integrativos na Hartwic College. Seus interesses de pesquisa estão atualmente focados nos sistemas estaduais de prestação de cuidados de saúde.

Os Estados se organizavam para enfrentar a Nova Síndrome. Para isto alguns criaram leis antidiscriminação, porque muitas vítimas da AIDS foram demitidas de seus empregos, e alguns seguros de saúde se recusaram a atender estas pessoas. Porém como os autores nos explicam não era igual à distribuição de dinheiro para a questão desta enfermidade, pois interesses como: competição partidária, ou ainda poder conservador social poderia ser uma influência negativa para os investimentos de enfrentamento a AIDS.

Segundo os autores os Estados com mais incidência da doença, frequentemente, eram o que possuíam mais legislações a respeito; a defesa dos direitos das pessoas enfermas de AIDS passou a ser necessária, pois a discriminação estava fazendo com que elas perdessem o essencial, para continuar a viver com dignidade o tempo que lhe restava de vida. A tabela a seguir mostra alguns Estados que adotaram medidas antidiscriminação.

Figura 1 - Legislação estatal de proteção à AIDS

Protective State AIDS Legislation					
State	Confidentiality ^a	Employment ^b	Housing ^c	Informed consent ^d	Insurance ^e
California	X	X	X	X	X
Colorado	X			X	
Connecticut			X		
Florida	X	X			X
Hawaii	X	X	X		
Illinois	X				
Indiana	X				
Maine	X				X
Maryland	X				
Massachusetts	X	X		X	
New York	X				
North Dakota	X				
Oregon	X				
Rhode Island	X				
Texas	X				
West Virginia					X
Wisconsin	X	X		X	

SOURCE: Developed from Intergovernmental Health Policy Project, *AIDS: A Public Health Challenge* (Washington, D.C.: I.H.P.P., 1987), Vol. 1.

Fonte: COLBY, David C.; BEKER, David. State Policy Responses to the Epidemic. Vol 18. N° 3, 1987, p. 121.

a) Leis que regulam a confidencialidade dos testes de AIDS e informação de tratamento. b) Leis que regulam o uso de testes de anticorpos contra o HIV no emprego e que proíbem a discriminação no trabalho contra aqueles com soropositividade ou HIV / AIDS. c) Leis que proíbem a discriminação de moradia contra pessoas com AIDS ou soropositivos ao HIV. d) Leis que exigem o

David C. Colby é Professor Associado e Coordenador do Programa de Mestrado em Ciências Políticas da Universidade de Maryland Baltimore County. Ele também é Diretor Associado do Centro de Drogas e Políticas Públicas da Escola de Pós-Graduação da Universidade de Maryland, em Baltimore. Disponível em: <<https://academic.oup.com/publius/article-abstract/18/3/195/1869719/CONTRIBUTORS?redirectedFrom=PDF>>. Acesso em: 26 jan.2017.

³⁸ Título original do artigo: State Policy Responses to AIDS Epidemic. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3330276?seq=1&cid=pdf-reference#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 03 nov. 2015.

consentimento informado das pessoas testadas para anticorpos contra o HIV. e) E leis que regulam a cobertura de seguro com AIDS ou soropositivos HIV indivíduos.

Como podemos analisar nesta tabela, juntamente, com os autores dos 17 Estados expostos na Tabela, 15 optaram pela confidencialidade dos testes e informações sobre o tratamento de pessoas soropositivas e/ou as que já desenvolveram a AIDS. Segundo os autores em 1987 a doença passou a fazer parte da Lei instituída em 1973 de Reabilitação que abrange doenças contagiosas, protegendo os enfermos de serem expostos.

Porém, ainda em análise da Tabela acima podemos observar que no tocante das outras leis referente: ao emprego, a moradia e a cobertura de seguros, muitos Estados não adotaram as medidas, o que deixou muitas pessoas doentes desprotegidas e expostas ao preconceito e ao estigma. No primeiro tópico deste capítulo, compreendemos que o seguro de saúde esta na maioria das vezes ligado a questão do emprego. Se o individuo é demitido, sem poder pagar seu convênio médico, perde este benefício, e para tentar contratar outro, poderia ser exigido o exame de soro positividade, sendo confirmado, poderia lhe ser negado à assistência a saúde. Contudo, Colby ainda nos esclarece que havia um investimento sério do programa Medicaid, junto a outros programas para ajudar as pessoas que tinham pouquíssimos recursos para se tratar, e que se encaixavam no perfil do programa. Vejamos:

Normalmente, as pessoas com AIDS recebem benefícios Medicaid através Supplemental Security Insurance (SSI). A AIDS e *doença renal crônica* ARC automaticamente qualificam aqueles que cumprem as normas de renda e de recursos para SSI. Em trinta estados, os destinatários SSI recebem automaticamente Medicaid em cinco estados, SSI juntamente com o pedido qualifica beneficiários do SSI para o Medicaid. Nos demais estados, os destinatários SSI deve ter, para se qualificar para o Medicaid, um nível de rendimento inferior ao que os qualifica para SSI. Um número menor de pessoas com AIDS qualificam para o Medicaid através do programa Aid to Families with Dependent Children - AFDC ou disposições carentes de algum programa Medicaid. Medicaid é o maior pagador de terceiros para o tratamento da AIDS. Um inquérito 1985 de ensino em hospitais descobriram que Medicaid paga por 54 por cento da AIDS. A Administração de Financiamento de Cuidados de Saúde estima que Medicaid paga cerca de 25 por cento de todas as despesas médicas com a AIDS, com 40 por cento dos doentes com AIDS que recebem Medicaid. Quarenta e quatro programas de Medicaid cobrem a compra de AZT (Retrovir), que é o único medicamento aprovado pela Administração de comida e remédios dos EUA para tratamento da AIDS. Além disso, o Serviço de Saúde Pública concedeu \$ 30 milhões para os estados para pagar AZT para as pessoas de baixa renda com AIDS que não se qualificaram para o Medicaid ou vivem em estados que não cobrem AZT. O impacto de AZT em gastos do Estado não é claro. AZT irá diminuir infectados oportunistas, permitindo que alguns pacientes com AIDS continuem trabalhando. Contudo, muitos que tomam AZT se tornam dependentes de transfusões de sangue. Esta dependência acrescenta mais US \$ 10.000 por ano por paciente em tratamento. Para aqueles que se qualificam para o Medicaid, esses custos são pagos por esse programa. Adicionalmente, as despesas totais ao longo de um tempo de vida maior para os que receberam AZT pode ser

maior do que as despesas correntes. (COLBY; BAKER, 1988, p. 122 Tradução nossa.).

Notamos a importância da atenção do Governo Federal com o esclarecimento de Colby (1987) sobre a disponibilização do programa Medicaid para o uso das vítimas da AIDS que não tinham condições de arcar as despesas de seu tratamento; os 32 Estados³⁹ recebendo este auxílio e ainda programas como SSI e AFDC⁴⁰, tornavam possível este complemento de renda para saúde dos enfermos; havia ainda a distribuição de \$30 milhões de dólares para cobrir despesas com o medicamento AZT, para quem não tinha a renda mínima para participar do programa Medicaid, mas não possuía renda suficiente para custear o tratamento com o medicamento.

A recusa dos demais países em assumir que já constava a enfermidade em seu território, por exemplo, nos mostra como a doença era mal vista e considerada uma verdadeira desonra para a quem a tivesse ou ainda o país que tivesse sido originada. Os países da Europa, por exemplo, já apresentavam casos da nova doença poucos anos após o primeiro alerta dos EUA. Houve pronunciamentos de alguns países como: Alemanha, França e antiga União Soviética – URSS sobre a nova Síndrome:

³⁹ Alabama, Arkansas, California, Colorado, Delaware, Florida, Georgia, Iowa, Kentucky, Louisiana, Maine, Maryland, Massachusetts, Michigan, Mississippi, Montana, New Jersey, New Mexico, New York, Pennsylvania, Rhode Island, South Carolina, South Dakota, Tennessee, Texas, Vermont, Washington, West Virginia, Wisconsin, and Wyoming.

⁴⁰ Supplemental Security Income (SSI) é um programa de suplemento de renda federal financiado por receitas fiscais gerais (não são impostos de Segurança Social): Ele é projetado para ajudar idosos, cegos e pessoas com deficiência, que têm pouca ou nenhuma renda; Ele fornece dinheiro para atender às necessidades básicas de alimentos, roupas e abrigo. Aid to Families with Dependent Children – AFDC: auxílio às famílias com crianças dependentes foi estabelecido pelo ato da segurança social de 1935 como um programa da concessão para permitir que os estados forneçam pagamentos do bem-estar do dinheiro para crianças carentes que tinham sido privadas do apoio ou do cuidado dos pais porque seu pai ou mãe estava ausente de casa, incapacitado, falecido, ou desempregado. Todos os 50 estados, o Distrito de Columbia, Guam, Porto Rico e as Ilhas Virgens operaram um programa AFDC. Os Estados definiram a "necessidade", estabeleceram os seus próprios níveis de benefícios, estabeleceram (dentro das limitações federais) os limites de rendimentos e de recursos, administraram o programa ou supervisionaram a sua administração. Os estados tinham direito a recursos federais ilimitados para o reembolso de pagamentos de benefícios, a taxas de "correspondência" que estavam inversamente relacionadas com a renda per capita do estado. Os Estados eram obrigados a fornecer ajuda a todas as pessoas que pertenciam a classes elegíveis ao abrigo da lei federal e cujos rendimentos e recursos estavam dentro dos limites estabelecidos pelo Estado. Durante a década de 1990, o governo federal cada vez mais usou sua autoridade sob a seção 1115 da Lei de Segurança Social para renunciar partes dos requisitos federais sob AFDC. Isso permitiu que os estados testassem tais mudanças como desvalorização do rendimento aumentado do trabalho, aumento das exigências de trabalho e sanções mais severas por falta de cumprimento, limites de tempo nos benefícios e acesso expandido aos benefícios transitórios, como assistência à infância e assistência médica. Como condição para receber dispensas, os estados foram obrigados a conduzir avaliações rigorosas dos impactos dessas mudanças sobre o recebimento do bem-estar, o emprego e os ganhos dos participantes. Disponível respectivamente em: <<https://www.ssa.gov/ssi/>> e <<https://aspe.hhs.gov/aid-families-dependent-children-afdc-and-temporary-assistance-needy-families-tanf-overview-0>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

Para os franceses, pelo menos em 1981, era claro que a AIDS vinha rotulada com a inscrição made in USA (...). (...) Em 1987 isso aparece ainda com maior clareza nas representações da doença na Alemanha, quando a revista Der Spiegel publicou imagens de caricaturistas políticos norte-americanos para ilustrar uma reportagem sobre a AIDS na própria República Federal alemã. Para os soviéticos, era igualmente clara a origem geográfica da doença – o vírus HIV teria sido fabricado pelos especialistas em guerra biológica em Fort Detrick, Maryland, em conjunto com os cientistas do CDC. (TRONCA, 2000, p. 142).

Nesta citação observamos como os países não aceitavam ser “o berço” da nova doença, pois o grau de mortalidade tornava a enfermidade assustadora e seus acometidos carregados de preconceitos e estigmas, e muitas teorias mirabolantes sobre a origem da enfermidade foram disseminadas a ideia de arma biológica, por exemplo, espalhada pela URSS, alcançou vários países e continentes no mundo, inclusive a África que adaptou a versão para a sua realidade, segundo a filósofa Susan Sontag (2007):

Assim, seguindo-se a visão clássica da peste, julga-se que a AIDS surgiu no “continente negro”, espalhou-se para o Haiti, depois para os Estados Unidos, depois para a Europa depois... A AIDS é encarada como uma doença tropical: mais uma peste oriunda do chamado Terceiro Mundo – o qual, afinal de contas, é o lugar onde vive a maior parte da população do mundo –, além de ser um flagelo dos *tristes tropiques*. Tem razão os africanos que assinalam a presença de estereótipos racistas em boa parte das especulações a respeito da origem geográfica da AIDS. (Como também têm razão quando afirmam que apresentar a África como berço da AIDS certamente alimenta os preconceitos contra os africanos, na Europa e na Ásia). A ligação subliminar com idéias referentes a um passado primitivo e as muitas hipóteses que supõem a doença tendo se originado em animais e passado para seres humanos (uma doença dos macacos? Peste suína africana?) desencadeiam inevitavelmente uma série de estereótipos bem conhecidos, que associam os negros a ideias de animalidade e licenciosidade sexual. No Zaire e em outros países da África central onde a AIDS esta matando dezenas de milhares de pessoas, a reação já teve início. Muitos médicos, professores, jornalistas, funcionários do governo e outras pessoas instruídas acreditam que o vírus foi enviado para a África pelos Estados Unidos, num ato de guerra bacteriológica (cujo objetivo seria diminuir a taxa de natalidade africana), mas se tornou incontrollável, de modo que o feitiço se voltou contra o feiticeiro. Segundo uma versão muito difundida na África o vírus foi fabricado em Maryland, de lá foi mandado para África e terminou reencontrando o país de origem, trazido por missionários homossexuais americanos que estavam atuando na África, quando voltaram para Maryland. (SONTAG, 2007, p. 117-118).

Podemos observar o quanto os países viam esta enfermidade com um estigma geográfico, pois o seu povo estaria marcado como os provenientes daquela doença. Muitos países do continente africano já sofriam com as muitas marcas, devido: as guerras, a fome e as enfermidades. O preconceito e o racismo, infelizmente já era um sentimento conhecido, e mais uma vez lhe foi imputado o dolo de mais uma moléstia terrível, porém, cansados de sempre quase serem responsabilizados, também criaram sua própria hipótese, culpabilizando os EUA.

A doença nos EUA era encarada, como uma moléstia que atingia somente integrantes do Grupo de Risco. Em documentos do CDC vemos como ações do governo no que tangia às políticas públicas, encaravam esta enfermidade e como havia uma diferenciação nítida, referente às pessoas que se contaminava com a doença.

Tabela 1 - Diagnóstico de AIDS por sexo, idade e raça e/ou etnicidade, relatada até dezembro de 1990, Estados Unidos.

Homens	Branco, não Hispanico.		Negro, não Hispanico.		Hispanico		Asiático/ Ilha do Pacífico		Indio Americano Nativo do Alasca		Total	
Idade e Diagnóstico	No.	(%)	No.	(%)	No.	(%)	No.	(%)	No.	(%)	No.	(%)
Sob 5	205	(0)	645	(2)	310	(1)	3	(0)	2	(1)	1,169	(1)
5-12	160	(0)	94	(0)	71	(0)	5	(1)	-		322	(0)
13-19	223	(0)	144	(0)	94	(0)	6	(1)	5	(3)	472	(0)
20-24	2,881	(3)	1,703	(5)	1,016	(5)	28	(3)	12	(6)	5,652	(4)
25-29	12,713	(15)	5,816	(16)	3,793	(17)	124	(14)	43	(22)	22,531	(16)
30-34	19,650	(23)	9,171	(25)	5,605	(25)	196	(22)	51	(26)	34,748	(24)
35-39	18,401	(15)	8,453	(23)	4,860	(22)	203	(22)	33	(17)	32,034	(22)
40-44	12,640	(15)	4,915	(13)	3,018	(14)	147	(16)	22	(11)	20,799	(14)
45-49	7,523	(9)	2,682	(7)	1,558	(7)	86	(9)	15	(8)	11,892	(8)
50-54	4,159	(5)	1,459	(4)	872	(4)	48	(5)	4	(2)	6,561	(5)
55-59	2,629	(3)	890	(2)	536	(2)	31	(3)	6	(3)	4,107	(3)
60-65	1,480	(2)	467	(1)	239	(1)	8	(1)	3	(2)	2,201	(2)
65 ou idoso	1,320	(2)	290	(1)	155	(1)	26	(3)	1	(1)	1,797	(1)
Homens Sub Total	83,984	(100)	36,729	(100)	22,127	(100)	911	(100)	197	(100)	144,295	(100)

Fonte: CENTER FOR DISEASES CONTROL. Report of the Center for Disease Control Surveillance of HIV / AIDS. AIDS cases reported in December 1990, report issued January 1991. 22 p. Tradução nossa.

A construção do Boletim Epidemiológico norte-americano, referente à AIDS, observamos particularidades, como por exemplo: há brancos não hispânicos e hispânicos, há negros não hispânicos e assim por diante. A diferenciação das origens das pessoas é delimitada, mesmo em uma situação referente a uma doença que tanto norte americanos, como imigrantes estavam sendo gravemente atingidos pela enfermidade, eles sentiam a necessidade de destacar desta forma.

Dez anos após as primeiras manifestações da AIDS, ainda o que notamos é o número de pessoas acometidas a crescer a cada ano. O relatório de 1993, por exemplo, nos apresenta a diferença para o ano de 1985, o índice de pessoas infectadas aumenta, absurdamente, e neste período o número total de enfermos é 24 vezes maior. Em dezembro de 1993 cerca de 361, 164 mil pessoas estão enfermas de AIDS nos EUA. Estas notificações são o total de acometidos desde a aparição da enfermidade.

Ainda no início da década de 1990 a enfermidade era vista como uma doença de um grupo específico de pessoas: indivíduos do sexo masculino que mantinham relação sexual com outros homens. Mesmo o número de contaminação heterossexuais, crescendo, progressivamente, os documentos oficiais do CDC mostram que as políticas públicas de saúde dos EUA, que ainda mantinha como principal preocupação os homossexuais.

O “Contato heterossexual”: casos incluem pessoas que relatam qualquer contato heterossexual específico com uma pessoa com (ou em risco aumentado para o HIV) infecção (por exemplo, usuário de drogas injetáveis), **ou pessoas presumem ter adquirido a infecção pelo HIV através de contato heterossexual se elas nasceram em países com um padrão distinto de transmissão denominado “Pattern II”** pela Organização Mundial da Saúde (MMWR 1988; 37: 286-8 293-5). **Transmissão Pattern-II é observada em áreas de sub-saariana e em alguns países do Caribe. Nesses países, a maioria dos casos relatados ocorre em heterossexuais e a relação masculino-feminino é de aproximadamente 1: 1. Uso de drogas injetáveis e transmissão homossexual, ou não ocorrem, ou ocorrem raramente.**

“Os riscos não identificados” casos de pessoas sem relato ou história de exposição ao HIV por meio de qualquer uma das rotas listadas na hierarquia de categorias de exposição. Correm os riscos de casos não identificados, incluem pessoas que estão atualmente sob investigação por local de saúde, como funcionários do departamento; pessoas cuja exposição história é incompleta, porque eles morreram e se recusaram a serem entrevistados, (...). (CENTER FOR DISEASES CONTROL. Report of the Center for Disease Control Surveillance of HIV / AIDS. AIDS cases report in December 1993, report issued December 1993. 33 p. Tradução nossa).

Este trecho retirado do Relatório de Notificação de AIDS do CDC dos EUA é revelador, porque nota-se a grande dificuldade de compreender a contaminação heterossexual dos pacientes de AIDS, em análise deste documento tem como identificar a doença neste país que não era entendida como uma enfermidade que poderia afligir a todos. Suponha-se que existia um grupo com mais facilidade de adquirir a enfermidade, o que por certo âmbito, não deixa de ser verdade, a atividade sexual desregrada foi um agravante para os homossexuais, mas outro fator que devemos levar em consideração foi à falta de conhecimento, de interesse e de controle sobre os exames para efetuar a coleta de sangue para doação, que até metade de 1985 causou uma grande propagação da doença em pessoas que precisavam de transfusão sanguínea em especial os hemofílicos; o uso de drogas intravenosas por pessoas viciadas também foi outra forma de contágio importante. Assim a enfermidade parecia ter seus “pré selecionados”, mas a verdade é que as circunstâncias que estas pessoas vivenciavam as deixavam expostas, sem nenhuma proteção.

Em análise do mesmo documento percebemos que em outros países da região da África subsaariana e alguns países da região Caribenha a doença, já demonstrava o seu caráter Heterossexual e havia poucos casos ou casos inexistentes de contaminação de homossexuais

ou usuários de drogas intravenosas, o que nos mostra a verdadeira face da AIDS, não se tratava de grupos específicos, mas de exposições de risco. Contudo, o que a doença apresentava em solo norte americano é o que foi considerado como verdade para aquela sociedade, tanto que no documento aparece a infecção nos países Caribenhos e africanos denominada por Patten II, distinguindo as formas de contaminação entre os EUA e as outras regiões, não levando em consideração que a doença é um mal comum que atinge a todos, e qualquer ser humano sem distinções, pois como nos fala Sontag: o vírus do HIV não tem preconceitos.

Farrell (2003) argumenta que os ativistas lutaram para que todos os enfermos recebessem o tratamento, autora cita também mulheres, apesar de vermos justificativas, que mulheres poderiam contrair o vírus através das transfusões sanguíneas, ou se relacionando com pessoas do grupo de risco, no documento vemos que havia casos que não se tinha explicação, e uma hipótese que podemos levantar é exatamente a contaminação via heterossexual. Entretanto, em outros países, a doença não se apresentava apenas em homossexuais, como, propunha a documentação dos EUA. Segundo Shilts (1987) na França, por exemplo, o médico Leibowitch opinava que:

[...]. Também ficou curioso ao ver que isso era tido como uma doença de homossexuais.

Que coisa mais americana, achou ele, ver uma doença como homossexual ou heterossexual, como se as viroses tivessem a inteligência de escolher entre diferentes tendências do comportamento humano. Esses americanos são simplesmente obcecados por sexo. (SHILTS, 1987, p. 142).

A fala deste médico é relevante para entendermos que outros profissionais da saúde, naquele período conseguiam identificar que a AIDS era uma doença que poderia atingir qualquer tipo de pessoa, pois o agente etiológico, não fazia escolhas, porém o pouco conhecimento sobre a doença, e o grande número de homossexuais contaminados provocou estas respostas inusitadas, referente à transmissão da enfermidade, deixando muitos confiantes que estavam imunes, porém, o tempo se encarregou de provar que todos se expondo a comportamentos de riscos são suscetíveis a contrair o vírus do HIV e ficar doente de AIDS.

2.3 “NÃO É O QUE A AIDS FAZ PARA A ARTE, MAS O QUE ARTE PODE FAZER SOBRE A AIDS”.

Na análise do jornalista Shilts a mídia estadunidense também demorou em abordar sobre a enfermidade. Para o autor a doença atingir inicialmente os homossexuais fez toda a diferença, e talvez, por isso, a AIDS não foi considerada importante. Depois que pessoas famosas e conhecidas (homossexuais e heterossexuais) passaram a morrer desta doença é que houve um despertar para falar sobre ela:

Boatos de que Hudson estava sendo tratado pelo Dr. Dominique Dormant, que estava medicando Bill Kraus e a maioria dos outros aidéticos americanos, espalhou-se pela comunidade de exilados pela AIDS em Paris histórias sobre a droga miraculosa que Hudson tinha ido procurar em Paris, muitos dos pacientes americanos foram caçados pelos repórteres, que finalmente, estavam interessados em matérias sobre a AIDS.

- Desculpe por não termos publicado muito sobre esta coisa antes – disse um repórter do Washington Post a Bill Kraus ao começar uma entrevista. – Nós não tínhamos sido capazes de encontrar um gancho que tornasse a matéria mais interessante para a população geral. (SHILTS, 1987, p. 695).

A explicação do repórter do jornal Whashington Post é muito importante, pois deixa claro como os periódicos ainda estavam receosos em abordar a AIDS. Foi necessário uma pessoa com grande notoriedade midiática ficar enferma para que o jornal se sentisse a vontade de falar sobre a doença. Afinal qual era a preocupação de falar sobre esta enfermidade? Por que pessoas comuns não atrairiam o interesse dos leitores? Como uma doença da magnitude da AIDS não era considerada relevante em ser abordada em um jornal de grande circulação?

Quando Rock Hudson ficou enfermo, muitos homossexuais viram nesta tragédia uma oportunidade da AIDS, não ser sinônimo de homossexualidade, Shilts nos explica que:

O problema mais importante que a maioria das empresas de notícias enfrentaram com Hudson foi o de explicar como o ator contraíra AIDS. É claro, virtualmente todo mundo na comunidade cinematográfica de Hollywood sabia, há décadas, que Hudson era gay. Homossexualidade, entretanto, era um tema sobre o qual a mídia ainda se sentia muito pouco à vontade contando a verdade e mais a vontade mentindo. Consequentemente, notícias sobre a saúde de Hudson ocultavam o principal, aludindo somente à lista-padrão dos CDC mencionando os grupos de risco.

Os grupos homossexuais e as organizações de aidéticos preferiam que assim fosse, ansiosos de provar de uma vez por todas que “a AIDS não é uma doença de homossexuais”. Este desejo de dissimular a verdade às vezes levou ao máximo do absurdo. Um porta-voz da Fundação de AIDS de San Francisco, por exemplo, disse que Hudson estava provando ao mundo que “a AIDS não é uma enfermidade de

homossexuais brancos ativos”, como se Hudson fosse outra coisa. Quando Bill Meisenheimer, o diretor do Projeto de AIDS-Los Angeles, recusou-se especular sobre a sexualidade do ator, e ao invés, falou sobre transfusões de sangue que Hudson tinha recebido durante sua cirurgia cardíaca. (SHILTS, 1987, p. 696).

Passado cinco anos que a AIDS estava manifesta nos EUA, ainda era sinônimo de homossexualidade, vemos como a imprensa temia falar sobre a sexualidade de Hudson e alguns homossexuais entenderam como uma oportunidade de provar que a doença não era apenas daquela comunidade, mas a verdade é que o ator era homossexual, contudo, não tinha revelado. Porém em 24 de julho o silêncio sobre a homossexualidade de Rock Hudson foi rompida pelo jornal de San Francisco *Chronicle*, porém na décima página, todavia, outros periódicos no outro dia noticiaram em sua primeira página a verdade do ator.

Shilts relata que depois da divulgação da doença em Rock Hudson fizeram com que a enfermidade fosse noticiada, obviamente houve outras notícias sobre a doença, mas não com a mesma frequência e importância em que os periódicos estavam dando a AIDS, naquele momento; o Centro de Controle de Doenças - CDC passou a receber numerosas ligações da imprensa para saber mais informações sobre a enfermidade que “finalmente descobriram a doença”:

Tanto a *Time* quanto a *Newsweek* chegaram às bancas de jornal com enormes matérias sobre Rock Hudson e a epidemia de AIDS. Todas as principais empresas noticiosas do país estavam a publicar séries investigatórias sobre a epidemia. Enquanto chamadas telefônicas inundavam o Escritório de Atividades da AIDS dos Centros de Controle de Enfermidades, todos os membros da equipe disponíveis foram destacados para atender as perguntas dos jornalistas. O dr. Harolf Jaffe, que trabalhara na epidemia desde o dia que Sandra Ford primeiro alertara os CDC sobre as misteriosas requisições de pentamidina, queria berrar no telefone “Onde é que vocês estavam nos últimos quatro anos?” (SHILTS, 1987, p. 699).

Nesta citação podemos compreender como a AIDS, não teve tanta importância para todos os periódicos estadunidenses, porém a curiosidade e a gravidade da enfermidade precisou atingir personalidades icônicas para ser levada mais a sério. Milhares de pessoas já haviam morrido, segundo a documentação do CDC de dezembro 1985, 15.948 pessoas foram contaminadas e 8.161 foram a óbito nos EUA em apenas cinco anos de epidemia. Quando falamos em números, muitas vezes não nos damos conta que são vidas que se perderam e famílias que se viram sem seus entes queridos, quando humanizamos os números, podemos compreender a revolta do Dr. Harolf Jaffe no telefone com jornalistas.

Então a partir das demonstrações de Shilts podemos começar nossa investigação, pois a dificuldade de tocar no assunto da doença, não era apenas dos periódicos, noticiários de

TV, mas também de Hollywood, como veremos mais a frente. Algumas redes de televisão foram corajosas em abordar a doença, chamando profissionais da saúde, secretários da área, para falar do assunto, tentando de alguma maneira informar a sociedade com o que se sabia da enfermidade.

Mas por qual razão a indústria cinematográfica dos Estados Unidos não abordava a AIDS? Nos próximos capítulos veremos também estas discussões com críticos, jornalistas e ativistas que também discutiram este assunto, formulando hipóteses sobre as motivações do silêncio de Hollywood. Por hora vamos compreender com o historiador Flavio Vilas Bôas Trovão⁴¹ como na década de 1980 funcionava Hollywood e diante disto iremos chegar ao entendimento de que a política e a indústria cinematográfica estadunidense estavam atreladas.

Trovão (2010) nos explica que depois da indústria bélica, a indústria cinematográfica do país era a segunda mais forte na década de 1980. Com a eleição do presidente Ronald Reagan que foi ator entre as décadas de 30 e 40, citando Samuel Rossi⁴² o autor nos explica que Hollywood tinha na política um de seus integrantes. Reagan tratou de colaborar com a indústria cinematográfica estadunidense com a diminuição de impostos para o setor.

Segundo Samuel Rossi, a presença de Reagan na presidência e a sua relação com Hollywood não se limitou a medidas burocráticas ou econômicas, mas influenciou também no encaminhamento das produções cinematográficas durante seu mandato. Assim, o cinema passou a ocupar uma posição estratégica nos projetos políticos de Reagan. (TROVÃO, 2010, p. 141).

Trovão nos esclarece citando Rossi, que a relação entre Hollywood e o Governo dos EUA era de ajuda mútua, pois houve troca de favores entre eles. Nos anos em que Reagan esteve na presidência houve investimento de 85 milhões de dólares na indústria cinematográfica. Segundo o autor este dinheiro foi investido entre créditos em filmes, propagandas entre outros; com este investimento foi visto um crescimento significativo nos lucros, que em 1981 partiu de 2.8 bilhões de dólares para 4 bilhões em 1984. Novas plateias de crianças e adolescentes se formaram, e a propaganda do Governo de Reagan foi bem

⁴¹ Professor Adjunto I da Universidade Federal do Mato Grosso, autor de "O Exército Inútil de Robert Altman: cinema e política" pela Editora Anadarco (São Paulo). Pesquisador do Grupo Arte.Com (Dpto. História-UFMT/CUR).

⁴² ROSSI, Samuel. Reagan, Rambo and the red dawn. The impacts of Reagan's presidency on Hollywood of the 1980's. 2007. 112p. (Dissertação de Mestrado em Artes e Ciências).

executada e sucedida. Trovão ainda analisa alguns filmes⁴³ que abordam a guerra do Vietnã das décadas de 1970 e 1980 e esclarece que:

[...] a imagem sobre o conflito do Vietnã retratada nos filmes americanos ao longo dos anos 1970, ainda que tenha permitido bons resultados de bilheteria e crítica, não se adequar ao momento político do início dos anos 1980. Então, a partir de 1983, o que se viu foi o esforço em se recriar a imagem do soldado (ou veterano) de guerra, retratando-a de forma positiva, ao mesmo tempo em que o tema era inserido em narrativas de ação – com a exploração de efeitos especiais –, nas quais o conflito bélico passava a ser visto como uma grande aventura. Dessa forma, as plateias infanto-juvenis teriam acesso às imagens da guerra sob uma nova perspectiva, a do soldado enquanto herói. (TROVÃO, 2010, p. 144-145).

O autor explica que os filmes realizados na década de 1970 possuíam uma crítica à guerra do Vietnã e foi um sucesso em críticas e bilheteria, porém não condizia com a política dos anos 1980 que tratou de mudar isto, transformando a imagem do soldado que participou da guerra em um herói e fazendo do filme de guerra uma grande aventura. O que queremos demonstrar ao compartilhar as ideias e conclusões de Trovão (2010) é como Hollywood era influenciado pelo Governo Reagan, neste momento, e como esta indústria foi utilizada para fazer suas propagandas e influenciar sua nação e o mundo, transformando uma derrota, em um legado e honra para o soldado norte americano, visando mascarar a derrota e justificar a guerra.

Diante do exposto levantamos aqui uma hipótese, uma vez que o presidente dos EUA obtinha este pacto com a indústria cinematográfica estadunidense, a última iria investir em um filme com uma temática que o governante da nação minimizava? Ou ainda que a própria mídia ignorasse? Porquanto, na década de 1980, não havia nada que pudesse deixar um filme sobre a AIDS emocionante, bonito e honroso, ou ainda, acrescentar uma boa reputação a Reagan, pois a crise na saúde que a doença estava provocando era desesperadora e o silêncio do presidente desanimador.

A AIDS já estava em cena, pois alguns artistas já lutavam contra a doença, participando de outros trabalhos de informação para sociedade através de propagandas, seriados em TV e ainda em filmes independentes, ou feitos para a própria televisão. Muitos lutaram pela sua própria vida, depois de se contaminar com o vírus da AIDS, como Rock Hudson em 1985. Porém o medo de falar sobre a contaminação ainda era presente na indústria

⁴³ O autor cita e faz uma breve explicação de alguns filmes da década de 1970 e 1980 como: *Corações e Mentes* (*Hearts and Minds*, 1974), documentário dirigido por Peter Davis 112min. BBS Produccion, ganhador do Premio Oscar de 1974; *Taxi Driver* (1976) dirigido Martin Scorsese; *Apocalypse Now* de 1979 dirigido por Francis Ford Coppola e *Rambo* em 1982 dirigido por Ted Kocheff, posteriormente as sequencias dirigido por outros diretores.

de cinema, pois muitos tinham receio de não voltar a trabalhar depois de revelar sua condição de enfermo, foi o caso do ator Brad Davis⁴⁴:

A publicação de uma acusação angustiante da indústria cinematográfica tão indiferente e hipócrita em relação às pessoas com AIDS, escrito pelo ator Brad Davis, que morreu da doença no domingo, tocou em uma ferida exposta em uma comunidade que se orgulha sobre a abertura e a tolerância.

Sr. Davis, que atuou em “Midnight Express” e outros filmes e peças de teatro, escreveu seus pensamentos sobre Hollywood e a AIDS. Ele elaborou uma proposta de um livro para discutir os seis anos em que ele carregava o vírus HIV. Sr. Davis manteve sua doença em segredo de todos, mas sua esposa, Susan Bluestein, um diretor de elenco, e um punhado de amigos, sabiam sobre sua enfermidade e do seu grande medo de destruir sua carreira, se Hollywood soubesse sobre sua doença. (WEINRAUB, Bernard. Hollywood Called Hypocritical by Actor Who Died of AIDS. New York Times. Los Angeles. 11 Sept. 1991. Movies. Tradução nossa).

O medo de perder sua carreira fez com que o ator Brad Davis ficasse calado por longuíssimos seis anos. Ele não acreditava que pudesse revelar seu diagnóstico, sem perder tudo o que havia construído durante todos os anos de trabalho e sucesso. Não acreditava que a indústria cinematográfica fosse aceita-lo depois de conhecimento do seu diagnóstico.

Shilts (1987) também nos elucida que Rock Hudson também teve medo de revelar seu diagnóstico, quando foi descoberto que tinha a doença no hospital em Paris houve pânico:

Já então, funcionários do Hospital Americano sabiam que Hudson tinha AIDS, e queriam que o ator saísse do estabelecimento. Eles não queriam o bom nome do hospital associado com uma doença de pederastas, temendo que perdessem prestígio e pacientes. Enfermeiras estavam nervosas sobre terem que tratar de Hudson.

O dr. Dominique pediu aos funcionários do hospital para deixá-lo ver seu paciente, mas o hospital não quis saber que o especialista em AIDS pusesse os pés em seu prédio. [...]. Havia ainda o problema do que dizer a imprensa. O hospital rudemente disse aos auxiliares de Hudson que se eles não explicassem a condição do ator, o hospital o faria. Uma publicista parisiense, contratada para tratar com a imprensa local, encontrou-se com Hudson e conseguiu sua aprovação para uma breve declaração. Às 2 horas da tarde, Yannou Collart disse aos repórteres: - O sr. Hudson adquiriu a Síndrome da Imunodeficiência. [...].

⁴⁴ Nascido na Flórida em 1949, Brad Davis se mudou para a Geórgia depois de se formar na escola secundária para seguir uma carreira de ator. De lá, ele se mudou para Nova York, duas vezes, para encontrar trabalho. No início dos anos 1970 Davis estava atuando em peças off-Broadway, enquanto estudava atuando na Academia de Artes Dramáticas. Seu trabalho de palco levou a sua estreia no cinema e a programas de televisão como o hit Sybil (1976) e a minissérie Raízes (1977). Seu maior sucesso foi em 1978 com o papel principal em O Expresso da Meia-Noite (1978), onde interpretou Billy Hayes, um jovem americano preso na Turquia por contrabando de drogas. Ganhou um prêmio de Globo de Ouro. Outro papel memorável do filme em 1982 estava jogando o caráter de título de Querelle (1982), um marinheiro acidentalmente letal que seduz [...] os corações dos homens e das mulheres [...]. Davis contraiu AIDS em 1979, aparentemente devido ao seu vício em cocaína, mas em resposta à histeria anti-AIDS em Hollywood, Davis manteve sua doença em segredo por vários anos e continuou a atuar. Seus últimos anos o tiveram finalmente revelando que ele tinha AIDS e ele se tornou um ativista da AIDS em golpear a indústria de Hollywood e o governo dos EUA por ignorar e evitar as vítimas que sofrem da doença hedionda. Davis morreu em 1991 com 41 anos de idade. Sua viúva, Susan Bluestein, continua seu trabalho do ativista na luta contra a AIDS. - IMDb Mini Biografia Por: Matthew Patay. Disponível em: <<http://www.imdb.com/name/nm0001113/>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

Em San Francisco, Marcus Conant ouviu falar que Hudson tinha sido paciente de Michel Gottlieb.

– Ele teve muita coragem em admitir que contraiu a AIDS – disse Conant a Gottlieb numa conversa telefônica.

- Coragem coisa nenhuma – disse Gottlieb. – Ele desmaiou no vestibulo do hotel. (SHILTS, 1987, p. 696-697).

Na citação acima podemos entender como foi desesperador para Rock Hudson divulgar seu verdadeiro estado de saúde, nem o Hospital no qual ele se encontrava em Paris queria atendê-lo, com medo da reputação que poderia adquirir junto aos seus pacientes, por atender um portador do vírus do HIV. A conversa entre os médicos, referente ao ator também nos mostra como a AIDS poderia destruir a carreira do mesmo, e o desmaio de Hudson é mais uma prova de seu desespero diante do grande constrangimento provocada pela doença.

A decisão de artistas não falar sobre seu diagnostico na indústria cinematográfica, ou ainda na Televisão era comum, e apoiado por pessoas mais próximas, pois o estigma sobre a doença e o doente poderia acarretar vários problemas, tanto para o doente, como para quem estava o contratando. O caso de Brad Davis é discutido em uma matéria sobre sua morte e são citadas as consequências que a AIDS podia acarretar a vida de um artista. Vejamos:

“Ele estava absolutamente justificado em seu medo de não encontrar trabalho se soubesse que tinha HIV”, disse o produtor Rick Rosenberg, que fez “Robert Kennedy e His Times”, no qual Davis estreou.

“Esta cidade ficaria aterrorizada por ter um ator soropositivo em um papel de liderança”, disse Rosenberg. “Um produtor ou diretor educado poderia fazê-lo, mas a companhia de seguros diria OK? Será que o dinheiro das pessoas? Não. E na televisão, os anunciantes podem entrar em pânico”.

A reação ambivalente de Hollywood sobre a AIDS tem sido evidente desde que os publicistas de Rock Hudson divulgaram seu diagnóstico de AIDS pouco antes de morrer em 1985. Sua morte levou Elizabeth Taylor a co-fundar a Fundação Americana para a Pesquisa sobre AIDS. Mas também houve histórias sensacionais sobre Hudson beijando co-estrela Linda Evans em “Dynasty”. E, observam os críticos, nenhuma grande estrela já reconheceu publicamente ser soropositivo. (ZONANA, Victor F. Profile in Courage, Anger : Brad Davis Battled AIDS, Hollywood Indifference. Los Angeles Times. 11 Sept. 1991.).

Nesta notícia podemos observar a fala do produtor Rick Rosenberg que entendia o medo de Davis em contar a verdade sobre sua condição de saúde. Tanto as redes de televisão como Hollywood podiam renegar um artista que tivesse a enfermidade. Além de uma equipe não desejar trabalhar por medo, ou ignorância das formas de contaminação, poderiam perder patrocínio: quem gostaria de ter seu produto vinculado a doença, mesmo que a temática do filme, programa de TV, ou minissérie não fosse necessariamente sobre a AIDS, mas, tivesse um ator ou atriz portadora da enfermidade no seu elenco já seria inviável.

Nesta notícia o jornalista ainda cita o caso de Hudson e os críticos que afirmam que jamais, naquele período uma estrela da TV ou do cinema reconheceria que tinha AIDS. A participação do ator na minissérie “Dinastia” em 1985 antes de saber do diagnóstico, mostrava cenas de beijos com a atriz Linda Evans. Houve especulações acerca da atriz se poderia estar contaminada, e ainda que estivessem sendo pagos para o elenco da minissérie testes de AIDS, ganharam os tablóides. Em entrevista, a atriz e a equipe da série negaram os boatos; além destes rumores, houve muitas pequenas notas dando conta que muitas atrizes passaram a se negar a beijar outros atores, principalmente, aqueles que já haviam se assumido ser gays por medo de adquirir AIDS⁴⁵.

Contudo, como veremos nos próximos capítulos houve produções fílmicas, seriados de TV, programações que abordaram a temática da AIDS. Neste tópico vamos abordar dois filmes que estão entre o período dos filmes escolhidos: **AIDS, Aconteceu comigo** (1985) e **Filadélfia** (1993), que foram importantes segundo os críticos; não faremos uma análise dos filmes em si, mas das críticas dos mesmos para compreender como esta temática estava se desenrolando entre 1985 a 1993, e a recepção dos jornalistas e críticos, que acabaram de certa forma por expressar também os ânimos sociais referente a doença e as produções sobre a temática.

As recepções dos filmes escolhidos foram: **Meu querido companheiro**⁴⁶ (Longtime Companion) (1989) dirigido por Norman René e **Nossos Filhos**⁴⁷ (Our Sons) (1991), dirigido John Erman. Estas obras foram escolhidas, primeiro por ter como principal temática a AIDS, segundo porque ocorrem entre o período dos filmes que escolhemos para analisar na Dissertação e por último, porque nas fontes da recepção dos filmes que iremos analisar, quase sempre havia citações, ou comparações destes filmes, e por estes motivos nós consideramos importante compartilhar em nossa pesquisa.

O filme **Meu querido companheiro** de 1989 é um longa metragem de produção independente que ganhou uma fantástica notoriedade entre os críticos de cinema. Tivão

⁴⁵ Disponível em: <http://articles.latimes.com/1985-08-02/entertainment/ca-5790_1_aids>. Acesso em: 14 fev. 2017.

⁴⁶ Meu Querido Companheiro (Longtime Companion). Direção: Norman René. Fotografia: Tony Janelli. Produção: Stan Wlodkowski. Roteiro: Craig Lucas. Intérpretes: Stephen Caffrey, Patrick Cassidy, Brian Cousins, Bruce Davison, John Dossett, Mark Lamos, Dermont Multoney, Michael Schoeffling, Campbell Scott. New York: Companion Film, 1989. 1DVD (96min). stereo. color. english (legendas em português).

⁴⁷ Nossos Filhos 1991 (Our Sons). Direção: John Erman. Roteiro: Micki Dickoff e William Hanley. Música John Morris. Produção: Philip Kleinbarth. Edição: Robert Florio. Diretor de Fotografia: Tony Imi. Interpretes: Hugh Grant, Julie Andrews, Zeljko Ivanek e Ann Margret.

(2013) escreveu um artigo sobre este filme⁴⁸, e esclarece que para a realização desta obra houve apoio do Governo municipal e estadual de Nova York, do CDC e de médicos e pacientes que lidaram com a AIDS na década de 1980. O roteirista do filme Craig Lucas e o Diretor Norman René ambos eram homossexuais, e muito do que foi representado no filme era próxima a realidade dos produtores, inclusive a enfermidade, pois René se contaminou em 1980 e foi a óbito em 1996 em decorrência das complicações da AIDS.

O filme narra a história de um grupo de amigos na cidade de Nova York certo dia ao abrir o jornal para ler as notícias pela manhã, depara-se com informações pouco esclarecedoras sobre uma nova doença que estava acometendo, principalmente, a comunidade homossexual, na matéria de New York Times de 1981 chamada de Câncer Gay. No primeiro momento o Grupo não fica aflito, e segue a vida sem se preocupar com a nova Síndrome. O filme representa o modo de vida de muitos homossexuais, com mais de um parceiro, festas e etc. Contudo foca neste grupo de amigos, que cada um já havia encontrado seu parceiro, não sentido a necessidade de obter outras relações sexuais com outras pessoas.

Porém a AIDS se mostra implacável e do grupo de seis amigos, três dos homens morrem, um casal permanece bem e a única mulher do grupo também não fica enferma. O filme retrata os primeiros anos da epidemia e o medo dos homossexuais, mudanças de comportamento em meio às inúmeras mortes. **Meu querido companheiro** representa a luta destes homens e o companheirismo para enfrentar a AIDS, com a organização dos homossexuais em ONG's e as primeiras tentativas de tratamentos.

As recepções referentes ao filme foram diversas. Observamos nas crônicas escolhidas por Trovão (2013) a boa recepção que obteve o filme, diante dos críticos selecionados pelo autor, porém encontramos outras críticas e notícias positivas, e outras notícias, que iremos discutir, mostrando a relevância de um filme de ficção pode influenciar opiniões públicas.

Inicialmente, vale destacar que quase todos os diretores e parte de sua equipe como os roteiristas, por exemplo, que estamos trabalhando nesta Dissertação em algum momento tiveram contato com a doença, ou por sua própria experiência, como é o caso de

⁴⁸ 30 ANOS DE ISOLAMENTO: o HIV e a trajetória da AIDS no filme “Meu querido companheiro” Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 26, n. 2 - Jul/Dez. 2013 – ISSN online 1981-3082.

Trovão (2013) fez uma interessante análise do filme, do período, e de exatamente três crônicas críticas dos conceituados críticos: Roger Ebert, apresentador de programas na televisão, roteirista e crítico de cinema do jornal Chicago SunTimes; RollingStone, PeterTravers, membro do New York Critics Circle e âncora de um programa de entrevistas na rede ABCNews de televisão e Owen Gleiberman é crítico de cinema da revista Entertainment Weekly desde 1990 e também é membro do New York Film Critics Circle.

Norman René, ou porque tiveram amigos próximos, ou conhecidos que padeceram da enfermidade como Craig Lucas:

Às vezes, Lucas diz que se sente “engolido pela coisa toda”. Ele vive com um médico cujos pacientes incluem pessoas com AIDS. Lucas tentou agora, fazer listas, contagens dos amigos que morreram, mas dúvidas sobre o número de quantificar as perdas mantiveram-no de completar a tarefa.

“Se eu estou vindo transversalmente como uma pessoa centrada saudável, você está me recebendo em um “bom dia”, diz ele”. “Eu tenho dias ruins”. “Tenho noites que eu tenho bebido muito e desejo que eu não tivesse”. Duas semanas antes, ele tinha chamado um amigo hospitalizado com AIDS para dizer que ele estava pensando nele e iria visita-lo. “Eu esqueci”. “Bem, eu não esqueci”. “Eu tinha-o no bloco de anotações, que ainda está no teclado”. [...] agitando o bloco amarelo que ele usa para anotar lembretes de obrigações. “E eu não fui vê-lo”. (SPAN, Paula. *The Playwright As Witness*. Washington Post. New York. 25 May. 1990. Tradução nossa).

A declaração do roteirista a jornalista é reveladora, pois ele demonstra seus sentimentos estavam confusos em relação ao que a enfermidade estava provocando em seu meio social, isto o aterrorizava ao ponto de tentar encontrar refugio no álcool para tentar amenizar sua agonia diante o que estava acontecendo ao seu redor e com seus amigos.

Lucas não encontra coragem para visitar seu amigo que esta morrendo de AIDS e o deixa partir sem sua presença. Vemos o quanto ele se sente mal por isso. Um ex-companheiro de Lucas também já havia morrido da doença. Porém ao escrever o roteiro de **Meu querido companheiro** é a forma que ele encontrou além de informar, explorar seus medos da enfermidade, através dos personagens. Vejamos ainda:

Um homem vai ao hospital para visitar um amigo diagnosticado com AIDS. Ele lhe dá um beijinho na bochecha. Então ele vai para o banheiro e esfrega freneticamente a boca, usando toalhas de papel; liga as torneiras da pia [...] e desliga. É uma cena, fixada e aterrorizante e menos informativa de 1984, a partir de um novo filme chamado “Longtime Companion”. É também uma cena da vida e dos tempos de 39 anos do dramaturgo Craig Lucas.

Tentando lavar micróbios? “Eu fiz isso”, diz Lucas, que escreveu o roteiro. “Sei de pessoas que fizeram isso. Eu não conheço ninguém que não fez isso”. (...) “mas isso é diferente, é uma crônica de uma coisa que eu sei sobre”, diz ele. “Isso é algo que eu testemunhei”. (SPAN, Paula. *The Playwright As Witness*. Washington Post. New York. 25 May. 1990. Tradução nossa).

Nesta citação observamos que Lucas colocou na obra fílmica uma experiência pessoal, e ainda garante que outras pessoas haviam feito o mesmo como, por exemplo, se higienizar após um contato casual como um beijo em alguém que era portador, ou já havia desenvolvido a enfermidade. O filme foi uma reprodução ficcional do que estava acontecendo nos primeiros anos de epidemia, que pouquíssimo se sabia sobre o agente causador,

contaminação e consequências da AIDS, com a única certeza do óbito de quem a adquiria. Então primeiro a descrença em relação à doença, depois o medo do desconhecido, foram duas questões muito bem exploradas na obra.

Para realizar a produção de um filme é necessário investimento, permissões entre outros detalhes⁴⁹. **Meu querido companheiro** foi patrocinado pelos Governos de Nova Iorque, com as colaborações do CDC, médicos e pacientes da enfermidade e os próprios produtores também investiram recursos financeiros para realização do filme, muitos ficaram tocados com a obra, mas não o suficiente para investir e distribuí-la:

As reações ao filme foram consistentes. Todo mundo continuou dizendo: “É ótimo, tenho um tremendo respeito, por isso, sei que você vai ter um distribuidor para isso, mas não é certo para nós”, lembrou Wlodkowski. “Ficou muito frustrante, porque alguém tem que se arriscar”. Não é de surpreender que a fonte do fluxo constante de rejeições fosse comercial e não artística. A Samuel Goldwyn Company, que assinaria três meses depois, transmitiu o filme quando foi oferecido em outubro. Ele havia recusado o roteiro durante a fase de desenvolvimento, citando a falta de “nomes” no elenco. “Foi a primeira empresa que enviamos uma cópia para dois dias, depois que foi exibido em Mill Valley”, disse Law. “Conheço Tom Rothman, seu chefe de produção mundial, pessoalmente, e tenho trabalhado com ele”. Eles se sentaram no muro por cerca de 10 dias e decidiram não pegá-lo, mas deixaram a porta aberta, dizendo: ‘Se em alguns meses você ainda estiver tendo problemas, deixe-nos saber’. (MICHAUD, Christopher. FILM; Is There a Distributor Out There for This Film? New York Times. 18 Mar. 1990. Tradução nossa).

Podemos ver na citação acima a dificuldade que os produtores do filme tiveram para conseguir uma empresa de distribuição para o filme. Foram necessárias apresentações em eventos para sua divulgação, contudo, foram mês recebendo diversas negativas. Um filme que abordava a temática da AIDS referindo-se ainda a homossexuais não era fácil encontrar distribuidores, contudo depois de uma apresentação em Nova Iorque, o filme ganhou status suficiente para a distribuidora Samuel Company, que finalmente decidiu aceitar distribuir o filme.

Ainda sobre a produção houve também a preocupação de solicitar permissões dos locais onde cenas foram gravadas, (comum em outras obras filmicas), mas, principalmente neste caso uma comunidade na praia. O espaço foi cedido, apenas com a prerrogativa de que não fosse divulgado onde seria e ainda Lucas na mesma entrevista explica o porquê:

⁴⁹ A jornalista Ana Maria Bahiana em sua obra Como ver um Filme (2012), explica que uma obra fílmica, mesmo quando considerado barata é cara, então é necessário deste do início de sua produção saber se haverá público que se interesse pelo o filme, patrocinadores disposto a investir na produção, para escolhas como cenários, atores etc possa acontecer. (BAHIANA, 2012, p. 18).

As cenas de verão em uma praia que se parece muito como Fire Island foram filmadas com permissão da associação dos proprietários locais, com a ressalva de que ninguém relacionado com a produção poderia mencionar o nome da comunidade, sob pena de ação judicial. Talvez tenha sido o frágil ecossistema dos proprietários (quase todos gays observam a lei). estavam preocupados, ou talvez não. “Eu acho que eles estavam com medo de represálias políticas, as pessoas vindo e queimando suas casas e pondo-as a baixo”, disse Lucas. “E você diria, 'Oh, nós não vivemos em um país como esse’”. “E então você pensa nessa família na Arcádia, na Flórida, que foi queimada sua casa, porque seus filhos tinham AIDS”. (SPAN, Paula. *The Playwright As Witness*. Washington Post. New York. 25 May. 1990. Tradução nossa).

Consideramos importante toda esta entrevista, pois Craig Lucas além de falar de como se deu o processo do filme, também nos revela do que precisou enfrentar para concebê-lo, revelando como os rumores da doença estavam se sucedendo naquele período na sociedade. O fato da comunidade da Ilha onde as cenas da praia foram gravadas não querer que houvesse divulgação, e a sugestão de Lucas do motivo do qual ele acreditava é interessante, pois tornar-se visível a intolerância e o preconceito que muitos doentes estavam sofrendo por conta da enfermidade, pois já havia acontecido uma vez na Florida como nos narra Lucas. A AIDS pode ser caracterizada como um estigma, como nos fala Goffman (1963), uma marca no indivíduo, que nunca mais o deixará ser considerado um ser humano completo novamente.

Uma característica comum em quase todos os filmes que estamos apresentando e trabalhando na dissertação tem haver que os personagens principais que sofrem de AIDS, na grande maioria são de classe media alta, possuem recursos para se tratar, mesmo que o período que as narrativas se localizam, os modos de tratamentos são muito iniciais, não havia nenhuma certeza da eficácia de medicamentos.

O filme **Nossos Filhos** narra Historia de duas mulheres Luanne (Ann Margret) e Audrey (Julie Andrews) que são mães de um casal homossexual: Donald (Zeliko Ivanek) e James (Hugh Grant) respectivamente, todavia, o arquiteto Donald esta morrendo de AIDS sua mãe Luanne é garçonete no Arkansas, e não aceitava o filho por sua orientação sexual. Contudo ela é confrontada pela mãe de James, para estar junto ao filho em seus momentos finais de vida. O fato é que Audrey (Julie Andrews), apenas tolerava a orientação sexual de James, e isto ela descobre, quando esta frente à Luanne que nunca aceitou Donald por ele ser homossexual.

O diretor John Erman nesta obra discutiu o preconceito a homossexualidade e a AIDS, confronta inicialmente os telespectadores da ABC com a história de duas mães que tem filhos homossexuais. Suas personagens são completamente diferentes, em relação à posição

social e comportamentos, porém referente à homossexualidade possuem opiniões parecidas, mesmo que personagem de Julie Andrews acreditasse que havia superado o preconceito em relação à orientação sexual do filho James. Porém no contato com Luanne (Ann Margaret), que ainda não conseguiu aceitar a orientação do filho.

Segundo Stephan Ferber jornalista do New York Times John Erman revela que se sente mais a vontade para realização deste filme, pois, não a tanta pressão nas montagens das cenas, ou sobre as falas dos personagens, (diferente, de **AIDS, Aconteceu comigo** (1985) onde o filme foi supervisionado do início ao fim e com censuras por parte da emissora NBC) não há cenas íntimas entre o casal homossexual.

[...] ele não queria repetir o que tinha feito naquele filme. “Eu tenho Bill Hanley para tirar todo o possível sobre a doença”, disse Erman. “Nós só tiramos três dias no hospital. Eu acho que as pessoas estão doentes de shows de doença.” Para o Sr. Erman, valor principal do filme reside em expor uma corrente de homofobia em pessoas aparentemente esclarecidas. “Um monte de liberais pensam que aceitam a homossexualidade”, ele pensou, “mas quando ele realmente atinge a sua casa, como é que se sente”? (FARBER. Stephen. A Decade Into the AIDS Epidemic, The TV Networks Are Still Nervous. New York Times. Los Angeles. 30 Apr. 1991. Tradução nossa).

Quando o Erman fala que não queria repetir o que havia feito “naquele filme”, se refere a **AIDS, Aconteceu comigo**, para o diretor seu filme anterior a **Nossos Filhos**, foi um show de doença, a AIDS foi o assunto principal do filme, o diretor não teve a “liberdade” que obteve com esta nova produção. Em **Nossos Filhos** o filme toca no assunto da AIDS de uma forma diferente, pois agora o foco não é apenas a doença, mas a questão da homofobia⁵⁰; para Erman era importante que a televisão pudesse avançar cada vez mais em suas fronteiras temáticas, pois ele combatia em suas obras, principalmente os preconceitos contra os homossexuais e contra a AIDS.

Contudo, o diretor sabia que para falar sobre este tipo de assunto, era necessário ter cautela, pois corria o risco da obra não ser aceita se fosse ousada demais. Naquele período para tratar assuntos como homossexualidade e AIDS nas redes de TV o profissional precisava dar um passo de cada vez, sem ter muita pressa. O diretor em entrevista ainda admite que.

⁵⁰ Segundo o Sociólogo Rogério Diniz Junqueira o termo “homofobia” é um neologismo cunhado pelo psicólogo clínico George Weinberg (1972), que agrupou dois radicais gregos: semelhante e medo – para definir sentimentos negativos em relação a homossexuais e às homossexualidades, ainda em 1972. Nossa fonte é de 1991 na língua original inglês da matéria já é utilizado o termo homofobia.

[...] “me senti frustrado pela televisão abordar apenas indiretamente uma história sobre AIDS e homossexualidade. Eu gostaria que a televisão tomasse passos maiores do que ele está tomando”, disse ele. “É muito mais seguro lidar com as duas mães. Mas eu acho que esse script tem uma grande dose de humanidade. Espero que ele incentive a compaixão”.

Dadas as pressões econômicas sobre as redes, é provavelmente irrealista esperar um filme mais ousado do que “Nossos filhos”. “Um filme voltado para a comunidade gay seria demasiado, restritiva, focado”, disse Sabinson. “Essa não é a audiência para a rede de televisão”. Acho que iria conduzir o espectador para longe se enfatizamos os dois homens. Com Julie Andrews e Ann-Margaret nas derivações, que pode ter dado a história apelo mais amplo. (FARBER. Stephen. *A Decade Into the AIDS Epidemic, The TV Networks Are Still Nervous*. New York Times. Los Angeles. 30 Apr. 1991. Tradução nossa).

O diretor usou de sua experiência e sensibilidade para tocar mais uma vez no assunto da AIDS, agora dando mais foco à homossexualidade. Através de duas mães, uma ao ponto de perder seu filho para AIDS e da outra que não sabia se seu filho também estava contaminado. O apelo para as dores das mães foi aposta segura e interessante, para chamar a atenção e rogar a “humanidade” do telespectador.

Outro ponto que Erman foi feliz em tocar em sua obra, foi com a personagem de Julie Andrews, pois através dela o diretor fez uma denúncia contra a hipocrisia de quem ainda camuflava o preconceito contra homossexuais. Allen Sabinson, o vice-presidente executivo encarregado de filmes para a televisão na ABC, acreditava que um filme mais aprofundado que este não era possível, pois poderia sofrer sérios problemas:

[...] o vice-presidente executivo encarregado de filmes para a televisão na ABC, admite que estava nervoso sobre potenciais perdas de publicidade sobre “nossos filhos”.

“A homossexualidade é um dos maiores tabus” (...), disse Sabinson. “Mas o meu departamento de vendas me disse que, se eles têm o filme e tempo de sobra para mostrar aos anunciantes, eles podem garantir que não haverá desistência de última hora. E se alguns patrocinadores voltarem atrás teremos tempo para encontrar outros”.

Para acalmar a controvérsia, todos os cineastas minimizam o enredo AIDS em falar sobre o filme. “A Aids é apenas o catalisador que traz estas duas mulheres juntas”, disse Ann-Margaret. “É uma história sobre o que essas mulheres aprendem uma com a outra, e é em última análise, sobre o amor incondicional de duas mães por seus filhos”. (FARBER. Stephen. *A Decade Into the AIDS Epidemic, The TV Networks Are Still Nervous*. New York Times. Los Angeles. 30 Apr. 1991. Tradução nossa).

Na citação acima, fica claro que assuntos como homossexualidade e AIDS eram temidos pelas emissoras, todo cuidado era pouco, pois investidores, anunciantes e outros colaboradores financeiros poderiam se negar a investir se a temática não interessasse. A homossexualidade e a AIDS não era atrativa, muitos não aceitavam o tratamento destas temáticas, por este motivo era necessário, uma boa organização, para não ter surpresas mais

adiante com a desistência de investimentos para o filme. Mesmo tratando da homossexualidade, a atriz Ann Margaret tenta justificar que o sofrimento das mães é a principal questão do filme, não discordamos da atriz, porém este foi o modo que Erman encontrou para tratar de assuntos como homossexualidade e AIDS. Pois eram assuntos que ainda início da década de 1990, precisavam “embalados” para serem tratados.

Em maio de 1991 quando **Nossos Filhos** foi lançado, Connor escreveu uma crítica muito positiva ao filme:

Esta é uma produção muito cuidadosamente construída e elegante, escrito por William Hanley (“The Kennedys of Massachusetts”) e dirigido por John Erman (“An Early Frost”). É um raro exemplo de um grande filme de rede lidar com simpatia e comovente com homossexuais e a AIDS. Última vez que isso aconteceu, o último esforço foi “An Early Frost”, em 1985.

“Nossos Filhos”, em seguida, pode-se esperar que deixasse a comunidade gay razoavelmente satisfeita. Talvez até mesmo um pouco de gratidão fosse à lógica. Não conte com isso. Muitos homossexuais hoje não se contentam com migalhas ocasionais do tabuleiro gemendo da cultura popular. Eles estão fartos de ver as suas próprias existências vistas principalmente como “controversas”. Até mesmo os mais sensíveis filmes ocasionalmente usar estratégias de distanciamento, explorando, não a vida dos homossexuais, mas o fretting angustiado de seus pais ou amigos. (O’CONNOR, John J. Gay Images: TV’s Mixed Signals. New York Times. 11 May. 1991. Tradução nossa).

Connor inicialmente elogia a produção de **Nossos Filhos** e fala da sensibilidade do roteirista e do diretor em tocar em assuntos como a AIDS e a homossexualidade com tanto cuidado, porém o que questionamos aqui é este cuidado era realmente em consideração aos homossexuais que estavam enfermos de AIDS, ou para não escandalizar a sociedade? Como estamos constando através das fontes, o cuidado meticuloso em filmes sobre homossexualidade, pensava-se no público que iria receber, ou ainda em quem estaria disposto a patrocinar.

O crítico continua e diz que os homossexuais não se contentam mais com as representações que lhe são feitas, como sendo o foco do problema ou o diferente. Mesmo com uma boa intenção, ou uma boa história segundo o crítico Connor, a parte da comunidade homossexual não se via bem representada nos filmes ou nas programações de TV, eles ansiavam por mais.

Compreendemos com Chartier (2002) que cada grupo possui sua maneira de representação da realidade, cada grupo social dita o que é certo ou errado, o que elucida o porquê de algumas emissoras temerem falar de assuntos como a AIDS e a homossexualidade

de forma livre e natural no período, pois dependiam de seus telespectadores, que em sua grande maioria, não aceitavam bem a temática homossexual, ou ainda da enfermidade.

Apesar dos grandes obstáculos artistas, diretores e produtores lutavam para abordar a enfermidade. Tentando conciliar sua ideia com as diversas cobranças que enfrentavam nas redes de Tv, e ainda dos grupos sociais, que não queriam ser representados de qualquer maneira, mas de maneira que consideravam corretas segundo as suas concepções.

3 “NÃO É SÓ PNEUMONIA MÃE. ESTOU COM AIDS”: AS REPRESENTAÇÕES E ESTIGMAS DA AIDS, NO FILME AIDS ACONTECEU COMIGO 1985.

Neste capítulo iremos analisar notícias e críticas que abordam a produção e recepção da obra fílmica: **Aids, Aconteceu comigo** de 1985. Para nós foi importante compreender como este filme foi produzido e quais foram as dificuldades da sua produção. Observar se houve algum tipo de censura: e se existiu de que maneira aconteceu? Como a emissora responsável pela veiculação do filme se comportou referente esta temática e porque abordar um tema como a AIDS em um filme ainda nos anos 1980, quando a enfermidade era ainda uma incógnita?

Após a exibição do filme quais foram as notícias sobre ele e como os críticos o receberam também é o que abordamos neste capítulo, pois é interessante entender como se deu a recepção ao filme **Aids, Aconteceu comigo** que impactou os seus telespectadores e impôs debates e ações referente a doença. Nesse sentido, então, iremos analisar a razão destas mobilizações e como o filme sobre a doença foi utilizado para isto.

Ainda neste capítulo iremos analisar o filme, porém dividimos em dois momentos; o primeiro momento é quando o personagem principal Michel (Aidan Quinn) ainda acha que é uma pessoa “normal”, e logo depois representa uma pessoa *desacreditável*, que anda consegue esconder seu diagnóstico e se passa por uma pessoa sem nenhum indicio em sua vida que o diferencie dos demais na sociedade ficcional.

Em seguida no segundo momento do filme é quando o personagem vira um *desacreditado*, ele não possui as marcas notórias da enfermidade, entretanto, revela seu diagnóstico para a sua família, que fica dividida entre julgá-lo ou apoiá-lo. Ele passa a ser *desacreditado*, e como se tudo que ele havia construído em suas relações passassem a desmoronar. Neste capítulo também de forma ainda sutil vemos como foi representado o doente heterossexual e o doente homossexual, e como a doença estava relacionada a questão moral.

3.1 “NÃO QUERO ENTRAR... ELE ESTÁ COM AIDS”: PRODUÇÃO DO FILME AIDS, ACONTECEU COMIGO.

Produzir filmes sobre a AIDS, não era simples. Para ser realizados e distribuídos, havia uma série de obstáculos que um Diretor e toda a sua equipe deveriam ultrapassar. Não

era apenas a AIDS vista como um problema, mas como já apresentamos e ainda ao decorrer de toda a Dissertação será retomada essa questão: a homossexualidade era um assunto que ainda na década de 1980 e no início da década de 1990, era ainda tabu na sociedade. Produções sobre a AIDS naquele momento envolveria questões religiosas e políticas: havia resistência em abordar algo que estivesse relacionado ao tema que se referisse aos homossexuais e como estava relacionado, então podemos imaginar quão problemático era levantar financiamentos, conseguir um estúdio, entre outros problemas.

O primeiro filme a tratar da AIDS, nos EUA foi **AIDS, Aconteceu comigo** em 1985. Dirigido por Jonh Erman o filme alcançou grande notoriedade e prêmios, que abordaremos mais adiante na recepção. Contudo, não foi um caminho fácil a ser trilhado pelo Diretor e sua equipe. Em parte por ser a primeira obra fílmica a tratar do assunto. Neste caso específico, os cuidados foram inúmeros em virtude da censura da emissora sobre este trabalho.

O roteiro foi revisto mais de dez vezes, falas tiveram seu conteúdo mudado, tudo isso para não “escandalizar” os telespectadores e não perder o apoio dos patrocinadores, além disto, todo o cuidado para atualizar as informações sobre a AIDS que mudavam a cada descoberta, principalmente sobre o agente causador da enfermidade. Porém, a AIDS era uma questão que não poderia ser mais ignorada, e o que fosse possível fazer para discutir o assunto estava sendo considerado válido, pois a doença, não esperava que ninguém a entendesse para deixar de causar inúmeras mortes.

O drama familiar vivido pelo personagem Michel de Aidan Quinn foi uma representação de que pode ter ocorrido em algumas famílias estadunidenses ao descobrir um ente querido contaminado com a AIDS. Esta conclusão chegou às pessoas que estavam envolvidas na produção do filme e de alguns dos críticos e jornalistas que noticiaram o filme. Vejamos:

Como o filme da NBC, *An Early Frost*, revela dramaticamente a AIDS e a libera em uma montanha russa de revelações e as reações quando afeta uma família - especialmente quando, como em até 50% de todos os casos de AIDS entre homens homossexuais, os pais aprendem em uma mesma sessão que seu filho é gay e que ele está morrendo. No subterrâneo gay, o chamado duplo golpe produziu sua própria piada perversa: Qual é a parte mais difícil de ter AIDS? Convencer seus pais que você é haitiano? Para as contrapartes da vida real dos personagens em *An Early Frost*, a situação não tem a nitidez do drama de TV. Atualmente, existem mais de 14 mil pessoas com AIDS neste país, a maioria de homossexuais e bissexuais - mas, para as famílias envolvidas, há um número incalculável de respostas à doença. Esta é a história da reação de uma família. (HALLER, Scot. AIDS in the Family. People. 18 Nov. 1985. Tradução nossa).

Na citação acima Scot Haller editor sênior da Revista People fala sobre o filme **AIDS, aconteceu comigo**, sobre o assunto que seria tratado na Televisão na sala de milhares de norte americanos. Percebemos que não é considerado um assunto agradável, pelo contrário, a dificuldade de falar sobre o assunto, não apenas pela mídia, mas em todas as instâncias. Muitos que foram acometidos pela doença naquele período, só revelaram sua orientação sexual para a família depois da descoberta do diagnóstico.

Haller compara falar sobre a AIDS, com uma montanha russa de emoções, que certamente causam um grande impacto. Descobrir que um filho esta com AIDS e era homossexual, segundo o editor utilizando-se de uma expressão da comunidade homossexual era um duplo golpe, pois a dificuldade além da doença era a homossexualidade de ser aceita. O crítico ainda cita os haitianos, referindo-se a doença, pois segundo Haller também eram considerados pertencentes ao grupo de risco, sobre isso nos esclarece Tronca (2000):

De fato, nos EUA, os clássicos “grupos de risco”, os quatro Hs (homossexuais, hemofílicos, heroinômanos e haitianos), mais seus parceiros sexuais sem especificação, frequentemente gênero, mais o outro são as categorias representadas na maior parte dos discursos científicos. (TRONCA, 2000, p. 137).

O fato de haitianos serem considerados parte do Grupo de Risco, não nos impressiona, pois como o próprio autor menciona em sua obra a doença possui uma geografia, para nenhum país era interessante ser o berço da enfermidade, e estrangeiros apresentando a doença era um motivo para responsabiliza-los de ter trazido a enfermidade para o país.

Contudo, os filmes, as series e os programas de TV davam ênfase, principalmente aos homossexuais, pois eram os que estavam em destaque por causa do número de acometidos e de óbitos. É interessante perceber como uma produção fílmica pode levantar diferentes questões, tocando em uma complexa temática da AIDS. Um dos motivos pelos quais há um grande cuidado na produção de AIDS, aconteceu comigo é exatamente a preocupação com a repercussão:

[...]. Quando “Frost” foi sugerido pela primeira vez como um filme de TV, Lafferty era um executivo sênior de programação da NBC e apoiou a proposta. Ele diz que não foi muito difícil obter um adiantamento para um roteiro, embora tenha levado vários dias de reuniões antes do projeto ter sido aprovado pela rede [...]. “Principalmente, eles estavam preocupados que nós apresentássemos um retrato justo da comunidade homossexual, que ele (o filme) não fosse carregado em seu favor (dos homossexuais) ou contra eles, que nós não teríamos nenhuma imprecisão técnica sobre a Doença, e que nós não colocaríamos o público americano em pânico”. (SHARBUTT, Jay. ‘Early Frost’ A Dramatic Look At Aids. Los Angeles Times. 04 Nov. 1985. Tradução nossa).

O produtor sênior da NBC Perry Lafferty explica na entrevista como era o comportamento da emissora, mesmo se tratando de um filme ficcional as informações no filme, não poderiam ser equivocadas, interessante também observarmos a questão referente aos homossexuais, pois ao mesmo tempo em que a emissora não queria julgá-los, também não queria defendê-los. A posição na concepção da emissora era “neutra” em relação à doença e a homossexualidade.

Nesse sentido, a preocupação da NBC em não passar nenhuma informação errada sobre a enfermidade, para não causar pânico no público e causar mais preconceitos e estigmas contra os enfermos, expressava-se na especial atenção ao cuidado de como falar sobre a enfermidade. No início da epidemia, sem dados comprovados referentes à doença, muitos equívocos foram cometidos e preconceitos exacerbados. Sontag nos oferece um exemplo de como a doença podia ser noticiada em tom alarmista da Revista Times de 1986⁵¹.

[...]. Um sistema de defesa cujas células “entre outras coisas, produzem anticorpos para enfrentar a ameaça” naturalmente não é capaz de derrotar um invasor que tem uma “única meta”. E a atmosfera de ficção científica que já encontramos no discurso sobre o câncer torna-se ainda mais acentuada nos textos sobre AIDS – esse exemplo foi extraído de um número da revista Time do final de 1986 –, em que o processo de infecção é descrito com uma linguagem apropriada à espécie de guerra high – tech para a qual estamos sendo preparados (e treinados) pelas fantasias de nossos líderes e pelos videogames. (SONTAG, 2007, p. 91).

Além do contexto da Guerra Fria, a autora identifica na notícia a ficção científica e ainda um aspecto de jogo de vídeo game, uma guerra que o agente infeccioso trava no corpo do seu hospedeiro, contudo, a forma que a notícia é lançada para a sociedade pode interferir no modo como a mesma irá receber e tratar a pessoa que possui a enfermidade. Como Sontag mostra na reportagem dentro do enfermo já está acontecendo uma “guerra”; Nós compreendemos que uma má interpretação da notícia sobre a AIDS provocaria ainda mais pavor na sociedade e não apenas da doença, mas do doente. Essa foi uma das preocupações que a emissora demonstrou em produzir um filme sobre a enfermidade.

⁵¹ O invasor é minúsculo, cerca de 16 mil vezes menor que uma cabeça de alfinete. [...] Os macrófagos, células grandes que são agentes do sistema imunológico do organismo, detectam a presença do pequeno alienígena e imediatamente alertam o sistema imunológico. Esse começa a mobilizar um grande número de células que, entre outras coisas, produzem anticorpos para enfrentar a ameaça. Obstadamente, o vírus da AIDS ignora muitos dos glóbulos sanguíneos que encontra em seu caminho, esquia-se dos defensores, que avançam rapidamente, e atinge sua única meta, uma célula auxiliar T, a principal coordenadora do sistema imunológico. [...]. Revista Times (1986). (SONTAG, 2007, p. 91).

Lafferty ainda fez questão de esclarecer que o filme não estava sendo lançado em novembro de 1985, com influencia do que havia acontecido com Hudson. Pois depois de anos produzindo o primeiro filme sobre a temática em 1985 houve segurança de anuncia-lo:

O drama irá ao ar em um momento em que os americanos podem se sentir inundados por notícias sobre AIDS - muito por causa da cobertura pesada dada a divulgação no último verão que o ator Rock Hudson a estrela, tinha a doença. Esta morreu dois de outubro de complicações decorrentes dela (AIDS). Mas “Frost” não pode ser acusado, como às vezes acontece com outros dramas tópicos na TV, de ser uma tentativa apressada de ganhar dinheiro com uma questão emocionalmente carregada, atualmente, nas manchetes. Em entrevista recente, Lafferty e Stephen W. White, vice-presidente de TV da NBC, observaram que a aprovação para iniciar a produção foi dada e anunciada em junho passado, um mês antes de Hudson surpreender o mundo dizendo que ele tinha AIDS. NBC deu a luz verde para os escritores Ron Cowen e Daniel Lipman para começar a trabalhar no “Frost” teleplay no início de 1983, uma época em que a AIDS tendia a ser nas costas dos jornais. (SHARBUTT, Jay. ‘Earl Front’ A Dramática Look At Aids. Los Angeles Times. 04 Nov. 1985. Tradução nossa).

É interesse a colocação do produtor, e do vice-presidente da NBC sobre o filme, pois, eles esclarecem que a obra fílmica, não é para conseguir ibope, com um efeito sensacionalista de um assunto como a AIDS que ganhou destaque em 1985, devido Rock Hudson ter ficado enfermo; desde 1983 o filme estava sendo elaborado e antes mesmo de Hudson ter anunciado sua enfermidade, o filme já estava planejado e com data para ser lançado na Televisão. Lafferty e White na justificativa fazem menção aos jornais que estavam de costas viradas para a AIDS, enquanto eles já procuravam produzir um filme sobre a temática.

Outras emissoras de TV como a American Broadcasting Company - ABC e Columbia Broadcasting System - CSB comentaram a respeito de a NBC estar lançando um filme sobre a AIDS e justificam-se de não ter feito antes:

Nem a CBS nem a ABC têm agora qualquer filme de TV com tema de AIDS sob consideração, dizem os executivos dessas redes. Isso não é por causa dos temores de que as pessoas estejam cansadas do tópico, ou que possam repelir os espectadores ou anunciantes, explicam eles, mas porque nenhuma das redes ainda tem um roteiro valioso sobre o assunto. “Você tem que ter cuidado para não ser explorador”, observa Harvey Shephard, vice-presidente sênior de programação da CBS em Los Angeles. Bruce J. Sallan, vice-presidente da ABC para filmes de TV, disse que sua rede recebeu e rejeitou muitas propostas de filmes com temas de AIDS neste ano, a maioria deles chegando antes da divulgação sobre Hudson. Muitas dessas submissões apareceram após a transmissão da ABC em fevereiro de “Consenting Adults”, sobre um garoto de idade universitária que disse a seus pais que era gay. Muitas das propostas eram semelhantes às que se tornou o filme da NBC, diz Sallan.

Mas o “Front” da NBC estava perto de ser aprovado para a produção até então, diz ele, “e eu não ia tentar apressar algo para vencê-los. Eu não acho que isso é apropriado”.

“Não é um tratamento exploratório da Aids, é um projeto feito com sensibilidade”, disse Sallan, homenageando seus rivais da NBC. (SHARBUTT, Jay. ‘Earl Front’ A Dramática Look At Aids. Los Angeles Times. 04 Nov. 1985. Tradução nossa).

O posicionamento das outras emissoras mostrado pelo jornalista do Los Angeles Times é importante, pois eles demonstram o cuidado em tocar na temática referente à AIDS, não poderia ser apresentada de qualquer maneira, era necessário um preparo especial para tratá-la. Segundo ainda os próprios representantes das emissoras alguns projetos de filmes acerca da temática, já estavam lhe sendo apresentados, contudo, não com a qualidade exigida por eles, que não queriam se aproveitar do momento colocando no ar qualquer programação apenas para expandir a audiência.

O que compreendemos tanto ao analisar nossas fontes e dialogar com alguns autores é que houve nos Estados Unidos um “antes” e “depois” da doença ter atingido Rock Hudson. Identificamos que a partir das notícias em torno de Hudson, muitos meios de comunicação começaram a se interessar pela AIDS. Havia naquele momento uma urgência em tentar esclarecer a enfermidade, que também atingia estrelas, por mais que as emissoras negassem, a doença passou a receber atenção quando pessoas com notoriedade midiática passaram a apresentar a doença. Acreditamos que grande parte do interesse da mídia era satisfazer a necessidade de notícias acerca de atender a curiosidade de um público que sabia do seu artista preferido doente e indo a óbito por causa de uma doença, que antes era apenas de “uma comunidade”.

Alguns artistas já se manifestavam a respeito da enfermidade, até os que participaram do filme também opinaram sobre o assunto, ou ainda existiam aqueles que haviam feito de algum trabalho relacionado à temática da AIDS, como por exemplo, DW. Moffett personagem Peter Haton em **AIDS, Aconteceu comigo** que interpretou o parceiro de Aidan Quinn – Michel, o protagonista do filme.

- “Eu não quero fazer as mortes de homens que sofrem, para alcançar grande glória no teatro”, disse D.W. Moffett, “mas, quero dizer que qualquer ator seria um tolo para não afundar os dentes nesta crise”.

A crise é a AIDS, e Moffett retratou três vezes um jovem com Síndrome da Imunodeficiência Adquirida - possivelmente com mais frequência do que qualquer outro ator estabelecido. No início de 1985, ele retratou o jornalista moribundo em *The Normal Heart* no Teatro Público. Ele era amante de Aidan Quinn infectado com AIDS em *An Earl Front* na NBC no final daquele ano, e retratou um apresentador de televisão vivendo com o vírus em um episódio da série NBC's *Lifestories* em

dezembro. (KOENENN, Joseph C. Actor Finds Fulfillment Playing Aids Sufferers. Orlando Sentinel. 20 Feb. 1991. Tradução nossa).

O ator reconhece que a AIDS é uma crise e que não pode ser ignorada, porém não queria se aproveitar desta tragédia para crescer em sua carreira, acreditava que os artistas deveriam se aprofundar na temática e não se recusou a trabalhar em filmes, peças de teatro e séries que abordassem a doença, contudo o jornalista observar que Moffett mais de que outros atores teve mais participação em obras sobre a AIDS. Isto seria algo bom para a imagem de um ator naquele período? Compreendemos com as fontes o que ator sentia a respeito, pois ele desconfiava que outros produtores de filmes poderiam estar pensando sobre seu ativo envolvimento nestes trabalhos que representava a AIDS e a homossexualidade, de certa forma havia um receio. Vejamos:

Existem centenas de atores - milhares, talvez, - que logo abandonariam suas carreiras quando retratam um homem gay. Não Moffett. “Você sabe quantas pessoas me disseram para não fazer *The Normal Heart* (Coração Normal)? Centenas” [...]. Mais uma vez, depois de “*An Earl Front*”, Moffett disse, “[...] A imaginação de longo alcance dos executivos em Hollywood - quero dizer... ‘Oh meu Deus!’ ‘Ele tocava um gay’. ‘Ele deve ser gay’. ‘Isso deve ser tudo o que ele pode fazer’. ‘Então, houve este tipo, perguntas sobre minhas habilidades’... ‘Eu fiquei preocupado com um nascimento depois de “A Frustração Adiantada”’”. (KOENENN, Joseph C. Actor Finds Fulfillment Playing Aids Sufferers. Orlando Sentinel. 20 Feb. 1991. Tradução nossa).

A entrevista dada por Moffett nos mostra como um ator poderia ser visto no período, ao aceitar participar de algum trabalho relacionado à AIDS: primeiro poderia ser confundido com um homossexual interpretando um. Segundo a forma que o ator fala dá a entender que atores homossexuais tinham mais dificuldade em conseguir trabalhos em Hollywood. Terceiro: existia uma resistência, pois antes da fazer a peça de teatro **The Normal Heart**, muitos o alarmaram para não participar, pois ficaria marcado com o personagem homossexual e com AIDS e poderia futuramente prejudicar sua carreira.

Observamos ainda nesta entrevista que o ator foi convidado a fazer mais trabalhos referentes à AIDS, inclusive **Aids Aconteceu comigo/ An Earl Front** 1985, Maffett foi um ator que os diretores que ousavam em produzir algo sobre a moléstia, sentiram segurança em convidar. Porém, o que notamos é que até quem fazia representação da enfermidade, através das artes poderia também sofrer preconceito, ou ainda um estigma, pois agora seria conhecido, como o ator que protagonizou um enfermo de AIDS, ou ainda um companheiro de

um enfermo. O próprio ator achava que Hollywood não acreditava totalmente em suas habilidades por ter realizados estes trabalhos, e ainda ter interpretado homossexuais.

Tudo isso mostra a complexidade de fazer um filme sobre a enfermidade, que envolve também a homossexualidade que já era difícil de ser compreendida por muitos. A doença trouxe ainda mais dificuldade, e até a representação sobre ela se tornava difícil, pois ao mesmo tempo em que um profissional da arte queria contribuir para a informação de combate de preconceito aos enfermos e a doença, acabava também por ser preterido por alguns na empresa cinematográfica.

Outros atores do filme também se manifestaram a respeito da temática da Síndrome, para fazer o filme, alguns até conviveram com pacientes como Aidan Quinn:

Quinn expressou forte simpatia com os pacientes de AIDS, deixando de lado temores de que aqueles expostos a vítimas de AIDS poderiam pegá-la. “A verdadeira preocupação com os pacientes de AIDS”, disse ele, “é que você pode dar-lhes algo porque seu sistema imunológico é tão baixo. Acho que as controvérsias de beijos, e crianças em escolas são ridículas”, disse ele. Quinn disse categoricamente, reconhecendo que não tinha seus próprios filhos. “É ruim o suficiente que as pessoas tenham Aids. Por que temos de tratá-las como párias, como leprosos?”

Quinn disse que doou dinheiro a um grupo da Aids localizado na Costa Oeste que o ajudou a fazer pesquisas por sua parte. “Eles me ajudaram muito”, disse Quinn. “Eu queria dar algo de volta”. (HILL, Michael E. ‘An Earl Front’. Washington Post. 10 Nov. 1985. Tradução nossa).

Quinn pesquisou sobre a enfermidade, e como ele iria ser um paciente de AIDS no filme fez questão de conhecer alguns para saber como é estar enfermo. O ator achava que quem poderia transmitir algum dano a saúde dos enfermos era ele, pois o organismo dos enfermos que visitou apresentava-se muito debilitado.

Ele chega à conclusão que o sofrimento pela doença era terrível, e considerava cruel o tratamento social que muitos recebiam, mesmo com algumas informações, muitos tinham medo do contato casual com as pessoas que apresentavam a enfermidade. Quinn ainda cita em sua reportagem “crianças em escolas” o ator se refere o que estava acontecendo em algumas cidades, onde crianças com estavam sofrendo preconceito, ou ainda sendo impedidas de ir para a escola, porque foram acometidas pela AIDS.

A pesquisa⁵² realizada por psicólogos publicada em um artigo para o Centro Nacional de Biotecnologia e Informação – (National Center for Biotechnology Information) – NCBI dos Estados Unidos, faz uma estimativa do estigma referente à AIDS nos EUA, nos

⁵²Pesquisa intitulada: Conhecimento do HIV-Estigma nos Estados Unidos: Prevalência e Tendências, 1991-1999.

anos de 1991, 1997 e 1999 optamos por nos reportar apenas aos resultados de 1991, pois é o que esta dentro do recorte temporal da Dissertação.

Os psicólogos: Gregory M. Herek, John P. Capitanio, e Keith F. Widaman retratam o ano de 1991. Podemos compreender que a construção do estigma da doença, após uma década que a mesma está manifesta é muito forte; alguns ainda acreditavam que deveria existir um segregacionismo para as pessoas que foram acometidas pela enfermidade. Os medos demonstrados na pesquisa foram dos mais variáveis possíveis. Os pesquisadores construíram três tabelas⁵³ neste tópico apresentaremos apenas uma.

Os dados foram coletados em quarenta e oito estados do país, através de ligações telefônicas. As pessoas deveriam ser maiores de 18 anos, a maioria dos entrevistados foi estadunidenses, brancos e de classe média, que possuía formação acadêmica, ou estava em processo de formação.

Figura 2 - Apoio as políticas coercitivas relacionadas à AIDS, sentimentos negativos para as pessoas com SIDA (PVHS), e as atribuições de responsabilidade e culpa por PWAs.

Apoio as políticas coercitivas relacionadas à AIDS, sentimentos negativos para as pessoas com SIDA (PVHS), e as atribuições de responsabilidade e culpa por PWAs. ⁵⁴						
	% (95% CI)					
	1991	1997	1999	Ou ano um	OR Ano 2 ^a	*
1. Apoio às políticas coercitivas ^b						
Pessoas com AIDS devem ser legalmente separado de outros para proteger a saúde pública.	34,4 (30,4, 38,4)	16,6 (14,6, 18,6)	12,0 (9,5, 14,5)	0,848	NS	
Os nomes de pessoas com AIDS devem ser tornados públicos para que outros possam evitá-los.	28,8 (25,0, 32,6)	18,6 (16,5, 20,7)	16,3 (13,5, 19,1)	0,911	NS	

⁵³Tabelas sobre: as Crenças sobre a Transmissão do HIV e As intenções de evitar o contacto com as pessoas com AIDS (PVHS), sensação de desconforto Sobre o contato com eles, e Desconforto Sobre Contato simbólico com PWAs.

⁵⁴Nota. Relatórios da tabela são pontuais e intervalos de confiança de 95% (CI; entre parênteses). As percentagens são baseadas em totais, que incluem “não sei” respostas e recusas.

PWA = pessoa com AIDS;

NA = item não pediu esse ano;

NS = não significativo;

OR = relação de probabilidades.

Os números em uma coluna “OU Ano” indicam a variação anual do risco de endossar o item.

Figuras na coluna “ou ano * 2” são termos quadráticos, indicam uma tendência linear significativa.

b Percentagem de responder “concordo um pouco” ou “concordo totalmente”.

c Os entrevistados foram solicitados até que ponto eles se sentiram raiva, medo e repugnância para com as pessoas com AIDS (por exemplo, muito irritado, pouco, um pouco, ou nada com raiva). As estimativas são relatados para o sentimento percentual “um pouco” ou “muito” com raiva, nojo, e com medo.

Observação: Nós apenas colocamos as informações da tabela que se refere a nossa periodização, outras questões que foram levantadas para a pesquisa apenas nos anos de 1997 e 1999, não foram levadas em consideração.

2. Sentimentos negativos em relação PWAS ^c					
Zangado	27,7 (23,9, 31,5)	20,4 (18,2, 22,6)	14,8 (12,1, 17,5)	0,919	NS
Com medo	34,6 (30,6, 38,6)	20,0 (17,8, 22,2)	20,2 (17,1, 23,3)	0,902	NS
Aborrecido	26,6 (22,8, 30,4)	18,3 (16,2, 20,4)	16,0 (13,2, 18,8)	0,924	NS
3. Responsabilidade e culpa ^b					
Pessoas que tem AIDS através do uso de drogas sexo ou ter obtido o que eles merecem.	20,3 (16,9, 23,7)	28,1 (25,7, 30,5)	24,8 (21,5, 28,1)	1,212	0,980

Fonte: HEREK, Gregory. M; CAPITANIO, John. P; WIDAMAN, Keith F. HIV-Related Stigma and Knowledge in the Unites States: Prealence and Trends, 1991-1999. National Center for Biotechnology Information. Mar. 2002. Tradução nossa.

Na figura acima podemos perceber os sentimentos relacionados às pessoas com AIDS. Cerca de 30% das pessoas que responderam a pesquisa, acreditavam que indivíduos doentes deveriam ser isolados, ou ainda, no mínimo deveriam ter seus nomes revelados para que se evitasse o contato de qualquer ordem. Ainda na mesma tabela vemos que cerca de 20 a 30% que responderam a pesquisa em 1991, possuíam sentimentos de rejeição referente às pessoas acometidas pela AIDS e 20% as culpavam de estarem enfermas.

O percentual 20% a 30% parece baixo, todavia causava sofrimento para os enfermos, qualquer tipo de desprezo, pois a doença ainda neste período, mesmo com o tratamento com o AZT, ainda era considerada fatal, pois este medicamento sozinho não era suficiente para tornar a AIDS em uma doença crônica. Além de enfrentar uma sentença de morte o doente enfrentava o desprezo social.

Em 1985 não era diferente. Embora não haja uma pesquisa que estime a porcentagem de estigma social que um doente de AIDS sofria, pelas notícias, críticas e autores que nos ajudam a construir esta pesquisa nos dão a entender que a construção do estigma era forte, por causa do pouco conhecimento referente à doença, que era rápida em provocar morte nos primeiros anos da pandemia, depois epidemia. Sendo assim, é indubitável que muitos meios de comunicação passaram a falar sobre a Síndrome depois que pessoas famosas ficaram enfermas, pois sem conhecimento de causa temiam falar algo sobre a enfermidade, precisando de um pretexto a mais para finalmente tratar o assunto. John Erman diretor do filme também fala sobre a construção do filme:

“Aidan e eu visitamos um membro da comunidade criativa que estava sofrendo de AIDS”, lembrou Erman. - Ele morreu na noite em que o vimos.

Durante os dois anos em que o filme estava em andamento, várias mudanças de roteiro tiveram que ser feitas para acompanhar os desenvolvimentos na área médica. “As informações fornecidas pelos médicos no filme estavam sendo constantemente atualizadas à medida que as filmagens avançavam”, disse Erman. Foram tomadas as providências necessárias para fazer novas alterações até o tempo do filme ir ao ar[...].

Aidan lembrou três vítimas de AIDS que ele conheceu durante a filmagem, que não vai ver o produto final. E Sidney disse que três de seus conhecidos morreram de AIDS no ano passado. (HILL, Michael E. ‘An Earl Front’. Washington Post. 10 Nov. 1985. Tradução nossa).

Na citação acima podemos observar que muitos que tinham a enfermidade e ajudaram no processo de produção do filme, ou ainda eram amigos dos atores, produtores do filme perderam suas vidas para a AIDS, antes da obra ir ao ar. A elaboração como podemos ver, foi acompanhada por médicos para passar as informações corretas sobre a doença, para tentar de alguma forma, informar corretamente sobre a enfermidade. Mesmo sendo um filme de ficção, havia o objetivo de sensibilizar o público para o que estava acontecendo com as pessoas que estavam sofrendo com a moléstia. Muitas mortes foram literalmente assistidas pelo elenco. Segundo a atriz Silvia Sidney, o filme não tratava apenas da AIDS, mas da família que tinha um enfermo de AIDS.

[...]. Sidney cuidou de seu filho, Jacob Adler; como ele morreu da doença de Lou Gehrig. Sua experiência deu-lhe uma visão mais ampla sobre “An Earl Front”. “O filme não é sobre a AIDS ou homossexuais”, disse ela. “O ponto é como você lida com uma situação difícil em suas relações pessoais (independentemente da doença ou o problema). Quarenta anos atrás, você não mencionava câncer. Quando eu era uma menina [...] você não mencionava TB. O que o filme realmente é, é sobre a educação das pessoas (sobre doenças temíveis e complexas) e sobre o apoio às vítimas nos momentos mais difíceis de suas vidas”. (HILL, Michael E. ‘An Earl Front’. Washington Post. 10 Nov. 1985. Tradução nossa).

A fala da atriz é muito pertinente, pois ela nos esclarece como ela percebia a sociedade da sua época ao se referir a enfermidades como Câncer, Tuberculose e agora a AIDS. Segundo a atriz, muitos não queriam nem falar os nomes de tais enfermidades, pois tinham medo, é como se ao referir as moléstias fossem atraí-las para si, ou ainda deixá-las mais fortes, para atriz a representação da enfermidade era importante, pois era uma maneira de se falar sobre a doença, sobre o doente e as pessoas que vivem ao redor. Ela observa e relata o efeito devastador que as doenças provocam socialmente, e acredita que o filme pode ajudar aqueles que sofrem com a enfermidade e trazer ao telespectador uma reflexão sobre a temática da AIDS e sobre os comportamentos relacionados às pessoas que sofrem com este mal.

Outros filmes já trataram de assuntos sociais, contudo, Daniel Lipman e Ron Cower roteiristas do filme tiveram muito trabalho para elaborar o roteiro, como se tratava de uma doença grave como a AIDS era necessária ser meticuloso.

A NBC, que foi a pioneira na transmissão emocionalmente carregada de dramas com questões sociais no horário nobre com tais blockbusters como “Adão”, sobre abuso de criança, e “The Burning Bed”, sobre esposas maltratadas, é a primeira a explorar a AIDS com um filme completo, e muitas pessoas estão nervosas com isso. Eles incluem os roteiristas Daniel Lipman e Ron Cowen, que trabalharam nele por dois anos e ainda podem ter que reescrever (...) partes do script até o horário de ir ao ar. “Quando começamos a trabalhar nisso, a pesquisa médica era bastante difícil porque ninguém sabia nada sobre isso”, disse Lipman. “Naquela época, eles nem mesmo isolaram o vírus. Eles tinham pouca informação, apenas teorias”. Desde então, no entanto, a pesquisa sobre a AIDS, tem lotado (...) as páginas e noticiários noturnos por meses; prosseguiu em um clipe vertiginoso, forçando Lipman e Cowan para reescrever seu script 14 vezes e, no caso de mais um na última hora descoberta da comunidade médica, eles estão dispostos a inserir um diálogo atualizado até ir ao ar a tempo. (...). No entanto, não é o único problema que Lipman e Cowan, que têm mais créditos escritos na Broadway do que na televisão, viram-se confrontados. (CLARK, Kenneth R. *Aids Tragedy ‘An Earl Front’* Chils The Blood. Chicago Tribune. 10 Nov. 1985. Tradução nossa).

Os roteiristas dos filmes falam do cuidado que tiveram para escrever o roteiro e o número exato de vezes que ele foi reescrito, a cada informação nova e concreta sobre a enfermidade o roteiro sofria modificações. Lipman e Cower que escreviam principalmente peças de Teatro enfrentaram o desafio de escrever um filme para televisão, encarando também toda a exigência dos donos e influenciadores da rede.

Algumas mudanças do roteiro não foram apenas referentes às informações sobre a doença, mas ao conteúdo, em uma entrevista muitos anos depois⁵⁵ da realização do filme com o diretor John Erman, ele explicou como foi produzir um filme sobre uma enfermidade terrível como a AIDS, que inicialmente atingiu um grande número de indivíduos que já eram estigmatizados por sua orientação sexual. Erman explica o que a NBC lhe fez uma série de exigências do que deveria ter ou não no filme, e ainda opinou quais artistas queriam para compô-lo. Vejamos:

Lembro-me de quando estávamos lançando FROST EARLY [An Earl Front], fui a uma reunião na NBC e eles estavam muito nervosos sobre fazer este filme, e eles disseram: “Nós temos que ter estrelas de cinema famosas como os pais”. E eu disse: “Bem, me dê um exemplo de quem você está pensando”. “Lembrando que este foi

⁵⁵ Entendemos que esta entrevista foge ao nosso recorte temporal, contudo, se remete ao filme AIDS, Aconteceu comigo de 1985, comentado por seu diretor na íntegra, obviamente sabemos que muitos anos após a realização do filme, John Erman teve o tempo necessário para selecionar em sua memória o que para ele deveria ser lembrado, e aquilo que deveria ser esquecido. Estamos atentos também aos possíveis silêncios que nesta entrevista podem estar presentes.

um filme sobre uma pequena cidade no meio da América”. “Então eles disseram “Elizabeth Taylor ou Audrey Hepburn””. [Risos] E eu disse: “Bem, então todo o filme sai pela janela”. Eu disse: “Porque você escolheu duas grandes estrelas de cinema, belezas incríveis, mas ambas são pessoas que não são reais. Esta é uma história sobre uma família real, que estão enfrentando um problema real. Se você colocar Elizabeth Taylor ou Audrey Hepburn nela, torna-se fantasia”. “E eles olharam para mim como se eu fosse louco”, e eles disseram: “Bem, quem você quer”? E eu disse: “Eu quero Gena Rowlands”. E eles disseram: “Oh meu Deus, você sabe, ela é sua amiga, eu suponho que é por isso que a queira...” [...], eu disse: “Eu nem sequer falei com ela em 10 anos. É só que ela tem a qualidade que eu quero para este filme”. “Então, você sabe, você tem que ter a sorte de ser capaz de dialogar com os executivos da rede”. (BALABAN, Bob. *Visual History with John Erman*. DGA. 01 Mar. 2007. Tradução nossa).

John Erman revela que a direção da NBC queria que os pais do personagem principal Michel fossem nomes de peso da Academia cinematográfica, pensaram em nomes como das maravilhosas atrizes: Elizabeth Taylor ou ainda Audrey Hepburn, interpretamos esta solicitação da emissora por grandes nomes, para dar mais glamour, ou ainda alavancar a audiência.

Contudo, o Diretor não estava encarando como uma produção glamorosa, mas uma ficção que tinha a responsabilidade de levar uma representação da realidade dentro de uma obra, puramente ficcional. Um trabalho que o Diretor encarou como um grande compromisso para falar sobre a AIDS.

A historiadora Eleonora Zicari Costa de Brito ao explicar o que seria ficção para Foucault nos faz compreender o que o Diretor John Erman considerava:

Assim, para ele, ficção não seria a pura invenção, mas aquilo que a operação intelectual faz com o referente quando procura instituir-lhe inteligibilidade; em outras palavras, ficção seria o resultado das estratégias do discurso para dar sentidos possíveis à realidade. Muito embora não seja nunca a pura realidade, o discurso tampouco se encontra apartado dela. (BRITO, 2008, p. 30-31).

Compreendemos que o filme é também um veículo ficcional que pode dar sentido a realidade, também a representando. Mesmo sendo um filme de ficção Erman considerava real devido ao que estava acontecendo em 1985, ele esperava que de alguma forma sua obra fosse um veículo de informação, referente à AIDS, que combatesse preconceitos, estigmas e produzisse tolerância.

O Diretor não considerava estar longe da realidade, sua ideia era que os espectadores do filme pudessem se identificar com os personagens de alguma forma, e que isso passasse a refletir sobre seu comportamento diante das pessoas acometidas pela AIDS, e dos homossexuais. Porém como o próprio Diretor sabia, lançar um filme que tinha assuntos

homossexuais e uma doença terrível como a AIDS, não seria simples e muito menos fácil, precisou de muita paciência, e coragem para que suas ideias também não fossem mudadas segundo a vontade da rede de televisão.

“Não, eu não me lembro de todas as questões de censura [...]. O maior problema de censura que enfrentei foi quando eu fiz *An Earl Front*, que foi o primeiro filme sobre a AIDS. E eles tinham, naquela época, normas e práticas. O que realmente quis dizer que a rede queria passar por cima de todo o script, e de certo ponto de vista é uma censura, pois eles queriam lhe dizer o que você poderia e não poderia fazer. Bem nunca houve um filme feito sobre um homem gay na televisão. E certamente nunca tinha tido um filme sobre um relacionamento gay, e a primeira coisa que me disseram foi: “Na relação entre os dois homens, você tem que retratar a um homem como sendo uma má influência”. E eu disse: “Por quê?” E eles disseram: “Porque não estamos colocando selo de aprovação na relação sexual”. E eu quase perdi a paciência, mas me ouvi dizer, muito calmamente: “Eu não posso fazer isso”. “Eu não vou fazer isso, e se vocês persistirem nesta linha de pensamento terei que dizer para a mídia o que vocês estão planejando fazer”. [INT.: Bravo] (BALABAN, Bob. *Visual History with John Erman*. DGA. 01 Mar. 2007. Tradução nossa).

Vimos anteriormente ainda nas notícias sobre a produção de “AIDS, aconteceu comigo”, os representantes da NBC tentavam aparecer neutros referente às questões que abordavam o filme, principalmente em relação à homossexualidade, nas entrevistas eles davam a entender, que não eram contra os homossexuais, contudo não eram a favor. Todavia nesta entrevista Erman pode falar com detalhes o que passou para produzir o filme em 1985.

Ele se sentiu reprimido, havia um excessivo acompanhamento do roteiro, regras que deveriam ser seguidas no script. O Diretor se sentiu incomodado e não considerou todas as colocações dos representantes da emissora, não podia ir contra ao que acreditava e ainda avisou que se insistisse na ideia de alguma forma denegrir as imagens dos homossexuais, como por exemplo, atribuindo-lhes a culpa pela enfermidade, ele iria se retratar perante a mídia, revelando as verdadeiras intenções da emissora.

Depois de duas décadas o Diretor Erman abordava no assunto ainda indignado com a pressão que sofreu. Veremos no tópico 3.4 quando trataremos da recepção do filme a irritação que ele fala de “AIDS, Aconteceu comigo”, bem como quando estava produzindo outro filme sobre a AIDS: **Nossos Filhos**, mas não encontramos em nenhuma de suas entrevistas no período, alguma que ele falasse com esta clareza de duas décadas depois.

Esta produção foi muito ousada, pois como você se lembra, foi bem no início do flagelo da AIDS. E este era um filme sobre um homem que tinha de voltar para uma pequena cidade e dizer a seus pais: A) que ele tinha AIDS, e B) que ele era gay. E eu só sabia que, no meu íntimo, como isso era importante, porque eu tinha tantos amigos que não só estavam morrendo de Aids, mas cujas famílias foram renegando-os, e eles que estavam sendo expulsos de seus apartamentos. E, você sabe, não ser

capaz de obter um quarto em um hospital, e eu só sabia que isso poderia ser algo que iria mudar a percepção das pessoas homossexuais e das pessoas com AIDS. (BALABAN, Bob. Visual History with John Erman. DGA. 01 Mar. 2007. Tradução nossa).

Erman explica mais sobre o filme, falando como era complicado, abordar a enfermidade, naquele período, que há pouco tempo havia descoberto qual era o verdadeiro agente contagioso, sobretudo considerava importante sua obra, pois conhecia muitas pessoas que estavam padecendo de AIDS e ainda sofrendo com a incompreensão familiar e social. Diante do que está sendo explicado pelo Diretor, podemos considerar, que: “AIDS, aconteceu comigo” foi um filme planejado para além de representar a realidade através da ficção, teve objetivos claros de fazer com que a sociedade refletisse sobre o que estava acontecendo referente à enfermidade e aos enfermos. O desejo do Diretor era de alguma forma provocar em seus espectadores empatia com estas vítimas da AIDS.

Eles [a rede] também tinham objeção terrível à figura avó nesta cena em particular [An Earl Front], interpretada pela maravilhosa Sylvia Sidney, dizer a seu neto, “Eu gosto do seu amigo” Eles disseram: “Ela não pode dizer isso. Ela não pode dizer isso”. E eu disse: “Por quê?” “Porque isso significa que ela aprova o relacionamento”. “Eu... você sabe, até hoje fico tão irritado, você sabe, e eu só - [INT.: Mas o quão importante era que você fosse capaz de resistir a isso e consegui-lo] Claro, e Eu tenho isso, você sabe... e eu literalmente sabia o quão longe eu poderia ir. Eu sabia que eu estava fazendo um filme para pessoas como meus pais, que eu nunca tinha sido capaz de dizer sobre a minha própria sexualidade, e que eu quero que eles sejam capazes de ver este filme e não se sintem ameaçados. E assim, o meu nível de gosto seria meus pais aprovam isso? Seriam capazes de se sentar e assistir isso e se sintem confortáveis? E, a outra ordem que desceu foi os dois homens não estão autorizados a se tocar: Não beije, não abrace, não toque. E no primeiro dia de filmagens, fizemos uma cena com Aidan Quinn e um ator muito agradável nomeado D. W. Moffett, e eles estavam tendo uma discussão em uma esquina e eles resolveram suas diferenças, e no final do argumento, Don Moffett colocou o braço em torno do ombro de Aidan. E isso foi feito, você sabe, a maneira Knute Rockne iria fazê-lo, e eu sorri e me virei e o produtor estava atrás de mim... E eu sabia que ele estava pensando, “Oh meu Deus, aqui vamos nós”. Sabe, mas não foi o caso de aqui vamos nós. Fiz esse filme de uma forma que eu sabia que seria aceitável [...]”. (BALABAN, Bob. Visual History with John Erman. DGA. 01 Mar. 2007. Tradução nossa).

O Diretor conta ainda como ficou irritado com as objeções da emissora, e como foi “vigiado” todo tempo durante a produção do filme. Cenas como a da vó de Michel falando que gostava do companheiro do personagem principal foi obstruída. E as recomendações de não abraçar, ou beijar, para não escandalizar o público. Erman para fazer seu próprio filtro, pensou em produzir um filme em que seus pais pudessem assistir sem se sentir desconfortáveis na sala de casa. Segundo o próprio Diretor, não se sentia a vontade de falar

sobre sua sexualidade para seus pais, então tentou pensar neles enquanto fazia este filme e não absorver toda a chateação que estava passando.

Em sua entrevista, Erman nos mostra como foi difícil tratar de um assunto como a homossexualidade em um filme na NBC, como teve que ter paciência, para não desistir do projeto, pois sabia como era importante; para tocar em assuntos como a homossexualidade, e principalmente da AIDS, naquela sociedade, onde muitos precisavam compreender a enfermidade e tentar provocar no público no mínimo piedade. Esta foi forma encontrada por Erman para que os espectadores entendessem se tratava de seres humanos que precisavam de apoio em um momento muito difícil da epidemia da doença.

Diante do que foi exposto até o momento compreendemos que as preocupações do Diretor e dos donos da NBC eram passar informações corretamente sobre a doença de uma maneira que não apavorasse o público. Por isso o motivo de mudar o script às diversas vezes. Contudo, não havia concordância em alguns assuntos. Nas entrevistas dadas pelo presidente sênior e produtor da NBC, que também era produtor do filme “AIDS, Aconteceu comigo”, tentavam se apresentar para a imprensa e para o público como neutros, principalmente, em relação à homossexualidade, contudo o Diretor nos revela uma posição da NBC bem diferente, daquilo que ela desejava aparentar.

Erman ainda em entrevista esclarece que: suportou o que foi possível, para que este filme fosse produzido, porém, não seguiu a risca tudo o que a emissora lhe ordenava e de alguma forma tentava reverter, ou colocar o que desejava de um jeito que não atraísse a ira dos donos da NBC. O jogo de cintura foi fundamental para realizar o primeiro filme sobre a AIDS, o Diretor se comprometeu antes de tudo consigo mesmo, para não trair seus princípios e no que acreditava, muitas vezes enfrentando os donos da rede, outras considerando suas exigências, para que a obra fosse ao ar.

Alguns homossexuais se manifestaram a respeito da produção do filme, pois queriam participar da produção, pois na concepção deles era algo que lhes diziam respeito e estavam cansados de serem mal representados em filmes, e agora com mais uma novidade a AIDS, não queriam ser responsabilizados, pela enfermidade, pelo fato da comunidade apresentar o maior número de vítimas até aquele momento.

A pressão sofrida por Erman como podemos observar foram diversas, o que nos faz entender que um filme sobre a enfermidade, não era uma produção fácil e simples de ser realizada. Diferentes de outros filmes de temáticas diferentes e leves que, não eram necessários tantos cuidados. O primeiro filme sobre a AIDS foi supervisionado o tempo todo,

para que não saísse dos padrões construídos e aceitos por grande parte da sociedade norte americana.

3.2 REPRESENTAÇÃO & ESTIGMA: O DESACREDITÁVEL EM AIDS, ACONTECEU COMIGO.

A partir de 1985, vários foram os olhares sobre a enfermidade: das notícias ao entretenimento. Neste contexto, é produzido um dos filmes que vamos analisar: **An Earl Front ou AIDS, aconteceu comigo**. Sua estreia aconteceu em 11 de novembro de 1985 pelo canal National Broadcasting Company (NBC).

An Earl Front/ AIDS, aconteceu comigo se inicia com uma cena rápida da região da Nova Inglaterra aparentemente tranquila, ambiente arborizado, para em seguida focar uma rua residencial e uma casa branca com árvores e um lindo jardim. Uma casa bem estruturada cuja dona é Katherine Pierson (Gena Rowlands), uma professora particular de piano, que está em sua sala sentada junto ao instrumento, observando seu aluno (um garoto de aproximadamente 10 anos de idade) tocar. A professora recomenda que na próxima aula o menino estude um pouquinho mais, pois está a cada dia melhor.

Logo há um corte seco⁵⁶ para próxima cena e aparece a Madeireira Pierson, a empresa da família onde o patriarca Nick Pierson (Ben Gazzara) conversava com seu genro Bob Maracek (Bill Paxton), ainda no pátio da madeireira (local de grande depósito de madeira, toda organizada em grandes pilhas) sobre o pedido de um cliente chamado Giraldi e pede ao genro para liberar o pedido, pois é seu amigo. Bob fala que o cliente deve a Madeireira, mas irá liberar, pois o dinheiro é de Nick. Nick lembra a Bob o jantar que será oferecido logo mais à noite em sua casa e pergunta se o genro levará o neto. Bob responde que levará a criança, pois não quer ver Nick espremeir. Nick responde que Katherine o fará também se ele não o levar.

Entramos em uma nova cena, já é noite e mais uma vez a câmera mostra a frente da casa. Ainda do lado de fora, podemos ouvir vozes e risadas que soam de dentro da residência, afinal a noite era de comemoração das bodas de casamento de Katherine e Nick,

⁵⁶Corte seco, segundo Bahiana, é um corte visto frequentemente em obras fílmicas europeias. Não pretende imitar a realidade, mas subvertê-la. Faz parte de uma montagem visível, que o telespectador está consciente todo tempo que está vendo uma representação da realidade. (BAHIANA, 2012, p. 104-105). Porém, lembramos que este filme foi feito para televisão, assim, dados os intervalos para os anunciantes, quase todos os cortes são secos e, que muitas vezes, não eram sentidos pelo telespectador, pois tinha comercial, que amenizavam, de certa forma, o ritmo diferenciado das trocas de cena.

novamente a cena é na sala. Agora podemos observar melhor o ambiente. Apesar da iluminação baixa, para nos dar a impressão que era noite, é possível identificar os móveis: sofás, poltronas, estantes e, principalmente, fotografias da família e outros objetos que servem para decorar o ambiente.

Quase toda a família está reunida, aparentemente todos felizes, pois conversam animadamente, como uma família harmoniosa e bem estruturada. Talvez, a única preocupação fosse manter a boa saúde da vovó Beatrice McKenna - mãe de Katherine, interpretada por Sylvia Sidney, que pergunta a Nick porque ele não tira alguns dias para viajar, porém Nick diz que precisa ganhar a vida (trabalhar).

Todos reunidos na sala, antes do jantar, Nick Pierson se retira para um lugar mais reservado para cochichar com a filha Susan Maraciek (Sydney Walsh) sobre a surpresa para Katherine. Ela, que está observando os dois, desconfia que estejam lhe escondendo algo. Todos estão bem vestidos com roupas simples, mas elegantes, porque se trata de um jantar comemorativo, quando a campainha toca. Todos fazem questão que Katherine abra a porta, com certeza é a surpresa para ela: a presença de seu filho Michel Pierson (Aidan Quin). Katherine reclama por ninguém ir atender a campainha, mas fica surpresa e emocionada quando abre a porta, pois é seu amado filho.

Michel Pierson, principal personagem da trama, é um advogado competente e bem sucedido, sócio recente da empresa de advocacia onde trabalha na cidade de Chicago. Muito ocupado, não tem tempo para ficar ao lado de sua família e sua presença foi o presente para sua mãe Katherine naquela ocasião.

Na mesma sequência e próxima cena mostra todos reunidos na mesa retangular de jantar, que estava muito bem elaborada: com as melhores taças, castiçais com velas e um belo arranjo de flores ao centro. Michel está sentado ao lado de sua vó Beatrice e à sua frente está seu cunhado Bob e sua irmã Susan na extremidade da mesa do lado direito está a sua mãe e na extremidade do lado esquerdo, mais próximo, está seu pai.

Michel conta com detalhes sobre um almoço que foi convidado pelo chefe Norman Wesker (Michael Príncipe) da empresa da qual ele presta serviço, Michel ficou tenso, pois Wesker tem a fama convidar funcionários para almoçar e demitir durante a refeição. Contudo, com Michel ele foi diferente, depois de uma conversa informal e discorrer sobre sua vida pessoal, seu chefe sugeriu que ele pagasse a conta, pois agora Michel era o mais novo sócio da empresa. Michel olha orgulhoso e feliz para o pai que comemora e todos o felicitam.

Nesses primeiros minutos do filme há uma apresentação da família Pierson e seus personagens. Cada um tem um papel fundamental na trama e apresentarão, mais adiante, sentimentos e ações diversas, alusiva à doença e, conseqüentemente, referente ao doente. Compreendemos que uma obra fílmica não é um reflexo da realidade, segundo o historiador Francisco das Chagas Santiago Júnior (2008) “(...) O filme saltou da categoria de reflexo da realidade construído por imitação para se tornar o construtor de sua própria realidade”. Contudo, mesmo o filme não sendo um reflexo da realidade, não deixa de estar vinculado a ela, porque ele é considerado uma representação. Desse modo, Júnior (2008) explica que:

O filme não estabelece apenas relações representacionais e, em última análise, a imagem cinematográfica como representação é uma construção histórica na qual dado conjunto de cenas se tornam representações de algo no choque com o mundo que a gerou. (JÚNIOR, 2008, p. 66).

Nesta obra fílmica ficcional é criado um protótipo do que seria uma família ideal norte-americana: um casal feliz que possui o seu próprio negócio, a Madeireira Pierson, uma filha casada, com um filho nascido dentro do casamento, um filho advogado bem sucedido e uma avó lúcida e com saúde. A família dos sonhos é desenhada nos primeiros instantes do filme, o que nos leva a refletir acerca do conceito de representação observável na obra, pois há uma seleção por parte do diretor do que seria considerada uma família de classe média alta, bem sucedida na década de 1985, nos Estados Unidos, uma representação em que as famílias norte-americanas pudessem ser identificadas com aquele modelo ideal, porquanto desta forma fosse possível envolver os telespectadores até o fim da trama.

Chartier (2002) fala da importância da noção de representação e que através dela é possível organizar esquemas de percepção do mundo social, por onde indivíduos: classificam, julgam e agem. Assim, a representação de uma família nos padrões de uma sociedade ideal foi construída dentro do filme como uma afirmação do que poderia ser considerado “normal” para o período e para aquela sociedade. Nesse sentido, o diretor teve a preocupação de construir uma obra em que seus telespectadores pudessem, já no início, se identificar. A posteriori, tratar de questões como a AIDS, que naquele momento parecia atingir pessoas que não estavam dentro da “normalidade” socialmente estabelecida.

Na mesma sequência de cena, na mesa de jantar a conversa continua até a mãe fala para o filho se distrair e não trabalhar demais, quando o pai interfere e com um tom malicioso diz que o que Katherine queria saber e se Michel estava dando suas “voltinhas”. Michel responde que não é um monge e sua mãe fica animada para conhecer a pretendente do

filho e pede para apresentá-la à família, já o pai diz para Michel que oferece seu quarto para o filho passar a noite com a namorada, quando ele decidir levá-la.

Há um corte seco na cena e no outro dia Michel, logo cedo, encontra-se na sala tocando o piano da mãe, tem uma leve tosse, mas isso não o incomoda. Katherine sai da cozinha e aparece no fundo da cena e o observa o filho. Aproxima-se e diz que fazia muito tempo que não o ouvia tocar. Então Michel faz uma autocrítica, pergunta se ela chama aquilo de tocar e pede para ela o ajudar. Sua mãe senta-se ao seu lado e toca, perfeitamente, então Michel a elogia. Katherine diz que é um material da Carnegie Hall⁵⁷, quando são interrompidos pelo som de uma buzina: é o taxi que ele havia pedido para levá-lo ao aeroporto.

Ele olha para sua mãe, levanta veste o paletó e fala para Katherine que não houve tempo para conversar, mas fica para uma próxima ocasião. Katherine chama Nick e fala para Michel que eles poderiam levá-lo até o aeroporto, porém Michel diz que não gosta de despedidas em aeroportos, a mãe pede que ele tão logo chegue a Chicago ligue para avisar e seu pai, que pede para ele olhar o taxímetro, logo o abraça, deseja vitória na causa e o chama de sócio. Despedem-se no quintal, Michel entra no táxi, vai embora e seus pais entram em casa juntos. Há um efeito chamado de *dissolve*⁵⁸ e tem início a próxima sequência.

Chegamos ao fim da apresentação da família Pierson, que, aparentemente, não possui grandes problemas, ou apenas não sabe da existência deles. Tudo parece “normal” até o presente momento. Michel esconde de sua família que é homossexual e que tem um companheiro, porém esta omissão não irá durar muito tempo, pois a descoberta da AIDS marcará a trajetória do personagem durante as cenas seguintes e até o final da trama. Nesta obra fílmica podemos perceber a representação do estigma⁵⁹ social que vamos abordar na maior parte da nossa pesquisa. Erving Goffman explica que a sociedade cria padrões e quando um indivíduo não corresponde a eles, ou rompe com esses, passa a ser estigmatizado. Porém

⁵⁷ A Carnegie Hall por mais de um século, tem sido o lugar onde os artistas distintos de todos os tipos têm ido fazer seus nomes em Nova York. Esta tradição de excelência fez Carnegie Hall uma parte essencial do tecido cultural da cidade e mais famosa sala de concertos do mundo. Disponível em: <<https://www.carnegiehall.org/History/The-Carnegie-Hall-Story/>>. Acesso em: 28 fev. 2016.

⁵⁸ Segundo Bahiana (2012). Este recurso é uma lenta transição entre uma imagem e outra. Os fades dissolvem a imagem para ou de uma tela vazia. Os dissolves fundem duas imagens. Criam a sensação de começo, fim e passagem de tempo.

⁵⁹ Segundo Goffman (1963) desde antiguidade, ações estigmatizantes eram percebidas e cita como exemplo a Grécia, mostrando a condição de um indivíduo que - quando escravo, traidor ou fora da lei - recebia uma marca, podendo ser um corte ou uma queimadura, como um símbolo que os diferenciava das outras pessoas. Assim, o autor explica que a sociedade cria padrões e a pessoa que não se aproxima ou de algum modo foge às categorizações estabelecidas.

estamos analisando uma obra fílmica e por isso nossa análise será no que os personagens nos apresentam em ações e falas bem como o que delas podemos inferir.

Nesta fase inicial do filme compreendemos que existe uma clara representação de determinados padrões sociais; embora o tema central do filme – a AIDS - signifique a causa da quebra destes padrões. Goffman esclarece que os indivíduos que estão em desacordo com tais padrões, não podem fazer parte da categoria considerada *normal* nesta sociedade. Nessa obra fílmica é clara a representação da normalidade social que a seguir será quebrada, pelo personagem principal, Michel.

Após o efeito *dissolve*, há um corte para um grande prédio da cidade de Chicago, e entramos no apartamento de Michel, mais precisamente em seu quarto. Ele está deitado, ainda dorme, o ambiente está um pouco escuro, quando seu companheiro Peter Hilton (DW Moffett) - na trama um restaurador de peças antigas que possui o seu próprio antiquário- está se preparando para ir para o trabalho e tenta acordar Michel. Toca-lhes as orelhas para provocá-lo e Michel ainda dormindo retira as mãos do companheiro, mas Peter o pergunta se ele pretende ficar na cama o dia todo. Michel então lhe pergunta as horas, seu companheiro responde que já são 8 horas da manhã e Michel reclama, porque ele não o acordou antes. Peter esclarece que já tentava há meia hora. Michel lamenta e diz que vai se atrasar, mas fala que está exausto e sua fisionomia é de uma pessoa muito cansada. Peter sugere que ele guarde seu sono para as praias de Maui⁶⁰. Michel começa a tossir muito e Peter se preocupa e pergunta se ele está bem. Sugere que ele fique em casa hoje, mas Michel diz que não pode, pois naquele dia tinha muitas reuniões na empresa.

Michel se levanta e vai em direção ao banheiro e Peter também se levanta. Pega nas mãos um grande panfleto que o agente de viagens lhe entregara que estava no criado-mudo, e comenta que eles irão ficar em um hotel de frente à praia. Michel sai do corredor, onde fica o toalete, e neste momento vemos a camisa que ele dormiu completamente molhada de suor e com uma mão na cabeça fala que não será possível fazer esta viagem no momento, pois está próximo do julgamento. Peter tenta argumentar e fala que o companheiro disse que desta vez não haveria erro e que tomou providências para fechar a loja. Contudo, Michel

⁶⁰ A ilha de Maui é a segunda maior do arquipélago do Havaí e, apesar de contar com menos de 150 mil habitantes, recebe aproximadamente três milhões de turistas por ano. Margeada por todo o Oceano Pacífico, é possível parar em mirantes ou em pequenas faixas de areia para observar a paisagem que se estende por qualquer percurso feito dentro da ilha. O ponto de partida é a cidade de Kahului, onde está localizado o aeroporto e todo tipo de comércio que abastece os moradores locais. A ilha de Maui é formada por dois grandes vulcões e o maior deles, o Haleakala, é a atração principal por proporcionar a melhor visão do nascer e do pôr do sol. Disponível em: <<http://viagem.uol.com.br/guia/estados-unidos/havai/roteiros/em-maui-no-havai-turista-viaja-entre-o-fundo-do-mar-e-o-topo-de-vulcoes/index.htm>>. Acesso em: 29 mar. 2016.

explica que acabara de se tornar sócio. Nesta cena também conseguimos perceber alguns elementos do quarto deles, como grandes quadros na parede. Com uma decoração aparentemente moderna, o quarto era uma suíte, tudo muito organizado.

Na mesma sequência, porém em outro ambiente, Peter entra no toalete. Michel já tomara banho e estava se barbeando. Peter serve o café de seu companheiro ali mesmo, pois o toalete possui um grande gabinete branco; com uma pia embutida. Michel comenta que o creme de barbear está acabando, Peter muda de assunto e pergunta como foi na casa de seus pais. Michel diz que foi ótimo e que foi uma surpresa e tanto para a sua mãe, sua visita. Peter retruca, dizendo que não foi isso que ele perguntou e Michel questiona-o sobre o que foi então. Peter deseja saber se ele falou sobre o relacionamento dos dois para a sua família e ele diz que passou menos de 24 horas com seus pais. Peter questiona de quanto tempo precisa, porém, Michel diz que a relação que possui com seus pais é diferente da relação que Peter tem com os pais dele e diz que não fala sobre sexo com seus pais. Peter argumenta que não é falar sobre sexo, mas sim sobre o relacionamento dos dois, pede para Michel ficar parado um momento e Michel pergunta por quê. Peter se aproxima e puxa um cabelo branco da cabeça de Michel. Mostra para ele e diz rindo que seu tempo está acabando.

Nesta parte do filme nos é apresentado à outra parte da vida de Michel, em que ele possui um relacionamento amoroso com um homem, seu companheiro, porém não revela para sua família sua condição sexual, pois ele sabe que poderia sofrer com o preconceito e o estigma, mais adiante entenderemos o que a trama reserva para Michel, no sentido do temor demonstrado pelo personagem em narrar sua vida íntima para a família e a sociedade.

Na sociedade norte-americana, como abordamos no capítulo anterior, a luta por direitos dos homossexuais iniciou na década de 1960 e teve maior expressão nas décadas de 1970 e 1980, porém, ainda nesta obra fílmica, o assunto era tratado como tabu, até pela imprensa, emissoras de rádio e TV. Cabe destacar na cena acima narrada, o diálogo dos personagens Peter e Michel. O primeiro pressiona o segundo para “contar a verdade para sua família” e próximo ao fim da cena, quando ele puxa o cabelo branco do companheiro e fala que seu tempo está acabando, podemos entender o duplo sentido da frase: o do envelhecimento e, posteriormente, quando o personagem se descobrir enfermo.

Em uma nova sequência de cenas Michel vai ao consultório do Dr. Reisberg (Lee Wilkof) e pede para ser examinado. Neste momento, é emitido para o telespectador que o personagem já apresentava alguns sintomas da doença: cansaço excessivo, emagrecimento repentino e suores noturnos. Prosseguindo na apresentação da sintomatologia, o médico ainda

percebe que seus linfonodos⁶¹ estão inchados e pede-lhe para subir na balança, pois deseja ler a sua sorte. Quando constata que ele perdeu muito peso, lhe solicita exames de sangue. Michel fala que nunca havia ficado realmente doente antes e pergunta o motivo da solicitação do exame, porque acredita que seja apenas algum vírus, mas o médico lhe afirma que há uma série deles por aí.

Na cena que acabamos de narrar à câmera filma em plano médio⁶² e o que mais chama atenção neste momento é a expressão de Michel. A câmera, que foca no rosto do personagem, pretende captar a tensão e a preocupação quando o médico fala que vai colher seu sangue. Michel tenta acreditar que é apenas um vírus. Mas o médico quer identificar o que realmente aflige a Michel. Sua expressão de preocupação não passa despercebida ao telespectador, que é levado a questionar o motivo de tanta preocupação com um simples exame de sangue: Por que o pedido de exame de sangue o deixou alarmado? Seria que o personagem já podia imaginar que estava com AIDS?

Esta cena é importante porque descreve alguns sintomas provocados pela AIDS. Assim, a trama aponta que Michel já apresentava a doença em seu estágio ativo, posto que o personagem se sentisse a cada dia mais debilitado sem um motivo aparente. A primeira *doença oportunista* que o atacou foi à pneumonia⁶³, causada por um tipo específico de fungo,

⁶¹ Os vasos linfáticos conduzem o líquido linfático por todo o corpo. Os linfonodos (gânglios linfáticos) são pequenas estruturas que funcionam como filtros para substâncias nocivas. Eles contêm células do sistema imunológico que ajudam no combater as infecções atacando e destruindo germes que são transportados pelo líquido linfático. Existem centenas de gânglios linfáticos em todo o corpo. Cada linfonodo filtra o líquido e substâncias dos vasos que chegam até ele. O líquido linfático dos dedos, por exemplo, drena em direção ao tórax, juntando-se ao líquido drenado do braço. Este líquido é filtrado nos gânglios linfáticos do cotovelo ou da axila. O líquido linfático da cabeça, couro cabeludo e rosto flui para baixo através dos gânglios linfáticos do pescoço. Alguns linfonodos se encontram em locais profundos dentro do corpo, como entre os pulmões ou ao redor do intestino, para poder filtrar o líquido dessas áreas. A linfa circula lentamente por todo o corpo, até voltar ao tórax. No fim do circuito, os fluidos, sais e proteínas filtrados são despejados de volta na corrente sanguínea. Quando existe um problema perto de um nódulo linfático, por exemplo uma infecção, feridas ou câncer, o gânglio ou o grupo de gânglios linfáticos nessa área pode inchar ou aumentar de tamanho à medida que se encarrega de filtrar as células "ruins". Isso é chamado de linfadenopatia. O aumento de tamanho dos gânglios linfáticos indica que algo não está certo, mas outros sintomas podem ajudar a identificar o problema. Por exemplo, dor de ouvido, febre e aumento dos gânglios linfáticos perto da orelha levam a uma suspeita de uma infecção no ouvido ou um resfriado. Algumas áreas em que os linfonodos aumentam de tamanho são no pescoço, virilha e axilas. Na maioria dos casos, apenas uma área de linfonodos aumenta de tamanho de cada vez. Quando mais de uma área de linfonodos está acometida é denominada de linfadenopatia generalizada. Algumas infecções (tais como infecções na garganta e catapora), determinados medicamentos, doenças do sistema imunológico e câncer, como linfoma e leucemia, são alguns exemplos de acometimento linfonodal. O médico deverá procurar mais informações para descobrir a causa do problema. O aumento de tamanho de um linfonodo geralmente é causado por outro problema que não o câncer. Disponível em: <<http://www.oncoguia.org.br/conteudo/linfonodos-e-cancer/6814/1/>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

⁶² Segundo Bahiana (2012) Este recurso também conhecido como plano americano: a câmera se aproxima enquadrando os personagens do quadril para cima ou da cintura para cima. É a apresentação dos personagens, o momento de mostrá-los a nós, mesmo que tenham sido visto de longe.

⁶³ Pneumonia Pneumocystis (PCP) é uma doença grave causada pelo fungo *Pneumocystis carinii*. PCP é uma das infecções oportunistas mais frequentes e graves em pessoas com o sistema imunológico enfraquecido,

que geralmente vive em pulmões saudáveis e, normalmente, não causa dano algum, mas em uma pessoa com o sistema imunológico enfraquecido pode provocar males seríssimos a estes órgãos.

Há um corte seco e a câmera está focada em Peter em plano médio. Ele limpa um objeto de música antigo, um Jukebox, em sua loja de antiguidades, mas na verdade é um jogo de câmera, pois é Michel que o observa do lado de fora da loja. Peter entra para os fundos da loja e Michel aproveita para entrar e tocar o sino. Neste momento, podemos conhecer o ambiente de trabalho de Peter, que é uma loja de antiguidades com os mais variados artigos, como: poltronas, brinquedos como cavalo de carrossel, carrinhos de brinquedos para colecionadores, relógios antigos, quadros e muitos outros objetos; achando que era um cliente, Peter fala que já vai atendê-lo, Michel responde com uma voz de brincadeira para ele ficar à vontade.

Ainda na mesma cena Peter vem ao encontro de Michel e pergunta o que faz ali, Michel, ainda bem humorado, fala que estava passando e viu o objeto de som antigo Jukebox e que achou interessante e pergunta se ele funciona. Peter responde imediatamente que sim, Michel fala que sempre quis ter um daqueles. Peter, participando da brincadeira, fala que é uma peça muito especial e que não sabe se Michel teria condições de comprá-la. Michel pergunta quanto custa e Peter responde que quatro mil dólares, pois é necessário levar em consideração o trabalho que teve com ele. Michel tira um envelope do bolso e pergunta se Peter aceita cheque. Peter responde que de estranhos apenas dinheiro. Michel bate com o envelope na testa de Peter e lhe entrega o envelope.

Peter pergunta o que tem ali e quando abre sua expressão é de alegria, pois são as passagens para a praia de Maiu que eles já planejavam há muito tempo. Peter com uma voz emocionada pergunta se eles irão mesmo e Michel muito animado responde que sim, no fim do mês, porém, Peter lhe pergunta sobre a causa que Michel precisa defender, então ele responde que a causa pode esperar uma semana, pois ele é o sócio.

A próxima cena é um close na mão de Michel que digita algo em seu computador e faz anotações. Ele está em seu escritório e a câmera sobe lentamente até o seu rosto, até que ele começa a tossir e a câmera vai se afastando. Michel para um momento de fazer o que estava fazendo, a câmera se volta para sua secretária que escreve em alguns papéis. Pode-se visualizar como é o escritório de Michel: grande com uma estante grande e repleta de livros.

especialmente as pessoas com HIV / AIDS. Embora as pessoas com HIV / SIDA são menos propensos a receber PCP hoje do que nos últimos anos, o PCP continua a ser um importante problema de saúde pública. Disponível em: <<http://www.cdc.gov/fungal/diseases/pneumocystis-pneumonia/>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

O ambiente é escuro, pois é noite. Michel se levanta e chama Denise (sua secretária) e pede que ela vá para casa. Denise se assusta, pois estava muito concentrada no que estava fazendo, ri, diz que estava torcendo para ele falar isso e pergunta se ele vai continuar. Ele anda em direção à estante e diz que precisa rever umas citações. Então a secretária começa a arrumar os papéis sobre a mesa e seus objetos pessoais dentro da sua pequena bolsa preta de couro e diz que a justiça não é cega, apenas tem problemas de visão por falta de sono. Nesse instante, uma câmera foca no personagem de corpo inteiro. Ele sobe uma escada para pegar um livro e tem uma crise fortíssima de tosse e quase cai da escada. Um close mostra a dificuldade do personagem para respirar. Sua secretária o ajuda e chama por socorro.

Percebe-se que foram apresentados os personagens em seus ambientes de trabalho. Primeiramente, o trabalho de Peter e, posteriormente, de Michel, e fica claro que ambos são bem sucedidos em suas profissões. A partir deste momento, depois do diretor nos ter apresentado toda a vida do personagem, o filme nos sugere que talvez a única falha de Michel seja esconder sua condição sexual de sua família. Adiante veremos que, também no ambiente de seu trabalho, sua doença poderá vir à tona e iremos analisar como o diretor e os produtores da obra fílmica construíram as representações desta enfermidade e, principalmente junto a elas, o estigma social nela representado.

Há um corte seco para frente de um Hospital, o que se vê é uma pequena movimentação de carros e poucas ambulâncias estacionadas. Já se pode ouvir a voz do médico a falar com Michel, que nesta cena está internado com seu companheiro ao seu lado. No quarto que Michel estava havia apenas o seu leito, uma pequena cômoda e uma televisão de 14 polegadas. Há um deslocamento da câmera para o tórax do personagem e em seguida para o braço que se vê a aplicação do soro e uma máscara de oxigênio no seu rosto. Redding (Terry O' Quinn) se apresenta e diz que o médico Reisberg pediu para que ele examinasse Michel assim que soube da sua emergência. Michel fala que não conseguia respirar e o médico pede para ele sentar para auscultá-lo. Peter o ajuda a levantar, o médico pede para respirar e expirar por duas vezes. Michel começa a tossir e o Doutor Redding lhe diz que os pulmões ainda estão congestionados, mas já está melhor, pois os antibióticos estão fazendo efeito e em breve a febre vai baixar.

Peter pergunta o que há com ele. O médico responde que os exames que fizeram no dia anterior indicaram que Michel está com pneumonia. Peter surpreso fala que achava que era apenas uma gripe. O médico pergunta se os dois são amantes e há quanto tempo. Michel se surpreende com a pergunta e olha para Peter. O médico diz que atende a muitos casais

gays. Michel olha para o médico e responde que sim, Peter se apresenta e diz que estão juntos há dois anos. O médico olha para Peter e diz ser bom que ele esteja ali naquele momento e revela o diagnóstico de Michel: pneumonia *pneumocytis carinii* que só atinge o organismo humano muito debilitado. Nesse instante há um close no rosto do médico que revela que os exames de sangue de Michel confirmaram a presença da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

Em 1985, havia apenas um ano e poucos meses que o agente etiológico da doença, o vírus da Imunodeficiência Humana – HIV⁶⁴ fora descoberto. As pesquisas estavam em andamento em alguns países. Nos Estados Unidos o número de acometidos, segundo o Centro de Controle de Doenças – CDC, era de 15.948 casos notificados e de 8.161 mortes, o que totaliza mais de cinquenta por cento de óbitos por causa da enfermidade.

O close agora é no rosto de Michel que repete assustado “AIDS” e pergunta ao médico se ele está afirmando que ele está com AIDS. O médico responde que só dá este diagnóstico quando uma infecção oportunista deste tipo atinge um indivíduo. Michel contra argumenta e diz que não é possível ele estar com AIDS. O médico diz saber que é difícil apresentar tal diagnóstico, mas ele precisa tentar ouvi-lo. Enquanto o médico tenta explicar, a câmera se volta para Peter que está com uma expressão confusa, o médico diz que há um ano e seis meses conseguiram isolar o vírus causador da AIDS e que já existem drogas experimentais e os tratamentos estão melhorando e que ele ficará no soro por uma semana e, se estivesse tão bem quanto agora, após uma semana estaria de alta e podia tomar medicação via oral em casa. A câmera volta-se para o médico que está com um olhar de piedade. Pede para Michel tentar descansar e que mais tarde voltaria para vê-lo. Despede-se e chama Peter.

Percebemos o mundo de Michel desabar porque a doença não atinge apenas o seu físico, mas o seu psicológico. A AIDS nesta obra fílmica é apresentada ainda como sinônimo da morte, afinal fora da ficção, em 1985, ela não apenas representava a morte, mas era praticamente o atestado da própria. O filme vai nos possibilitar investigar como a doença é

⁶⁴ HIV é a sigla em inglês do vírus da imunodeficiência humana. Causador da AIDS ataca o sistema imunológico, responsável por defender o organismo de doenças. As células mais atingidas são os linfócitos T CD4+. É alterando o DNA dessa célula que o HIV faz cópias de si mesmo. Depois de se multiplicar, rompe os linfócitos em busca de outros para continuar a infecção. Ter o HIV não é a mesma coisa que ter a AIDS. Há muitos soropositivos que vivem anos sem apresentar sintomas e sem desenvolver a doença, mas podem transmitir o vírus a outros pelas relações sexuais desprotegidas, pelo compartilhamento seringas contaminadas ou de mãe para filho durante a gravidez e a amamentação. Por isso, é sempre importante fazer o teste e se proteger em todas as situações. Biologia – HIV é um retrovírus, classificado na subfamília dos Lentiviridae. Esses vírus compartilham algumas propriedades comuns: período de incubação prolongado antes do surgimento dos sintomas da doença, infecção das células do sangue e do sistema nervoso e supressão do sistema imune. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/o-que-e-hiv>>. Acesso em: 14 mar.2016.

representada: através da culpa atribuída ao enfermo? Da homossexualidade, que não era vista com bons olhos? Do medo? E da morte? O diretor do filme e seus colaboradores, mesmo em uma obra de ficção não fogem do que representa a sociedade. Segundo Roger Chartier (2002):

As representações do mundo social assim construída, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 2002, p. 17.)

O autor explica que a construção de uma representação social não é por acaso e que por trás de cada construção existe interesse. Essa investigação abordará também quais os interesses estavam em jogo na construção de uma obra, que trazia como tema principal uma moléstia dessa magnitude. Compreende-se até aqui que a família de Michel é construída dentro dos “padrões de normalidades exigidos socialmente”. Como nos aponta Chartier, pode-se entender que esta representação de família feliz não é um discurso neutro e por isso Michel temia contar sua condição sexual, pois seria menosprezado por vivê-la. Agora com uma doença mortal, não tinha mais como fugir da verdade, porque naquele período, tanto na ficção como na vida real, acreditava-se em grupo de risco e a família da Michel não sabia que ele era componente de um.

No filme percebemos que os personagens portadores de AIDS são tratados de forma completamente estigmatizada em suas relações sociais. Não são mais as mesmas desde o diagnóstico, passam a representar a própria doença e a única qualidade da qual são portadores é a de doente. Infere-se sutilmente que as escolhas que os personagens fizeram em suas vidas justificam o fato de estarem padecendo de uma enfermidade terrível. Tais elaborações estão presentes nas falas dos personagens que estão em volta do protagonista, porém não acometidos pela doença.

Quando o médico deixa o quarto, começa um som de suspense, de instrumentos de violinos e piano (o que Bahiana chama de assinatura musical⁶⁵) que aparecera em todas as outras tomadas de cenas, quando a doença for o motivo de discussão, ou for o motivo de Michel voltar para o hospital. Alguns instantes a câmera em plano médio se volta para Michel e Peter e as expressões de ambos é de dor e desolação. Peter olha para Michel, que está em

⁶⁵ Segundo Bahiana a assinatura musical são: “Frases musicais, usadas como elementos de cena, em on ou off: violinos e cllos sinistros de Psicose e Tubarão por exemplo”. (BAHIANA, 2012, p. 119).

choque com um olhar perdido, e depois ele olha em direção à câmera, mas não diretamente para ela, embora se tenha a impressão que fala com ela e, conseqüentemente, com quem assiste e diz que não sabe o que pensar se levanta e diz que quer falar com o médico. A imagem volta-se para Michel que pede a Peter para não deixá-lo e este volta e senta-se ao seu lado.

Ainda nesta sequência vemos a reação de Peter e Michel ao saber que um deles possui a doença. A descoberta da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida envolvem muitas questões e uma delas diz respeito à fidelidade. A AIDS é uma doença sexualmente transmissível e carrega consigo um estigma e preconceito muito grande por causa destes fatores, pois toca na moral comportamental do indivíduo, ainda mais se levar em conta que a presença da AIDS neste momento, socialmente falando, representa a quebra de regras e padrões de masculinidade.

Há um corte seco com o efeito *dissolve* e logo em seguida um close na mesinha de telefone no apartamento de Michel, em que se encontra também a foto de sua família, o telefone toca e cai na caixa postal, é a mãe de Michel que liga há dias e ele não retorna suas ligações, então Peter toma coragem e atende à ligação. Logo em seguida há outro corte seco para a casa de Katherine que está no quintal de sua casa com Nick, que pinta com um pincel uma fina madeira com tinta branca. É dia, ambos estão com roupas confortáveis e conversam sobre Michel. Katherine deseja ir para Chicago para ficar com o filho que está com pneumonia, mas Nick não permite e diz que ele não precisa ser paparicado e que se fosse algo grave Michel os teria avisado. Katherine com uma expressão preocupada retruca perguntando “desde quando pneumonia não é algo sério?”. Nick fala que anos atrás ficou doente com pneumonia e em duas semanas estava bem, porém Katherine diz que ele havia melhorado, pois tinha quem o ajudasse fazendo comida, comprando e ministrando seus remédios. Nick diz que alguém atendeu ao telefone, então Katherine fala que foi apenas um amigo e que ele precisa mais que isso. Então Nick senta-se ao lado dela e fala que ela precisa para de tratar Michel como um bebê e insiste que se ele precisar deles, sabe onde os encontrar.

Há um corte seco e a próxima cena é o corredor do hospital em que Michel está internado. Pode-se ver a movimentação de enfermeiros e médicos nos corredores, ouvir o alto-falante solicitar a presença de um médico em um determinado quarto, porém o que chama atenção nesta cena é a bandeja de alimentos na frente do quarto Michel e duas enfermeiras a conversar. A responsável em servir diz que não vai entrar no quarto, pois o paciente está com AIDS. Então o médico se aproxima da bandeja, que está em cima de uma cadeira, pega nas

mãos, neste momento a câmera sobe junto com o movimento das mãos do médico e dá um close⁶⁶ em seu rosto que decepcionado, olha para as enfermeiras, em seguida a câmera mostra a porta que tem um aviso de isolamento.

O Doutor Redding entra no quarto e fala que o almoço está servido. Michel não usa mais o oxigênio, está sentado aparentemente bem disposto, pergunta ao médico se ele é quem serve; então Redding explica que quando é preciso, sim. Michel fala que já estava para “encomendar a refeição”, então o doutor fala que sente muito e diz que alguém da equipe não assistiu à sua palestra. Michel pergunta que palestra seria, enquanto começa a mexer nos alimentos, aparentemente uma batata doce e um bife. Redding fala sobre as formas de não contaminação da doença e explica que não se pega AIDS estando próxima de alguém que a tenha. Esclarece que a doença é apenas transmitida através de contato sexual ou pelo sangue. Enquanto o médico explica, Michel presta atenção nas explicações e logo pergunta como ele havia contraído esta enfermidade.

Nesta cena é possível observar a representação do medo, envolvendo a equipe hospitalar, as duas enfermeiras não serviram a alimentação para Michel, pois tinham medo de se contaminar. Mesmo trabalhando em um ambiente, onde é obrigatório ter clareza acerca das informações sobre as formas de contaminação de qualquer enfermidade, estas profissionais deixaram que o medo às dominasse. Tal atitude foi comum em caso de doenças novas cujas formas de contágio eram pouco divulgadas.

O descobrimento desta doença era recente, então era comum que muitos profissionais da saúde ainda tivessem receio de se contaminar, como veremos mais adiante representado no próprio filme. A ciência e a medicina ainda não possuíam certezas sobre a enfermidade, apenas o que ela apresentava era o que podia ser disseminado em termos de informações. Fora das portas da ficção vemos que a situação era também muito complicada, pois não era apenas enfermeiros que tinham medo de contaminar, médicos também, segundo Garret (1994):

[...] Sem receber conforto algum do CDC ou dos Institutos Nacionais de Saúde, os temores de Volberding às vezes faziam-no chamar um colega de Boston para dizer:
- “Estou com febre. Você acha que peguei a doença?”
Mas, Volberding não era o único a ter essa preocupação. A maior parte dos médicos que cuidava de doentes do Sarcoma de Kaposi/ PPC em 1981 – 82 estavam bastante

⁶⁶ Bahiana (2012) fala que apenas o rosto é enquadrado. Estamos agora na intimidade do personagem. O diretor não quer nos distrair com mais nada e apenas aquela imagem importa. Dependendo da cena, ele pode estar querendo despertar em nós empatia, horror, compaixão, paixão, surpresa. Se não for um personagem, o close up está destacando detalhes importantes da cena, objetos significativos. De todo modo a mensagem é: Atenção! Emoções fortes!

preocupados não só com sua integridade pessoal, mas também com a segurança de sua equipe. (GARRET, 1994, p. 284).

Na citação acima vemos como os médicos, mesmo tratando dos seus pacientes ficavam aterrorizados com esta moléstia, que não tinha (tem) cura e matava em um período curto de tempo, pois nos primeiros anos da década de 1980 se fazia as investigações iniciais, referente à nova doença.

Outra imagem que consideramos relevante no início dessa sequência de cenas foi à câmera filmar a placa de isolamento no quarto em que Michel estava internado, o que nos leva a perguntar: por que Michel estava isolado? Por causa do seu sistema imunológico que está enfraquecido? Ou pelo medo que a doença causava nos demais, inclusive na equipe hospitalar? A ênfase que desejamos dar é que este isolamento não era apenas para proteger Michel das infecções que ele poderia contrair, mas um isolamento que pode ter outros significados, entende-se que tal isolamento pode significar uma metáfora do diretor da película, do isolamento social que o personagem enfrentaria, outro problema grave a ser enfrentado além da doença.

Ainda na mesma sequência de cenas Michel fala que não recebeu nenhuma transfusão de sangue e não esteve com ninguém mais além de Peter, o médico olha para Michel e pergunta: e Peter? Michel, que havia colocado uma porção de alimento em sua boca, solta o garfo e olha para o médico consternado com a pergunta e enfaticamente fala que não. Pois eles possuíam uma relação.

Então o doutor explica porque perguntou. Descobriram ser possível portar a doença sem apresentar sintomas. Então Michel pergunta se é possível passa-la adiante sem ficar doente. Porém Redding pergunta: “e antes de manter uma relação com Peter?”. Michel demonstrando irritação questiona o médico se ele desejava um relatório completo de sua vida sexual. Redding responde que sim, o mais completo que Michel quisesse relatar. Michel constrangido fala que teve casos de uma noite só, se isso era que Redding queria saber, então o doutor responde que seus questionamentos não são no sentido de julgá-lo, mas é importante saber o número de contatos, pois aumenta a chance de ter sido exposto a alguém contagioso. Michel se altera e fala que isso foi há anos, antes que soubesse algo a respeito da doença. Redding explica a ele que o problema é não se saber ainda o período de incubação da doença, podendo ser de cinco anos até mais e que nesse aspecto não havia certezas. Michel ainda estressado fala para o médico que não se tem certeza de muita coisa. Porém, o médico responde que o número de casos dobra a cada nove meses a um ano. Michel fala que de uma

coisa está certo: que irá se recuperar e ficar bem. Redding fala que lhe dará alta porque os pulmões dele já estão limpos, então Michel imediatamente afasta a bandeja e se levanta da cama e fala “então vou para casa”. O médico começa as recomendações, dizendo que ele deve ficar em casa por um mês. Michel irritado organiza seus pertences e retruca em tom de pergunta “um mês?”. Redding continua e fala que ele deve cuidar de sua dieta e de sua saúde e se enquanto isso tiver alguma pergunta, ele está à sua disposição.

Segundo Sontag “essa é a utilização tradicional das doenças sexualmente transmissíveis: apresenta-las como castigos impostos, não apenas indivíduos, mas a todo um grupo de ‘licenciosidade geral’”. (SONTAG, 2007, p. 119). As doenças “venéreas” trazem com elas preconceito e estigma. A conduta moral do indivíduo é questionada. Em **AIDS, Aconteceu comigo**, Michel é interrogado pelo médico sobre sua vida sexual e se sente muito incomodado, mesmo o médico não tendo a intenção de julgá-lo, percebe-se que é causado no personagem um grande constrangimento.

Compreende-se, com base no que a obra fílmica informa, que a AIDS se tornou invasiva no organismo, porém, fez ainda com que suas vítimas tivessem que revelar sua intimidade para os profissionais da saúde, visto que era necessário o máximo de informação. Entretanto, estas informações de foro íntimo fazia com que o personagem aparentasse constrangimento que alguém na vida real também sentiria. Era preciso, expor toda à sua vida sexual e aqui se pode inferir que há também uma sutil sugestão de certa promiscuidade - ou na melhor das hipóteses liberdade sexual excessiva – no mundo homossexual, pois Michel revelou “várias aventuras de uma noite”.

Ainda na mesma sequência de cena, Michel chateado diz que claro que tem uma pergunta Como vai viver a sua vida? Como vai contar aos amigos e colegas de trabalho que tem a praga gay? A câmera dá um close no rosto do ator, enquanto o personagem transmite uma profunda indignação com sua situação. Redding explica que nunca foi só uma doença de gays, pois o vírus não sabe e nem se importa com sua preferência sexual e complementa dizendo que os homens gays foram os primeiros a pegar neste país, mas existem outros e exemplifica: hemofílicos, usuários de drogas intravenosas e outros participantes do Grupo de Risco.

Michel pergunta quanto a Peter. O médico fala que podem se tocar se abraçar, mas não aconselha que mantenha um relacionamento íntimo com Peter como casal. O médico o cumprimenta com aperto de mão e vai em direção à porta. Michel senta-se na beirada da cama e fala para o Redding que imagina quantas pessoas vão querer apertar sua mão quando

descobrir o que ele tem. Redding fala para ele fazer um favor a si mesmo, não se perguntar demais. A câmera se volta para o rosto de Michel que agora fica pensativo.

Esta sequência de cena chega ao fim e considera-se que é uma das mais importantes para a pesquisa em questão, porque proporciona analisar alguns aspectos. Michel faz uma série de perguntas para o médico, perguntas que o doutor não consegue responder. A explicação de Redding que o vírus não escolhe suas vítimas é interessante, pois, diferente da sociedade em geral, a medicina entende que o vírus não faz distinção de gênero, raça, ou credo; porém a doença ainda é representada na obra fílmica por um grupo de risco.

A próxima cena (um corte seco, enquadramento em plano médio) é de Michel em seu apartamento em pé em frente a Jukebox que toca uma música suave. Peter vem da cozinha com uma xícara na mão e pergunta se Michel gostou, ele, apático, responde que achou legal e pergunta quando ele a trouxe, então Peter fala que no dia anterior, que quase quebrou a porta e se aproxima e lhe oferece um café e diz que estar feliz por ele ter voltado. Afirma que sua correspondência está em cima de sua mesa no escritório e que a maioria é contas. Michel responde que claro e se dirige para escada para ir para seu escritório. Então Peter pergunta se ele deseja comer alguma coisa, Michel fala que não, deseja apenas ver sua correspondência.

Peter sobe as escadas até o escritório com um sanduíche para Michel. Michel arruma o sofá para dormir ali, então Peter pergunta o que ele está fazendo. O advogado responde que acha melhor ir dormir ali, então Peter ao falar o que o doutor Redding havia dito, Michel o interrompe e diz que não interessa o que o doutor Redding pensa, mas acha melhor não se arriscarem. Michel senta-se no sofá e pega o travesseiro em seu colo e olha para Peter e diz que se ele não quiser estar ali, ele iria compreender. Peter ressentido pergunta olhando para Michel se ele disse isso. Que é claro que ele quer estar ali e senta-se ao lado de Michel que vira o rosto, então pergunta o que há com Michel e ele responde que não quer a piedade de Peter, este responde que não é piedade, mas Michel responde que já havia dito para ele que não queria comer nada e, ao ver o sanduíche, complementa dizendo que não está inválido, ainda.

Neste momento a câmera foca no rosto de ambos, Michel está pensativo, enquanto Peter fala que está tentando lidar com a situação da melhor maneira possível, se ele deseja dormir no escritório tudo bem e se quiser colocar um cartaz escrito não se aproxime também pode, mas pede para ele não esquecer que está tão assustado quanto ele. A câmera volta por poucos segundos para o rosto de Michel que demonstra estar sensibilizado com as palavras de Peter, depois volta novamente na posição que pode focar nos rostos dos dois personagens.

Michel olha para Peter e depois para baixo e depois fala olhando nos olhos do companheiro para dizer que depois que eles ficaram juntos, nunca esteve com mais ninguém. Peter olha para ele e pergunta se Michel acha que ele não sabe disso. Neste momento toca uma música suave, apenas instrumental.

A câmera neste momento filma de cima para baixo os dois sentados no sofá, o telefone de Michel toca e ele levanta-se para atender, enquanto isso se vê a expressão de angústia de Peter. Neste momento é possível que se questione se a expressão de Peter é de preocupação ou remorso, por talvez estar escondendo algo. Michel atende a ligação e é sua mãe. A câmera volta para o plano médio e foca por alguns instantes apenas em Michel que ouve sua mãe lhe dizer que ligou muitas vezes e estava preocupada. Michel lhe responde que acabara de chegar do hospital, ela manda o filho voltar para a cama. Neste momento há um corte para a sala da casa de Katherine e a mesma no telefone a recomendar que o filho, assim que se sentir melhor, vá para casa para que ela mesma possa cuidar dele.

A câmera volta rapidamente para Michel que diz à sua mãe que vai ver como se sente passados alguns dias, logo após a câmera acompanha Peter que já está na cozinha com a xícara na qual ele havia dado o café para Michel. Nesta cena vemos uma pequena parte da cozinha, apenas o gabinete abaixo da pia cor de marfim e uma parte de um belo armário de madeira também cor de marfim. Na pia vê-se uma grande janela com uma cortina de persianas que estão abertas por onde se pode ver inúmeros vasos com plantas. Quando Peter ouve Michel dizer que não está sozinho, fica atento ao que ele vai falar, porém quando Michel continua frase diz que está com um vizinho que está o ajudando. Peter faz uma expressão triste, chega a levar a xícara próximo a boca, mas para por um instante pensativo, olhando para xícara, derrama o café e a lava.

Esta sequência de cenas é importante, pois Michel mostra-se ainda em fase de medo de contaminar outras pessoas, inclusive Peter. O autopreconceito e a alta estigmatização estão presentes nas ações e falas do personagem. Mesmo sendo informado das formas de contaminação, Michel tem medo de contaminar Peter se compartilhar o mesmo quarto ou a mesma cama com ele. Nas conversas que teve com Redding, não ficou claro para Michel como e por que ele foi contaminado, já que tinha um relacionamento estável, mesmo o médico explicando que poderia ter sido em contatos anteriores. O simples gesto de Peter de cuidar de Michel que acabara de sair do hospital o incomoda e o faz pensar que Peter já o tem como um incapaz.

Outro ponto importante desta cena é a declaração de Michel para Peter, afirmando que desde o momento que a ele se uniu, não teve mais ninguém em sua vida. Tal afirmação está subjacente ao fato que a AIDS está diretamente ligada a representação de má conduta, no que diz respeito à vida sexual. A doença é considerada, na maioria das vezes, consequência de licenciosidade sexual e por isso o personagem estava se retratando, pois não tinha sido infiel com Peter. A ação de Peter de levar a xícara até a boca e depois se arrepender e não tomar o café dá a entender o medo que ele sentiu de compartilhar o mesmo alimento que seu cônjuge, o que representa a incerteza e o medo do personagem.

Há um corte seco, Michel aparece no corredor da empresa onde trabalha conversando com seu chefe Wesker, a câmera os acompanha e os filma em plano aberto⁶⁷, de corpo inteiro e de frente. Eles andam juntos em direção ao elevador. Neste corredor vemos movimentação de outras pessoas à maioria homens de ternos e portas dos dois lados do corredor. Norman fala para Michel que é difícil mudar a data no tribunal e que um atraso pode custar muito caro, Michel responde para o chefe sem olhar para ele que sabe disso, mas é possível recuperar no acordo, então seu sócio lhe diz que, se não estivesse tão próximo do julgamento, poderia considerar esta possibilidade, porém achava melhor Lowenthal (outro advogado) assumir a causa.

Michel olha rapidamente para Wesker pede para ele esperar um instante, pois esta causa é dele, já que foi ele que a trouxe para a firma e que trabalha nela há três anos, porém Wesker retruca dizendo que Michel lhe pede demais, Michel insiste que está solicitando apenas algumas semanas. O sócio pergunta se até lá ele não voltar, Michel responde e olha bem para Wesker e pede para ele o ouvir: que estará bem e que vai vencer a causa. Wesker aperta o botão do elevador às portas se abrem e Michel entra junto com ele, ainda lhe pedindo o adiamento.

Nesta cena vemos Michel tentar negociar o adiamento da causa que é de sua responsabilidade no escritório. O diretor deixa em aberto se Michel revelou seu verdadeiro diagnóstico, mas podemos concluir que não. Pois a reação de Wesker não nos parece alarmante. Supomos que Michel revelou apenas que estava com pneumonia e precisava de repouso, para se recuperar por completo.

⁶⁷ Bahiana (2012) explica que ainda amplo, porém mais próximo que o plano geral. Mostra a informação essencial, o clima, o ambiente. Dentro do Universo predefinido pelo plano geral, o plano aberto nos aponta para onde devemos olhar, onde está o ponto maior de interesse para nós. *Usado de outra maneira, o plano aberto pode significar distanciamento – muitas vezes o diretor opta por manter a câmera propositalmente longe de algo que até poderia para ser mostrado de perto, como uma conversa, uma luta, um beijo, para contrapor ao sentido de intimidade. Grifo nosso.* (BAHIANA, 2012, p. 90).

Nesta cena percebemos Michel fazer um ato que Goffman (1963) explica bem. O personagem manipula a informação que está acometido pela AIDS. Conta partes da verdade e se passa por um “normal”. Michel, segundo Goffman, se encaixa na categoria de *desacreditável*⁶⁸. Michel no momento não tinha nada que o denunciasses, nenhuma lesão grave causada pela enfermidade, então era completamente possível esta manipulação. Até este momento do filme o personagem principal, consegue se passar por desacreditável, não revelando a sua enfermidade para seu chefe, contudo, sua vida mudará e veremos com Michel como é a representação de uma pessoa desacreditada por causa da AIDS.

3.3 “PERMITA QUE ELE TENHA ESPERANÇA. É A ÚNICA ARMA QUE LHE RESTA”: O DESACREDITADO EM AIDS, ACONTECEU COMIGO.

A partir deste momento do filme a vida do personagem Michel passara de desacreditável, para desacreditado. Como já explicamos anteriormente, por a doença, ainda não esta se apresentando severamente o personagem poderia manipular esta informação, contudo, para sua família ele não conseguiu esconder por muito tempo, tornando-o um desacreditado. Seu companheiro também não omitiu de alguns amigos do casal.

Há um corte casado⁶⁹ e Peter entra em sua cozinha, logo em seguida Michel também entra na cozinha. Eles se cumprimentam. Peter está preparando o jantar e coloca ingredientes em um processador. Nesta cena pode-se perceber mais elementos da cozinha, há uma bancada em que Peter está a preparar os alimentos, há armários nas paredes, tem também um bar que divide a cozinha da sala de jantar.

Peter pergunta para Michel como foi a reunião com sócio. Enquanto Michel serve um uísque, responde que não foi fácil, mas explica que Wesker concordou em adiar. Peter sorri. Michel se aproxima da bancada olha para o que Peter está preparando e ele fala que está com uma cara ótima e pergunta se ele colocou alho. Peter sorri diz que não e mostra um dente de alho para Michel e dizendo que havia colocado aquilo. Michel ri e vai para o bar, senta-se, olha o relógio em seu pulso e para a mesa atrás dele e percebe que está posta apenas dois lugares. Enquanto isso Peter organiza alguns objetos no bar e o advogado logo questiona Peter

⁶⁸ Segundo Erving Goffman, quando é possível manipular uma informação sobre um estigma, uma marca que diferencia uma pessoa das outras em sociedade, esta pessoa é desacreditável, pois enquanto ela puder esconder esta informação poderá viver como uma pessoa comum na sociedade, mas esta omissão de informações poderá gerar outros problemas que vamos evocar no próximo capítulo.

⁶⁹ Bahiana (2012) fala que as imagens diferentes entre si são postas lado a lado. É outro pode de criar, instantaneamente, uma metáfora visual. Nosso olhar soma as informações das duas imagens e cria um conceito a partir dela.

sobre os amigos Marken e Ben, dizendo que pensava que eles viriam. Peter fala para Michel que eles haviam acabado de ligar e disseram que não ia dar. A câmera volta-se para o rosto de Peter mostrando agora as costas de Michel, que pergunta se não estava em cima da hora para cancelar. Peter sem o olhar, ainda mexendo nos utensílios, responde que sim, mas Mark precisava preparar uma aula para amanhã e sai agora em direção ao armário para guardar algumas panelas e fala para Michel que serão apenas os dois.

Na mesma sequência de cena, a câmera volta mais uma vez para Michel em plano médio e com uma expressão de chateado ele pergunta a Peter se contou a Mark. Peter continua a organizar o armário, como se não tivesse ouvido a pergunta. Michel insiste e seu companheiro se faz de desentendido e volta a mexer no processador de alimentos, então Michel se levanta, vai até a entrada da cozinha e pergunta novamente. Peter diz que eles sabiam que estava doente, perguntaram o que tinha. Michel fica furioso e diz que agora Mark tem medo de pegar AIDS, se for jantar com ele. Peter pede desculpas, diz que não deveria ter contado e sai da cozinha em direção à sala. Michel fica ainda alguns segundos pensativo na entrada da cozinha.

Diferente de Michel, Peter não se preocupou em esconder a doença do companheiro para seus amigos. Peter não pensou que a verdade sobre o estado de saúde de Michel poderia provocar medo nas pessoas. Michel ainda não estava moribundo, mas em sua vida social a morte era quase uma certeza. Sontag (2007) nos explica:

A AIDS, que leva pessoas a serem consideradas doentes antes de adoecerem; que produz uma série aparentemente inumerável de doenças-sintoma; para a qual só há paliativos; e que leva muitos a uma espécie de morte social que precede a morte física – a AIDS dá origem a uma situação semelhante à experiência pré-moderna da doença, tal como é apresentada nas *Devotions* de Donne, em que “tudo aquilo que desordena uma faculdade e sua função é uma doença”. (SONTAG, 2007, p. 104).

Michel estava doente, mas aparentemente não apresentava sintomas que o denunciassem, o fato de Peter ter contado para os amigos do casal que Michel estava com AIDS, já provocou a primeira morte social dele. Nesta parte da ficção podemos perceber a primeira representação da morte. Não da morte física, mas das relações sociais do personagem, como nos fala Sontag. O que se deve levar em consideração é que estes amigos do casal, o autor da trama não deixa claro se eram outros homossexuais, têm medo da doença e é evidente a ignorância referente às formas de transmissão.

A partir deste momento, a trama encaminha o personagem principal para um processo em que sua vida vai desmoronar aos poucos em virtude da sua doença. Ele deixa de

ser um ser humano “normal”, segundo a concepção de Goffman, para ser uma pessoa estigmatizada. Nas cenas a seguir Michel irá revelar sobre a sua enfermidade e estará marcado pela doença, passando a ser, principalmente em suas relações sociais mais íntimas, um *desacreditado*⁷⁰.

Na mesma sequência, agora em outro ambiente, Peter anda em direção ao sofá e senta-se. Fica de cabeça baixa com as duas mãos no rosto e pensativo. A iluminação está baixa, há apenas um abajur aceso na sala, Michel vem em sua direção, coloca a mão em seu ombro e lhe diz que teve um dia duro, que está ranzinza e pede que “deixe este episódio para lá”. Vira de costas, anda em direção a uma poltrona do lado esquerdo, que fica mais afastada do sofá em que Peter está, caminhando diz que, provavelmente, teria feito à mesma coisa se fosse ele e senta-se.

Peter responde que não, que acha que não teria feito. Na expressão de Peter quando ele fala, compreendemos que ele não se refere apenas a esta situação. Enquanto Michel o observa de onde está sentado, Peter continua e diz que precisa contar uma coisa que ainda não havia dito. Michel se inclina para observá-lo e ouvi-lo melhor. Então Peter revela que não queria magoá-lo, que não era importante e não teve nada a ver com eles, mas pediu para Michel lembrar que no ano passado, quando estava trabalhando em uma causa, que ele não via Michel por dias e até semanas, a câmera dá um close no rosto de Michel que está atento e surpreso, e após a imagem volta apenas para Peter de perfil, que continua sua revelação, dizendo que houve algumas vezes. A câmera dá outro close em Michel que olha para o chão sem acreditar o pergunta: “quantas vezes?”. A câmera volta rapidamente para Peter que com olhar de agonia responde “duas vezes apenas”. A imagem agora em Michel com uma expressão decepcionada pergunta: “onde?”. Peter responde bares, algumas e a saunas uma vez apenas. Michel lhe questiona se ele fez alguma coisa e Peter não consegue mais falar.

Michel se levanta com as duas mãos nos lábios e depois coloca as mãos na cintura e pergunta: “como pôde?”, Peter abaixa a cabeça e Michel continua interrogando-o se ele não “sabe muito bem o que está acontecendo por aí”. Peter responde que sente muito, Michel, revoltado, fala que Peter pode sentir muito, mas ele é que está com AIDS e que pensava que estavam seguros, porque tinha um ao outro, porque estavam juntos, que estariam

⁷⁰ Segundo Erving Goffman (1963) um indivíduo desacreditado não consegue mais esconder que possui um estigma, que o diferencia da sociedade, a aparência física pode revelar sua condição. No caso do personagem o emagrecimento acentuado e suas internações por causa das doenças oportunistas o obrigaram a revelar sua condição o tornando um desacreditado.

protegidos. A câmera dá um close em Peter, que está totalmente envergonhado, e fecha os olhos os apertando, a câmera dá um close em Michel, que grita com Peter e diz que pode estar com essa doença por culpa dele. Então Peter se defende e fala que não há como ter certeza. Michel pergunta, “então como?”.

Ele vira as costas, sobe as escadas e fala que quer que Peter arrume as suas malas e vá embora. Peter ainda tenta argumentar. Michel ainda subindo a escada fala que é sério e grita perguntando se Peter acha que ele está brincando. Peter se levanta do sofá, agora a câmera mostra a cena de baixo para cima. Peter fala que a casa é tão dele quanto de Michel, que responde que não é mais, pois não deseja mais vê-lo. Do escritório, que é no andar de cima, dá para ver a sala e Michel continua a gritar da sacada. Então Peter diz que talvez seja esse o problema: que Michel, na verdade, nunca o quis na casa. A câmera ainda filma de baixo para cima, mostrando Michel. E Peter continua: “toda vez que o seu telefone toca, sabe a sua linha particular”, aquela que ele nunca podia atender (a câmera agora grava de cima para baixo, onde Michel está), porque ninguém podia saber que viviam juntos. Peter pergunta: “como acha que me sentia quando saía com seus colegas?”. A câmera dá um close no rosto de Michel que está transtornado e responde: “são só negócios”. Peter retruca que é mais do que isso, pois viviam juntos há dois anos e Michel conhecia seus amigos, a sua família e o que ele sentia é que havia compartilhado vida dele com Michel. E Michel não dividiu, nem um pouco da vida dele com Peter.

A câmera volta a filmar de baixo para cima, agora Michel grita para Peter dizendo que, porque tem uma linha particular, ele vai há bares e saunas e pede para ele não arranjar desculpas. Peter grita também dizendo que não são desculpas, que Michel não pode contar nem para os pais dele sobre seu relacionamento. A câmera volta para Michel que, ainda exaltado, diz que eles (seus pais) não têm nada a ver com isso, para Peter não os envolver. Porém Peter diz que tem tudo a ver e pergunta quando irá contar a eles, quando eles terão a grande honra de saber quem ele é, pergunta se é depois que ele morrer. Depois de falar estas palavras, Peter se arrepende e Michel pede que ele saia. Peter anda até a escada onde não é possível Michel vê-lo com uma expressão de arrependimento, então a câmera volta-se para Michel que está desolado e a imagem vai escurecendo aos poucos.

Esta cena é muito importante, tanto a fala, desempenho dos atores e os ângulos das câmeras. Cada close, quando os personagens estão encenando dando ênfase ao assunto que estavam tratando. Segundo Martin (2013):

A contra – plongée (o tema é fotografado de baixo para cima, ficando a objetivo abaixo do nível normal do olhar) da geralmente uma impressão de superioridade, exaltação e triunfo, pois faz crescer os indivíduos [...].

A *plongée* (filmagem de cima para baixo) tende, com efeito, a apequenar o indivíduo, a esmagá-lo moralmente, rebaixando-o ao nível do chão, fazendo dele um objeto preso a um determinismo insuperável, um joguete da fatalidade. (MARTIN, 2013, p. 43-44).

A explicação de Martin é importante para nós neste momento, pois os ângulos das câmeras de cima para baixo e de baixo, para cima é algo que não pode passar despercebido em nossa análise, pois Peter é mostrado em uma posição inferior a Michel, posto que foi ele quem cometeu o erro grave, traindo seu companheiro, enquanto Michel que permaneceu fiel em seu relacionamento, tende aqui a ser visto neste momento como a maior vítima de toda esta situação que estava enfrentando.

Aqui observamos a acusação de Michel a seu companheiro de infidelidade e da sugestão que sua traição foi à causa de sua doença, o que ao certo não se pode dizer já que o vírus possui seu tempo de latência e tanto Michel como Peter poderiam estar contaminados sem apresentar os sintomas da enfermidade. O fato é que no filme há uma denúncia que aponta os bares e as saunas consideradas como lugares onde há encontros homossexuais sem compromisso, onde há um maior risco de contrair o vírus do HIV/AIDS, pois a licenciosidade sexual pode ser muito perigosa.

A acusação não era apenas determinada por quem não possuía a enfermidade e estava fora do Grupo de Risco, mas por aqueles que firmavam uma relação estável e eram traídos por seus companheiros ao frequentar lugares onde a liberação sexual era praticada livre de qualquer regra. A culpa aqui se torna transparente e acontece quando há uma quebra de valores ou confiança, entre as relações sociais, representando então mais uma das ramificações desta doença.

Peter, do mesmo modo, fez acusações a Michel de não assumir seu relacionamento com ele e ter sua linha particular de relações, sempre o escondendo de seu mundo, enquanto ele o havia apresentado para seus amigos e familiares e o questiona até quando ele pretende não assumir o que ele é, se somente quando vir a óbito. Michel o manda embora de casa e vai para Nova Inglaterra para casa de seus pais.

Entramos em uma nova sequência e há um corte com o recurso de *dissolver*. É noite na casa dos pais de Michel, há duas mesas na sala, Katherine e Nick recebem alguns amigos em sua casa para jogar baralho. A câmera em plano médio filma Beatriz que fala “nós damos às cartas”. Em sua mesa há um casal amigo da família e Nick. Na outra mesa se

encontra Katherine, mais duas amigas e um amigo. Eles conversam sobre Michel e uma de suas amigas pergunta quando ele chegou. Katherine responde que ontem à noite. E sua amiga continua perguntando como ele está. Neste momento, Michel aparece no topo da escada, está suado e olha para baixo e ouve sua mãe dizer que está magro demais, mas ele diz que se sente bem. Enquanto ele desce as escadas, a conversa continua e a amiga de sua mãe fala que ela deveria apresentá-lo a Gwer Fletcher. Katherine retruca e diz que pensou que ela havia casado. A amiga continua a falar que a mulher a quem se refere está divorciada, mas recebe pensão para os filhos. A câmera se volta lentamente para o rosto de Katherine e dá um close. Enquanto sua amiga fala, ela observa Michel indo para o quintal. Pede licença e sai para estar com ele.

Já no quintal, Michel está sentado em um banco, pensativo, e sua mãe, que está agasalhada, vem em sua direção e o aborda, perguntando o que ele fazia ali fora, já que estava frio. Michel olha para sua mãe e responde que precisava de um pouco de ar. Sua mãe diz que sim, mas achava que ele deveria estar na cama e o oferece um chá. A câmera neste momento dá um close em Michel que olha para sua mãe como quisesse lhe contar alguma coisa. Então Katherine o pergunta o que é, pede que ele diga e Michel fala que está muito doente. Neste momento Nick sai e chama pela esposa. Michel e Katherine olham para Nick que anda em direção a eles e ela responde que estão no quintal. Olha para Michel e toca seu rosto como se quisesse sentir sua temperatura. Nick chega e pergunta para o filho porque ele não entra e não cumprimenta os convidados. Katherine responde que Michel não está se sentindo bem, parece estar com febre. Nick retruca e diz que ele parece estar bem. Porém Katherine diz que não, é fácil ter uma recaída de pneumonia, pega no braço de Michel e diz que acha que eles deveriam entrar.

Michel fala que não é apenas pneumonia, então a câmera se volta para Nick e Katherine em plano médio que se olham e novamente dá um close no rosto de Michel que revela estar com AIDS. Há close nos rostos de Nick e depois de Katherine, que ficam atônitos, sem saber o que falar. Contudo, a câmera se volta para o rosto de Nick que pronuncia o nome da doença como se tentasse lembrar ou associar a algo. Há um close em Michel que começa a falar. A imagem volta para Nick e ele diz que sim, que sabe o que é. A câmera agora filma todos e sua mãe diz a Michel que é impossível e pergunta quem disse isso a ele. Há novamente um close no rosto de Nick que está tentando entender, mas em sua expressão podemos ver o nervosismo. Katherine se pergunta se “a AIDS não é aquela doença que...” e fica em silêncio. Quando há mais um close no rosto de Michel, ele revela que é gay. A câmera

agora dá um close no rosto de sua mãe e logo em seguida de seu pai, Nick vira-se e dá um passo, quando Michel levanta-se e chama o pai, Nick se volta para ele bruscamente e ameaça agredi-lo, mas Katherine o impede. Neste momento, Beatriz aparece na porta e pede para Nick voltar para o jogo, pois ele sempre sai quando a mão dela está boa. A câmera volta para eles e Nick está apenas olhando para Katherine com as duas mãos dadas para ela.

A Síndrome, na ficção, aparece representando um dos seus principais representantes, o chamado Grupo de Risco: Homossexuais, hemofílicos e usuários de drogas intravenosas. Na fala de Katherine, mãe de Michel, vemos o espanto, quando o filho fala que está enfermo de AIDS, mas como ela ainda não tinha conhecimento sobre a condição sexual do filho, acha improvável que ele estivesse com a enfermidade.

A doença no filme é representada, assim como na vida real, naquele momento: uma enfermidade que atinge um grupo especial de pessoas. Segundo Chartier (2002) “Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação.” (CHARTIER, 2002, p. 17). O que podemos compreender e aplicar em nossa pesquisa sobre a citação acima de Chartier é que o grupo de pessoas que está fora do grupo de risco “tem o poder” de dominar o campo das representações sobre a doença, no sentido da culpabilização dos doentes.

Na década de 1980 a AIDS, nos EUA, parece atacar um grupo seletivo de pessoas, enquanto as outras que não fazem parte deste grupo acreditam estar a salvo. Porém, mesmo com pouquíssimos indícios, a doença se manifesta em outras pessoas fora do Grupo de risco. Os médicos e a ciência consideravam casos isolados e não entendiam que a AIDS era uma enfermidade que podia atingir a todos e na obra fílmica tal questão é pouco debatida. Já a questão da homossexualidade também fica evidente a posição dos pais de Michel, e principalmente de Nick.

Entramos em uma nova sequência, há um corte seco para frente da casa dos pais de Michel e a câmera filma de baixo para cima. É de manhã, quando a câmera pelo lado de fora filma Katherine em plano médio na janela, vestida com roupão azul, pensativa, fumando um cigarro. Quando ela decide sair da janela a câmera foca a sala e ela deixa o cigarro no cinzeiro que está em cima de um móvel. Prende o cabelo, pega o cigarro novamente e dá o último trago. Neste momento a câmera dá um close em um porta-retrato que também está em cima do móvel. Com o close na foto de Nick e Katherine começa-se a ouvir o piano. Ela está

a tocar e na imagem podemos vê-la e contemplar toda a sala que está desorganizada. Há copos e cinzeiros com muitas bitucas de cigarros e charutos apagados da noite anterior.

Michel entra na sala e começa a tirar os copos e Katherine para de tocar. Olha para trás e fala para ele deixar aquilo e ir descansar. Ele diz que pode ajudar, mas ela insiste que não. Recolhendo os copos, fala e olha para Michel dizendo que pediu a George Littlefield não fumar charutos ali. Michel senta no banco do piano voltado para ela e diz que sabe que não escolheu a melhor hora. A imagem volta-se para Katherine em plano médio que pergunta para o filho “quando seria a melhor hora?”, Michel se levanta e irritado pergunta o que ela quer dizer com isso, se não era para ele ter ido para lá. Sua mãe responde ofendida: “claro que não! Que ali é a casa dele e que eles são os seus pais”.

Michel senta-se novamente, agora próximo ao parapeito que tem a janela e sua mãe senta-se ao seu lado e pergunta como ele está se sentindo. Michel responde pacientemente que bem e que apenas precisa se cuidar. Ela pergunta se ele haveria contado a eles se não tivesse ficado doente, ele responde sinceramente que não sabe, pois desejava ter contado há muito tempo. E sua mãe lhe questiona o porquê de não ter contado. Ele senta-se novamente no banco do piano e neste momento a câmera dá um close em seu rosto e ele diz que pensou que eles não iriam o aprovar. E pergunta: “aprovam?”.

Katherine sem ação com a pergunta do filho, fica confusa. Levanta-se e se aproxima de Michel e acaba dizendo que não, mas o que interessa é que Michel é seu filho e não iria deixar que nada no mundo os separassem e complementa que se sente mal por não ter sabido antes. Michel se levanta e fica de frente para o piano. Katherine fala que para Nick foi um choque muito grande, muito inesperado, que ele não podia imaginar e não conseguiu entender. Michel fala que seu pai nunca vai entender, socando o piano. Katherine o repreende, pede para ele parar um instante e diz que ele teve medo de ser julgado por eles, que agora não julgue Nick e dê também uma chance para ele. Katherine o chama para tomar café, mas seu filho responde que não está com fome e retruca que ele irá comer mesmo assim. Michel vai até a janela e fica pensativo.

O que consideramos relevante nesta cena além do dialogo que iremos comparar mais adiante com o do pai de Michel é como a cena foi montada. A sala estava completamente bagunçada e Katherine desolada, antes dela ir tocar o piano é dado um close na foto do casal em cima do móvel, então compreendemos que o estado que se encontrava a sala naquele momento, era o estado que havia ficado Katherine e Nick ao saber da verdade. Contudo quando ela vai tocar o piano é como se a personagem fosse juntar seu pedaços e se reerguer

novamente, a partir deste momento o piano torna-se um elemento importante, no sentido de se representar recomeços, em outras cenas também obterá este sentido.

Há um corte seco, a câmara filma em plano aberto, vemos agora Michel a caminhar no pátio da Madeireira. Há um novo corte e Nick está apoiado em sua mesa ao telefone, quando se ouve a batida na porta, ele sem olhar pede para entrar. Michel entra e Nick finaliza a ligação. O filho pergunta se é uma boa hora. Nick anda até a porta e pede à secretária que lhe traga as folhas de pagamento. E deixa a porta aberta, Michel fala que queria ter conversado com ele hoje pela manhã, antes de Nick ir para empresa. Nick sarcástico responde que advogados dormem até tarde. Michel que ainda está em pé encosta a porta e senta-se distante da mesa de seu pai e pergunta para ele: “que tal agora?”. Nick responde ríspido que está ocupado. Michel retruca que tem certeza que “se ele pedir para o chefe, ele permite”. A secretária entra e coloca os papéis na mesa de Nick, fala que ali estão, vira-se, olha para Michel e diz que toda vez que o vê parece que está mais bonito e se retira.

Nick o pergunta o que ele quer. O advogado responde que deseja apenas que ele o escute. Nick diz que já ouviu que ele é homossexual e está “com esta doença”. Michel responde desanimado que é uma doença que quando as pessoas falam nela, elas querem correr em direção contrária e que ele não as culpam, pois também gostaria, mas que não pode, porque está dentro dele. Nick olha para ele e Michel vira o rosto. Michel se levanta, vai para a janela e continua a dizer que está muito envergonhado. Nick coloca a mão na testa decepcionado e continua a assinar seus papéis. Michel complementa que não tem coragem de encarar ninguém, pois sabe o que estão a pensar. Ele olha para o pai e diz “o mesmo que você!”

Nick olha para ele com uma expressão de chateação e a imagem volta para Michel, que continua seu discurso e diz que pensam “que por ele ser um homossexual merece isso”. Nick retruca e diz que Michel não sabe o que ele pensa, e muito menos o que ele sente. O filho se senta em frente ao pai e diz que sabe que está sendo difícil para ele e que deveria ter contado há mais tempo. Michel diz que sente muito sobre isso, pois não teve coragem, mas que não vai se desculpar pelo que ele é, porque ele mesmo demorou muito tempo para aceitar.

Nick surpreso e nervoso retruca dizendo: “então você já aceitou” e fala “ótimo” e levanta-se e continua sua fala - quanto a ele e a Katherine? O que devem fazer? Abraçar seu novo estilo de vida? Michel responde que não, que não está pedindo isso. Nick complementa e diz que Michel volta quando e como quer e espera que eles tenham a reação que ele deseja, complementa dizendo que as coisas não são assim. Michel pergunta como as coisas são. Pois

ele precisa saber. Nick com uma expressão de tristeza responde que pode começar dizendo que como um filho, um filho dele, pode ter se tornado um estranho. Que foi para faculdade e depois para Chicago, que o vê a cada seis meses, que se falam por telefone toda semana e pergunta como está à vida. Nick enfatiza que nunca se intrometeu, porque entendia que Michel era um homem feito com sua própria vida e devia ser assim, pois não se podia esperar que fossem mais próximos do que já foram. Mas nunca pensou que chegaria o dia, que estaria em sua frente e não saberia quem ele era. Michel tenta falar algo, mas Nick pede para ele voltar para casa, pois ali é lugar de trabalho e ele precisa trabalhar. Então Michel levanta-se sem falar nada e sai. Nick senta-se em sua cadeira, põe as mãos na cabeça e fica desolado.

No filme o personagem homossexual não foi visto com bons olhos nem mesmo por sua família. Fica claro que o pai de Michel não aceita sua condição sexual e o julga por suas escolhas. Seu pai vê a doença como consequência do seu estilo de vida, provando que não sabe quase nada sobre a enfermidade. Percebe-se que tem medo que Michel seja um risco para toda a família. Porém a esposa que também não aceita, mas respeita o filho, é aquela que possui algum conhecimento sobre a enfermidade e não tem medo de uma possível contaminação pelo contato casual. Segundo a psiquiatra Kübler-Ross:

As histórias dos aidéticos eram todas parecidas. Primeiro, tiveram que se debater para contar para a família que eram homossexuais. Não podiam adiar a revelação por muito tempo já que precisavam cada vez mais de hospitalizações e (de qualquer forma) a família ficaria sabendo mais cedo ou mais tarde. As reações dos familiares mais chegados eram múltiplas; do choque e total rejeição ao amor incondicional. As mães embora mais consternadas, acabavam aproximando-se dos filhos com mais frequência do que os pais, que os consideravam “não merecedores de serem chamados de filho”, ou simplesmente “não tinham nada a ver com eles”. (KÜBLER-ROSS, 1988, p. 30).

A citação acima da obra da psiquiatra Kübler Ross, que tratava de doentes terminais na década de 1980, nos Estados Unidos, também de pessoas acometidas pela AIDS, ajuda a compreender, como era complicado para os homossexuais que não revelavam para as suas famílias acerca da sua condição sexual, e depois de doentes tinham que contar às famílias porque não mais podiam esconder, assim, enfrentavam o desprezo ou recebiam o amor incondicional. É perceptível como a obra fílmica tratando do tema se utilizou do choque com o mundo real para representá-lo na ficção.

Entendemos que neste filme, a luta de representações não existe apenas no que se refere à doença, mas também no âmbito das condições sexuais. No caso do pai do Michel o que mais lhe dói é ter um filho homossexual, não o fato de ter sido acometido pela doença em

si, já a mãe de Michel consegue enxergar o filho, além de sua orientação, e por mais que lhe incomode o fato do filho ser quem é, sente-se mal por saber que, mais cedo do que todos imaginam, Michel vai perder a vida.

Há um corte seco para a casa dos pais de Michel, que acompanha a irmã Susan no quintal. Ela está com um cesto de roupas nas mãos e fala que não acredita que finalmente o irmão revelou que é gay para os pais, e pergunta a Michel o que eles disseram. Michel fala que quase nada. Susan ri e disse que ela estava com problemas com Bob, que ficou um clima esquisito por várias semanas e que pelo menos se livrou do peso quando contou.

Eles entram em casa, passam pela sala de jantar e chegam à sala de estar. Susan continua a falar e diz para Michel que a vida é dele, que a mãe e o pai não têm o direito de se intrometer, porém espera que ele esteja sendo cuidadoso, pois vê muitas histórias horríveis nos noticiários sobre a AIDS, que é de dar medo. Michel está próximo à janela, apoiado com sua mão direita com a cabeça baixa, fala para Susan que pegou. Susan assustada olha para ele e diz não. Neste momento o filho de Susan desce as escadas e vem correndo em direção a Michel cumprimentar o tio. Susan pega o menino no braço a força e não deixa ele se aproximar, enquanto a criança grita querendo abraçar o tio. Michel fica sem reação olhando para Susan que o olha com medo.

A moléstia aqui é representada pelo terror, pelo medo da contaminação. Enquanto a mãe de Michel possuía algumas informações esclarecedoras sobre a enfermidade, o pai desprezava Michel pela sua condição sexual. Susan, que era a irmã confidente, pois era a única da família que tinha conhecimento da condição sexual do irmão, possuía um conhecimento equivocado sobre a doença. No filme as notícias sobre a Síndrome eram representadas como superficiais, não havia certeza sobre nada referente à AIDS, por isso muitos agiam como Susan.

Outro corte seco para outra sequência de cena em plano médio. É noite. Michel, Katherine e Nick estão na mesa de jantar, todos comem, todos estão quietos, pois não estão à vontade. Katherine rompe o silêncio e diz a Nick que o dentista ligou e quer remarcar a consulta para sexta à tarde. Nick confirma e continua a comer. Katherine pergunta a Michel se ele quer mais arroz. Michel responde que não e agradece. Diante do desprezo do pai e da irmã, Michel decide voltar para Chicago e anuncia a sua decisão na mesa de jantar. Entretanto sua mãe diz que ele não está bem suficiente para ir e pede para o pai intervir. Mas Nick fala que ele pode fazer o que quiser, que a decisão é dele. Katherine encara Nick com profundo aborrecimento e a câmera volta-se para Michel que ainda à mesa começa a sentir um forte

tremor na mão direita. Katherine preocupada pergunta se ele está bem, Michel diz que só precisa se deitar; se levanta e vai em direção à mãe para dar-lhe um beijo de boa noite, quando seu pai fala para ele não fazer isso. Katherine repreende Nick, mas Michel diz para mãe deixar, magoado, diz que o pai deve estar certo, deve-se “pegar” a doença só em olhar para ele.

Na mesma sequência, adentramos no quarto dos pais de Michel, Nick está sentado na cama e termina de colocar seu pijama. Katherine entra no quarto e fica a sua frente e pergunta o que ele fazendo e se ele não acha que Michel já está sofrendo o bastante. Nick retruca e pergunta quanto a eles, se também não estão sofrendo, e se “pegar”. Katherine sorri e diz que isto não é possível, senta-se ao lado dele e explica que não se pega por contato casual ou por estar no mesmo ambiente que Michel, nem nada assim. Ela pergunta onde está aquela revista que explica tudo sobre, levanta-se e começa a procurar. Nick retruca e se exalta dizendo não querer ver e nem saber, mas ela também aumenta seu tom de voz e diz que ele precisa saber. Ela senta-se ao lado dele mais uma vez e coloca a revista atrás de si na cama e diz para Nick que há uma grande chance de Michel vir morrer disto. Nick olha para ela, que continua a falar que o filho irá precisa de muita atenção, de muito cuidado. Nick se levanta e diz que ele pode ter de “sua gente”. Katherine retruca e diz que eles são sua gente. Nick continua e fala que ele é gay. Katherine se levanta inconformada e diz que ele é filho deles. Sai do quarto e Nick fica pensativo.

Nestas cenas que acabamos de narrar o personagem de Ben Gazzara demonstra todo seu medo pela doença e sua repugnância pelos homossexuais. Por falta de informação, Nick tem medo que o contato casual com Michel acabe por contaminar sua esposa e sua família. Aqui percebemos de forma clara que a falta de informação sobre as formas de contaminação são totalmente prejudiciais às relações sociais dos enfermos de qualquer doença contagiosa, principalmente a AIDS.

O filme, mesmo sendo considerada uma obra de arte que conta com toda a liberdade para a sua criação, acaba por ajudar na informação, combatendo assim o preconceito. Katherine, que possuía uma revista que as tinha informações sobre a enfermidade, não tinha todo este pavor que Nick e Susan, narrada na cena anterior, possuíam. A diferença entre os personagens em relação ao conhecimento sobre a AIDS é nítida e a falta de conhecimento causa mais sofrimento, para o enfermo, que aqui no caso da ficção é Michel.

A cena escurece e *dissolve*. Entra-se em uma nova sequência e Michel está em seu quarto dormindo, as luzes estão apagadas, podemos vê-lo pelo reflexo da luz que vem de fora

de sua casa, quando sua mão começa tremer com muita intensidade. Apavorado, Michel chama por sua mãe por três vezes e logo após entra em uma forte crise convulsiva. Katherine corre até o quarto de Michel e tenta segurá-lo e chama pelo nome dele, mas em forte crise ele não responde. Nick chega ao quarto e também tenta a ajudar a segurá-lo e Katherine pede para ele chamar alguém. Michel está com uma infecção no cérebro, Toxoplasmose, que será explicada mais à frente.

A cena é cortada para fora da casa e está chovendo muito. Ouvimos o som da ambulância que chega; imediatamente os dois atendentes saem do veículo e um deles pergunta onde está o paciente. Nick responde que o filho se encontra na parte de cima da casa e eles entram. A cena volta ao quarto de Michel, que está nos braços de sua mãe desmaiado, e ela explica rapidamente que ele tremia muito, tinha convulsões. Um dos atendentes pergunta se ele toma alguma medicação, enquanto o outro o examina. Katherine aponta para mesinha ao lado da cama, mostra os remédios do filho e fala que precisam levá-lo para o hospital, o atendente olha o frasco de medicamento e pergunta para que ele toma aqueles remédios. Katherine responde que ele teve pneumonia, o atendente pergunta se ela tem certeza que foi só isso. Ela responde que ele tem problema no sistema imunológico. O outro atendente que estava a verificar o pulso de Michel pede para Katherine falar de uma vez o que filho dela tem. Então Katherine revela que é AIDS, os atendentes se olham assustados e pedem desculpas, mas ela terá que achar outro jeito de levá-lo ao hospital. Katherine fica desesperada e implora pedindo por favor.

Nick corre atrás dos atendentes, pergunta o que é aquilo e explica que Michel precisa ir para o hospital, pois está doente. Um dos atendente entra na ambulância, responde que sente, mas não transporta ninguém com AIDS. Nick continua a implorar e dizer que ele está doente e precisa de ajuda e a ambulância vai saindo. Quando Nick consegue abrir a porta do motorista da ambulância, pega o atendente pelo colarinho e o ameaça processá-lo caso perca seu filho. Logo o atendente o empurra e diz para Nick levá-lo e volta para direção da ambulância. Nick soca a ambulância enquanto pode e o veículo vai embora. Nick sobe correndo e pede para Katherine tirar o carro que eles mesmos irão levá-lo para o hospital. Katherine desce correndo, enquanto Nick pega Michel no colo e desce as escadas para levá-lo para o hospital.

A cena que acaba de ser narrada representa mais uma complicação da AIDS. O desespero de Katherine é enorme para tentar ajudar o filho, que está inconsciente, mas não pode fazer nada, além de gritar por ajuda. O choque de Nick que inicialmente não sabe o que

fazer, mas depois consegue finalmente tomar uma atitude e auxiliar Michel. As imagens são impactantes, pois o que era um jovem saudável e bem sucedido, agora precisa de ajuda e de uma atenção constante, pois não se sabe quando a doença vai se agravar. Percebe-se que o personagem passa a ser dependente de auxílio, mesmo não querendo ser.

Outro aspecto muito importante nestas cenas foi à recusa de atendimento dos funcionários que trabalhavam na ambulância e, como se pode perceber, não foi a primeira vez que Michel ficou sem ser atendido por ter AIDS. O medo de se contaminar para estes personagens eram mais forte de qualquer informação que possam ter recebido, referente à doença. Kübler-Ross esclarece que:

Após enfrentar a reação da família que, via de regra, era a primeira e a mais difícil lição, muitos tiveram de assimilar em alta escala a reação da sociedade: do dentista que se recusa a tratá-los ao motorista da praça que não aceita conduzi-los ao hospital numa situação de tremenda emergência. Muitos, entre os próprios profissionais da saúde, trataram os aidéticos com crueldade e distanciamento maior que devotados aos leprosos na Idade Média. (KÜBLER-ROSS, 1988, p. 30).

Kübler-Ross em sua obra narra fatos reais e aqui contrastamos com as representações da ficção. Segundo a autora, as pessoas acometidas por esta enfermidade sofriam estes preconceitos e estigmatizações, pois as pessoas “normais” rejeitavam e evitavam o contado casual com o doente. Os enfermos de Hanseníase, em tempos mais remotos, sofreram até com o isolamento compulsório. Não foi o caso dos enfermos da AIDS, mas o sofrimento com o estigma e preconceito foi semelhante que, de certo, fez com que alguns doentes se isolassem e perdessem o contato com a sociedade.

Tanto na obra da Kübler-Ross como na representação do doente na obra fílmica, percebe-se claramente o estigma sobre o acometido. Nesta obra o que pode-se compreender também é que Michel não teve muitas oportunidades para esconder sua enfermidade, então utilizando-se da concepção de Goffman (1963) rapidamente de *desacreditável* o status social do personagem foi quase que diretamente para *desacreditado*.

Há um corte seco e a câmera alcança o casal no corredor do Hospital. Katherine está sentada vestida com um sobretudo cor de pele, fumando um cigarro, com sua cabeça apoiada em Nick que está em pé. No corredor, vemos movimentos de enfermeiros a passar com pacientes em cadeira de rodas e em outras atividades frequentes de hospitais. E algumas portas de quartos. Dr. Gilbert (Don Capa) sai do quarto em que Michel está internado, se dirige ao casal, se apresenta e diz que cuidará de Michel. Nick pergunta como ele está e Gilbert explica que ele teve um ataque e que, segundo o neurologista, foi causado pela

Toxoplasmose⁷¹, uma infecção que ele teve no cérebro muito comum em pacientes com AIDS. Nick ainda o questiona se ele irá ficar bem. O doutor responde que certamente, pois ele está respondendo bem ao tratamento, quando termina de explicar sai para continuar suas consultas.

A câmera filma agora em plano médio e acompanha Katherine que vai atrás do médico e lhe diz que sabe pouco sobre a doença, e pouco que sabe foi lendo a respeito e dizia que grande percentual dos pacientes não sobrevive à enfermidade. O médico fala para não se preocupar com isso agora, nem com possibilidades ao longo prazo, mas se concentrar em ajudar Michel agora. A câmera dá um breve close (movimento que será comum neste diálogo) no rosto dela que pede perdão, mas precisa saber as chances do filho. A imagem close se volta para o médico agora. Ele diz a ela que mesmo com toda sua experiência, não conhece ninguém que tenha sobrevivido à AIDS. Então Katherine fica alguns segundos em silêncio tentando assimilar a resposta e retruca o médico dizendo “ninguém?”. Ele explica que uma vez que o sistema imunológico é destruído, o corpo fica indefeso, aberto a todo tipo de doenças e infecções. Katherine ainda tenta argumentar que havia ouvido em algum lugar que existia cura. Porém o médico nega, pois estão procurando por uma e isso pode levar anos. Katherine com expressão e tom de indignação fala ao médico que Michel disse que se sente melhor. Então o doutor responde ainda sereno que nenhum de nós desejamos morrer, e é natural negar, ainda mais quando se é jovem. Com expressão de lamento ele se vira e sai.

Porém Katherine ainda possui dúvidas, mais uma vez o segue e toca no seu braço. Quando ele se vira, ela pergunta se ele está dizendo que Michel vai morrer. Agora em plano médio a imagem filma os dois e o médico segue explicando e diz que haverá períodos que ele se sentirá relativamente bem, quando poderá levar uma vida normal, mas progressivamente ficará cada vez mais fraco ao lutar contra uma infecção oportunista⁷², após a outra, finalmente seu estado vai se deteriorar.

⁷¹Toxoplasmose é uma doença infecciosa, congênita ou adquirida, causada por um protozoário chamado *Toxoplasma gondii*, encontrado nas fezes dos gatos e outros felinos. Homens e outros animais também podem hospedar o parasita. A toxoplasmose pode ser adquirida pela ingestão de alimentos contaminados — em especial carnes cruas ou mal passadas, principalmente de porco e de carneiro, e vegetais que abriguem os cistos do *Toxoplasma*, por terem tido contato com as fezes de animais hospedeiros ou material contaminado por elas mesmas. A toxoplasmose pode ser transmitida congenitamente, ou seja, da mãe para o feto, mas não se transmite de uma pessoa para outra. Seu diagnóstico é feito levando em conta exames clínicos e exames laboratoriais de sangue. Em caso de pacientes soropositivos, o tratamento é indispensável, pois a forma disseminada da doença pode envolver retina, pulmões, cérebro, pele, músculos, fígado e coração. Pacientes com AIDS requerem tratamento e atenção especial para controlar a progressão da depressão imunológica associada à doença. Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/letras/t/toxoplasmose/>>. Acesso em: 29 mar. 2016.

⁷² As infecções oportunistas são doenças que se aproveitam da fraqueza do sistema imunológico, que cuida da defesa do organismo. Como os principais alvos do HIV, vírus causador da AIDS, são essas células de defesa, é

A expressão de Katherine neste momento é de sofrimento, mas ela ainda pergunta quando isso pode acontecer. Gilbert responde de um, talvez dois anos. Neste momento, a câmera dá um close no rosto de Katherine, que diz ao Médico que deve ter algo que se possa fazer, pois ele é um médico. A câmera em primeiro plano ou extreme close⁷³ (que ficará assim até o fim deste diálogo) foca no médico que, já irritado, explica que ele tem uma paciente com AIDS que deu à luz a uma menina e acham que a criança também tem. Tem um casal também, o marido era hemofílico, morreu naquela manhã e explica o que está tentando dizer que o filho dela não é o único. E ainda há falta de pessoal, de verbas e que está tentando poupar seu tempo e energia para os seus pacientes. E pergunta se ela deseja saber mais alguma coisa.

Katherine retruca pergunta o que ela deve dizer para ele. Gilbert diz que lhe dê o maior apoio que puder, encorajá-lo a viver a vida dele. Katherine, com uma expressão desânimo, pergunta se eles devem mentir. O médico responde que eles devem permitir que ele tenha esperança, pois é a única arma que lhe resta. O médico sai e uma música suave toca, enquanto Katherine fica parada no corredor do hospital sem se mover, com uma expressão arrasada.

O que chama atenção para análise desta cena é o diálogo extenso da mãe de Michel com o médico, uma conversa com tom de desespero, pois a Katherine pede que o médico salve a vida do filho, mas infelizmente a medicina e a ciência nem sempre conseguem encontrar respostas rápidas para a cura de uma enfermidade epidêmica mortal, de imediato. No filme percebemos que mesmo a AIDS sendo uma epidemia nos Estados Unidos, como foi dito anteriormente pelo médico que acompanhou Michel em sua primeira internação, as notícias sobre a AIDS e as informações eram escassas. E por quê? Já que a doença não parava de se espalhar por todo o país e pelo mundo? Compreende-se assim que possivelmente, muitas das representações encenadas nesta obra fílmica sejam críticas diretas ao Governo dos EUA.

importante estar sempre de olho na saúde. Para manter uma vida saudável e evitar que o organismo baixe ainda mais suas defesas, é necessário cuidar da alimentação, fazer exercícios físicos e estar bem emocionalmente. Com esses cuidados diários, será mais difícil que seu corpo fique vulnerável a resfriados, gripes ou problemas gastrointestinais, que podem evoluir para doenças mais graves. Em pessoas com AIDS, o estágio mais avançado da doença, essas infecções muitas vezes são graves e podem ser fatais, pois o sistema imunológico do indivíduo pode estar danificado pelo HIV. Por isso, é bom prestar atenção às alterações do nosso corpo.

São infecções oportunistas, entre outras: Infecções recorrentes ocasionadas por fungos (na pele, boca e garganta); Diarreia crônica há mais de 30 dias, com perda de peso; Pneumonia; Tuberculose disseminada; Neurotoxoplasmose; Neurocriptococose; Citomegalovirose; Pneumocistose. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/infeccoes-oportunistas>>. Acesso em: 29 mar. 2016.

⁷³ Bahiana (2012) explica a função deste enquadramento como podermos estar “dentro da cabeça” do personagem. Seu mundo interior, neste momento é mais importante do que outra coisa, e apenas quem eles são, o que pensam ou sentem deve prender nossa atenção. Vemos apenas olhos, ou bocas, ou olhos/ nariz/boca.

Katherine fala que leu sobre a enfermidade em uma revista, que não sabia muito sobre o que o filho tinha e que desejava mais informações, por isso abordou o médico, que tentava responder com o conhecimento que tinha, pois a ciência ainda investigava a doença e a única certeza é que ela era fatal e quem a desenvolvia tinha pouco tempo de vida. A luta interior de Katherine também chama atenção, ela não queria mentir para o filho e o médico lhe recomendava que ela alimentasse a esperança, mesmo sabendo que Michel iria morrer e mais uma vez compreende-se que a enfermidade era representada como uma sentença de morte.

O desabafo do personagem do médico, referente à falta de investimento nas pesquisas e no pessoal para cuidar de pessoas com esta enfermidade, também chama atenção, pois diante da exposição do problema pelo corpo médico e o pouco investimento na pesquisa, esta cena soa como uma crítica para o Governo estadunidense, pois no período como se compreende que é uma denúncia, já que vimos no primeiro capítulo que as primeiras iniciativas mais incisivas contra a AIDS foi dos próprios enfermos e dos homossexuais, porque segundo Garret (1994) havia uma diferenciação entre as doenças e principalmente os Grupos que eram acometidos por ela.

Outro ponto que nos chama atenção e merece destaque é o modo que a câmera opera nesta sequencia de cenas. Segundo Martin (2013):

O primeiro plano corresponde (salvo quando tem um valor simplesmente descritivo e funciona como uma ampliação explicativa) a uma invasão do campo da consciência, a uma tensão mental considerada, a um modo de pensamento obsessivo. É a culminação natural do *travelling* para frente, que frequentemente reforça e valoriza a contribuição dramática proporcionada pelo primeiro plano em si mesmo. No caso de um objeto, exprime geralmente o ponto de vista de um personagem e materializa a vigor com que um sentimento ou uma ideia se impõe a seu espírito [...]. Quando se trata de um plano de rosto, pode evidentemente ser “objeto” do olhar de um outro personagem, mas em geral o ponto de vista da câmera é o do espectador por intermédio do personagem: são assim os planos faciais dolorosos [...]. (MARTIN, 2013, p. 43).

Assim como Bahiana o autor explica claramente a intenção de uma cena em primeiríssimo plano, através dos personagens o alvo são os espectadores possam sentir, ou ainda entender aquele sentimento ou ação que esta sendo representada naquele momento. Este diálogo da mãe de Michel com o médico é usado para esclarecer que a doença é mortal e ainda tentar sensibilizar o publico, colocando um apelo através do personagem, mortalmente, enfermo, e ainda chamando a atenção das autoridades publicas, para agir em prol da causa da AIDS.

Há um corte seco e a câmera filma em plano aberto. Nick deixa Katherine em casa e vai trabalhar, ela entra pela porta da cozinha. Susan está sentada em uma cadeira com uma xícara na mão e a cumprimenta. A câmera filma em plano médio Katherine pega uma xícara dentro do armário e coloca seu café, enquanto Susan pergunta se Michel está bem. Ela responde que não sabe, mas acha que sim. Susan ainda pergunta o que o médico disse. Ela diz que ele vai se recuperar desta vez. Ela olha para Susan que vira o rosto triste, aproxima-se, e a abraça e diz que vai voltar amanhã para vê-lo, a expressão de Susan muda para medo. Katherine continua dizendo que Susan pode ir com ela. Susan responde que não poderá ir amanhã, pois precisa fazer algumas coisas e deixar o carro. Katherine se afasta dela e a chama pelo nome decepcionada. Susan olha para sua mãe com expressão de medo e diz que não pode vê-lo. A mãe pergunta o motivo. Dá-se um close no rosto de Susan (de cima para baixo) que fala com ênfase que está grávida. Katherine ainda paciente, fala que não há risco de estar no mesmo quarto que ele. Susan se levanta vai até a cafeteira e fala que não pode se arriscar. Katherine sai chateada da cozinha e vai em direção à sala. Susan vai atrás dela dizendo para ela respeitar sua decisão, pelo menos uma vez. Katherine para no meio da sala e pergunta se a decisão é dela. Susan pergunta o que a mãe está querendo dizer com isto. Katherine retruca e questiona à filha se Bob (o genro) não tem nada a ver com isso. Susan responde que ama Michel, e que Bob não tem nada a ver com isso, mas tem que pensar na família dela. A mãe decepcionada responde que pensava que eram da família de Susan, mas pede perdão, diz que vai subir e que Susan faça o que acha melhor.

Em outra sequência de cenas, no hospital onde se recupera, Michel conhece um Grupo de apoio a pessoas que já desenvolveram a doença. Deste grupo fazem parte cinco pacientes e uma psicóloga. Nesta parte da ficção é muito interessante observar este grupo. Apesar de Michel participar uma única vez, dá para fazer uma análise interessante da doença nesta única cena em que o grupo do hospital está reunido.

A câmera inicialmente filma o fundo da sala de formato quadrangular, onde há apenas sete cadeiras posicionadas em círculos com os integrantes sentados. A psicóloga apresenta, Michel ao grupo. James (Essex Smith) é o primeiro a cumprimentá-lo e pergunta como ele está e Michel responde que bem. James diz que também está aguentando firme.

A distância da câmera a partir de agora ficará em plano médio filmando os pacientes quando falam. Todd (Christopher Bradley) pergunta por que ele está ali. Victor DiMato (John Glover), nem espera Michel responder e olha para ele e diz que foi “Toxo”. E pergunta se ele acertou. Michel pergunta como ele sabe. E Victor diz que já teve. E James

comenta que Victor já teve tudo. Victor pretensioso fala que é uma maravilha para os médicos e em tom de brincadeira diz que amou o roupão de Michel e pergunta onde ele comprou.

A psicóloga o interrompe e pergunta para Todd se ele já iniciou sua quimioterapia. Todd é jovem, aparenta ter entre 20 a 25 anos, está internado com Sarcoma de Kaposi⁷⁴ e tem manchas grandes, de coloração marrom no rosto e demonstra muito medo da quimioterapia e dos efeitos dela. Responde que é amanhã e fala que está um pouco assustado. James, que está sentado ao seu lado esquerdo, toca em seu ombro e o encoraja dizendo para ele não se preocupar, pois se sairá bem. Todd continua e diz que dizem que o cabelo cai e Victor diz que só precisa ser criativo, quando temos menos com que trabalhar e tira seu gorro e dá para Todd. A câmera filma Phill (Scott Jaeck) que está pensativo fumando um cigarro.

Victor DiMato (John Glover), que é um gay extravagante e apesar de todas as circunstâncias, demonstra muito bom humor, fala que não sabe quanto aos outros, mas passou a semana ansioso, pois a última vez que viram James ele iria dar a “notícia” para seu patrão, então perguntam como foi. James fala que ele o demitiu e continua: perdi o seguro de saúde também. Neste momento a câmera volta-se para Michel que tem uma expressão de incomodado e James termina dizendo que seu chefe mandou desinfetar todo o seu escritório. Victor diz brincando: “com cheiro de limão ou pinho?”. Todos riem menos Michel e Phill (Scott Jaeck), e Michel pergunta se era para rir. Victor responde que ria e o mundo irá rir com você, chore e o mundo irá lhe encher a paciência.

A câmera volta-se para Phill que olhando para a psicóloga fala que viu sua esposa, ontem, a psicóloga o pergunta como foi. Ele diz que bem. Michel o interrompe e pergunta se ele não é gay. Phill responde e demonstra um pouco de irritação que não, não é gay. Victor

⁷⁴ Sarcoma de Kaposi é um tipo de câncer que acomete as camadas mais internas dos vasos sanguíneos. Além das lesões na pele, podem surgir outras semelhantes nos gânglios, no fígado, nos pulmões e por toda a extensão da mucosa intestinal (provocando sangramentos digestivos) e dos brônquios. É comum também ela se instalar na parte interna das bochechas, gengivas, lábios, língua, amídalas, olhos e pálpebras. A doença é rara em pessoas com o sistema imunológico íntegro, mas é uma complicação comum na AIDS. O herpes vírus oito humano parece estar implicado na manifestação da doença. Existem três tipos de sarcoma de Kaposi: a) Clássico: raro, de evolução lenta, atinge homens idosos sem comprometimento do sistema imunológico; b) Endêmico ou africano: forma mais agressiva, acomete mais os negros jovens da África Equatorial; c) Relacionado com o sistema imunológico deprimido, como ocorre com os HIV-positivos, os transplantados e os que tomam imunossupressores. Sintomas: Na pele branca, surgem lesões em forma de manchas vermelhadas, róseas ou violáceas, que se espalham pelo corpo e na região da boca e faringe. Na pele negra, elas adquirem a coloração marrom ou escura. Outros sintomas do sarcoma de Kaposi são inchaço principalmente nos membros inferiores por causa da retenção de líquido, e, nos casos mais graves, sangramentos digestivos e insuficiência respiratória. Diagnóstico: Além das características das lesões, endoscopia e biópsia são exames importantes para fechar o diagnóstico. Tratamento: O tratamento do sarcoma de Kaposi inclui quimioterapia, radioterapia, imunoterapia e drogas para inibir a formação de novos vasos sanguíneos. Medicamentos antirretrovirais contra o HIV diminuem o risco da doença nos portadores desse vírus e ajudam a promover a regressão das lesões. Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/sexualidade/aids/sarcoma-de-kaposi/>>. Acesso em: 29 mar.2016.

ainda tenta fazer uma brincadeira, perguntando se Michel está brincando, porém Phill o manda calar a boca e o chama de veado e Victor fala que está bem e pede para ele continuar a falar. Phill fala que acha que contraiu a doença de uma prostituta, pois ele costumava fazer estas coisas. E que no começo Linda, sua esposa, não queria que visse seus filhos, mas no dia anterior ela os levou e disse que ainda o ama e que ia ficar ao seu lado. Porém ele lhe deu um abraço e ela virou o rosto. Neste momento, a câmera volta-se para James que olha para cima com uma expressão de dor. A psicóloga o perguntou o que ele sentiu quando ela fez isso. Phill respondeu que ficou magoado, não tanto com o que ela fez, mas em saber que ninguém nunca vai beijá-lo. A imagem foca em Michel que vira o rosto como se não tivesse acreditando em tamanha desilusão.

Então James lamenta e diz que Phill pelo menos tem alguém para abraçar, pois que há muito tempo, ninguém o toca e Victor, com ar de brincadeira, diz que ninguém pediu para ele, pois está disponível. Michel chateado pergunta se Victor sempre é assim. Victor responde enfático que sempre. Todd pergunta à psicóloga onde está o Brian. A câmera filma uma cadeira vazia, então ela diz que queria conversar com eles sobre isso. A câmera volta-se parando em poucos segundos nos rostos de James, depois de Victor, suas expressões demonstram sofrimento. Ela continua e diz que Brian havia falecido ontem. Todd diz que havia conversado com ele há alguns dias e ele tinha dito que teve uma melhora e a psicóloga confirma. Então Todd, quase chorando, fala que está cansado de ficar amigo de pessoas que morrem. Victor, mais uma vez com ar de brincadeira, diz: “hoje é quase impossível reunir gente para um jantar”.

Então Todd diz que não sabe por que todos eles não acabam com tudo isso. James o olha e pergunta com o que. Todd, chorando, responde com tudo. Victor coloca a mão no ombro de Todd e o puxa para um abraço. Todd o olha e diz que só deseja que acabe e chora. Victor o consola e diz que ele pode chorar. Michel se levanta e pede licença, a psicóloga o chama, Michel diz que não quer estar ali. Victor o pergunta: “e quem quer?”. A psicóloga pede para ele ficar, ele responde que ali não era seu lugar. A psicóloga fala para eles conversarem sobre isso. E Michel já na porta diz que não há nada o que dizer. A câmera se movimenta lentamente para o fundo da sala e a cena se escurece e se dissolve.

Esta é uma cena importante do filme, pois são apresentados cinco personagens com AIDS e alguns contam suas histórias e suas dificuldades por causa da enfermidade. Percebe-se de forma clara como a doença abala suas vidas e suas relações sociais. A AIDS

desestrutura a vida dos personagens, deteriora o corpo, os pensamentos. Nesse momento esta enfermidade representa a morte em cada setor na vida, até chegar à morte física.

Esta cena apresenta personagens em estágios diferenciados da doença, quando o corpo está com o sistema imunológico debilitado. Michel estava com Toxoplasmose, Todd com Sarcoma de Kaposi, Victor em seu rosto também apresentava algumas manchas do câncer de pele, mas, como se narrou anteriormente, ele já havia apresentado diversas doenças oportunistas e nas cenas posteriores o veremos mais debilitado e provavelmente com pneumonia, ou câncer no pulmão, pois seu sistema respiratório estará comprometido. James aparentemente não se apresentava doente gravemente, não estava vestido com roupa hospitalar, e Phill estava internado, mas não ficou claro o motivo da sua estadia no hospital.

Cada um tinha sua história triste e ali todos eram *desacreditados*. A sociedade ficcional não dava mais nada por estes indivíduos. James, por exemplo, teve a necessidade de revelar seu diagnóstico para seu empregador, mas por quê? Na cena no grupo que ele participa, aparentemente ele poderia se passar por um *desacreditável*, manipulando esta informação. Podemos conjecturar que a necessidade de cuidar mais de sua saúde e visitar com frequência consultórios médicos passa a se torna insustentável. Como ele iria justificar, tantas saídas se não contasse a verdade? A rotina de quem possui uma doença grave como a AIDS, que naquele contexto tanto nesta ficção como na vida real, era difícil mascarar, posto que os sinais passavam a ficar cada vez mais evidentes.

Todd, muito jovem, estava acometido por um câncer de pele que geralmente acomete apenas pessoas com mais de 60 anos de idade. Seu pânico era justificável, pois tinha que se submeter à quimioterapia, um tratamento agressivo que não só faria seu cabelo cair, mas atingiria também a resistência do seu corpo. Já Phill não é revelado por que doença oportunista ele estava internado, entretanto ele fala para psicóloga sobre sua vida pessoal. Este personagem, diferente dos demais que estavam ali naquela reunião, não era homossexual, o que impressiona Michel, o que demonstra também que ele acreditava na “peste gay”.

Mesmo em um estado semelhante à de outros acometidos pela doença, sentimos na resposta de Phill um ar de superioridade, quando alega não ser homossexual, mas admite que seu erro foi ter relações sexuais com prostitutas, pois “costumava fazer estas coisas”. O que nos chama atenção também porque durante todo o filme, mesmo quando um heterossexual é acometido por esta doença, a culpa é quase sempre de alguém do Grupo de Risco, no caso, as prostitutas. Mesmo não sendo citadas como parte deste grupo eram consideradas como escórias da sociedade, *desacreditadas*, então propícias a passar o vírus.

A partir deste momento do filme podemos começar a compreender os *níveis de estigmatização*. Mesmo Phill enfermo conseguia se sentir superior aos outros enfermos daquele grupo, pois estava doente porque teve relação com uma prostituta, não porque havia se contaminado em uma relação sexual homossexual. Entendemos como se o personagem explicasse que seu “erro foi outro” e não o considerava grave, apesar de ter traído sua esposa.

Victor não fala no grupo nada sobre seus problemas, mas com seu bom humor tenta fazer piada de todas as desgraças. Quando James fala que perdeu o emprego, ou que ninguém mais o toca, ou quando Todd fala que está cansado de ficar amigo de pessoas que morrem, o personagem consegue fazer piadas sobre a situação de todos. Michel não consegue entender o bom humor constante de Victor diante de tantas desgraças, mas esta era a arma que Victor usava para não se abater, ou no mínimo esconder suas frustrações.

Michel não consegue ficar até o fim da reunião, pois não se vê parte deste Grupo. Quem poderia determinar que realmente ele pertencesse a ele? Segundo Goffman:

Como já se sugeriu, quando o indivíduo compreende pela primeira vez quem são aqueles que de agora em diante ele deve aceitar como seus iguais, ele sentirá, pelo menos, uma certa ambivalência porque estes não só serão pessoas nitidamente estigmatizadas e, portanto, diferentes da pessoa normal que ele acredita ser, mas também poderão ter outros atributos que, segundo a sua opinião, dificilmente podem ser associados ao seu caso. (GOFFMAN, 1963, p. 46).

Goffman explica o choque da primeira vez que uma pessoa que passa a carregar um estigma que ainda não tinha, quando se encontra com seus iguais (pessoas que possuem um estigma semelhante). O autor esclarece que é natural, no início, ter uma ambivalência de emoções e reações e não querer fazer parte daquele grupo, pois até pouco tempo a pessoa era considerada normal. Na ficção, vemos a representação do estigma e como para Michel foi difícil aceitar que fazia parte de um grupo de pessoas enfermas com os mais diversos e cruéis problemas e não se sentia *desacreditado* ainda, mesmo sofrendo com os preconceitos em sua própria família.

Depois de haver um efeito de cena *dissolve* a próxima cena mostra Michel em seu quarto, deitado em sua cama, a bandeja do almoço está à sua frente e ele ainda não havia tocado na comida, quando Victor entra em seu quarto e parado próximo à porta pergunta se Michel gostou do grupinho. Michel fica calado e olha para cima e Victor o provoca dizendo que adora o tipo forte e calado. Fecha a porta e segue andando em direção à cabeceira da cama e continua a falar que também não vibrou com a ideia de ser um deles, mas foi o único grupo para o qual ele entrou e o aceitaram. Michel vira-se e Victor pergunta como é mesmo o

nome dele, ele responde informando que já disse, então Victor fala para ele ser gentil e ainda de rosto de lado responde em voz baixa, Victor fala para ele responder alto. Então Michel já irritado diz seu nome completo.

Victor diz que um nome muito bonito. E estende a mão e se apresenta: Victor d'Amanto, tradução generosa seria vencedor do amor, Michel não lhe estende a mão, mas Victor não se importa e olha para sua mão e fala que não repare são feridas de guerra, um pouquinho de corretivo e pronto. Victor retira o suporte que cobre a comida de Michel e brinca perguntando se aquilo era um rato e diz que onde ele trabalhava eles levariam um tiro se servissem uma refeição assim. Michel sorri e pergunta se ele é garçom. Victor responde todo orgulhoso que é chefe e pergunta Michel o que ele faz ou se arranja com sua beleza. Michel responde não muito empolgado que é advogado. Victor puxa a cadeira, senta-se e diz que estava pensando em fazer um novo testamento e que seus bens estão muito mal. Michel diz que não faz testamentos e Victor diz que irá lhe pagar bem, baseado em uma contingência. Michel pergunta qual contingência e Victor responde que ele morra e diz não ter sentido em ter um se não morrer. Começa a rir, olha para o roupão de Michel e diz que adora o roupão.

A enfermeira Lincoln (Sue Ann Gilfillan) entra no quarto trazendo os medicamentos de Michel e fala para Victor que ele deveria estar em seu quarto, Victor retruca e diz que é ele quem dá as boas-vindas oficiais. A enfermeira sai e Victor fala em baixo tom que ela tem sido como uma mãe para ele. Olha para um criado-mudo, que tem ao lado da cama de Michel onde tem um bolo, e pergunta se é feito em casa. Michel o olha e diz que gostaria de ficar sozinho. Victor se levanta e diz que só pensou que gostaria de companhia, já que eles estavam no mesmo barco, anda em direção à porta, olha para trás e diz que o espera no grupo. Ele abre a porta e diz que as portas são as mais difíceis para ele.

Michel, ainda antes de ele sair, pergunta se ele deseja um pedaço de bolo. Victor brincando responde que não deveria, pois está tentando não engordar e volta para buscar o bolo, enquanto Michel ri e diz “tentando não engordar” e pergunta para Victor há quanto tempo está enfermo, sem citar o nome da doença. Victor responde ainda mastigando que há uns dois anos, e que já havia entrado naquele hospital tantas vezes, que deveria pertencer ao “clube da Doença do Mês”. Michel desmancha o sorriso de seu rosto e pergunta como ele consegue. E refaz a pergunta como consegue levar a vida. Victor fica sério coloca o bolo no prato, lambe os dedos e fecha os punhos e diz que luta. Michel retruca com uma expressão de que não acredita. Então Victor pede que ele lhe escute. Pois na última vez que esteve ali, ouviu o médico que não iria conseguir, mas disse para o doutor que ele lutaria até acharem

uma cura. E quando a encontrarem ele seria o primeiro da fila. E olhou para o almoço de Michel e trouxe a bandeja para mais perto e disse para ele seguir o exemplo do campeão, pois não era hora de fazer greve de fome. Michel o olha e esboça um tímido sorriso. Goffman (1963) explica que:

No caso do indivíduo cuja desvantagem física é recente, seus companheiros de sofrimento que estão mais avançados do que ele na manipulação do defeito far-lhe-ão provavelmente uma série de visitas para dar-lhes as boas-vindas ao clube e para instruí-los sobre o modo de adaptar-se física e psicologicamente. (GOFFMAN, 1963, p. 45-46).

O autor explica que as pessoas mais experientes no sofrimento conseguem fornecer o apoio para os indivíduos que acabaram de contrair um problema, um estigma, e podem servir de ajuda para que o indivíduo aprenda a aceitar e manipular sua dificuldade. No caso do personagem, Michel ainda não estava inválido, com dificuldades psicológicas e físicas, porém recebeu o apoio de Victor para aceitar sua condição e, principalmente, para não se entregar ao desânimo e não desistir de lutar pela vida. Victor é o exemplo de esperança, mesmo quando não há nenhuma, pois era a única arma que os enfermos possuíam.

A cena sofre um corte seco, em outra sequência a imagem vai para o quintal da casa de Bea, vó de Michel, que colhe as rosas junto à filha Katherine, as cenas a partir deste momento ficaram em plano médio. Bea fala que as rosas estão lindas este ano e espera que não haja geada prematura e que possa cortá-las pela raiz. Enquanto Katherine rega outras rosas, olha para sua mãe e pergunta se ela ouviu tudo o que ela tinha dito. Bea cortando a rosa diz que ouviu cada palavra, anda para próximo de outra roseira e retruca por que não havia contado antes. Katherine vai atrás dela, fica ao seu lado e diz que não queria preocupá-la. Bea a olha nos olhos e a pergunta se acha que ela é tão frágil. Colhendo as rosas novamente, fala que se fosse, não haveria durado tanto e que irá ao hospital. Katherine pede que espere. Bea chateada responde que quando o pai dela adoeceu fizeram a mesma coisa tentaram poupá-la, mas que não gosta que Katherine agora faça o mesmo.

Katherine responde que sabe bem como tem sido duro para eles, se vira, vai até um banquinho, senta-se e diz que Nick nem fala com Michel e age como se ele tivesse feito de propósito, para feri-lo. Bea retruca chamando Nick de tolo e se senta junto à filha, ainda dizendo que Michel nunca fez nada que não fosse deixar Nick orgulhoso. Katherine responde que Nick tinha sonhos para ele. Bea irritada diz que não é o Michel que tem que concretizar os sonhos de Nick e ainda diz a Katherine que ela não teve que realizar os dela, casar com

Nick Pierson, em vez de se tornar uma pianista. E ainda afirma que a filha poderia ter tido uma carreira importante, como diziam todos os professores do Conservatório. Mas teve sua própria vontade e sua própria vida e Bea diz que teve que aceitar.

Katherine olha para mãe e, triste, comenta que eles vão perder Michel. Bea disse que, quando o marido faleceu, prometeu para ela mesma que não ia precisar chorar de novo, havia ficado grata por isso e explica que seria a próxima a partir, pois é assim que deveria ser porque ela já viveu a vida. Complementa dizendo que Michel é muito jovem e que a vida dele está apenas começando. Fica sem palavras, abraça sua filha e a consola.

Nesta cena finalmente Bea fica sabendo que o neto está gravemente enfermo, fica chateada com a filha por não ter contado antes, mas o que chama atenção é a fala de Bea ainda colhendo as flores, dizendo que elas são muito bonitas e espera que não tenha geada este ano, para não ter que cortá-las precipitadamente. Nesta fala pode-se inferir que há uma analogia por trás de tais palavras. Que as rosas jovens e vistosas não morressem antes do tempo. Michel estava na flor da idade, já estava desenganado, sua geada fora a AIDS.

No filme, Dr. Redding explica que o vírus da AIDS não escolhe sexo, raça ou religião, porém tanto no filme, como na vida real, a maioria das pessoas contaminadas na década de 1980 foram principalmente homens jovens ou adultos, mas como mesmo disse a personagem, ainda tinha muito que viver, mas muitos se foram cedo demais, não obedecendo à lei da vida.

Há um corte seco para o hospital. Michel está com fones de ouvido lendo um pequeno livro e Katherine abre a porta do quarto com rosas nas mãos, o cumprimenta e Michel animado sorri, retira os fones e a chama. Katherine fala que certamente está com uma cara melhor e entrega as rosas que sua avó lhe mandou de seu próprio jardim. Michel as cheira, fala que vai ligar para ela e se espreguiça. Katherine, arrumando as rosas, diz que Nick até queria ir visitar o filho. Michel a interrompe e diz que sabe que ele está ocupado e que entende. Katherine continua e diz que Michel sabe o que ele pensa de hospitais. Então ele retruca e diz que sabe o que o pai pensa dele. Katherine diz que ele o ama muito, apesar do que Michel pode achar e passa as mãos nos cabelos do filho.

Katherine diz que um amigo de Michel ligou, ela senta-se na cama do lado do filho que pergunta de quem foi a ligação. Ela responde que foi Peter e que ele ficou muito chateado, quando ela contou o que tinha acontecido. Neste momento a câmera dá um close no rosto de Michel que fica pensativo, para, em seguida dá um close em Katherine que sem graça pergunta se Peter é o amante de Michel. E ele responde que sim. E já em plano médio

Katherine pergunta há quanto tempo estão juntos. Ele responde que há dois anos. A mãe continua e repete a frase do filho: “dois anos”. Então pergunta se eles vivem juntos, no apartamento de Michel. Michel retruca dizendo que viviam, pois não estão mais juntos. A mãe pergunta se a causa da separação era a doença. Ele responde que não foi só isso, houve outras razões. Katherine pede desculpas e diz que é difícil de imaginar. Michel toca em seu braço fazendo carinho e diz que ele esteve com outro homem. Ela acena com a cabeça e Michel continua dizendo que não foi infeliz.

Victor abre a porta de repente. Katherine olha para ele, ele pede desculpas e sem graça vai saindo, mas Michel o apresenta dizendo que é a sua mãe e fala para Katherine que este é Victor. Então Victor, constrangido, a cumprimenta ainda da porta e fala para Michel que quer conversar com ele depois sobre a matinê, sai e fecha a porta. Katherine abalada com a imagem de Victor pergunta para Michel se ele tem AIDS. Michel não a responde fica com uma expressão triste e a cena escurecesse e se dissolve.

Na próxima cena, Katherine abre a porta de casa, entra, as luzes estão apagadas e, ainda no escuro pensativa, ela vai até o piano e toca algumas notas. Ouve-se a voz de Nick que a chama de Kate. Ela vai em direção ao escritório e acende um abajur e pede desculpas pelo atraso, pois estava no hospital. Nick que está sentado em uma poltrona grande e de couro, com um copo de uísque na mão, e pergunta como ele está. Kate responde que já reclama da comida e isto é sempre um bom sinal. Ela caminha até outro abajur, acende e vira-se para Nick em uma distância de um metro e diz que Michel perguntou por ele. Nick a olha e Kate continua e diz que sabe que gostaria de vê-lo. Nick, filmado em plano médio, diz que ela já o visita e isso já é o bastante.

Kate se aproxima de Nick, senta-se no braço da poltrona e coloca sua mão direita nos ombros dele dizendo que não. Pode ser que baste ela comprar os presentes de natal e enviar o cartão, com todas as assinaturas, escrever os agradecimentos, mas não desta vez... Quando estava lá um jovem entrou e que ele estava tão frágil que mal podia andar, estava com Sarcoma de Kaposi, achava que esse é o nome, pois havia lido a respeito, mas não estava preparada. Nick se levanta da poltrona e fala para ela que agora não. Kate continua e diz que quer que Nick ouça isso que, quando os colegas de quarto descobriram que ele estava com AIDS, o trancaram para o lado de fora do apartamento. Pegaram as coisas dele e jogaram na rua.

A câmera dá um close no rosto de Nick pensativo e Katherine continua sua exposição, agora com a câmera em close em seu rosto dizendo que nenhum amigo o acolheu,

ele ficou vagando pelas ruas, doente, literalmente, dormindo nos bancos das praças; e o pior de tudo é que os pais dele não quiseram saber dele, eles recusaram-se a vê-lo e não falam com ele, nunca mais falaram com ele. Nick lhe dar as costas e começa a caminhar em direção à sala e à escada. Kate o acompanha terminando sua fala e diz que o rapaz está naquele hospital sozinho, que ele está morrendo sozinho e que ele sabe disso. Termina dizendo para Nick ficar sabendo que isso não irá acontecer com o filho deles, não com Michel. A câmera mostra a expressão de ambos, Kate indignada e Nick abalado. Depois disso, ele sobe as escadas, há um escurecimento e a cena se dissolve.

A história que Katherine conta para Nick é a história de Victor, que luta contra a doença, completamente sozinho. Esta cena é importante, porque Katherine confronta Nick e lhe diz que, mesmo se ele não aceitar Michel, ela como mãe não irá o abandonar. Segundo a psiquiatra Kübler-Ross que explica fora da ficção:

Devo dizer que houve uma mudança drástica na atitude dos pais nesses últimos tempos em relação à época em que surgiram os primeiros pacientes com AIDS. No início dos anos oitenta, a doença era vista como uma enfermidade estritamente gay e poucos pais tinham ciência da homossexualidade ou não de um filho. Dois ou três anos depois, está tudo mudado, e para melhor. Muitas vezes, os pais ficavam sabendo da preferência sexual do filho quando se confirmava que o diagnóstico era AIDS. Cerca de um quarto destes casais não fez desse fato um problema, indo em socorro do filho. Entre 1984 a 1986 cinquenta por cento das mães passaram a dar o apoio físico e emocional a filhos enfermos, enquanto apenas um terço dos pais foram capazes de fazer o mesmo. (KÜBLER ROSS, 1988, p. 43).

A mãe muitas vezes é mais sensível porque lembra que apesar de qualquer coisa que o filho possa fazer, nunca deixará de ser seu filho, aquele que ela carregou nove meses em seu ventre e cuidou durante boa parte da infância e da adolescência. Katherine representa esta mãe, contudo Nick depois de lutar contra todo seu orgulho e preconceito irá aceitar Michel. Podemos ver claramente que a ficção não está muito longe da realidade e a representa bem, referente à AIDS.

Na outra sequência que se inicia, ouvimos a tosse e voz de Victor. A câmera dá um close em uma foto de Victor com dois parentes. Ele está em seu quarto, deitado em sua cama, com oxigênio e soro em seu braço, preparando seu testamento e diz para a tia Wilma, de Wheeling, Virginia Ocidental, que deixa a coleção de porcelanas finas e pergunta se o “bonitão” (Michel) está anotando tudo. Michel, que está sentado ao seu lado em um pequeno banco, fala repetindo a fala de Victor, anotando em uma agenda o que ele diz. Victor continua e pega um pequeno baú nas mãos que está em seu colo, o olha, retira a liga que fecha o baú, o abre e fala que são suas receitas. Olha para uma delas rapidamente e fecha o baú e diz que é

melhor queimá-las, Michel pergunta por que. Ele responde para não cair em mãos erradas. Pega uma pequena coleira nas mãos e fala que era a coleira de Skipe. Ele explica que pegou o cachorro na frente de um bar que tinha este nome. Michel diz que não sabe se quer ouvir isto. Victor ri e diz que o cachorro não comia uma refeição decente há dias, então levou para casa e fez uma vitela *roulé* recheada com pimentões verdes e doces e complementa, quase sem poder falar mais, sem ar, que nunca soube segurar um homem, mas soube segurar um cachorro. A enfermeira Lincoln, que estava regulando o seu soro enquanto ele falava do cachorro, fala que ele precisa ir com calma. Victor retruca perguntando se ela não vê que ele está com o advogado e pede para dar-lhes licença. Ela só acena com a cabeça e sai. Victor deixa a coleira de herança para enfermeira Lincoln e diz que ela é a melhor amiga do homem e que a coleira irá ficar melhor nela do que nele. Michel ri, mas se preocupa, pois Victor está muito debilitado.

Victor para por um instante, pega nas mãos um pequeno e velho urso de pelúcia e o olha, depois o coloca na altura do seu peito e fecha os olhos. Michel, que estava escrevendo, olha para ele preocupado e o chama pelo nome e Victor abre os olhos novamente, retira o urso de seu peito e diz que era tudo lixo e que ninguém queria. Michel pega em sua mão e pede para ele ter calma. Victor agitado diz para ele esquecer e Michel diz que ele o contratou. Victor diz que ele está demitido. Michel diz que não permite isso como advogado dele. E acha que precisa lhe dar um conselho. Victor retruca e pergunta se é de graça. Michel diz que sim e continua falando que não importa o que deixa e/ou para quem deixa, não é este o propósito de um testamento, é para comprovar a sua vida, para dizer ele esteve ali. Victor responde que esteve ali e não irá a lugar algum a não ser, talvez, a um encontro com um novo enfermeiro. Michel ri e diz que já ia esquecendo, trouxe uma coisa e que achava que ele iria gostar. Victor fica surpreso, recebe uma sacola, retira o roupão e agradece a Michel, o chama de “bonitão” e dá sua mão para ele.

Nesta cena Michel está preparando o testamento de Victor que, mesmo debilitado, não perde seu bom humor. Consideramos importante a aceitação de Michel em relação a Victor, que antes se sentia desconfortável em sua presença, agora já consegue rir de suas piadas e apoiá-lo em um momento que Victor estava muito fraco. A aceitação de Victor pode ser considerada o caminho para a aceitação da doença e, como nos fala Goffman, de seus iguais.

Nenhum dos amigos de Victor de antigamente, ou familiar, o visitava e cuidava dele, mas mesmo assim ele queria deixar seus poucos pertences para alguém, contudo se seus

entes queridos não se importavam com ele, por causa desta terrível doença, será que iriam querer seus pertences? Victor era considerado pelos seus como um desacreditado. Victor, em um momento de muito cansaço, tentar desistir de fazer o testamento, mas Michel o aconselha a continuar, pois o testamento é como se fosse a prova que Victor passou pela vida.

Há um corte seco, Michel está terminando de arrumar sua mala no seu quarto no hospital e pronto para ir embora, quando seu pai entra no quarto e ele sem graça e surpreso fala “Pai?”. E continua dizendo que pensava que sua mãe que fosse busca-lo, Nick responde que sua mãe tinha algumas coisas para fazer então se ofereceu e pergunta se ele estava pronto. Michel responde que sim. Nick pergunta como ele se sente e Michel responde que bem melhor e sai do quarto. Nick o acompanha. Há um corte casado eles saem pela porta e entram em casa.

Katherine, que estava na cozinha, o cumprimenta e diz que Michel tem visita quando ele olha para sala vê Peter, fica surpreso e logo pergunta o que ele faz ali. Peter responde que estava passando por ali perto. Michel pergunta há quanto tempo e Peter responde que quase uma hora. Michel olha para trás e vê a expressão de seus pais. Nick está irritado e sua mãe tenta agir com a maior naturalidade possível e diz que Peter queria ficar em um hotel, mas o convidou para ficar com eles. Nick sério pergunta quem é Peter. Michel apresenta ao pai apenas falando o nome dele.

Há um corte seco e a câmera os segue de lado em plano médio. Peter e Michel agora caminham nas ruas do bairro e conversam. Peter diz que foi gentil da parte da mãe de Michel deixá-lo vir. Michel retruca que finalmente conheceu os pais dele. Peter diz para Michel que ele está bem e Michel responde dizendo que ele não está muito bonitão. Peter ri, agradece e diz que está bem, mas tem dormido pouco ultimamente. Então Michel pede para ele se cuidar e pede, por favor, para não ficar doente. Peter com uma expressão preocupada tenta falar para Michel se foi ele que passou a doença. Michel o interrompe e diz que o Dr. Redding disse que pode ter sido antes de terem se conhecido. E Peter o pergunta se eles nunca terão certeza. Michel diz que não, pede que Peter pare de se culpar e se explica dizendo que só precisava de uma desculpa, de um motivo.

Então Peter o para e segura em seu braço, olha em seus olhos e diz para ele voltar para casa. Michel diz que não pode. Peter o pergunta o porquê. A câmera filma Michel em close que, apoiado em uma cerca de uma casa, explica que não pode, pois pode estar bem neste minuto, agora, mas quanto à semana que vem e o próximo mês ele não sabe e não pode fazê-lo passar por isso. A câmera volta-se em close para Peter que diz que está com medo,

morrendo de medo, mas isso não é razão para não ficarem juntos. Agora a câmera grava os dois em plano médio e Michel fala que, quando Peter disse, na verdade berrou com ele, que não dividia a vida com ele, Peter o interrompe e diz que estava zangado e chateado e Michel retruca dizendo que era verdade, mas isso não significava que não o amasse. Michel sai andando novamente e Peter logo atrás fala que o agente de viagens ligou e pede para Michel adivinhar. Michel o questiona e Peter rindo responde que teve um furacão nas praias de Maui, os dois começam a rir e continuam andando, enquanto a câmera para e os observa se afastarem.

Finalmente Peter conhece a família de Michel e tenta uma reconciliação com o companheiro, porém Michel, mesmo demonstrando perdoar o deslize de Peter e não mais responsabiliza-lo por estar enfermo, em um primeiro momento se nega a voltar para casa com ele, pois sabe da inconstância de sua saúde e com o tempo ficaria cada vez mais difícil estar com ela estável. A AIDS representa neste filme como uma doença que não permite que os personagens tenham mais certeza de nada em suas vidas. Os personagens não sabem como recomeçar.

Quando Peter fala do furacão nas praias de Maui, mais uma vez podemos identificar que a fala pode também traduzir o que se passa na vida de Michel, pois a vida do personagem pode-se dizer que também passou um furacão e tudo está fora do lugar e tem-se muito para reconstruir, mas há perdas que não serão possíveis serem sanadas.

Na próxima sequência de cena estão todos à mesa de jantar: Katherine, Nick, Michel, Bea e Peter. Katherine conversa com Peter e diz que a última vez que foram a Chicago faz dois anos e tenta confirmar com Nick que está com uma expressão de chateado e não responde a esposa. Michel e Peter se olham, pois percebem o constrangimento que Nick está sentindo, mas Katherine continua a falar, lembrando que o filho morava em um quarto minúsculo e nem sabe como chamava aquilo. Michel responde que era um conjugado. Katherine fala que mais parecia um armário. Peter e Michel começam a rir, mas ninguém na mesa entende o motivo da risada. Bea pergunta qual é a graça e Nick, sério, diz que não faz ideia. Então Peter fala que ela precisava ver onde eles moravam agora, pois possuem uma vista linda para o lago, um terraço. Katherine sorri ainda um pouco sem graça e fala “que ótimo!”.

Peter pede que Nick passe a manteiga para ele, Nick o olha com desprezo e continuar a comer. Então Bea encara Nick e passa a manteiga para Peter e fala que Michel havia dito que ele se interessa por antiguidades. Peter sorrindo diz que sim, que gosta de

restaurá-las, fazê-las voltar a ser como eram antes. Michel olha para Peter e sorri. Bea lhe diz, ainda olhando para Nick, que acha isso algo que vale a pena ser feito, restaurar as coisas para serem como eram e pergunta para Nick se ele concorda. Nick olha para Bea e diz que depende do que. E Bea continua falando que de qualquer coisa que já significou algo para ele. Nick olha para Katherine e Peter para Michel. Percebe-se que neste jantar foi dito muito mais que as palavras no seu sentido lato.

Há um corte seco e na próxima sequência Katherine sai da cozinha, passando pela sala de jantar com uma tigela na mão para entregar a Bea, que já está de saída. Ouve-se Michel falar que levaria a avó até o carro e Bea retruca para ele não tratá-la como uma velha. Katherine chega próximo e pede para não esquecer sua tigela e lhe diz para dirigir com cuidado e deixem que buzine. Bea diz que sim para a filha, a cumprimenta com um beijo no rosto e diz que liga para ela no dia seguinte, pega sua bolsa que está na mão de Michel e sai. Ele a acompanha.

Michel encosta a porta e ambos caminham até o carro, Bea pergunta por que o neto não leva seu amigo até sua casa, sorri e diz que talvez ele conserte um velho rádio que não funciona desde que Jack Benny saiu do ar. Michel sorri e diz que pedirá a ele. Bea abre a porta do carro, coloca a tigela e a bolsa no banco do passageiro e vira-se para Michel para se despedir e lhe pede um abraço. Michel nega. Ela sorri e diz que é apenas uma doença e não uma desgraça. Neste momento a câmera se vira para Michel que está com semblante constrangido e com olhar perdido e Bea continua dizendo que foi isso que ela disse para o avô de Michel, quando as pessoas e amigos não vinham visitá-lo, porque ele tinha câncer, pois achavam que se respirassem o mesmo ar que ele teriam um tumor. Ela pede mais uma vez um beijo do neto que sorri e dá um abraço na avó que o abraça forte como se quisesse eternizar aquele momento.

Nossa análise se volta principalmente para Bea que desde início sempre demonstrou grande simpatia por Peter e ainda pede para Michel levá-lo a sua casa. Porém o que foi mais importante nestas sequências de cenas foi a conversa dela com o neto. A avó demonstra toda a compaixão com o neto e fala que a AIDS é apenas uma doença, mas que as pessoas são incapazes de compreender. Bea fala sobre o câncer em seu marido e como ele foi estigmatizado. Compreendemos com Sontag que:

Em anos recentes, o câncer perdeu parte de seu estigma devido ao surgimento de uma doença cuja capacidade de estigmatizar, de gerar identidades deterioradas, é muito maior. Toda sociedade, ao que parece, precisa identificar uma determinada

doença com o próprio mal, uma doença que torne culpadas as suas “vítimas”; porém é difícil obcecarse por mais de uma. (SONTAG, 2007, p. 89).

A explicação da autora referente às duas enfermidades é interessante, pois ela explica que dificilmente duas doenças conseguem que a sociedade encare com o mesmo grau de estigma e preconceito. As formas de contaminação e de como a doença deteriora o corpo pode determinar qual será eleita com maior grau de estigma, pois se as formas de contágio abrem alguma margem para a culpabilização do doente, esta terá mais chance de ser a escolhida.

Há um corte seco para frente da casa. Já é dia e ouve-se Susan perguntar o que a mãe achou de Peter. Elas estão na cozinha e Susan descasca batatas e a mãe coloca doces de frutas em caldas em um vasilhame de vidro e responde a filha que Peter é simpático, educado, e o importante é que Michel está feliz de estar com ele. Susan sorrindo pergunta se ele está melhor. Sua mãe responde que se ela está interessada, que vá vê-lo e pergunta se não pretende vê-lo nunca mais. A filha responde que já falou para mãe. Katherine não desiste, insiste e diz que sabe bem o que ela disse: que eles são irmãos e lembra de como eles eram chegados. E Susan responde que ainda são. Porém Katherine responde que não sabe como Susan pode desapontá-lo desta maneira. Susan para de cortar as batatas e olha para Katherine, que está de costas para ela embalando os doces, e pergunta se fosse ela, carregando um deles, o que a mãe faria. Katherine continua a fazer o que estava fazendo, mas fica pensativa.

Mesmo Katherine sabendo das formas de contaminação da enfermidade e dando total apoio ao filho, quando Susan pede para ela se colocar em seu lugar, a mãe tenta se imaginar no lugar da filha e percebe-se em sua expressão e em seu olhar que um pouco de dúvida lhe aflige. Compreendemos o sentimento de Katherine, pois não era uma doença qualquer, mas era AIDS, porém Susan estava sendo muito radical com o irmão, pois não desejava nem vê-lo, mesmo dizendo que o amava.

Há um corte seco nesta sequência e a câmera filma Michel andando no corredor do hospital, com uma pasta na mão. Estava tranquilo, assobiando, quando para e vê, na porta do quarto que Victor estava internado, uma lixeira, olha para ela e depois vai até a porta, quando ele olha para dentro do quarto e tem um enfermeiro com luvas, máscara, bota e uma roupa especial, jogando todos os pertences de Victor fora. Michel olha para os objetos que foram citados por Victor no testamento, sendo descartados, desolado retira o papel que estava dentro da pasta e joga na lixeira fora do quarto. Quando ele sai, a câmera dá um close no papel dentro da lixeira, pois se tratava do testamento de Victor.

Michel chega a casa com o carro e Katherine, que está cuidando do jardim, o cumprimenta, ele a cumprimenta, Katherine pergunta como foi hoje e ele diz que bem e pergunta pelo amigo (se referindo a Victor) se ele está bem. E Michel responde que ele está bem melhor agora, triste ele entra em casa e a cena escurece e se dissolve.

A doença aproximara Victor e Michel. Michel sai do hospital e quando volta para visitar Victor com o testamento redigido, não o encontra mais, somente um enfermeiro com máscaras, luvas e botas, descartando todos os seus pertences, inclusive aqueles que Victor cita no testamento para deixar para as pessoas que considera.

Esta cena é marcante no filme, pois o ato do enfermeiro pôr no lixo todos os pertences de Victor é como se seus objetos representasse o próprio; a doença lhe tirando tudo. Outro aspecto importante desta cena é a maneira como funcionário do hospital estava vestido, ele estava coberto da cabeça aos pés, como se fosse algo muito contagioso, como se a doença se contraísse no ar. Mais uma vez a representação dos funcionários hospitalares nos chama atenção, pois eram os que mais possuíam informação e algumas vezes eram os que agiam com mais ignorância.

A AIDS parecia apagar a vida e tudo o que o indivíduo havia representado na vida das outras pessoas, deixando-o em uma situação muito triste e de solidão. A falta de apoio que Michel passava diante do que foi exposto naquele grupo, e da vida de Victor, parecia ser menor diante de outros que perdiam toda a sua dignidade e não eram mais tratados como seres humanos. Goffman (1963) explica que quando um indivíduo possui um estigma, ele passa a ser considerado um ser menos humano. E foi isso que aconteceu com o personagem de Victor.

Na próxima sequência de cena, alguém folheia um álbum de fotografias da família Pierson, é Peter que não tinha conseguido dormir. Ele sorri quando vê as fotos de Michel, principalmente de quando ele era pequeno. Nick também não consegue dormir e vai até o escritório, onde Peter está. Peter explica que não tinha conseguido dormir e comenta que espera que Nick não se incomode, pois está apenas vendo as fotos de Michel quando era criança. Nick se senta em sua poltrona e Peter continua a falar que é estranho quando conhece alguém e vê que ele tem outra vida da qual não se sabe nada. O pai de Michel concorda com tom zangado. Peter, simpático, se levanta e diz que Nick, com certeza, ainda não viu a foto que ele tem guardado na carteira e tira uma foto de Michel pescando com ele, tirada no ano passado no Lago Charlevoix. Diz que nunca tinha ido pescar e tinha certeza que não iria gostar, mas Michel o ensinou e se divertiram muito e comentou também que Michel contou que pescava com o pai. Nick, ríspido, joga a carteira no móvel a sua frente e pergunta se o

filho havia contado isso. Peter pega sua carteira diz que Michel sempre falou muito sobre o pai. Nick responde que ele nunca falou nada sobre Peter.

Peter fala que isso foi sempre um problema entre os dois e que há muito tempo queria ter conhecido os pais de Michel. Nick o indaga sarcástico. Peter responde calmo que sim. Nick se levanta da sua poltrona e pergunta se os pais dele sabem sobre eles, Peter responde que sim e Nick pergunta se eles aceitam. Peter responde que tentam. Então, Nick responde que ele não. Fala para Peter que não criou seu filho assim. E Peter retruca dizendo que é assim que ele é e que Nick não pode mudar isso. Nick pede que Peter não venha lhe falar de Michel, pois ele não o conhece. Peter, com expressão de temor, responde que acha que o conhece. Nick fala para Peter que o expulsaria ele dali, mas sua esposa o quer ali. Peter retruca perguntando se Nick acha que isso mudaria o que Michel e ele sentem um pelo outro. Nick frente a frente com Peter, o encarando, diz que não dá a mínima para o que eles sentem um pelo outro e caminha até sua poltrona senta-se, novamente e pergunta por que Michel pegou a doença e não seu companheiro. Peter fica ofendido, mas logo responde que preferiria que fosse ele, pois não sabe como vai saber viver sem Michel.

Nick fala que Michel não vai morrer. Levanta-se da cadeira e diz olhando para Peter que aqueles médicos não sabem o que dizem e não conhecem Michel. Nick olha para lado, apontando para um troféu, pega na mão e pergunta a Peter se ele sabe o que era aquilo. Peter acena com a cabeça que não e Nick orgulhoso explica que Michel ganhou por vencer a corrida estadual e fala que o filho pensou que não iria conseguir, mas ele sabia que sim. Fala que Michel estava em uma escada o ajudando a colocar o telhado novo na garagem, quando ele caiu e quebrou a perna, quebrou feio, e o médico disse que talvez não se recuperasse completamente, ele estava se preparando para as finais de junho e tinha um gesso enorme na perna e ele achou que não iria conseguir. Mas quando ele retirou o gesso, Nick o levou para treinar toda a noite, Michel nadava duas horas por dia para fortalecer a perna, Nick diz que no início foi duro, mas o continuou forçando e quanto mais ele forçava, Michel ficava zangado, mas o pai não se importava, dizia que podia xingar o quanto quisesse, contanto que não desistisse e quando ganhou o troféu, disse que não teria conseguido sem o pai durão. Então Peter fala para Nick que desta vez Michel também não vai conseguir sem ele. Nick olha para Peter pensativo.

Há um corte seco e a próxima sequência já é dia. Peter está saindo de dentro da casa com sua mala e Katherine se despedindo dele dizendo que estava muito feliz por ele ter vindo. Peter a agradece e diz que espera vê-la novamente. Katherine caminhando com ele até

o carro diz que sim e continua dizendo que sempre se preocupou um pouco com Michel, preocupava-se com ele que tinha tudo no mundo, mas com alguém que ele tivesse para voltar para casa. E eles se despedem. Peter entra no carro onde Michel está esperando, então Michel dirige, enquanto Peter fala que poderia ficar mais uns dias. Michel diz que não, que precisa voltar. Peter lhe pergunta se ele está bem e Michel fala que sim, mas vai sentir saudades. Peter sorri e fala que quando Michel voltar, eles podem dar uma festa, convidar alguns amigos, que as pessoas têm perguntado por ele e ouvir música Jukebox, se divertir e pergunta o que ele acha. Michel diz que seria bom.

Há um corte na cena e Michel chega em casa. Abre a porta, olha para sala e vê sua mãe com um menino no piano tocando. Sobe para seu quarto encosta a porta e parece desanimado vai até a janela, de lá é possível ver a garagem. Seu pai sozinho tenta arrumar o carro, então, triste, ele fecha a janela e senta-se em sua cama. Em um criado-mudo, ao lado da cabeceira da cama, pega um gravador, aperta o play e começa a falar, mas desiste de gravar alguma coisa, joga o gravador em cima da cama e começa a chorar.

Depois de levar Peter ao aeroporto, Michel sente que nada pode voltar a ser como era antes, quando olha para seu pai da janela, sente a falta dele e decide que quer acabar com tudo, pois acredita que seu fim será como o de seu amigo Victor, que lutou até quando pôde, mas morreu sozinho. Michel toma uma decisão, não quer esperar pela morte, mas resolve que vai ao encontro dela. Nas sequências finais do filme nos deparamos com o desespero de Michel. Mesmo sendo aceito por alguns, para ele não era suficiente, pois sabia que etapas mais difíceis teria que enfrentar e não conseguia ver quem amava sofrer e outros o desprezarem.

Há um corte seco na próxima sequência. É madrugada, enquanto todos dormem, Michel sai pela porta da cozinha e vai para a garagem fechar a porta. Nesta hora há um corte seco para o quarto dos pais de Michel. O despertador toca e Nick levanta-se. A cena volta para Michel que acende a luz na garagem e fica parado pensativo olhando para o carro, Nick, enquanto isso, faz esteira em um quarto que tem aparelhos de musculação e exercícios, então a cena volta para Michel que entra no carro e o liga, mas não sai da garagem e começa a inalar a fumaça e tossir, ele pretende morrer asfíxiado. Nick continua a fazer seus exercícios, a levantar peso. Quando termina, decide ir para a cozinha fazer um café e observa que a luz da garagem está acesa e há fumaça saindo por baixo da porta. Corre até a garagem abre a porta e encontra Michel quase desmaiado e lhe pergunta o que Michel estava fazendo. Ordena que saia, o pega pela cintura e o leva para fora da garagem e manda que ele respire, que respire

fundo. Katherine acorda com os gritos de Nick, parece na porta da cozinha e grita pelo filho, então Nick manda que ela entre em casa, porque a conversa é entre os dois.

Nick consegue socorrer o filho e começa a brigar com ele perguntando que estupidez foi aquela. Michel responde que a vida é dele, ou pelo menos o que sobrou dela. O pai responde que não significa que pode tirá-la. Michel retruca dizendo que seria mais fácil. Nick o indaga para quem, Michel fala que para todos. Nick lhe pergunta se fosse a sua mãe que houvesse encontrado. Michel o olha e diz que esperava que fosse o pai que o encontrasse e o pergunta para o pai se não é isso que ele quer. Nick se sente ofendido com as palavras do filho e Michel continua a falar que é isto que ele também quer, porque sabe o que vai acontecer com ele: ficar intubado, pesando 40 quilos. Nick responde que Michel não pode ter certeza. Michel irritado continua e diz que ficará inconsciente de tanta droga e diz que sabe que será assim, pois já viu. E continua falando para o pai que Nick sempre o aconselhou a estudar, tirar boas notas, apresentar a melhor alegação que ganharia a causa, mas não há como ganhar esta. Nick o pergunta o que ele pretende fazer, se vai desistir sem ao menos lutar.

Michel responde chorando que luta desde que contraiu a doença, que luta para continuar vivo e para manter a esperança. Nick senta-se ao seu lado, toca em seu ombro e lhe pede que ele lute mais. Michel se levanta gritando que não pode. O pai então levanta e fala para ele não lhe dizer o que não pode, pois se não fosse com sua ajuda não teria ido para aquela boa universidade, não seria sócio de uma firma bacana. Sem sua ajuda iria dirigir um caminhão de madeira. Michel retruca gritando e apontando o dedo na cara do pai e diz que o pai não fez nada por ele, mas por si próprio, para poder se orgulhar. Nick responde que isso é verdade, que talvez estivesse certo, e explica que fez isso porque confiou no filho mais do que acreditou em si próprio.

Michel pede para que o pai não fale aquilo e o pergunta por que ele acha que foi tão difícil vir para casa lhe contar, porque queria que se orgulhasse dele e agora ele o decepcionou, não é o homem que Nick queria que ele fosse e grita que não se importa mais com que o pai pensa, porque é um homem melhor do que jamais Nick poderá ser e chama o pai de filho da mãe. E chora compulsivamente com a mão no rosto. Nick se aproxima o pega pelo colarinho da camisa e diz que isso mesmo, que Michel pode chamá-lo e pode e grita dizendo que Michel pode até lhe bater se for preciso, contanto que ele não desista, o abraça forte e diz que não quer que Michel morra.

Há um corte seco, já é dia. A câmera filma em close as mãos de Michel tocando piano, logo após em plano médio vemos sua mãe segurando um vasilhame com arroz se

aproximando, toca Michel nos ombros e lhe diz que está ficando bom. Michel diz que teve uma boa professora. Katherine sorri e Michel erra a nota e diz que falou cedo demais e lhe pede ajuda, Katherine pergunta qual. Ele lhe pede a direta, então os dois tocam juntos, quando são interrompidos pelo toque da campainha, Katherine se dispõe a atender enquanto Michel continua a tocar.

Katherine abre a porta, é Susan que pergunta se Michel ainda está lá. Ela responde que sim, abraça a filha e vai para a cozinha e Susan vai para sala observar Michel tocar e diz que ele está tocando bem. Michel a olha e continua a tocar. Susan fala que a mãe disse que ele voltaria para Chicago, Michel para de tocar e, sério, responde que volta naquela noite. Susan diz que teria vindo antes, mas diz que ele a conhece, pois sempre deixa tudo para última hora. Michel fica pensativo, se vira e olha para Susan. Ela o olha e pede desculpas, os dois ficam em silêncio por alguns segundos e Michel fala que já era hora de ela ir e sorri. Susan sorri e corre para abraçá-lo, Michel em tom de brincadeira afasta e pergunta se ela tem certeza. Ela rindo diz que sim e Michel, ainda brincando, chama pela mãe e diz que Susan o está tocando. Ela dá tapas no irmão e manda-o calar a boca. Michel olha para a barriga e a olha com carinho.

Na próxima e última sequência é noite. Michel sai do seu quarto com suas malas acompanhado por sua mãe e descem as escadas. Sua mãe pergunta se ele irá ligar assim que chegar e se Peter estará no aeroporto o esperando. Michel diz que sim e que acha bom que Peter esteja esperando por ele e pergunta onde está seu pai. Katherine aponta para o escritório. Nick está pensativo olhando para a janela. Michel o chama. Nick o abraça e acompanha abraçado até o quintal. Katherine diz que devia deixar eles o acompanharem e Michel diz que detesta despedidas em aeroportos. Coloca sua mala no banco de trás do táxi, seu pai coloca a mala no banco da frente e Michel dá um abraço em sua mãe e dá adeus, abraça seu pai que lhe aconselha dizendo para ele ganhar aquela causa e o chama de sócio. Michel sorri e diz que vai ganhar, entra no táxi e da janela, antes do veículo sair, ele diz que ama seus pais. O táxi sai e Katherine e Nick observam o carro levando seu filho.

Diferente de outros filmes do mesmo gênero, este não apresenta a morte de Michel. Deixa o público concluir que final teve o personagem ou imaginar que fim que o personagem merecia. Infelizmente finais com alguma expectativa somente podiam acontecer em filmes, pois na década de 1980 poucos conseguiram escapar do destino que a AIDS lhes reservavam: a morte.

A doença neste filme é representada pela: dor moral, culpa, homossexualidade e morte. Os enfermos mesmo contando com a compreensão de alguns eram questionados de como e por que contraíram a enfermidade, diferentemente de outras doenças que quando surgem nem sempre é necessário existir uma explicação da sua existência. Quando a AIDS toca em alguém, a sociedade exige uma explicação, pois a enfermidade não surge sozinha e o sujeito, segundo a sociedade, cooperou para que ela surgisse em seu organismo e fatalmente a consequência é a morte. Porém, não apenas a morte física, primeiramente a morte social.

A doença ainda é vista neste filme, e no próximo que iremos analisar, como uma doença de homossexuais. Quando uma pessoa ficava enferma na década de 1980, ou ainda no início da década de 1990, muitos pensavam que provavelmente ela pertencia ao grupo de risco. Sontag nos fala que nos “Estados Unidos, onde atualmente se afirma que a transmissão heterossexual da doença é extremamente rara e improvável – como se na África não existisse” (SONTAG, 2007, p. 98). A autora escreve sua obra em 1987 e esta negação perdura e anos à frente como vimos na análise da documentação do CDC de 1993 e veremos a seguir na representação da enfermidade, no filme **Philadelphia/ Filadélfia**.

3.4. “VOCÊ SENTE?! MAS SOU EU QUE ESTOU COM AIDS!”: RECEPÇÃO DO FILME AIDS, ACONTECEU COMIGO.

Considerado o primeiro filme que abordou como temática a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS, **An Early Frost** ou **Aids, Aconteceu comigo**, como conhecemos no Brasil, é um filme que narra a história de um jovem advogado bem sucedido, que acabara de ser promovido a sócio de um grande escritório de advocacia, no qual trabalhava e tinha uma família feliz.

Sua mãe Katherine Pierson era uma exemplar dona de casa. Abandonou a aspiração de ser uma grande pianista, para casar com Nick Pierson um homem trabalhador que com seu esforço tornou-se um grande empresário na região da Nova Inglaterra, dono de uma grande e bem sucedida madeireira. Susan, a outra filha do casal, casada com Bob, um dos empregados do pai, estava grávida e já tinha um filho que era o motivo de afeição dos avós, e por fim Beatriz, mãe de Katherine, viúva, cheia de vida e uma das alegrias da família. Como vimos nos tópicos anteriores, à família Pierson era a representação de uma família estadunidense comum, de classe media alta e bem estruturada.

Não era difícil uma parte da sociedade estadunidense se identificar com a representação desta família, pois quem não deseja ser bem sucedido e ter uma família harmoniosa com filhos bem encaminhados na vida? Mas, como a maioria das famílias, a obra fílmica traz representações de problemas, segredos que podem surgir nas “famílias perfeitas”. Os produtores deste filme pensaram em uma obra que pudesse chamar atenção da população norte americana e uma família normal foi uma ideia que funcionou. Segundo Bahiana (2012), quando um filme ainda é apenas um projeto, ele é pensado para que corresponda a muitos interesses, a autora explica:

[...] a filosofia principal é: um filme, mesmo “barato”, é caro; antes de investir a pequena fortuna necessária para que ele se torne realidade, há que se tentar ao máximo minimizar os riscos. E esse processo interessa de perto a nós espectadores, porque são as decisões tomadas durante essa tentativa de minimizar os riscos que, em última análise, determinam a forma final que o filme terá, se ele será ousado ou conservador, autoral ou formulaico, luxuoso ou cru, cheio de estrelas ou repleto de desconhecidos, digital ou em película, rodado em alguma ilha do Pacífico ou dentro de um estúdio. (BAHIANA, 2012, p. 18).

A autora nos esclarece que o filme não é construído por acaso, existem objetivos que precisam ser alcançados para que não haja prejuízos comerciais, e para que a obra seja um sucesso de público. Em **AIDS, Aconteceu comigo** o que observamos é que os produtores tentaram fazer com que o público pudesse se identificar de alguma forma com os personagens, com a história de uma família próspera e conservadora ou no mínimo que tivesse o desejo de possuir uma família parecida com a família Pierson, antes de aparecerem seus problemas.

A cena é assim definida para o tipo de drama familiar que se tornou uma especialidade do formulário do filme de televisão. Em pelo menos a cada duas cenas, lágrimas podem ser encontradas brotando nos olhos dos artistas. E, como de costume, o cenário é um confortável: branco, enclave de classe média situado numa versão suburbana de “Our Town”. Ainda assim, algumas produções conseguem transcender os clichês. “An Early Frost”, dirigido por John Erman, é certamente um deles. (O’CONNOR, John J. NBC Offers a Drama on AIDS. New York Times. 11 Nov. 1985. Tradução nossa).

O crítico John Connor⁷⁵ nos esclarece que filmes de dramas familiares nas Tv’s norte-americanas eram comuns naquele período. O que significa que outros tipos de

⁷⁵ John J. O’Connor, que como um crítico de televisão do The New York Times por mais de 25 anos cobriu o meio como ela se expandiu de um negócio dominado por três redes para um universo de centenas de diversos canais a cabo e de transmissão.

Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2009/11/16/arts/television/16oconnor.html>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

problemas comuns daquela sociedade eram abordados através dos meios de entretenimentos: como filmes e series; famílias como a do personagem Michel: branca e de classe média alta, não era uma novidade.

Porém segundo o jornalista o diretor John Erman conseguiu ultrapassar os clichês. A coragem de produzir um filme sobre a enfermidade, que conseguisse informar e ainda fazer críticas construtivas sociais, aceito por uma emissora de TV, não era fácil de encontrar. Como o primeiro filme a abordar a temática, “**AIDS, Aconteceu comigo**” foi desafiador para o período em que estava sendo exibido. O filme é considerado o primeiro a tocar no assunto da doença, mas não foi o primeiro programa de entretenimento a aborda-la:

Apesar do anúncio da NBC que ela estaria fazendo o primeiro filme feito para a televisão sobre a AIDS, “An Early Frost” não será o primeiro programa de televisão para lidar com AIDS nesta temporada. “A série da rede de canal cabo Showtime “Brothers” mostrou um episódio lidar com AIDS, recentemente; e a CBS série médica “Trapper John MD” transmitiu um episódio centrado na AIDS no último domingo. Nesse episódio, um dos personagens regulares da série, a enfermeira interpretada por Lorna Luft, foi contatada por um ex - amante, que revelou que ele é bissexual e estava sofrendo de AIDS. (FARBER, Stephan. News Special on AIDS to Follow NBC Drama. New York Times. Los Angeles. 6 Nov. 1985. Tradução nossa).

O crítico Farber⁷⁶ cita algumas programações, que antes de **AIDS, Aconteceu comigo**, tocou no assunto da AIDS, como a Serie *Brothers* que em um de seus episódios mostrou como lidar com a enfermidade. A TV CBS também com a série que abordam assuntos na área da saúde, representou uma enfermeira que descobriu que seu ex-namorado, que era bissexual, tinha a enfermidade.

Todas estas programações envolviam em suas histórias homossexuais, pessoas que se relacionavam com o mesmo sexo, o que podemos entender que a doença também nas séries era caracterizada pelo Grupo de Risco. Os heterossexuais apenas eram representados como se fossem hemofílicos; ou se relacionassem como a enfermeira com pessoas bissexuais, ou profissionais do sexo, como prostitutas.

Farber mostra em sua crítica que a TV demorou a investir em histórias que envolvessem a AIDS, segundo o produtor executivo da série Trapper John, MD Don Brinkley:

⁷⁶ Presidente da Associação de Críticos de Cinema de Los Angeles, uma das organizações de críticos proeminentes do país. Farber tem escrito opiniões e artigos sobre cinema para o The New York Times, o Los Angeles Times, The Hollywood Reporter, The Daily Beast, Hollywood Life do Movieline, Esquire, New York, New West, Harpers Bazaar, Estreia, Comentário Filme, e muitos outros publicações nacionais. Ele já entrevistou centenas de principais atores, escritores, diretores e produtores para esses jornais e revistas. Disponível em: <<http://stephenfarber.com/about-stephen/>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

[...] Disse que o episódio estava em fase de planejamento por um longo tempo. Cerca de dois anos atrás, começamos a pensar em fazer uma história AIDS, disse Brinkley. O problema que enfrentamos é que o nosso show gosta de dar alguma tranquilidade, e com AIDS não havia garantias para dar.

O que nós pensamos finalmente, muitas vítimas da AIDS perdem seu sistema de apoio emocional e encontram-se completamente isoladas. Assim, em nossa história, os nossos colaboradores uniram-se para regenerar este sistema de apoio. Expõe Lorna que volta com o amante masculino, vítima que a tinha abandonado em learing porque ele tinha AIDS.

Embora o episódio de AIDS “Trapper John MD” terminou de filmar apenas duas semanas antes de ser transmitido, o Sr. Brinkley negou que foi levado às pressas no ar à frente do “An Early Frost”.

“No momento em que começamos a falar sobre uma história de AIDS, não se tinha ideia sobre o filme NBC”, “disse ele”. “E o nosso episódio foi sempre marcado para novembro”. (FARBER, Stephan. News Special on AIDS to Follow NBC Drama. New York Times. Los Angeles. 6 Nov. 1985. Tradução nossa).

O produtor executivo explica que programações de: séries, filmes ou até mesmo de novelas, não tratavam de temáticas relacionadas à AIDS por acaso, entretanto, possuíam uma intenção. Podemos observar que o intuito de apresentar a temática sobre a enfermidade era de sensibilizar o público, e incentivá-los a não abandonar uma pessoa que tinha AIDS.

Outro aspecto interessante que o produtor menciona é que: no ano de 1983 eles já estudavam a possibilidade de produzir um episódio da série sobre a AIDS, porém como as informações sobre a enfermidade eram escassas, não queriam se arriscar e acabar por apavorando mais o público.

Vimos isso também na produção do filme em análise, uma das grandes preocupações dos diretores, produtores e donos de rede de televisão era passar para o público informações concretas e que não causassem desespero na sociedade, prejudicando o convívio com os acometidos pela enfermidade, o que levava estes profissionais estudarem a temática e esperar o momento que considerava oportuno e seguro para se falar da AIDS.

Na comédia 'Brothers', realizada pela Showtime do play-cabo (TV a cabo), a vítima era um jogador de futebol negro, cuja condição leva a uma crítica da indiferença da sociedade.

Um perigo é claro: é que a AIDS vai acabar sendo exploradas em todos os espectros de entretenimento de televisão como a moda: “doença da temporada”. Para o momento, no entanto, o problema pode ser usado para toda a atenção razoavelmente simpática que pode obter. (O’CONNOR, John J. NBC Offers a Drama on AIDS. New York Times. 11 Nov. 1985. Tradução nossa).

O episódio especial da serie Brothers também abordou a temática da AIDS, e narrou à história de um jogador de futebol que era enfermo, apresentando apenas uma característica do personagem que ele era negro. Porém, pesquisamos e a série trata-se da

história de três irmãos, que um é gay e os outros dois tentam aceitá-lo ou “curá-lo”⁷⁷, a série já abordava assuntos referente ao universo da homossexualidade e em um de seus episódios resolveu apresentar a temática da enfermidade.

Algumas mídias mobilizavam-se para tentar informar o público que estava sendo mais atingido, e algumas programações acusavam a sociedade de indiferença à epidemia e, consequentemente, de apatia com quem estava sendo atingido por ela, como esta série, por exemplo. Ainda fazendo observação irônica, e ao mesmo tempo verdadeira, Connor observa que a AIDS era a “doença da temporada”, porém não apenas da temporada na mídia, mas da sociedade da década de 1980.

Em **AIDS, Aconteceu comigo** compreendemos que além da preocupação com a primeira abordagem sobre a doença em um filme, a obra trata de assuntos, que para a sociedade norte americana ainda estava em debate, como a questão da homossexualidade. Tema de vários filmes e séries, porém que muitas emissoras se preocupavam na forma que poderia se produzir uma programação. Este medo se reflete nos produtores do filme, que fizeram questão de apresentar uma representação de uma família conservadora que lidou com duas revelações do personagem principal: a doença e a homossexualidade. Segundo o jornalista Kenneth R. Clark:

A AIDS tem implicações que vão muito além da preocupação sobre a própria doença. A comunidade gay, preocupada que a associação da doença com a homossexualidade vai reviver preconceito popular contra os gays, está irritada com a NBC, que não a chamou para consultar o script. Por outro lado, a rede está nervosa sobre a possível reação dos conservadores religiosos, que se opõem a qualquer tratamento simpático aos homossexuais. (CLARK, Kenneth R. *Aids Tragedy ‘An Early Frost’ Chills The Blood*. Chicago Tribune. 10 Nov. 1985. Tradução nossa).

Na citação acima, observamos que para escrever um filme era necessário, além de procurar atingir um público e agradá-lo, preocupa-se com quem irá desagradar. **AIDS, Aconteceu comigo** foi escrito por 14 vezes em dois anos. Nossos questionamentos são: Quais os motivos de tantas mudanças? Quais eram as preocupações dos produtores do filme? Encontramos algumas respostas nas próprias críticas como vimos anteriormente e compreendemos que um filme precisa se adequar a uma série de exigências.

O público era o mais variado possível havia religiosos, conservadores, homossexuais, e ainda aqueles que acreditavam estar livres de qualquer preconceito. A NBC

⁷⁷ Informação sobre a série *Os Brothers* Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt0086677/>>. Acesso: 09 mar. 2016.

almejava agradar a todos, porém não seria algo fácil de ser realizado. A Jornalista Garret nos traz exemplos mostrando por que:

“A AIDS é um castigo divino” Falwell concluiu. “A Sagrada Escritura é clara: Colheremos na carne quando violamos as leis de Deus”.
 Algum tempo depois, Bobbi Campbell denunciou os líderes religiosos perante o Conselho de Superiores de San Francisco.
 -Não me considero um pecador e não acho que seja a vontade de Deus! – gritava o garoto-propaganda da AIDS. (GARRETT, 1994, p. 320).

As opiniões eram completamente antagônicas e a preocupação com os religiosos e com a comunidade dos homossexuais era algo que a TV NBC estava atenta e, principalmente, os roteiristas do filme. Em nenhum momento a família do personagem Michel apresenta um viés religioso, não há objetos em sua casa que possa remeter a qualquer religião, o que nos faz entender que somente o conservadorismo da parte da família, ainda recebeu alguma representação.

Entretanto, os homossexuais desejavam averiguar o roteiro, pois não suportavam mais serem os alvos de todas as representações maldosas da doença, alguns aceitaram e perceberam que **AIDS, Aconteceu comigo** não feria a comunidade, mesmo abordando a homossexualidade e associando a doença a este grupo, pois tentavam humanizar o doente. Barros (2007) argumenta que:

[...] Ainda que uma determinada produção fílmica seja montada para a expressão de um modo de vida que é o de alguma classe dominante, ou ainda que o filme seja empregado como parte de estratégias políticas específicas – e ainda que os diálogos principais postos em cena atendam ou expressem interesses sociais e políticos específicos – haverá sempre algo que se impõe ou dá-se a perceber através da imagem e que pode revelar inesperadamente os demais modos de vida, ou algo que há de impor como o contra discurso entredito que se constrói à sombra dos diálogos que estremecem o discurso principal. (BARROS, 2007, p. 7).

Barros explica as estratégias utilizadas por diretores, roteiristas e produtores em: imagens, roteiro, ou ainda na construção das cenas. Mesmo com convenções impostas, estes profissionais conseguem expressar sua aspiração sem polemizar. A pressão da TV NBC não conseguiu com que os produtores desistissem de representar o que julgava importante, assim entraram em acordo.

Porém um dos principais propósitos de um diretor é fazer sua arte com liberdade. Em 1991, John Erman fez um novo filme sobre a AIDS chamado: **Nossos Filhos** e contou que este diferente de **AIDS, Aconteceu comigo** teve pouquíssimas retrições:

Sr. Erman relata que o departamento de padrões de transmissão da ABC era muito mais relaxado sobre o tema da homossexualidade do que a NBC foi quando ele dirigiu “An Early Frost” há seis anos. Ele lembra que em “An Early Frost” a avó do personagem principal não foi autorizada a comentar que ela gostava do amante de seu neto porque isso poderia ser interpretado como um endosso da homossexualidade. “Nós não temos esses problemas neste filme”, disse Erman. (FARBER. Stephen. *A Decade Into the AIDS Epidemic, The TV Networks Are Still Nervous*. New York Times. Los Angeles. 30 Apr. 1991. Tradução nossa).

O Diretor se sentiu a vontade para dirigir *Nossos Filhos*, Erman finalmente avançou em assuntos que considerava a abordagem fundamental na Televisão: a homossexualidade e a AIDS. Ele não desistia de quebrar tabus dentro da Rede. As emissoras de TV, os diretores e produtores de filmes e outros envolvidos no universo midiático, compreendem que os meios de comunicação possuem poder para influenciar a opinião pública, ou suscitar debates na sociedade.

A personagem de Bea avó do personagem principal Michel, não disse que gostava de Peter, o companheiro do neto, porém ficou claro que ela apoiava Michel e simpatizava com Peter, pois além de tratar o companheiro do neto com simpatia e respeito, solicitou ao neto para leva-lo até a sua casa.

Os patrocinadores, ou a quem eles representavam, não eram a favor que tais temáticas sejam expressas na TV, ou no cinema de qualquer maneira, mas com limites, o que deixa claro o porquê de alguns diretores como John Erman tentar avançar aos poucos nestes conteúdos, pois se não tentassem de maneira sutil, poderiam ter suas obras impedidas nos meios de comunicação.

O produtor executivo da ABC, Robert Greenwald, disse: “Nós não queremos esconder o fato de que o filme é sobre a homossexualidade ou AIDS, mas nós não queremos colocá-lo no gueto de filmes-doença, que têm sido feito tantas vezes diante da televisão”. (FARBER. Stephen. *A Decade Into the AIDS Epidemic, The TV Networks Are Still Nervous*. New York Times. Los Angeles. 30 Apr. 1991. Tradução nossa).

O produtor executivo da ABC se refere ao filme que aborda doença como inferior, entretanto, se estes filmes são considerados inferiores, qual a razão de investir neles? Uma de nossas hipóteses é que: tanto a década de 1980, como o início da década 1990, o número de enfermos não parava de crescer e todo o esforço para informar sobre a enfermidade foi necessário. Como os meios de comunicação poderiam se negar a falar sobre a AIDS?

Podemos considerar a representação da AIDS na televisão em 1980 e uma década depois no cinema como um pedido de socorro? Nos primeiros anos de 1980 o poder público

fornecia recursos para o combate da enfermidade, contudo, ainda não se reportava sobre ela. Segundo as críticas de **AIDS, Aconteceu comigo**, o filme foi considerado mais do que um simples entretenimento:

LOS ANGELES, novembro 5 - NBC planeja transmitir um relatório especial e empreender uma campanha educativa em conjunto com "An Early Frost", um drama sobre Aids, que estava programado para ser mostrado ontem à noite.

O drama de duas horas é sobre um jovem advogado homossexual (interpretado por Aidan Quinn), cuja família é jogada em uma crise quando ele diz a seus pais (Gena Rowlands e Ben Gazzara) que adquiriu a Síndrome de Imunodeficiência. Imediatamente após a transmissão, NBC News apresentará um relatório especial de meia hora sobre a doença com Tom Brokaw como anfitrião. (FARBER, Stephan. News Special on AIDS to Follow NBC Drama. New York Times. Los Angeles. 6 Nov. 1985. Tradução nossa).

Segundo Farber o filme representou o caos que caía sobre a vida de um indivíduo e de sua família ao descobrir que esta moléstia agora fazia parte de suas vidas. Logo após a exibição da ficção, houve uma programação especial que aprofundaria as informações reais sobre a AIDS, de como agir diante da epidemia que enfrentava o país, que não poderia continuar na inércia e sem conhecimento de causa. Objetivo de tudo isto era chamar a atenção da população para dirimir as mais diversas dúvidas que ela pudesse ter; oferecendo-lhe mais informações precisas sobre esta nova enfermidade,

Porque após cinco anos de manifestação, a AIDS provocava no país inteiro o medo por falta de conhecimento elucidativo e cuidado mais incisivo do Governo Federal. O que percebemos nitidamente em nossas fontes é que informações sobre a AIDS existia, contudo alguns esclarecimentos, que eram dados através da mídia, não possuíam bases científicas, ou eram repassados com pouco entendimento do assunto, gerando mais dúvidas e pavor na sociedade e, conseqüentemente, mais preconceito e estigma. Connor nos explica que:

A descoberta tardia da televisão da síndrome da imunodeficiência adquirida está pronta para entrar na fase de saturação máxima. AIDS é a cópia quente, fornecendo programas de notícias com imagens de tudo, pais fazendo protestos nas escolas para bares serem fechados pelas autoridades [...]. Infelizmente, a cobertura tem sido muitas vezes menos do que esclarecedora e promoveu uma quantidade surpreendente de confusão e pânico. Ironicamente, entretenimento em horário nobre está agora oferecendo alguns antídotos. Estes são os scripts cuidadosamente redigidos em uma mistura de informação factual e compaixão, não menos importante para as vítimas. Um exemplo excepcionalmente fino pode ser encontrado em "An Early Frost", o filme de televisão na NBC às 9 horas da noite. (O'CONNOR, John J. NBC Offers a Drama on AIDS. New York Times. 11 Nov. 1985. Tradução nossa).

O jornalista afirma que houve uma descoberta tardia da televisão, porém será que foi uma descoberta demorada? Ou uma falta de interesse porque a doença atingiu inicialmente um grupo específico de pessoas? Connor ainda fala que **An Early Frost** pode ser considerado um antídoto, compreendemos seu ponto de vista, pois o filme representa a doença e o doente de AIDS com humanidade e de alguma forma explica quais são as verdadeiras formas de contágio da doença. Segundo Farrel:

Os noticiários pareciam assumir uma abordagem alienada. Não querendo falar sobre homossexuais, por medo de “ofender” o público, os repórteres, no começo, não diziam nada e deixavam de alerta as pessoas sobre a doença. Ironicamente, numa das primeiras matérias que aparecem em rede de televisão mencionando a doença, em agosto de 1982, o âncora Dan Rather disse: “Funcionários da saúde consideram isso uma epidemia. No entanto, raramente você ouve algo a respeito”. É claro, se alguém fosse ouvir qualquer coisa sobre isso, teria que ser de pessoas como o próprio Dan Rather. (FARREL, 2004, p. 231).

A autora fala sobre os noticiários nos Estados Unidos e que em 1982 pouco se falava sobre a enfermidade, que já era considerada uma epidemia pelos funcionários da saúde, porém a sociedade pouco era informada pelos veículos de comunicação, pois a doença atingiu de imediato apenas algumas pessoas em comum. Então se acreditou apenas em seus primeiros sinais, e depois de algum tempo se pagou um preço alto por isso.

Em 1985 a televisão estava mais aberta para falar sobre a AIDS, porque a ciência, em 1984, finalmente havia encontrado o agente etiológico da enfermidade, o Vírus da Imunodeficiência Humana – HIV, o que amenizou o pavor, pois conhecendo o agente que provoca a doença era possível se pensar maneiras de encontrar respostas mais concretas sobre as formas de contaminação, de tratamento e quem sabe, futuramente da cura.

O filme foi usado como um ótimo pretexto para expor a doença, e ainda para promover mobilizações, algumas através da própria emissora NBC, outros através de terceiros, ou ainda de ONG's:

“Esperamos que amplifiquem alguns dos pontos levantados no filme”, disse Lloyd Siegel, produtor executivo do especial da NBC News. “Queremos responder a perguntas específicas que as pessoas ainda têm sobre a AIDS. Quem está em risco, o que está havendo progresso na busca de uma cura, e as medidas tomadas pelo país para tentar controlar a doença”.

Uma das questões a ser discutida no especial de notícias, o Sr. Siegel disse que é a ação por alguns governos estaduais e municipais para fechar locais frequentados por homens homossexuais, como casas de banho, para tentar impedir a propagação da doença. “Essa parece ser a área de discordância mais forte no que diz respeito à AIDS”, disse o Sr. Siegel, “e vamos debater esse ponto”.

NBC organizou três exames antecipados de “An Early Frost”. Na quinta-feira no Kennedy Center, em Washington, haverá uma triagem que o Dr. Rosalind Schram,

diretor de relações comunitárias da NBC, descrito como sendo principalmente para os funcionários de saúde e pesquisadores.

Na sexta-feira na sede da NBC, no Rockefeller Center, um rastreio de saúde, ciências e repórteres será seguido por um painel de discussão com o Dr. Steven Schultz, vice-comissário do Departamento de Saúde de Nova York; Dr. John Martin, pesquisador associado da Escola de Saúde Pública da Universidade de Columbia, e Dr. Susan Tross, atendendo psicólogo da Sloan-Kettering Câncer Center Memorial. Sexta à noite em Los Angeles, outra seleção será realizada por membros da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas. O produtor de “An Early Frost” Perry Lafferty, disse que o monitoramento tinha sido solicitado pela academia de televisão porque tem havido muita desinformação sobre a AIDS dentro da indústria cinematográfica. (FARBER, Stephan. News Special on AIDS to Follow NBC Drama. New York Times. Los Angeles. 6 Nov. 1985. Tradução nossa).

A NBC se mobilizou para noticiar a enfermidade, a programação especial, aberta ao público, após o filme teve como finalidade de responder qualquer dúvida, e ainda apresentar quem poderia estar em risco de se contaminar com o HIV. Houve participação de psicólogos, médicos e outros representantes da saúde que além de participar das programações realizadas pela rede de Televisão para informar o público, também se reuniram com equipes que trabalhavam na emissora para trazer o conhecimento seguro para os profissionais da Televisão (artistas, produtores, jornalistas câmeras e outros), pois a ignorância sobre a enfermidade foi reconhecida também na indústria cinematográfica, além de alguns artistas aparecerem enfermos, outros se negavam a ter qualquer tipo de contato com quem pudesse estar contaminado e/ou doente.

Outro assunto discutido durante a programação, que foi representado de maneira tímida no filme, é a questão dos bares e saunas frequentados por homossexuais. No filme, Peter, companheiro de Michel em um momento de insegurança, foi visitar estes lugares e teve relações casuais com homens que mal conhecia o que pode ter provocado a contaminação de Michel com o vírus do HIV e o deixado doente de AIDS.

Mesmo de modo indireto, a representação destes lugares na obra fílmica ganha uma conotação negativa, pois fica manifesta a relação da AIDS com a prática sexual, sem responsabilidade nestes ambientes. Segundo a jornalista Garrett, em sua obra, já em 1983, as discussões sobre as casas de banho eram presentes na política e entre os homossexuais:

E na comunidade gay americana uma grande batalha político cultural estava sendo travada. Muitos homens, com razão aterrorizados, estavam alterando radicalmente seu comportamento. As saunas de San Francisco, por exemplo, registraram queda de 40 a 60 por cento em suas receitas durante maio de 1983.

Mas à medida que se aproximava o dia 27 de junho – aniversário dos tumultos de Stonewall, agora comemorado como Dia da Liberação Gay -, gritos ecoavam pelos corredores dos edifícios do governo em San Francisco e Nova York. Os mais preocupados com a AIDS temiam que atmosfera festiva e a folia nas saunas, o que acontecia desde 1969, fossem perigosas demais em 1983. Os que eram contrários às

restrições contra as saunas riam disso, qualificando-os como paranoia estimulada pelo governo, destinados a abafar o movimento *gay*. (GARRETT, 1994, p. 319).

Segundo a autora, em 1983 os debates referentes às saunas, já aconteciam e alguns homossexuais deixaram de frequentar estes espaços, pois havia diversas histórias mirabolantes sobre contaminação nesses lugares. Até a festa da comunidade Gay estava sendo questionada, porque o medo que o número de infectados aumentasse era um fato possível.

O Governo citado pela jornalista é principalmente os Governos municipais e estaduais, os quais também em 1985 aparecem nas mobilizações. Vemos na crítica anterior alguns representantes da saúde pública municipal participando das programações da NBC, para abordar a temática, avanços positivos e necessários, pois se não fosse à iniciativa dos próprios enfermos, outros homossexuais que não foram atingidos, profissionais da área médica e da ciência, e pessoas comuns que se sensibilizaram com os doentes, as respostas e ajudas mais básicas demorariam muito para ser realizadas.

No artigo: Resposta dos governos estaduais para a crise da AIDS: Uma Perspectiva Publicitária de 1989⁷⁸ dos pesquisadores: Alan J. Bush e Victoria Davis⁷⁹ é possível compreender como os Estados se organizavam para combater a enfermidade através da propaganda e publicidade das mais diversas formas para a sociedade. Esta pesquisa foi realizada em 1989. Os pesquisadores colheram informações⁸⁰ junto ao Centro de Controle de Doenças e as secretarias de saúde de quarenta e oito Estados nos EUA.

Assim como os donos da Rede de TV muitos dos funcionários públicos que estavam a frente do combate das doenças em alguns Estados (coordenadores de saúde)⁸¹

⁷⁸ State Governments' Response to the AIDS Crisis: An Advertising Perspective

⁷⁹ ALAN J. BUSH é Professor de Marketing em Memphis Universidade Estadual Tennessee. VICTORIA DAVIES é assistente e analista de mídia para Lintas: Campbell-Ewald Publicidade em Warren, Michigan.

⁸⁰ O questionário foi dividido em três partes. Em primeiro lugar, os funcionários do Estado responderam uma série de questões relativas à sua própria campanha específica AIDS (ou seja, objetivos, mercado-alvo, mídia, criativas e eficácia). Em seguida, os entrevistados foram indagados em uma série de perguntas para avaliar suas atitudes sobre o papel da publicidade na prevenção da AIDS. Finalmente, os coordenadores estaduais da AIDS foram convidados para outra série de perguntas que avaliaram suas percepções do conteúdo (por exemplo, método de recursos de prevenção, etc.) é importante enfatizar em na mídia a campanha da AIDS. Esses itens foram gerados principalmente por relatórios do governo federal [CDC 1988] (...). (BUSH; DAVIS, 1989, p. 56 Tradução nossa)

⁸¹ Os indivíduos convidados a participar do desse estudo foram coordenadores estaduais da AIDS e/ou especialistas em informação/públicos dos Departamentos de Saúde de cada um dos 48 estados contíguos.¹ Estes indivíduos específicos foram selecionados a partir dos Centros de Controle de Doenças (CDC), da lista de contatos do coordenador do programa de prevenção da AIDS. Os coordenadores da AIDS foram considerados adequados para o estudo e foram recomendados pelo CDC como as pessoas mais experiente no estado em relação a campanha de mídia AIDS. Uma carta foi enviada cerca de uma semana antes do estudo a cada coordenador da AIDS. A carta informou a cada indivíduo da intenção do estudo, e que eles iriam ser contatados nos próximos dias para participar de uma entrevista por telefone. Os 48 coordenadores estaduais de AIDS foram então contatados via telefone. (BUSH; DAVIS, 1989, p. 56 Tradução nossa)

tinham a preocupação nítida de como iriam expor a AIDS. As formas de combate variavam de Estado para Estado, que podiam ou não optar por aderir à Campanha Federal Nacional⁸².

A campanha nacional de mídia está disponível para todos os cinquenta estados e pode ser implementada a critério de cada estado. O CDC oferece a cada Estado mais de duas dezenas de campanhas diferentes para alvos específicos, como negros, hispânicos, famílias, etc. Alguns exemplos destas campanhas específicas incluem: “Você fala sobre isso no primeiro encontro?”; “O que você faria se tivesse AIDS?”; “Tem ouvido falar muito da AIDS ultimamente?” A Campanha Nacional tem uma abordagem conservadora, uma vez que se centra na busca de informações adicionais sobre a doença. (BUSH; DAVIS, 1989, p. 54. Tradução nossa).

O Governo Federal oferecia aos cinquenta Estados a alternativa de seguir um modelo para a divulgação da doença, porém, as Campanhas tinham um caráter conservador, no sentido de não explicar de maneira específica sobre as formas de prevenção da doença, com receio de ser mal interpretados, entretanto, tentava alcançar variados alvos como: negros, hispânicos, famílias e outros.

A Campanha Nacional não impedia que cada Estado fizesse sua própria publicidade sobre a enfermidade, acrescentando as informações que achassem que eram necessárias para a sua população. Porém, o fato dos Estados escolherem a maneira de produzir e realizar sua própria propaganda sobre a AIDS, não significa que estavam livres de qualquer impedimento. Vejamos:

Muitos estados têm desenvolvido a sua própria campanha de mídia para a AIDS. Todos os estados que desenvolveram essas campanhas temiam que seus anúncios não fossem aceitos pela mídia e/ou pela legislação local. Estados como Michigan, Minnesota e Nova York desenvolveram suas próprias campanhas, ao invés de adotar a campanha nacional. No entanto, muitas destas campanhas estaduais para AIDS são, muitas vezes, condenadas, por razões morais e sociais, e são forçadas a alteração ou mesmo descarte. Por exemplo, New York travou uma longa batalha com a mídia porque sua campanha recomendava o uso do preservativo. Os meios de comunicação resistiram aos anúncios, porque implicações de que pessoas não casadas estavam sendo incentivadas a ter relações sexuais [Wells 1988]. Minnesota temia o que seus jornais rurais fariam caso não imprimissem a campanha da AIDS (“Não saia de casa sem ele!” – um preservativo foi mostrado no anúncio.) em todo o estado e produziu dois conjuntos de anúncios, uma versão metropolitana e uma versão rural enfraquecida. (BUSH; DAVIS, 1989, p. 55. Tradução nossa).

⁸² Em outubro de 1987, o Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos EUA através dos Centros de Controle de Doenças (CDC) começou uma campanha de educação informativa da AIDS em todo o país. A intenção deste programa federal é educar o público geral sobre os fatores de risco associados ao HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana). Os objetivos desta campanha foram desenvolvidos junto às secretarias estaduais de saúde, organizações nacionais e organizações comunitárias locais. (BUSH; DAVIS, 1989, p. 54 Tradução nossa)

Algumas mídias: jornais, redes de Televisão e outras não queriam incentivar seu público a ter relações sexuais casuais, pois para muitos deles, isto significava infringir a moral, parte da sociedade também compartilhava desta mesma opinião. Porém uma campanha sobre a AIDS não articular as formas de prevenção da doença, incluindo o uso do preservativo era quase impossível, pois um dos principais modos de se evitar a contaminação era e é prevenindo-se.

Os autores exemplificam as ações dos Estados de Nova Iorque e Minnnesota que se esfoçaram para informar os cidadãos dos seus Estados, com a preocupação de passar uma informação sobre a enfermidade mais completa, e enfrentaram as dificuldades que lhe foram impostas por isso. Minnessota, por exemplo, teve que optar por dois tipos de Campanhas: uma para região metropolitana, e outra com uma mensagem mais conservadora para área rural do Estado, pois não seria aceita por aquele público, informações mais completas sobre as formas de prevenção.

Cada Estado seguiu suas próprias diretrizes em relação aos tipos de propagandas. O que compreendemos com a pesquisa de Bush e Davi foi sobre a complexidade em se realizar Campanhas sobre a AIDS, a particularidade de cada Estado e público era muito grande e diversificado, diante disso fica clara a preocupação dos donos das Redes de Televisão em abordar a temática da enfermidade, que atingiria as mais diversas pessoas. Mas a necessidade em falar sobre a enfermidade tinha que ser maior que o medo de enfrentar qualquer tipo de rejeição do público.

Esta Campanha Federal de educação informativa da AIDS se iniciou em todo o país, segundo os autores em 1987. Antes disso, a mídia ainda nos primeiros anos da manifestação da enfermidade estudava a possibilidade de aborda-la. Quando finalmente saíram as primeiras programações, junto a elas o filme em 1985; antes mesmo desta ação do Governo Federal, sobre a nova Síndrome, outras mobilizações com destaque se iniciaram:

De acordo com Dr. Schram, a NBC tem distribuído um guia para o espectador em centenas de hospitais, agências e organizações sociais relacionadas com a AIDS em todo o país. E Gena Rowlands gravou em 30 – segundos um anúncio de serviço público - com um número de telefone [...] que os espectadores podem chamar - que será oferecido a todos os afiliados locais da NBC. Dr. Schram explica que esta campanha de serviço público é como “análogo ao que fizemos no ano passado com “The Burning Bed” para educar as pessoas sobre o abuso das esposas”. (FARBER, Stephan. News Special on AIDS to Follow NBC Drama. New York Times. Los Angeles. 6 Nov. 1985. Tradução nossa).

A NBC já havia utilizado o entretenimento como uma ferramenta, para tratar de assuntos delicados e informar a população, como por exemplo, *The Burning Bed* um filme feito para TV NBC, baseado em um livro que conta a história de uma mulher que sofria maus tratos do seu marido e, não suportando mais a situação, o assassina. O intuito de realizar esta campanha era para não acontecer este tipo de abuso contra as mulheres.

Com filme **AIDS, Aconteceu comigo** não foi diferente, pois o objetivo era aproveitar a ficção, para fazer campanhas, que foram estendidas ao distribuir informativos em hospitais e agências que lutavam em prol da causa da AIDS. Artistas como Gena Rowlands, que interpreta Katherine mãe de Michel no filme, participou das ações, fazendo comerciais para chamar atenção do público. A mobilização envolveu artistas, não apenas em sua participação nos dramas correlatos, mas em trabalhos externos, para divulgar as campanhas contra a AIDS.

Outras mobilizações foram feitas e o filme serviu como um grande apoio para a realização de ações, até para arrecadação de dinheiro para ajudar os atingidos pela enfermidade.

Algumas atividades para arrecadar dinheiro para pesquisas sobre a AIDS estão sendo organizadas independentes da NBC. Glenn Kennedy, diretor associado do Projeto Aids Los Angeles, propôs que os indivíduos ou organizações realizem reuniões na noite, o programa é transmitido, e os hóspedes serão convidados a doar pelo menos US \$10 a uma organização local. Em Los Angeles, de acordo com Sr. Kennedy, mais de 100 desses encontros já foram programados, e Bill Jones, diretor de desenvolvimento da Crise de Saúde dos Homens gay em Nova York, disse que um plano semelhante tinha desenhado respostas entusiásticas em Manhattan. Sr. Kennedy disse que ele rejeitou a ideia de uma grande cessão em favor das menores reuniões em casa. “Minha preferência é por espectadores em grupos menores”, disse ele. “Eu gostaria de incentivar as pessoas a assistir ao show em casa com os amigos. É com a ênfase família a película”. (STEPHAN, Feber. News Special on AIDS to Follow NBC Drama. New York Times. Los Angeles. 6 Nov. 1985. Tradução nossa).

Na citação acima podemos comprovar que existiram mobilizações que estavam sendo realizadas independentes da NBC, mas em torno da obra fílmica. O intuito era arrecadar dinheiro para ajudar a combater a epidemia da AIDS que assolava todo país. Estes encontros foram organizados em algumas cidades.

A preocupação de Sr. Kennedy diretor associado do Projeto Aids Los Angeles, mesmo com a causa importante de conseguir coletar o máximo de verba possível, era que mensagem do filme fosse entendida pelo maior número de pessoas possíveis. Pois ele tinha medo que com um numero grande de pessoas reunidas, talvez a informação não alcançasse os

indivíduos de forma ideal, por isso dividiu em mais de 100 encontros espalhados por Los Angeles.

Observamos ainda que a maioria destes encontros foram organizados por Organizações Não Governamentais – ONGs; uma delas inclusive surgiu em 1981 e Segundo Farrel sua criação foi da seguinte maneira:

Em agosto de 1981, no jornal gay New York Native, quando o escritor Larry Kramer insistiu na necessidade da ação, pedindo donativos para o estudo das estranhas doenças que estavam matando os gays, foi acusado de “emocionalismo” por um leitor e de afirmar que “a recompensa do sexo gay é a morte”.

Contudo, outras pessoas tinham a mesma preocupação de Kramer. Naquele mês, um grupo de homens reuniu-se na sala de estar de Kramer e formou o primeiro grupo de ação contra a AIDS, os Homens Gays em Crise de Saúde (GMHC – Gay Men’s Health Crisis). (FARREL, 2003, p. 235).

O escritor Kramer sentiu a necessidade de agir contra a AIDS. Inicialmente, solicitou donativos para o estudo da estranha doença que surgiu nos homens homossexuais, mesmo recebendo críticas e enfrentando preconceito por parte de alguns leitores. Junto com outros colaboradores, conseguiu com muito esforço criar uma ONG para o combate da enfermidade.

E em 1985 esta ONG estava envolvida nesta mobilização de centenas de pessoas para ajudar a crise epidêmica da doença. Diferente do Sr. Kennedy que reunia poucas pessoas para melhor entendimento da obra fílmica. Houve outras reuniões como noticia a jornalista Anderson⁸³ que foram um pouco diferente, contudo foi um espetáculo de solidariedade de quem participou.

“An Early Frost”, um drama da NBC-TV sobre a AIDS, tratou de questões dolorosas cerca de 50 homens e mulheres que se reuniram em um apartamento no Upper West Side para assistir à transmissão.

O grupo tinha ultrapassado a sua meta em levantar o dinheiro para os Homens Gays em Crise de Saúde, uma organização de apoio para as pessoas com AIDS. “Eu achei que seria talvez chegar a US \$ 400 ou US \$ 500”, disse Hugh Graham, em cujo apartamento a reunião ocorreu. “Mas essas pessoas realmente cavaram fundo e deram”. Ele estava à frente de 100 eventos de angariação de dinheiro que ocorreram ao redor da cidade na noite de ontem, centradas na transmissão. William Jones, diretor de desenvolvimento para o grupo de apoio, disse ontem que ele ainda não sabia quanto dinheiro tinha sido levantado. “Cinco dólares e US\$ 10 se podem juntar rapidamente”, disse ele. “Nós realmente obtemos algumas grandes contribuições, então nós apreciamos a preocupação de todas as pessoas, particularmente aqueles que não podem dar grandes doações”.

⁸³ Susan Heller Anderson, repórter do The New York Times Ms. Anderson se formou na Universidade do Sul da Califórnia e frequentou a Sorbonne. Disponível em: <www.nytimes.com/1988/04/03/style/susan-heller-anderson-weds-lawyer.html>. Acesso em: 16 mar. 2016.

A festa no apartamento do Sr. Graham foi organizada por membros do Equilíbrio do Mundo, uma organização de caridade. A 2.060 dólares eles levaram e vão para um programa de assistência financeira que faz doações de US\$ 200 a US\$ 400 a pacientes com AIDS em extrema dificuldade financeira. (ANDERSON, Susan Heller; DUNLAP, David W. New York Day By Day; Help for AIDS Victims. 13. Nov. 1985. Tradução nossa.)

A arrecadação de fundos para o combate à epidemia, segundo a notícia, foi um sucesso, porém, o que nos chama atenção nesta notícia é que não faz referência específica de quem participava destas diversas reuniões. O que nos leva a deduzir que não era um público selecionado, mas indivíduos comum sem especificidade de gênero, raça ou credo. Em parte, a obra fílmica apresentou uma contribuição para sensibilização do público.

Outro ponto a salientar é que o valor da ajuda poderia ser até cinco dólares, o importante era contribuir com a causa. Muitas pessoas se disponibilizaram abrindo as portas de suas casas, apartamentos e outros espaços particulares, para realizar tais eventos em busca de conseguir contribuições para o combate da enfermidade. Estas reuniões organizadas por uma Organização não governamental - ONG chamada Equilíbrio do Mundo, uma organização de caridade, como já falamos anteriormente, fato comum no período era ONGs estar à frente da luta contra a AIDS.

Compreendemos que o filme não é real, entretanto, mesmo sendo uma ficção, ele pode chegar à sociedade e causar reações múltiplas, **AIDS, Aconteceu comigo** é um exemplo. O modo pelo qual ele foi usado pela TV NBC para tocar no assunto, que era considerado delicado, foi eficiente para mostrar a AIDS através de uma narrativa sobre uma família harmoniosa, que de repente sofre o golpe de ter um de seus membros contaminado por uma doença mortal e por descobrir que o filho amado e admirado era um homossexual. Esta foi a maneira que os produtores encontraram para através da representação fílmica, tocar o seu público.

A AIDS, ainda na década de 1980, era envolvida numa aura de doença que atingia principalmente os homossexuais e por este motivo fomentou ainda mais o estigma contra esta minoria que não era compreendida por suas escolhas. No filme ouvimos falar sobre o Grupo de Risco, porém os únicos representados nesta obra são os homossexuais, ou ainda com uma pequena participação hetero que tinham outro relacionamento fora do seu enlace matrimonial. O que nos faz constatar mais uma vez que a infração da moral estava completamente ligada ao que se tinha de representação da doença neste filme.

4 SEM JUSTIÇA NÃO HÁ PAZ: REPRESENTAÇÃO E ESTIGMA NA OBRA FILMICA FILADÉLFIA.

Como vimos na introdução, para dialogar com fontes fílmicas são necessárias as mais diversas informações. Entender a produção torna-se fundamental para compreendermos a motivação do Diretor e de sua equipe para produzir um filme. A temática da AIDS na periodização que estamos propondo em nossa dissertação é considerada um risco para indústria cinematográfica de Hollywood.

Segundo Nascimento (2004) “Assim como a história, a doença, como fenômeno social também é uma construção”. (NASCIMENTO, 2004, p. 13). Compreendemos que esta construção social da doença influencia os mais diversos campos da vida das pessoas, inclusive a cultura, a arte e as obras fílmicas. O filme é uma expressão cultural, um entretenimento, que pode ser também considerado um instrumento para tratar de problemas sociais, como, por exemplo, essa enfermidade.

Neste capítulo analisamos notícias e críticas referentes à produção e recepção do primeiro filme de Hollywood em tocar na temática da AIDS: **Filadélfia** 1993, pois é importante perceber porque a indústria cinematográfica estadunidense demorou tanto tempo em abordar tal tema, pois enquanto as redes de televisão, e produções independentes eram realizadas, Hollywood permaneceu calada, apenas em 1987 se deu início a produção do filme.

Abordaremos o processo que a equipe de **Filadélfia** enfrentou por não referenciar a origem da história do filme, que foi inspirado em fatos reais. A cobrança dos críticos para que Hollywood produzisse um filme sobre a AIDS também nos chama atenção, pois o filme também é considerado uma obra de arte, então como e porque cobrar da arte um posicionamento sobre uma enfermidade?

Analisamos o filme **Filadélfia**, ressaltando principalmente as questões das representações: da doença, e do doente, e como o estigma aparece na obra, dividindo esta análise em dois momentos a partir do conceito estigma de Erving Goffman e seus desdobramentos em: o *desacreditável* e o *desacreditado*. Diferente do primeiro filme que tem com assunto também a família, **Filadélfia** abordar as relações externas do personagem principal, referindo-se ao seu ambiente de trabalho e como de um excelente advogado, torna-se um pária na sociedade, e para os donos da empresa que trabalhava.

4.1 “NÃO TINHA OBRIGAÇÃO DE AVISÁ-LOS DESSA DOENÇA FATAL E CONTAGIOSA?”: PRODUÇÃO DO FILME FILADÉLFIA 1993.

Quem está interessado em assistir um show de doença? Esta foi uma das perguntas que alguns produtores de filmes de TV se fizeram, ainda na década de 1980. Todavia, mesmo com a incerteza de como seria a aceitação do filme pelo público, alguns diretores foram corajosos e se atreveram a produzir filmes que abordassem a temática da mais nova e aterrorizante moléstia.

Existiam outras produções fílmicas realizadas pelas emissoras de TV estadunidense; entre elas: **AIDS, Aconteceu comigo** de 1985, o primeiro filme que abordou este assunto, obra que analisamos no capítulo anterior. O primeiro filme produzido pelo cinema de Hollywood referente à AIDS foi **Filadélfia** em 1993, lançado treze anos depois do aparecimento oficial da epidemia nos EUA.

O roteiro de “Filadélfia” foi concebido em 1988 quando um amigo próximo de Demme e de sua esposa, Joanne Howard, confidenciou que tinha AIDS. “Eu comecei a ouvir-me dizer que adoraria fazer um filme que lida de alguma forma com a AIDS”, Demme lembra, “porque temos que encontrar uma cura; A cura é possível, mas, enquanto isso as pessoas com AIDS são tratadas com desprezo por um grande numero de pessoas da nossa sociedade”. (GELMIS, Joseph. MOVIES : How to Get a Major Hollywood Studio to Do an AIDS Movie (Finally). Los Angeles Times. 28 Feb. 1993. Tradução nossa).

Na entrevista concedida ao crítico de cinema Joseph Gelmis do periódico Los Angeles Times, Demme demonstra que o interesse em trabalhar com a temática da AIDS surgiu quando a enfermidade tocou seu ciclo de amigos, e de certa maneira a doença o impactou. O Diretor tinha esperança que a cura um dia fosse encontrada, contudo ele observava a sociedade e o desprezo pelo qual muitas pessoas tratavam os enfermos de AIDS e isso claramente começou a lhe incomodar.

Demme não demorou muito sair do campo das idéias e iniciar um novo projeto. O Diretor contou com a ajuda do roteirista Ron Nyswaner que não hesitou em aceitar a elaborar um filme com a temática desta terrível doença, segundo o próprio roteirista seus motivos também foram pessoais, pois o que o levou a investir neste novo e desafiador projeto foi que a AIDS também já era presente em meio aos seus familiares.

Quando Demme convidou Nyswaner para almoçar em 1988 para discutir sobre um filme sobre a AIDS, “eu disse sim a ele, imediatamente”, Nyswaner lembra. “Meu sobrinho tinha acabado de ser diagnosticado com AIDS. Ele tinha 18 anos. Então eu

disse: “Este assunto é extremamente importante para mim””. [...]. (GELMIS, Joseph. MOVIES : How to Get a Major Hollywood Studio to Do an AIDS Movie (Finally). Los Angeles Times. 28 Feb. 1993. Tradução nossa).

A motivação pessoal para produzir este filme existia. Além do sofrimento causado pela doença, as doenças oportunistas que o acometido podia contrair; naquele momento (e em muitos casos, ainda hoje) a AIDS deteriorava o relacionamento social daquelas pessoas. Tanto Demme como Nyswaner tornaram-se segundo Goffman (1963) *informados*⁸⁴, pois participavam da angústia de seus conhecidos e eram solidários com a dor e aflição deles.

Para o Sr. Demme e Sr. Nyswaner, este tem sido um momento agri-doce. Ambos tiveram pessoas próximas a eles que morreram de AIDS, durante grande parte do trabalho no script o amigo Sr. Juan Botas de Demme, um ilustrador e cineasta, morreu em agosto com a idade de 34 anos, o sobrinho de Sr. Nyswaner, Kevin, morreu em junho com a idade de 21, e o escritor balança a cabeça para a vergonha sentida por Kevin da estigmatização da sociedade por causa da doença – “a marca moderna de Cain”. “Mesmo alguns dias antes de sua morte, diz o Sr. Nyswaner, ele iria se manter desculpando-se por ter AIDS”. [...].

“Tornou-se uma parte de um lote de vida das pessoas”, diz Nyswaner. “Quando nos encontramos em uma sala para trabalhar no roteiro, Jonathan, Ed Saxon e eu, havia duas cadeiras vazias na mesa que eu comecei a chorar”, eu disse: “Olha Jonathan” “... Kevin e Juan estão conosco em Philadelphia”. (SCHMALZ, Jeffrey. From Visions of Paradise to Hell on Earth. New York Times. 28 Feb. 1993. Tradução nossa).

Nesta entrevista dada ao repórter Schmalz do jornal New York Times Nyswaner conta que seu sobrinho Kevin se desculpava por ter a doença a todo o momento, pois de alguma maneira se sentia responsável por ter sido contaminado com a AIDS. Porém no filme não vemos em nenhum momento algum personagem, ou até mesmo o personagem principal Andrew Beckett interpretado por Hanks se sentir culpado por ter a doença, contudo, notamos a sociedade ficcional atribui-lhe a culpa por está enfermo e compreendemos que esta foi uma das estratégias do roteirista para falar sobre o estigma que também afligiu seu sobrinho.

Nyswaner também menciona a marca de Caim⁸⁵ na entrevista, compreendemos que esta marca é o próprio estigma sofrido por Kevin, segundo Goffman (1963) a definição de

⁸⁴ Segundo o sociólogo Goffman (1963): informados são pessoas que convivem com pessoas que carregam um estigma e acabam por carregar o estigma junto com estigmatizado, passa a ser conhecido como amigo, ou ainda familiar da pessoa que possui um estigma.

⁸⁵ História bíblica que fala sobre o primeiro assassinato que aconteceu na humanidade. Caim filho de Adão e Eva matou seu irmão Abel por inveja, pois o sacrifício feito por Abel foi aceito, pois ele ofereceu a Deus as suas primícias, enquanto Caim ofereceu sacrifícios que não chamaram atenção de Deus, por isso ele matou Abel. Para que Caim não fosse morto por causa de sua maldição e seu crime Deus lhe colocou uma marca, e quem tentasse contra a vida de Caim poderia ser também amaldiçoado. Esta marca o diferenciou. História de Caim leitor pode encontrar na bíblia em Gêneses capítulo quatro, do versículo um em diante.

estigma é uma marca que diferencia um indivíduo da sociedade da qual ele pertence por não atingir a exigência de padrões estabelecidos pela mesma. Então a partir do momento em que uma pessoa se encontrava doente de AIDS tentava-se muitas vezes encontrar o motivo pelo qual ela recebeu esta “marca” e culpa - lá por isso.

Tanto Demme como Nyswaner colocaram em cenas da ficção situações vividas por estas pessoas que eles consideravam, percebemos isto no trecho a seguir:

As experiências de Kevin serviram de inspiração para cenas do filme. Uma cena sobre uma veia fechada (um enfermeiro não encontrava mais veias em um paciente para administrar a medicação), a linha foi escrita depois que ele encontrou o mesmo problema. O tratamento de Juan Botas também é ecoado no filme, especialmente em uma cena em que os pacientes esperam sua quimioterapia em um consultório médico, assim como o Sr. Botas fez. “Juanie sempre teve suas notas sobre o roteiro”, diz Demme com uma risada, lembrando como o Sr. Botas gostava de corrigir o script. “Mas ele não aprovava. Ele fez aprovar. E quanto menos enfadonho era mais ele aprovava”. As pessoas que se submeteram ao tratamento com o Sr. Botas estão no filme, assim como os pais de Kevin. (SCHMALZ, Jeffrey. From Visions of Paradise to Hell on Earth. New York Times. 28 Feb. 1993. Tradução nossa).

Assim, percebemos como a produção de algumas cenas foram elaboradas com situações dos conhecidos de ambos, e que algumas os próprios amigos que foram atingidos pela AIDS participaram da construção do roteiro, e algumas pessoas que viveram o sofrimento da doença, ou apenas conviveram com os doentes tiveram participação nas cenas. O que nos remete o que Bahiana se indaga em sua obra, “por que o Diretor me mostrar estas imagens e não outras?” (BAHIANA, 2012, p. 47). Ora, nesta obra fílmica percebemos nitidamente que muitas situações reais inspiraram a construção das representações na ficção do filme de Filadélfia.

Segundo Nyswaner o Diretor “insistiu que tinha que ser um filme engraçado, dramático, desafiador e divertido” (GELMIS, Joseph para Los Angeles Times, publicado em: 28 de fevereiro de 1993). Mas a grande pergunta é como um filme que tem como temática principal a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida pode obter todas estas qualidades? Mesmo tratando de assunto delicado como a AIDS, não podemos esquecer que um filme de ficção, não tem obrigação com “a verdade” e seus realizadores fizeram o possível para atrair o público, colocando no filme também alguns momentos “cômicos” como, por exemplo, a cena que um personagem procura por Joe Miller (Denzel Whashington) em seu escritório, querendo processar a prefeitura por cair em um buraco, devidamente, sinalizado na rua, enquanto, atravessava propositalmente onde não podia. Miller responde que é completamente possível ganhar esta causa.

Em entrevista para o repórter Schmatz do New York Times um dos produtores que também ajudou na construção do roteiro Ed Saxon argumenta que: “Philadelphia terá êxito porque todos os pontos de vista são tratados com respeito, para lidar com a epidemia de AIDS”. E Demme explica qual era o principal objetivo do filme para ele:

“Mais do que tudo, o script foi um avanço”, diz Demme. “O nosso roteirista, Ron Nyswaner, tem feito um trabalho excepcional. Ele tem projetado a série mais impressionante de personagens [...], ricos, complicados, simpáticos, enlouquecedores, fascinantes que eu vi transversalmente há um longo tempo. Nós não estamos esperando o público para ver este filme, porque alguém tem uma doença terminal, mas por causa da densidade do tecido humano e do prazer que vem com isso. Eu acho que de “Laços de Ternura” são um ponto de referência”. (GELMIS, Joseph. MOVIES : How to Get a Major Hollywood Studio to Do an AIDS Movie (Finally). Los Angeles Times. 28 Feb. 1993. Tradução nossa).

O Diretor elogia o trabalho do roteirista e esclarece que não espera um público interessado em assistir um filme sobre doença terminal. Demme considera que sua obra ofereça mais do que isso. Compreendemos que Demme estava tentando explicar que antes do filme ser sobre a AIDS, era uma obra sobre seres humanos e o que ele queria atrair a atenção do público para a humanidade, a humanidade do doente e a humanidade da sociedade representada na ficção; sociedade que muitas vezes era precipitada, a tentar encontrar explicações para tudo, e acabava por criar representações de suas ideias, sem muitas certezas, podendo provocar tanto situações cômicas, como constrangedoras.

Segundo a entrevista ainda dada a Gelmis, foram dois anos de pesquisas sobre o assunto, porém Nyswaner fez questão de afirmar que:

“Porque nós sabemos que há pessoas maravilhosas lá fora, que sofrem e lutam contra essa coisa horrível. Mas, realmente, quem quer ver isso?”
Nyswaner veio com o gancho de Davi e Golias; e Andrew como um advogado com AIDS, recebendo a mais poderosa firma de advocacia da Filadélfia no tribunal. (GELMIS, Joseph. MOVIES: How to Get a Major Hollywood Studio to Do an AIDS Movie (Finally). Los Angeles Times. 28 Feb. 1993. Tradução nossa).

O próprio roteirista afirma que a doença em si, não conseguiria atrair o público e para chamar atenção, foi necessário elaborar uma história semelhante à de Davi e Golias, onde um homem de pequena estatura derrota um gigante. Andrew Beckett vence o processo contra a grande empresa de Filadélfia, e tira a cabeça do seu gigante. O que nos chama atenção na fala do roteirista é que durante a entrevista ele se remete algumas vezes a textos bíblicos e no filme coloca em algumas cenas que iremos analisar posteriormente reportando-

se a bíblia, o que nos faz pensar como a religião exerce na construção da representação das enfermidades, inclusive da AIDS.

No texto de Valim (2005) o autor nos mostra em uma nota de rodapé acerca dos de outro autor chamado Kracauer (1988) que discorre acerca do fato da equipe (produtores, roteiristas diretores) poder contribuir para a construção de um filme. Vejamos:

De fato, como apontou Sigfried Kracauer, os filmes nunca são produtos de um único indivíduo; uma vez que qualquer unidade de produção cinematográfica engloba uma mistura de interesses e inclinações heterogêneas, o trabalho de equipe nesse campo tende a excluir o tratamento arbitrário do material, suprimindo peculiaridades individuais em favor de traços comuns a muitas pessoas. (VALIM, 2005, p. 27).

Podemos perceber esta colaboração claramente, na união de Demme e do roteirista, em muito de suas experiências pessoais são assimiladas ao processo de produção. Além de toda a experiência de Nyswaner⁸⁶ que já havia feito outros projetos com Demme, o diretor chega à conclusão que o fato do roteirista também ser homossexual facilitaria a entender este universo, que foi o primeiro a ser massacrado pela AIDS. Demme revela que:

[...] há muito dele no caráter homofóbico no personagem de Denzel Washington, assim como a muito de Nyswaner no personagem gay de Tom Hanks. Uma vez que eles não encontraram nenhuma pesquisa facilmente adaptável sobre o tema da homofobia, diz Demme, “Eu tinha de examinar meus próprios sentimentos e tentar descobrir como e porque é que eu estava com tanto medo de homossexuais, mesmo que eu gostasse de um milhão deles e nunca tivesse sido agressivo, mas eu certamente já senti medo e desprezo em baixo grau, em diferentes situações ao longo dos anos”.

“Então eu tive que voltar para dentro de mim, para identificar as causas e expressão da minha homofobia, assim como Ron Nyswaner teve que voltar e peneirar através de várias experiências de homofobia que ele já encontrou em sua vida, juntos trabalhamos realmente duro para projetar um Joe Miller, o advogado reto, que seria muito fácil se identificar para com todos, é aquele que poderia ser objeto de respeito e compreensão pelo público como em vê-lo chegar a termos com sua própria homofobia [...]”. (GELMIS, Joseph. MOVIES: How to Get a Major Hollywood Studio to Do an AIDS Movie (Finally). Los Angeles Times. 28 Feb. 1993. Tradução nossa).

Demme foi franco em revelar o que sentia em relação aos homossexuais, apesar de conhecer muitos e ter simpatia por eles, não conseguia se desvincular do medo enraizado dentro si, e explica que a construção do personagem de Washington há representações do que ele também acreditava, e do que ele enxergava dentro na sociedade. Percebemos que a construção do personagem Joe Miller foi fundamental, para atrair o público que segundo o

⁸⁶ Sr. Nyswaner fez alguma escrita em "Swing Shift", um filme de 1984 dirigido por Mr. Demme. Outros créditos do Sr. Nyswaner incluem "Sra. Soffel" (1984) e "Gross Anatomy" (1989).

próprio Diretor, era como um espelho; já o personagem de Tom Hanks foram às experiências Nyswaner que o concebeu, a homofobia sofrida e assistida pelo roteirista, que compôs o personagem principal do drama.

“Ao realizar um espelho para o público”, diz Demme, “nós demos ao público a chance de ver o seu próprio – o meu – medo e desprezo na tela, de modo que possamos rir de nós mesmos, eu acho que o riso de identificação vai ser uma grande coisa para todo mundo, a primeira vez, quando de repente você sabe que está na mesma sala com alguém com AIDS, há uma série de coisas que você pode querer fazer – incluindo um salto para fora da janela e se você apertar a mão de uma pessoa com AIDS você pode apenas querer correr em “off” para o seu médico, como você já leu a literatura e ouviu tudo a partir da TV, mas agora você – que vai apertar as mãos? Então temos este tipo de coisa é muito real”. (GELMIS, Joseph. MOVIES: How to Get a Major Hollywood Studio to Do an AIDS Movie (Finally). Los Angeles Times. 28 Feb. 1993. Tradução nossa).

Esta fala de Demme é interessante porque podemos assimilar o medo que ele e a sociedade a qual ele fazia parte tinha da enfermidade, ele representa isso nas cenas do filme, e conscientemente, ou inconscientemente, ele provoca na sala de cinema a mesma situação descrita, pois podemos deduzir que pessoas soropositivas e soronegativas estariam dividindo a mesma sala para assistir um filme sobre a AIDS, não que em outras sessões de outras obras fílmicas, isto não acontecesse, contudo no filme de **Filadélfia** as chances deste encontro acontecer era maior.

Ainda em entrevista ao periódico Los Angeles Times o roteirista afirma que o personagem Joe Miller interpretado por Denzel Washington iria trazer a audiência geral, pois ele entende que o público poderia se identificar com a representação de Joe um personagem que não compreendia os homossexuais, não sabia quase nada sobre a doença, apenas que era uma doença mortal e contagiosa, porém ele não sabia quais eram as formas de contaminação, por isso inicialmente, discriminava o doente.

A ausência de uma discussão sobre a temática da AIDS, também provocava uma crítica social, principalmente, entre os ativistas que lutavam contra a enfermidade. Os críticos de cinema e filmes de TV também reprovavam esta falta de interesse. Ainda segundo Gelmis alguns ativistas foram totalmente a favor da produção e realização do filme e Demme estabeleceu uma relação importante com estas pessoas que lutavam contra a AIDS.

Seja ou não “Philadelphia” surge como o filme “Laços de Ternura” da era do HIV, grupos gays e ativistas da AIDS, que foram assiduamente cortejados pelo diretor Jonathan Demme e outros ao longo da produção, dizem que eles estão entusiasmados, que tal filme, finalmente, foi feito. “Para um grande estúdio de Hollywood para obter estrelas como Denzel Washington e Tom Hanks são uma

grande coisa para as pessoas com AIDS”, diz Bob Hattoy, especialista em AIDS na Casa da Administração de Clinton. “Isso ajuda a tirar a AIDS do armário [...]”. “É um marco”, acrescenta Leonard Bloom, chefe executivo da AIDS Projeto de Los Angeles.” Tem sido um tempo para chegar. (GELMIS, Joseph. MOVIES : How to Get a Major Hollywood Studio to Do an AIDS Movie (Finally). Los Angeles Times. 28 Feb. 1993. Tradução nossa).

Na citação acima vemos a fala de Bob Hattoy⁸⁷ que fazia parte do governo, apoiando a iniciativa do Diretor que escolheu para o elenco duas estrelas de Hollywood Washington e Hanks e ele acreditava que o filme ajudaria a AIDS “sair do armário” esta fala de Hattoy, consideramos importante porque de alguma forma estava acontecendo um acompanhamento de um representante do Governo ao filme, o que nos faz pensar, por que Filadélfia, não faz nenhuma crítica específica referente ao tratamento da doença naquele período e a ação Governamental? Por que a escolha do Diretor em apresentar um personagem com AIDS bem sucedido profissionalmente, sem tocar em questões sociais mais complexas? Compreendemos que a escolha de Demme possa ter influência de quem estava ao seu lado, o apoiando e contribuindo, para que o filme fosse um sucesso.

Hattoy entendia muito sobre a doença, pois há um ano havia sido diagnosticado com a enfermidade entre outros interesses ele lutava pelos direitos dos enfermos, dos gays e das lésbicas na Casa Branca, porém em relação a Filadélfia, não encontramos ele levantando

⁸⁷ Bob Hattoy, chamou grande atenção com um discurso televisionado nacionalmente sobre AIDS na Convenção Nacional Democrata de 1992 e depois se tornou um forte defensor de questões gays e lésbicas na Casa Branca de Clinton. O próprio Hattoy brincou dizendo que tinha conseguido o emprego só porque todos pensavam que iria morrer em algum momento. Como aconteceu, ele sobreviveu à presidência de Clinton por mais de seis anos. Hattoy acabara de saber que tinha AIDS quando subiu ao palco na convenção democrata, a pedido de Clinton. “Somos parte da família americana”, disse ele, dirigindo-se ao presidente em exercício, George H. Bush. “E, Sr. Presidente, sua família tem AIDS, e estamos morrendo, e você não está fazendo nada sobre isso. Eu não quero morrer”, disse ele. “Mas eu não quero morar em uma América onde o presidente não me veja como o inimigo. Posso enfrentar morrer por causa de uma doença, mas não por causa da política”. Suas palavras remejaram uma audiência nacional. “Bob Hattoy deu às pessoas com AIDS e gays na América esperança com esse discurso”, disse Michael Petrelis, um escritor e um ativista. Na Casa Branca, Hattoy era diretor associado de pessoal. Mas ele era um elo com um distrito eleitoral que nunca tinha tido um advogado vocal na Ala Oeste. Em suas próprias palavras, ele saía para conversar com o seu círculo eleitoral. Quando o novo presidente disse que iria considerar limitar o desdobramento militar de gays e lésbicas membros do serviço, Hattoy comparou a “restringir gays e lésbicas para empregos como floristas e cabeleireiros” na vida civil. Ele foi repreendido, mas ele continuou falando. “Ele era um agitador no melhor sentido da palavra”, disse Richard Socarides, que era assistente especial de Clinton, responsável pelas políticas de gays e lésbicas. “Bob muitas vezes significava problemas, porque Bob nunca ficou satisfeito”. De 1994 a 1999, o Sr. Hattoy foi ligação da Casa Branca com o Departamento do Interior. Clinton também o nomeou para a Comissão Presidencial sobre HIV / AIDS. Ele foi nomeado para a Califórnia Fish and Game Comissão em 2002. Robert Keith Hattoy nasceu em 1 de novembro de 1950, em Providence, RI, filho de um engenheiro mecânico e uma secretária de escola. Hattoy tornou-se politicamente ativo protestando contra a Guerra do Vietnã. Ele disse que considerava a política uma forma de salva-vidas. Ele entrou e saiu da faculdade e trabalhou na Disneylândia, e para um vereador de Los Angeles. Aos 28 anos, ele encontrou seu chamado no Sierra Club, onde trabalhou por uma década em justiça ambiental e como diretor regional para a Califórnia e Nevada. Ele se juntou à campanha de Clinton e tornou-se seu principal consultor ambiental. Então, em junho de 1992, ele soube que tinha AIDS. Algumas semanas depois, ele contou ao mundo sobre isso. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2007/03/06/obituaries/06hattoy.html>>. Acesso em: 21 maio 2017.

qualquer questão sobre o que a obra fílmica ao que se refere à doença e as ações do Governo. Hattoy aprovou *Filadélfia* sem comentários críticos a respeito ao Governo. Como vimos no primeiro capítulo o cinema na década de 1980 tinha um apoio forte do Governo Federal, e em 1993 com o acompanhamento de perto da produção de *Filadélfia* percebemos que não estava muito diferente.

Outra questão importante que gostaríamos de salientar é a expressão que foi usada em a: “AIDS sair do armário” mais uma vez vemos como a doença estava fortemente atribuída ao universo homossexual. Porém considerar a AIDS ainda no armário em 1993 é admitir que a enfermidade não tivesse os holofotes, ou ainda a atenção suficiente no âmbito social para o devido combate a doença, e o respeito ao doente.

Ainda na citação acima podemos observar o apoio do ativista Leornad Bloom acrescentando que o filme é um marco importante sobre a doença. Assim, entendemos que a obra fílmica com esta temática, não estava passando despercebida, nem pelos olhos do Estado, menos ainda dos ativistas que lutavam contra a enfermidade. Vejamos:

Recuperando e aprofundando algumas questões levantadas por Marc Ferro, Michele Lagny argumenta que todo processo de produção de sentido é uma prática social e que o cinema não é apenas uma prática social, mas também um gerador de práticas sociais, **ou seja, o cinema, além de ser um testemunho das formas de agir, pensar e sentir de uma sociedade é também um agente que suscita certas transformações, veicula representações ou apresenta modelos.** (VALIM, 2005, p. 21. Grifo nosso)

Valim (2005) nos explica que o cinema pode ser testemunha das formas de agir, pensar e sentir, entretanto através das representações, ou modelos também pode de alguma maneira influenciar opiniões, práticas sociais sobre as mais diversas temáticas. Observamos, no entanto nos filmes: **AIDS**, **Aconteceu comigo** e **Filadélfia**, que houve um acompanhamento de perto de diferentes âmbitos sociais, referente às produções das obras fílmicas. O que nos mostra como um filme é um importante veículo de influencia, e levanta questões como: Qual era o intuito destes acompanhamentos se não uma forma de comedir o que estava sendo produzido e representado.

Acompanhamos até aqui a trajetória praticamente toda descrita pelo Diretor e sua equipe referente ao filme, porém *Filadélfia* segundo outras fontes não nasceu apenas com as impressões e ideias de Demme e sua equipe. Outra História também contribuiu para o nascimento e sucesso da obra.

O acontecimento marcante que também inspirou **Filadélfia** foi a História real que ocorreu ainda na década de 1980, quando um advogado chamado Geoffrey F. Bowers processou a grande empresa de advocacia em qual trabalhava a: Baker & McKenzie⁸⁸ na cidade de Chicago. Segundo fontes⁸⁹, após o descobrimento da doença por parte de seus empregadores, ele fora demitido. Obviamente, que os empregadores de Bowers não admitiram tê-lo dispensado por causa da enfermidade, entretanto, alegaram baixo rendimento no trabalho do advogado, o que não convenceu o júri, que decidiu dar ganho de causa a Bowers. Porém ele já havia falecido quando saiu à sentença em dezembro de 1993, sua família recebeu na época US\$ 500.000.

Bowers entrou com uma ação contra empresa que trabalhava em 1986, e em 1987 faleceu. Diferente de Andrew Beckett o personagem vivido por Tom Hanks que acompanhou o processo até o fim. Muitas são as semelhanças entre a História de Bowers e a história fictícia criada para **Filadélfia**. Na citação a seguir iremos começar a compreender como a História de Bowers tem ligação com a obra fílmica em análise neste capítulo.

Os materiais publicitários e inúmeros artigos sobre o filme atual, aparentemente, deixa de fora alguns detalhes, incluindo o produtor independente Scott Rudin (A Família Addams e The Firm) que tem conexão com o projeto (...) do primeiro filme de grande estúdio para abordar o tema da AIDS. No início deste mês, muitas pessoas em Hollywood ficaram surpresas ao saber que Rudin foi nomeado - juntamente com TriStar, Demme, Nyswaner e produtor Edward Saxon - em uma ação judicial por quebra de contrato arquivado na Corte Distrital dos EUA em Nova York pela família do falecido Geoffrey Bowers, um advogado de Nova York que lutou uma batalha discriminação da AIDS tendo marcantes semelhanças com a história contada em “Filadélfia”. [...]. Falando em nome do estúdio e os outros réus, TriStar chamou em 01 de fevereiro o termo Bowers de “completamente infundado e absolutamente sem mérito”. Não há nenhuma resposta formal ao processo judicial, e ainda não foi arquivado. É um truísmo na indústria do entretenimento que quase todos os filmes de sucesso vão gerar pelo menos um processo, e a maioria destes casos não vão muito longe. Quer ou não o termo de Bowers, para ser julgado sob a lei do contrato do Estado de Nova York e da lei as práticas de comércio Federal, acaba por ser uma exceção, já despertou a curiosidade sobre as origens do filme “Philadelphia”. Duas fontes conhecedoras, que insistiu no anonimato, disseram ao Times que Rudin iniciou o projeto e trouxe Nyswaner, mas desistiu quando Demme tornou-se integrante. Por alguma razão, eles dizem o Diretor premiado com o Oscar de “O

⁸⁸ A história de Baker & McKenzie é um dos imaginação, determinação e trabalho duro. Por mais de 60 anos, o povo ter ajudado a alimentar a organização global única. começando com quatro advogados, uma secretária e taxas, totalizando US \$ 75.000 em 1949, para se tornar uma das maiores empresa de lei pela receita, mercados e headcount hoje, o compromisso com a excelência sustenta o caminho para o sucesso. Com 77 escritórios em 47 países e 13.000 pessoas, é considerado um escritório de advocacia global de primeira linha do mundo. O crescimento tem sido orgânico, dando uma cultura forte, comum que atravessa a empresa. Por seis décadas, tem seguido clientes em novos mercados, cada vez que a criação de serviços conduzidos por advogados locais. Disponível em: <<http://www.bakermckenzie.com/en/aboutus/our-firm>>. Acesso em: 09 ago. 2016.

⁸⁹ Periódicos do Jornal New York Times do período 21/04/1994. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1994/01/21/nyregion/vindicating-lawyer-with-aids-years-too-late-bias-battle-over-dismissal-proves.html?pagewanted=all>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

Silêncio dos Inocentes” não queria Rudin a bordo. Demme quase sempre colabora com Saxon, seu sócio na empresa de produção Clínica Estético. Um ex-executivo da Orion Pictures, onde o projeto foi desenvolvido antes de ser adquirido pela TriStar, confirmou que o filme se originou com Rudin. No estúdio para o Presidente Marc Platt se recusou a discutir o caso, nem o estúdio permitiu que os outros acusados para comentar. (Embora Rudin tenha um acordo de produção na Paramount, os tramites foram devolvidos pelo departamento de publicidade da TriStar.) (PRISTIN. Terry. What Is the Story Behind the 'Philadelphia' Story? : Movies: A lawsuit alleging the film's idea is based on a real case has aroused curiosity about the origins of the TriStar feature. Los Angeles Times. 17 Feb.1994. Tradução nossa).

Scott Rudin é um produtor independente que trabalhava para Orion Pictures, antes de ir à falência e ser adquirida pela TriStar filmes. Este produtor conheceu a História de Geoffrey Bowers e pediu autorização a família para fazer um filme de ficção baseado na discriminação sofrida por Bowers. Contudo, a família alega que inicialmente bastava o reconhecimento que o filme foi baseado na História real do advogado. Porém Rudin vendeu seu projeto e os novos donos, que não assumiram o mesmo compromisso. Nesta citação também percebemos a relação estremecida entre Demme e Rudin, porém não fica claro o motivo pelo qual Rudin não participou do projeto de Filadélfia, Pristin nos dar a entender que Demme não apreciava a amizade de Rudin.

Interessante entender que são comuns filmes de grande porte como **Filadélfia** sofrer processos. Não encontramos fontes em que o Diretor do filme de **Filadélfia** Jonathan Demme declare que sua inspiração foi devido ao caso de Bowers, ou um de seus produtores, ou roteirista, porém, segundo Demme foi à experiência pessoal que o fez pensar em trabalhar com a temática da AIDS. Esta suposta omissão custou para a TriStar filmes um processo de 10 milhões de dólares. Segundo um dos advogados que cuidou do caso de discriminação de Bowers e também representou a família no processo contra os criadores de Filadélfia:

Felber disse em uma entrevista por telefone que “Filadélfia” imita o caso Bowers em pelo menos 20 cenas. Como Andrew Beckett, o advogado interpretado por Hanks, Bowers foi demitido por seu escritório de advocacia, depois que ele desenvolveu lesões do sarcoma de Kaposi em seu rosto. Tanto o personagem fictício, como Bowers tentou usar maquiagem para disfarçar os sinais indicadores de AIDS. Na vida real, assim como no filme, Bowers não tinha mais lesões visíveis em seu rosto quando ele testemunhou em sua audição na divisão de direitos humanos, e surpreendeu os espectadores quando ele descobriu o peito para revelar as marcas desfigurantes. Bowers, como Beckett, disse que seu escritório de advocacia acusou falsamente de mau desempenho, a fim de se livrar dele.

Estas semelhanças, no entanto, poderiam ter sido adquiridas a partir do registro de audição, Felber reconhece, mas há outros paralelos que poderiam ter sido transmitidos apenas por amigos e familiares de Bowers, de acordo com Felber na denuncia, por exemplo, que o irmão de Geoffrey Charles confidenciou a Rudin que Geoffrey havia expressado preocupação sobre como o caso de discriminação, e como um processo afetaria sua família, especialmente sua mãe. “Minha mãe nunca teria vergonha de ver um de seus filhos a se recusar a sentar-se na parte de trás do

ônibus,” a denúncia cita Charles como disse seu irmão. Em “Filadélfia”, a mãe de Beckett, interpretado por Joanne Woodward, alivia as preocupações de seu filho usando a mesma analogia. (PRISTIN. Terry. What Is the Story Behind the 'Philadelphia' Story?: Movies: A lawsuit alleging the film's idea is based on a real case has aroused curiosity about the origins of the TriStar feature. Los Angeles Times. 17 Feb.1994. Tradução nossa).

Observando a citação muitas foram às semelhanças entre Filadélfia e o caso Bowers. Tantas que a família do advogado saiu vitoriosa no processo. Obviamente, não podemos deixar chamar a atenção do leitor para as cenas que foram citadas pelo advogado da família, e que foram escolhidas para serem representadas no filme; o estigma referente à enfermidade é perceptível, Bowers foi demitido, quando as doenças oportunistas, principalmente o Sarcoma de Kaposi começaram a aparecer, assim como representado Hanks também na obra de **Filadélfia**.

Segundo Goffman (1963) a *visualidade* de um estigma pode trazer ao indivíduo problemas sociais trágicos, assim como sofreu Bowers e assim como foi representado em Filadélfia pelo personagem Andrew Beckett. Vejamos:

A visibilidade é, obviamente, um fato crucial. O que pode ser dito sobre a identidade social de um indivíduo em sua rotina diária e por todas as pessoas que ele encontra nela será de grande importância para ele. As consequências de uma apresentação compulsória em público serão pequenas em contato particulares, mas em cada contato haverá algumas consequências disso, a informação quotidiana disponível sobre ele é a base da qual ele deve partir ao decidir qual plano de ação a empreender quanto ao estigma que possui. Assim qualquer mudança na maneira em que deve se apresentar sempre em toda parte terá, por esses mesmos motivos, resultados fatais – foi isto, possivelmente, que originou, entre os gregos, a ideia de estigma. (GOFFMAN, 1963, p. 58).

Goffman (1963) explica sobre a visualidade do estigma, como ela pode influenciar nos relacionamentos da pessoa que o possui uma marca. No caso de Bowers e da representação que foi feita dele no filme, compreendemos que o câncer de pele, naquele período era uma das doenças que mais marcavam as pessoas com a AIDS em desenvolvimento.

Tanto o personagem como Bowers tentavam disfarçar as manchas com maquiagem, este era o primeiro plano de ação de Bowers e foi representado no filme através do personagem de Hanks, porém ambos não tiveram êxito, e as consequências foram lametáveis. Podemos deduzir que o desgaste de Bowers com o processo o levou ao óbito precocemente, assim como o personagem principal do filme. A *visualidade* da doença provoca o estigma, e faz com que os *normais* não queiram interagir com o doente.

Pristin ainda entrevista um advogado chamado Tom Stoddard⁹⁰ que também tinha AIDS. Além de fazer uma participação especial de **Filadélfia** prestou consultoria jurídica para o filme. Stoddard não concordou com o processo contra os produtores de **Filadélfia** e argumenta:

Um participante no filme, Tom Stoddard, um advogado com AIDS que usou o filme para se especializar em casos de discriminação HIV, atacou a família Bowers para a apresentação do mais recente exemplo. Stoddard atuou como consultor em “Filadélfia” e tem uma participação especial nele. “Vejo este processo como nada mais do que a ganância”, disse Stoddard. “Eu não acho que haja qualquer base para esse processo, mas mesmo que houvesse, é um ato imoral e irresponsável para tentar punir as pessoas que fizeram um filme que só pode melhorar o mundo que maltratava o filho” [...]. Apesar dessas semelhanças, Stoddard sustenta que outro processo de discriminação, este realmente apresentado por um advogado da cidade de Filadélfia, poderia facilmente ter servido como base para “Philadelphia”. O falecido Clarence Caim processou com sucesso Hyatt Legal Services Corp., alegando discriminação AIDS, depois que ele foi demitido em 1987. Ao contrário de Bowers e Beckett da história fictícia, Cain [...] foi demitido depois de ter informado o seu empregador que ele tinha a doença. Além disso, Cain veio de uma família muito pobre - ele foi o primeiro de 10 crianças a frequentar a faculdade - e ele era negro.

“Eu tive conversas extensas durante um período de um ano e meio com as pessoas que produziram “Philadelphia”, e que repetidamente falou sobre a questão genericamente de discriminação da AIDS”, disse Stoddard. “Eu trouxe ao suporte o conhecimento que eu tinha do caso Caim e implicitamente o caso Bowers, e uma série de outros casos de emprego que eu conheço. História de Tom Hanks não é o reflexo direto (qualquer caso particular). Não é só”. (PRISTIN. Terry. What Is the Story Behind the 'Philadelphia' Story? : Movies: A lawsuit alleging the film's idea is based on a real case has aroused curiosity about the origins of the TriStar feature. Los Angeles Times. 17 Feb.1994. Tradução nossa).

O argumento do advogado é interessante em alguns aspectos, Stoddard nos deixa claro seu ponto de vista em relação à obra fílmica e compreendemos que para ele o filme era um agente social. Ele critica a família Bowers, e percebemos o sentimento de indignação, pois para ele a família deveria se sentir lisonjeada, mesmo que o nome do parente representado no

⁹⁰Sr. Stoddard foi diretor executivo do Fundo Lambda Legal Defesa e Educação em Nova York de 1986 a 1992, o combate à discriminação contra os homossexuais e pacientes com Aids no emprego, habitação, cuidados de saúde, seguro, direito da família e do serviço militar. Durante seu mandato, a equipe do Lambda cresceu de 6 a 22 pessoas e tornou-se uma organização nacional influente. Como professor adjunto na Faculdade de Direito da Universidade de Nova York, começando em 1981, Mr. Stoddard ensinou um dos primeiros cursos de direito constitucional, a jurisprudência e estatutos que afetam as vidas de homens e mulheres homossexuais. Existem hoje dezenas de tais cursos em todo o país. Mr. Stoddard foi um dos autores do 1986 projeto de lei aprovado pela Câmara Municipal de Nova York, que protege os homossexuais contra o preconceito em habitação, emprego e acomodações públicas. "legislação foi elaborada por Tom Stoddard e foi perfeito", disse o ex-prefeito Edward I. Koch, que assinou o projeto em lei. " Ele era um advogado extraordinário. Mesmo que ele nunca recuou, ele iria encontrar uma maneira de explicar, de aplacar e convencer os oponentes de que sua abordagem era razoável, racional e que eles podiam aceitar. Isso é um presente. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1997/02/14/nyregion/thomas-stoddard-48-dies-an-advocate-of-gay-rights.html>>. Acesso em: 11 ago. 2016.

filme, não fora mencionado, pois em sua opinião o filme serviria para deixar o mundo das pessoas com AIDS melhor.

O ponto de vista do advogado é importante, pois ao mesmo tempo em que entendemos que ele é tendencioso, porque ele teve uma participação especial no filme e esteve próximo no processo de produção. Stoddard cita o caso de Caim um homem negro pobre que conseguiu uma carreira, mas foi demitido, após revelar para seu empregador que tinha a doença.

Porém, o filme não mostra tal semelhança, ou inspiração, mesmo sendo um caso de discriminação. **Filadélfia** conta a história de um advogado bem sucedido, com uma família estruturada, de classe média alta e que apoiava cada passo do personagem, sem questioná-lo, assim como alega a família a Bowers em relação ao advogado que foi representado.

A produção de **Filadélfia** representou a quebra do silêncio da indústria cinematográfica dos EUA, referente à AIDS. O toque da enfermidade em pessoas próximas do Diretor e de sua equipe fez com que a coragem surgisse nestes profissionais, que através do drama e dos “laços de ternura” construíram uma mensagem de luta contra o preconceito e estigma causado pelo pavor da doença. Histórias externas, como a de Bowers também serviram de inspiração para compor **Filadélfia**, que foi um sucesso, ganhando dois óscares.

4.2 “ANDREW BECKETT FOI E É UM EXCELENTE ADVOGADO”. REPRESENTAÇÃO E ESTIGMA: O DESACREDITÁVEL EM FILADÉLFIA.

O que já observamos até o momento, nos faz compreender como foi complexo a produção de uma obra fílmica sobre a AIDS. As obras fílmicas que analisamos a doença são representadas pelo Grupo de risco e a culpabilização de alguns em detrimento de outros são uma constante em nossa análise que veremos a seguir com o filme **Philadelphia (Filadélfia)**.

Produzido em 1993 o filme **Filadélfia** (usaremos a grafia em português) foi um grande marco, para a história do cinema norte americano, pois ele representa o rompimento do silêncio, vivenciado por Hollywood por mais de uma década, referente a uma epidemia assustadora que assolava os Estados Unidos e diversos países do mundo. Nesta obra fílmica foi investido mais: US\$26 milhões de dólares e gerou uma Receita: US\$206, 678, 4401 dólares.

A introdução⁹¹ do filme inicia ao toque da música chamada de Streets of Philadelphia produzida exclusivamente para o filme por Howard Shore⁹² percebemos que o ritmo da musica embala as cenas iniciais e as cenas se adaptam a sua batida. A letra da canção que descreve uma pessoa moribunda, e nos dá entender desde o início que é uma pessoa com AIDS. Vejamos:

Ruas de Filadélfia

Eu estava machucado e abatido. Eu não sabia dizer o que sentia
 E eu não podia reconhecer a mim mesmo. Vi meu reflexo numa janela
 E eu não reconheci meu próprio rosto. Oh, irmão, você vai me deixar definhando
 Nas ruas de Filadélfia?
 Andei pela avenida até minhas pernas parecerem de pedra. Ouvi vozes de amigos
 desaparecerem e sumirem. À noite eu podia escutar o sangue em minhas veias
 Tão negro e sussurrante como a chuva. Nas ruas de Filadélfia.
 Nenhum anjo vai me acolher? Somos só você e eu, meu amigo. E as minhas roupas
 não me servem mais. Eu andei mil milhas. Só para escapar desta pele
 Caiu a noite, eu estou deitado acordado. Eu consigo sentir-me desaparecer
 Então me receba, irmão, com o seu beijo traiçoeiro. Ou nós vamos abandonar um ao
 outro desse jeito. Nas ruas de Filadélfia?

Tanto a melodia como a letra da musica se remetem a um drama, a letra parece uma carta endereçada a uma pessoa amada, falando do seu fim próximo por causa da enfermidade. Percebemos que a letra se remete aos milhares que morreram por causa da AIDS, como se aos poucos os amigos estivessem desaparecendo por causa da morte que

⁹¹ Segundo Martin (2013) a introdução é: “o movimento nos insere no mundo onde vai se desenrolar a ação [...]”. (MARTIN, 2013, p. 52).

⁹² Howard Shore é um dos compositores do premier de hoje, cuja música é realizada em salas de concerto em todo o mundo pelas mais prestigiadas orquestras e ouve-se em cinemas em todo o mundo. Interpretação musical da costa do mundo imaginário de JRR Tolkien de O Senhor dos Anéis e O Hobbit, como retratado nos filmes dirigidos por Peter Jackson, tem pessoas encantado de todas as gerações há anos. Este trabalho se destaca como a sua composição mais aclamados até hoje concedendo-lhe com três Oscar, quatro prêmios Grammy, dois Globos de Ouro, bem como prêmios numerosos do crítico e do festival. Ele é um Officier de l'Ordem das Artes e das Letras de la France e também foi reconhecido pelo Canadá com o Prêmio Artes Cênicas do Governador Geral. O National Board of Review of Motion Pictures honrado Howard Shore com um prêmio pelo conjunto da obra para Composição Musical e da cidade de Viena concedeu-lhe o Prêmio Max Steiner. Shore recebeu inúmeros outros prêmios por suas realizações na carreira. Talvez o mais notável de seu início de carreira, Shore foi um dos criadores do Saturday Night Live e serviu como diretor musical de 1975 - 1980. Ao mesmo tempo, ele começou a colaborar com David Cronenberg, e desde então marcou 15 dos filmes do diretor, incluindo A Fly, Bater, e Naked Lunch. Ele foi premiado Canadian Screen Awards para mapas para as estrelas de pontuação e Cosmopolis tanto para partitura e música. Suas partituras originais para A Dangerous Method, Eastern Promises e Dead Ringers foram cada homenageado com um prêmio Genie. Shore continua a distinguir-se com uma ampla gama de projetos, de Hugo, de Martin Scorsese, Os Infiltrados, O Aviador (pelo qual ganhou seu terceiro Globo de Ouro) e Gangues de Nova York para Ed Wood, Se7en, O Silêncio dos Inocentes, **Philadelphia**, e a Sra Doubtfire e sua pontuação mais recente para o Academy Award-winning Spotlight filme de Tom McCarthy. Outros trabalhos recentes incluem o Ruin concerto para piano e Memória para Lang Lang (2010), o ciclo de canções A Palace sobre as ruínas que caracterizam mezzo-soprano Jennifer Johnson Cano (2014), um concerto para violoncelo Mythic Gardens com Sophie Shao (2012), e Fanfare para o Órgão Wanamaker em Filadélfia (2008). Informação Disponível em: <<http://www.howardshore.com/biography/>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

atingiu a vida deles. O sangue que não representa mais vida, contaminado é a própria morte correndo em suas veias. A incerteza em relações sociais é clara na letra da musica, o abandono se tornar uma ameaça constante e o medo de morrer sozinho. Todo este caos é a representação do que a AIDS poderia causar na vida das pessoas, esta musica é uma ótima introdução do que Filadélfia iria tentar representar mais adiante.

No inicio da película é mostrada à linda cidade de Filadélfia, não foi por caso que esta cidade foi escolhida para produção do filme, a importância e o significado dela dá um sentido todo especial a trama, pois foi em Filadélfia que foram debatidas as criações da Declaração da Independência e a Constituição dos Estados Unidos. A cidade é repleta de obras de artes pelas ruas dos séculos XVIII e XIX⁹³.

O filme se inicia com um suave sobrevoo sobre cidade de Filadélfia, quando o cantor começa a cantar a letra da musica é como se entrássemos de carro nas ruas da cidade, e pela janela contemplássemos o cotidiano e a diversidade das pessoas que ali moram, os parques repletos de crianças brincando, pessoas limpando as folhas caídas do outono de seus quintais, comércios como: barbearias, restaurantes com chefes e garçons realizando o seu trabalho, donos de estabelecimentos vendendo seus produtos, trabalhadores ambulantes tentando conseguir o seu sustento de forma digna, pessoas praticando esportes como correr, andar de bicicleta, ou até mesmo remar em um belo lago.

Indivíduos comuns nas ruas de Filadélfia: vizinhos conversando nas escadas das varandas e até moradores de ruas aparecem mostrando também a amarga realidade dos grandes centros urbanos. A diversidade cultural, racial é representada em toda introdução do filme. Chama-nos atenção este cuidado do Diretor em se preocupar em registrar em sua obra a heterogeneidade que possuem as grandes cidades.

Perto do fim da canção algumas cenas nos chamam atenção e a partir delas que vamos iniciar a nossa análise. Após passearmos pela cidade de Filadélfia, e apresentar suas diferentes áreas urbanas, sua arquitetura clássica com toques modernos também, áreas simples de pessoas humildes entramos em ruas com grandes prédios comerciais e o foco da cena é exibir a grande imponência destas construções. Porém uma estátua de um casal homossexual despidos erguendo duas crianças em meio a estes prédios nos chama atenção, pois qual seria a verdadeira intenção de tal imagem? Porque a exibição da estatua tem uma leve pausa na cena e as outras não? Segundo Chartier:

⁹³Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/HTML/ijse0510p/latham2.htm>>. Acesso: 20 mar. 2017.

O que leva seguidamente a considerar estas representações como as matrizes de discursos e de práticas diferenciadas - <mesmo as representações colectivas mais elevadas só tem uma existência, isto é, só o são verdadeiramente a partir do momento em que comandam actos – que têm por objetivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades – tanto a dos outros como a sua. (CHARTIER, 2002, p. 18.)

Entendemos com Chartier que representações comandam atos, por este motivo identificamos que na ficção também há um lugar do senso comum em sua representação social. No filme *Filadélfia* é-nos que apresentada à sociedade norte americana como predominantemente heterossexual. Encontramos além das diferentes opiniões sobre as orientações sexuais, os mais diversos tipos de discussões apresentadas no filme. A complexidade de uma enfermidade que atinge primeiro alguns indivíduos, por causa de sua “licenciosidade sexual” que é um agravante que eleva a possibilidade de um preconceito e estigma, porém o que se deve levar em consideração é que as consequências das ações não podiam ser calculadas, pois informações concretas sobre a enfermidade, ainda eram recentes.

Em prosseguimento a narração do filme a outra cena que aparece logo em seguida é o grande sino da liberdade da cidade de Filadélfia, que para nós também possui uma representação importante, pois a sociedade ficcional que prega a liberdade, no decorrer da narrativa fílmica mostra-se contra a liberdade da orientação sexual de seus cidadãos. Alguns críticos do filme no período entenderam que:

“Situado na Cidade do Amor Fraternal, por motivos irônicos, “*Filadélfia*”, como tantos clássicos do gênero nobre (“*To Kill a Mockingbird*”), tentam as crenças do povo americano”. Eles são tão nobres como eles imaginam? Não é esta uma terra onde todos os homens são criados iguais - ou devem ser os homens heterossexuais? (KEMPLEY, Rita. ‘Philadelphia’: This movie won Oscars for Best Actor (Tom Hanks); and Original Song(“The Streets of Philadelphia”). The Washington Post. 14 Jan. 1994. Tradução nossa.).

O que vamos perceber ao longo desta obra e da anterior é que no período de 1980 e ainda de 1990 a homossexualidade estava intrinsecamente ligada à imagem da enfermidade. A fatalidade da doença atingir, primeiramente, os homossexuais resultaram em um grau elevado de preconceito e estigmatização com estas pessoas que sofriam com a Nova Síndrome.

Outro foco interessante, ainda na introdução do filme, exibindo a cidade de Filadélfia é a apresentação de várias bandeiras de diversos países estendida em uma grande avenida da cidade. Após apresentar ao receptor a diversidade cultural e indenitária da cidade estas bandeiras podem ser entendidas de duas formas segundo a nossa interpretação: a

primeira seria exatamente no sentido de mostrar a heterogeneidade cultural, racial, não apenas de Filadélfia, mas do próprio EUA, afinal desde o início do filme vemos diversas pessoas diferentes: ricas, pobres, afro-americanas, latino-americanas, turistas e nas pinturas nos muros nas ruas, por exemplo, vemos pintados retratos dos índios os verdadeiros nativos das terras dos Estados Unidos, como também pinturas de grafite representando imigrantes, então podemos entender o encontro de diversos países nos Estados Unidos e na cidade de Filadélfia.

A segunda análise que pensamos foi por este filme abordar a temática da homossexualidade e principalmente sobre a AIDS, doença que traz para qualquer nação uma espécie de mácula. Podemos interpretar também que a cidade de Filadélfia, assim como EUA é um país que recebe muitos estrangeiros e com eles também suas enfermidades. Segundo Tronca (2000) uma doença como a AIDS ninguém desejava ser o berço de tal epidemia, e esta imagem podemos interpretar como um indicio de que por haver todo um movimento migratório e ser um país onde se pode encontrar diversos indivíduos, das mais diferentes nacionalidades, os EUA não poderia ser apontado como o principal suspeito de ser o berçário dessa doença, podendo alegar que a doença foi exportada de outro país.

Inicia-se o filme com os dois advogados Andrew Beckett (Tom Hanks) e Joe Miller (Denzel Washington) estão em uma pequena sala em um tribunal em uma audiência com uma juíza, câmera da close nos rostos de cada personagem nesta cena. Beckett explana sua defesa a favor de uma grande empresa de construção civil a Kendell Construcion, e Miller seu opositor, a defender um cliente que se sentia prejudicado com as obras realizadas por esta empresa, pois era próximo a sua residência e o mesmo sofria de asma. A câmera agora se volta para os dois advogados que estão sentados um ao lado do outro, e a juíza ficou a favor de Beckett, pois sua argumentação foi que mais de 750 filadelfianos ficariam sem emprego; contra argumentação de Miller e a injúria de seu cliente por causa do pó e barulho incomodo da grande construção, que para a juíza não era um dano irreparável.

Quando termina a audiência, a câmera mostra ambos entrando no elevador onde também um homem com uma faixa na cabeça, e com a perna quebrada, utilizando muletas se encontra, a porta do elevador se fecha vemos rabiscado a seguinte frase nas portas: “Não há paz sem justiça”. Esta frase sugere exatamente o sentido do filme: um paciente de AIDS que luta por justiça, mesmo custando os momentos finais de sua vida, para conseguir a paz. Ainda na mesma cena os dois advogados gravam cada um com seu gravador o que aconteceu na audiência Beckett faz uma brincadeira com Miller, perguntando para ele se aquele senhor

acidentado que estava com eles era seu cliente, Miller que no momento está atendendo um telefonema, ri, mas quando estão saindo do elevador tenta falar com o acidentado.

Nas cenas iniciais já compreendemos que o papel de Denzel Washington e de Tom Hanks; o primeiro era um advogado de pequenas causas, que representava principalmente pessoas físicas, possuía um pequeno escritório, já o segundo fazia parte de uma grande empresa de prestígio e sucesso. Beckett chega a desdenhar seu oponente, quando fala que o homem do elevador era cliente de Miller.

Beckett sai do prédio com expressão de agonia, pois parece ter pressa. A um corte na cena a câmera filma em plano aberto e ele sai de um táxi, e entra em um prédio sem identificação, a cena sofre um corte e há um close em seu braço, tomando medicamento, sentado ouvindo sua aria predileta por Maria Callas: *La Mamma Morta* de Umberto Giordano.

Neste ambiente com a música tocando ao fundo ouvimos as conversas das pessoas que ali estão se tratando, a cena agora em plano médio mostram alguns pacientes já apresentando sintomas da enfermidade, como o emagrecimento excessivo. Um dos pacientes, até brinca falando de sua condição, e diz que certa feita ao sair com os amigos um garçom lhe perguntou se ele gostaria de açúcar ou adoçante, rindo ele respondeu para o garçom se o mesmo achava que ele precisava de dieta. A fala deste paciente nos faz refletir na seguinte questão: será que o mesmo já aceitou sua condição de enfermo ao ponto de até brincar com o assunto, ou apenas seria uma espécie de defesa, contra a autopiedade?

A aceitação da enfermidade é fundamental para o tratamento e uma das características em alguns pacientes quando aceitam é rir de suas próprias dificuldades e dores e também para que as pessoas que estão ao seu redor se sintam “confortáveis” em conviver com elas. Segundo Goffman fala que indivíduos que possuem estigma muitas vezes usam métodos para reduzir a tensão, em relações mistas⁹⁴.

[...] o indivíduo estigmatizado pode por exemplo, tentar “quebrar o gelo”, referindo-se explicitamente ao seu defeito de modo que mostre que ele está livre, que pode vencer suas dificuldades facilmente. Além da trivialidade, recomenda-se, também a frivolidade. (GOFFMAN. 1963, p. 128).

O autor explica que é corriqueiro um indivíduo que possui um estigma, diante de outras que são normais, tentar de alguma forma que os outros se sintam a vontade em sua presença, algumas vezes usa o que diferencia dos demais em tom de brincadeira para

⁹⁴ Segundo Goffman é a relação entre os normais (pessoas que não possuem um estigma) e pessoas que possuem um estigma.

descontrair. Nesta cena e com a fala deste personagem podemos entender que ele brincava com a sua aparência magra causada pela AIDS, exatamente, para “quebrar o gelo” e deixar à vontade as pessoas que estavam a sua volta.

Dando continuidade ao filme a câmera filma em plano aberto neste local, onde diversas pessoas estão se tratando com o medicamento AZT⁹⁵. A maioria do sexo masculino. Há doentes que aparentam estar em boas condições de saúde, sem nenhum sintoma ou doença oportunista que os denuncie, e outros com características bem peculiares de uma pessoa com AIDS já desenvolvida. A doença passa a partir das cenas seguintes a aparecer com mais frequência se apresentando, principalmente no personagem principal, decaindo cada vez mais a cada sintoma e doença oportunista.

A doença modifica a construção do personagem, Andrew Beckett vai deixar de representar o advogado bem sucedido e passar a ser apenas um enfermo com AIDS, a doença aos olhos da sociedade, segundo o filme, possui os seus principais representantes. Analisando a cena deste espaço de tratamento para pessoas enfermas, encontramos apenas homens. Não há nenhuma referencia se eles são heterossexuais ou homossexuais, mas o filme que tem como principal o personagem um homossexual, representando o doente e a doença, o que no período da década de 1980 e início da década de 1990, inicialmente, para a sociedade fazia parte do senso comum.

Após ter a consulta com sua médica Doutora Gillman (Karen Finley) entramos em outra sequencia de cenas. Andrew segue para a empresa de táxi, a câmera mostra de baixo para cima com o objetivo de mostrar a imponência do prédio que o personagem trabalha, nos dando a entender o porte da empresa de Advocacia da qual ele fazia parte. Quando o mesmo chega a sua repartição, a câmera filma em plano aberto, muitas pessoas o cumprimenta e conversa com ele sobre diversos assuntos, o que nos faz entender que era boa a relação de trabalho com seus colegas. Até este momento, não percebemos ninguém, tentando evitar Beckett, pelo contrário, esta cena nos mostra o quanto ele era querido por todos.

O personagem ainda neste momento do filme é um desacreditável segundo Goffman:

[...] quando a diferença não está imediatamente aparente e não se tem dela um conhecimento prévio (ou, pelo menos, ela não sabe que os outros a conhecem), quando, na verdade, ela é uma pessoa desacreditável, e não desacreditada, nesse

⁹⁵ Acreditamos que é o AZT, porque em uma cena posterior veremos na casa de Andrew Beckett um quadro com os horários de sua medicação e em quase todos Beckett usa o AZT em seu tratamento.

momento é que aparece a segunda possibilidade fundamental em sua vida. (GOFFMAN, 1963, p. 51).

Na citação acima podemos compreender com o autor que um indivíduo ser desacreditável é uma segunda possibilidade fundamental em sua vida. Pode que significar viver de maneira normal, enquanto, não é percebido o seu estigma. Até aqui vimos que o personagem de Hanks vivia uma vida normal em seu ambiente de trabalho se alguém desconfiava, nunca o havia dito, pois conseguia omitir sua enfermidade.

Ao chegar à sua sala, sente-se em sua cadeira e liga para sua mãe (a cena em plano médio agora oscila entre o Andrew e sua mãe). Ao telefone com ela pergunta como ela esta e a resposta é que tudo esta bem. Mas logo ela pergunta com uma expressão preocupada como ele esta e como foi à consulta com a Doutora Gillman. Andrew responde que seu sangue esta excelente, sua mãe ainda lhe pergunta sobre as plaquetas, Andrew afirma que esta tudo bem, para ela não se preocupar. Este diálogo entre Andrew e sua mãe deixa claro que ela já sabia da sua enfermidade, sua expressão de preocupação e depois de alivio ao saber que os exames do filho estavam em ordem nos faz entender que ela acompanhava a vida do filho e sua saúde.

Em seguida a cena é cortada, contudo continuamos na mesma sequencia mais uma vez o prédio onde o personagem trabalha é filmado de baixo para cima, porem agora a parte lateral da tela é informada as horas 10:15 da noite. Em seguida aparece Andrew, ainda a trabalhar em uma causa importante, causa pela qual ele será promovido a sócio do grande escritório, quando um dos sócios Bob Seidman (Ron Vawter) o interrompe e diz que o Dono da empresa o chama na sala, então Andrew faz uma pausa e acompanha Bob até a sala do chefe.

A cena mostra um grande e belíssimo escritório. Alguns dos sócios tomando conhaque e fumando charutos e todos conversando sobre a importante causa de Helling versus Sanders Systems que copiou um programa financeiro da Helling, que segundo Andrew, a ultima burlou a lei dos direitos autorais. Então Charles Wleeler (Jason Robards) o nomeia para representar o grande escritório de advocacia Helling.

Até este momento Andrew Beckett era considerado um excelente advogado e lhe é confiado uma causa extremamente importante. Entendemos também com Goffman que o personagem poderia estar sendo idealizado por seus chefes, que imputavam a ele uma identidade social virtual:

Caracteristicamente, ignoramos que fizemos tais exigências ou o que elas significam até que surge uma questão efetiva. Essas exigências são preenchidas? É nesse ponto, ponto provavelmente, que percebemos que durante todo o tempo estivemos fazendo algumas afirmativas em relação aquilo que o indivíduo que está a nossa frente deveria ser. Assim, as exigências que fazemos poderiam ser mais adequadamente denominadas de demandas feitas “efetivamente”, e o caráter que imputamos ao indivíduo poderia ser encarado mais como uma imputação feita por retrospecto em potencial — uma caracterização “efetiva”, uma *identidade social virtual*. (GOFFMAN, 1963, p. 12).

A identidade social virtual segundo Goffman, é uma forma de idealizarmos pessoas. É a nossa forma de achar como elas deveriam ser. Contudo, quando a identidade social real dela foge completamente desta idealização social construída, ela corre um sério risco de ser estigmatizada. Aconteceu isto com personagem de Hanks. Não durou o sucesso e prestígio de Andrew, pois a doença, o denunciou, e o desvio inteiramente da identidade social virtual imaginada para ele. No dia mais feliz de sua carreira, também foi o dia que uma das doenças oportunistas, não passou despercebida, a um colega de trabalho levando-o à derrocada da carreira e da sua vida.

Muito feliz Andrew cumprimenta cada sócio com grande satisfação e entusiasmo, mas um deles observa a mancha arroxeadada que ele possui em sua testa do lado esquerdo já perto do coro cabeludo, e lhe pergunta o que havia acontecido. Andrew responde que foi um acidente no jogo de Tênis, uma pancada com a raquete e o sócio Walter Kenton (Robert Ridgely) finge que acredita, pois já visto Sarcoma de Kaposi antes, e reconhece-o como uma das doenças oportunistas da AIDS em Andrew.

A partir deste momento começa toda a reviravolta na vida do personagem, pois com um prazo limitado, para entregar o processo da grande causa que assumiu no escritório se esforça ao máximo, para realizar seu trabalho, e não se cuida da forma que deveria, trazendo para a sua saúde inúmeras complicações.

As cenas apresentam que se passam dias (saltos temporais) Andrew trabalha na grande causa da companhia e consegue entregar, dentro do prazo estabelecido de dez dias, o trabalho completo e revisado. Deixa em cima de sua mesa em seu escritório e uma cópia em seu computador. Neste mesmo dia Andrew liga para sua secretária, avisando que deixou o processo e que vai ficar em casa trabalhando. Porém ele fica em casa com alguns amigos, e tenta colocar uma nova maquiagem, pois seu rosto tem hematomas do Sarcoma de Kaposi e esta cada vez mais difícil esconder. Seu fax toca e ele pede para um de seus amigos atender, então de repente ele sente dores abdominais muito fortes e passa mal que quase não chega a

tempo ao banheiro. Um amigo pergunta-lhe se esta tudo bem, e com muito sofrimento ele diz que será necessário ir para o hospital.⁹⁶

A década em que o Diretor do filme retrata em **Filadélfia** é a do final da década de 1980 e início da década de 1990. Não é possível identificar o ano exato, porém é no início entre 1990 a 1991. O tratamento da enfermidade já existia nos Estados Unidos, porém os medicamentos como observamos anteriormente com Farrell, em 1987, eram muito recentes e experimentais. Segundo o médico Mário Scheffer:

O maior avanço na da Historia dos *Antirretrovirais* ARV foi, sem dúvida o surgimento dos inibidores da protease e com eles o desenvolvimento de terapias antirretrovirais altamente ativas, combinações de três ou quatro medicamentos incluindo um componente de grande atividade (Dezembro 1996). Com essa inovação, a aids, pelo menos para os pacientes que têm acesso e conseguem aderir ao tratamento, tornou-se uma doença de caráter crônico e não mais de uma doença letal. (SCHEFFER, 2012, p. 44-45).

As drogas que existiam em 1993, ainda não possuíam o inibidor de protease elemento que impede do vírus sofrer mutações, por isso alguns pacientes resistiam com estes medicamentos usados neste período. Contudo, a eficácia não perdurava como os medicamentos atuais que fazem com que a doença seja crônica. Diante do exposto podemos compreender que mesmo na ficção o AZT aparece como um dos principais medicamentos utilizados nos EUA, porém ele sozinho não conseguia sustentar a vitalidade dos enfermos.

Há um corte de cena e a câmera filma em plano aberto entramos em uma nova sequencia, aparece Miguel (Antônio Bandejas), correndo na rua indo para o hospital, entrando na emergência, onde Andrew seu companheiro esta em atendimento. Quando ele o encontra a câmera os filma em plano médio; e Miguel pergunta se ele tirou sangue ou alguma

⁹⁶ Sintomas e fases da aids: Quando ocorre a infecção pelo vírus causador da aids, o sistema imunológico começa a ser atacado. E é na primeira fase, chamada de infecção aguda, que ocorre a incubação do HIV - tempo da exposição ao vírus até o surgimento dos primeiros sinais da doença. Esse período varia de 3 a 6 semanas. E o organismo leva de 30 a 60 dias após a infecção para produzir anticorpos anti-HIV. Os primeiros sintomas são muito parecidos com os de uma gripe, como febre e mal-estar. Por isso, a maioria dos casos passa despercebido. A próxima fase é marcada pela forte interação entre as células de defesa e as constantes e rápidas mutações do vírus. Mas que não enfraquece o organismo o suficiente para permitir novas doenças, pois os vírus amadurecem e morrem de forma equilibrada. Esse período, que pode durar muitos anos, é chamado de assintomático. Com o frequente ataque, as células de defesa começam a funcionar com menos eficiência até serem destruídas. O organismo fica cada vez mais fraco e vulnerável a infecções comuns. A fase sintomática inicial é caracterizada pela alta redução dos linfócitos T CD4 - glóbulos brancos do sistema imunológico - que chegam a ficar abaixo de 200 unidades por mm³ de sangue. Em adultos saudáveis, esse valor varia entre 800 a 1.200 unidades. Os sintomas mais comuns são: febre, diarreia, suores noturnos e emagrecimento. A baixa imunidade permite o aparecimento de doenças oportunistas, que recebem esse nome por se aproveitarem da fraqueza do organismo. Com isso, atinge-se o estágio mais avançado da doença, a aids. Quem chega a essa fase, por não saber ou não seguir o tratamento indicado pelos médicos, pode sofrer de hepatites virais, tuberculose, pneumonia, toxoplasmose e alguns tipos de câncer. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/sintomas-e-fases-da-aids>>. Acesso em: 19 set. 2016.

outra amostra para fazer exames? Andrew fala que já retiraram sangue dele, e mostra para Miguel um coletor de fezes e diz que não conseguiu fazer mais nada, e que a doutora Gillman seguiu seu conselho e está de folga. Pergunta para Miguel se ele conseguiu algum substituto para sua aula, pois Miguel é professor e estava lecionando, quando foi avisado que seu companheiro foi levado para o hospital. Miguel pede para ele não se preocupar.

Além, do Sarcoma de Kaposi as dores intestinais Andrew estava febril, pois seu parceiro o toca sua testa e confirma sua febre. Andrew, envergonhado, fala que quase fez (defecou), na frente de todos. Seu parceiro fala que ele não tenha porque se envergonhar. Então Andrew vê o médico e o chama, o medico pede para ele esperar apenas um minuto, pois estava conversando com uma enfermeira.

O médico se aproxima e Andrew lhe pergunta sobre o resultado do exame de sangue que estão esperando, então o doutor responde que aguarda resposta do laboratório e que agora queria prepará-lo para uma colonoscopia, Andrew e Miguel se olham e o primeiro em tom irônico diz que parece delicioso, porém seu companheiro se exalta com o médico lhe pergunta seu nome. O médico se apresenta como Dr. Klenstein (Paul Lazar), Miguel argumenta se não é possível esperar o exame de sangue e fazer outros tipos de exame, o médico olha para Andrew e diz que concorda com ele posto que o exame é agressivo, mas ele acha necessário. Olha para Miguel e estressado pergunta se ele é da família o segundo responde que não, então o médico ameaça expulsá-lo. Andrew intervém e pede desculpas ao médico, Miguel pede para Andrew não pedir desculpas em seu nome, porem Miguel volta atrás e pede desculpas para o doutor, que decide esperar o exame de sangue de Andrew para decidir o que poderá fazer. Estas cenas são interessantes, pois representam como alguns casais homossexuais eram tratados por alguns médicos. No filme Miguel começa a se irritar com o médico ele ameaça expulsá-lo, pois não é considerado parente de Andrew, mesmo sendo seu parceiro. A intolerância é representada, pois o casal homossexual não era aceito.

Após toda esta discussão ouve-se o bipe de Andrew tocar, são chamadas do escritório, então ele decide ir ao um orelhão dentro do próprio hospital, para ligar para sua secretária e descobrir o que estava acontecendo, pois há muito tempo estão tentando contactá-lo. Neste momento a câmera, inicialmente, o acompanha em plano aberto, mostrando o ambiente hospitalar e logo em seguida volta para o plano médio. Enquanto ele está no orelhão, ao mesmo tempo na televisão da sala de espera do hospital, onde Andrew esta fazendo a ligação, é exibido um comercial do advogado Joe Miller, oferecendo seus serviços,

principalmente, para aqueles que foram injustiçados de alguma forma, no sentido de auxílio aos acidentados, doentes e etc., Andrew ri quando vê o comercial.

Shelby (Lisa Talerico) sua secretária, atende ao telefone e o informa do desastre que esta para acontecer. Ninguém encontra o documento que ele havia deixado mais cedo em sua mesa no escritório, referente à queixa da Highline contra Systems, então Andrew pede para ela passar a ligação para o funcionário que esta a procura do documento Jamey Collins (Bradley Whitford) e os dois começam a conversar. Andrew fala que deixou em cima da sua mesa, ontem à noite e Jamey diz que ele e Shelby já olharam em toda a sala e não conseguiram encontrar. Então ele solicita que entre no sistema em seu computador, porque deixou uma cópia arquivada lá. Mas Jamey não encontra. Andrew, então diz que vai até lá. Enquanto Andrew conversar com Jamey no orelhão a câmera foca em duas pessoas sentadas na sala de espera e seus olhares esta direcionado para o Sarcoma de Kaposi que esta evidente no pescoço de Andrew.

Segundo Sontag “As doenças mais temidas, as que não são simplesmente fatais, mas transformam o corpo em algo repulsivo, como a lepra, a sífilis, a cólera e (na imaginação de muitos) o câncer, são as que parecem mais suscetíveis a ser providas à condição de peste”. (SONTAG, 2007, p. 113). A AIDS entra nas classificações ou metáforas sobre as pestes, e observamos em outro ponto das cenas que descrevemos anteriormente que os olhares para o hematoma no pescoço de Andrew, o olhar petrificado das duas pessoas sentadas no banco, representam como uma pessoa que tinha as marcas da doença em seu corpo chamava para si, um novo olhar da sociedade, um olhar de estranhamento e medo, que expressa à necessidade de distância, muito também pela falta de conhecimento acerca da doença.

Afinal em 1990 anos do qual o diretor se reporta na narrativa a AIDS é uma doença nova, e o Governo dos Estados Unidos começava a sair da inércia da qual se encontrava, referente a esta enfermidade. As informações sobre a enfermidade estavam começando a evoluir para a realidade das formas de contaminação da doença, porém não dando à devida atenção ou significado a contaminação dos heterossexuais, como vimos no primeiro capítulo, na documentação do CCD.

Há um recorte temporal de um mês a proxima cena nos leva também para um hospital, porém para uma sala de parto, pois a esposa de Joe Miller, Lisa (Lisa Summerour) acaba de dar a luz, a uma bela menina. Esta cena mostra toda felicidade e emoção do casal, Miller estava emocionado, que não conseguia colocar o filme na máquina fotográfica. Após o parto a câmera filma em plano aberto - Miller aparece no corredor, ligando para sua secretária

Iris (Lauren Roselli), pedindo para ela providenciar comida, bebidas para comemorar o nascimento de sua filha. No corredor ele vê um paciente acidentado com a perna enfaixada e lhe dá seu cartão. Pergunta a Iris se alguém o procurou, a secretária diz que Andrew Beckett, ele pergunta quem é Andrew Beckett, porém chegam seus familiares e interrompe sua ligação, com uma grande comemoração.

O que podemos perceber neste momento do filme é o contraste entre a vida e a morte, enquanto a filha de Miller acaba de nascer e sua família começa a crescer o personagem de Tom Hanks esta a procura de um advogado, pois foi demitido de seu trabalho, pelo qual é apaixonado e agora estava inquieto pela injustiça que sofreu por parte de seus superiores. A doença e sua orientação sexual começam a afetar sua vida de uma forma devastadora. Segundo Nascimento (2005) a doença tem este poder de desestruturar o indivíduo e em sua forma epidêmica, toda uma sociedade. Nesta obra fílmica compreendemos a doença como uma representação desorganização social, apresentado na vida de Andrew, que perde seu emprego e aos poucos sua vida.

É possível compreender também a representação do heterossexual e a do homossexual. Enquanto o heterossexual estava construindo sua família e sendo feliz, o homossexual estava sendo demitido e a doença fatal destruindo sua vida. A representação da família heterossexual sem problemas é um modo de representar o que seria normal. Segundo Goffman o padrão que é estabelecido socialmente.

O personagem Andrew, até o câncer de pele o denunciasses estava conseguindo obter uma vida aparentemente normal, escondendo seu diagnostico e sua orientação sexual. Na teoria do Estigma de Goffman, um indivíduo que consegue esconder seu estigma é um “desacreditável” conceito que elaborou para o sujeito que tem o poder de controlar uma informação “desagradável” a seu respeito

O descrédito que o personagem passou a sofrer transformou sua trajetória na ficção. Agora o seu desejo era apenas de fazer justiça. Há um corte temporal de uma semana depois e somos transportados para a sala do escritório de advocacia de Joe Miller. Diferente da grande empresa que Beckett trabalhava, o escritório de Miller é simples e menor. Na cena, ele atende um cliente que caiu em um buraco na calçada e deseja processar a prefeitura, porém o desnível da calçada estava sinalizado e o cliente o pergunta se é possível processar, Miller diz que sim. Esta parte da cena é cômica, porém nos faz entender a diferença entre os dois advogados na trama. Miller é um advogado popular, de pequenas causas, e de

indenizações simples, já Beckett trabalhava em uma empresa de grande porte e seus casos e clientes eram de grande prestígio.

Quando o cliente sai de sua sala ele chama Sr. Beckett para entrar, e o cumprimenta, dando um aperto de mão e o reconhece da causa que ambos participaram em defesa de clientes opostos. A câmera filma em plano aberto é possível ver toda a sala e os dois conversando neste momento. Miller pergunta o que houve com o seu rosto e Beckett revela que tem AIDS, Miller fica desconcertado se afasta de imediato, não sabe o que fazer com a mão que o tocou. Olha para mão expressando medo no olhar se senta na poltrona e Beckett pede permissão para sentar e ele o concede, Beckett começa a observar a sala de Miller e comenta a foto que está em cima da mesa do bebê, e elogia a criança pergunta quanto tempo de vida Miller diz que uma semana, Beckett ainda pega em um dos charutos de Miller. O que é intrigante nesta cena é o olhar de Miller: a cada movimento de Beckett são dados closes, representando o olhar do advogado, outro olhar em forma de close é nas marcas que Beckett possui em seu rosto das lesões do Sarcoma de Kaposi.

Depois desta apreciação de Beckett do escritório do colega, Miller olha para o relógio e fala para ele explicar o motivo que o trazia ali. Então ele fala que deseja processar Wyant Wheeler empresa que trabalhava por demissão injusta. Miller, impressionado, cita o nome completo da empresa e diz para ele prosseguir. Beckett lhe diz que era isso mesmo e precisava de um representante e explicar que eles o demitiram, alegando que ele havia perdido uma documentação de um processo importante. Miller o interrompe e o questiona à quantos advogados ele já havia procurado para representá-lo. Beckett afirma que nove e lhe conta o ocorrido: que havia ficado responsável por uma grande causa no escritório, e assim que descobriram que ele tinha a enfermidade forjaram a perda da documentação do processo e o demitiram.

Miller o pergunta por que Beckett escondeu uma doença mortal e contagiosa? Beckett responde que isso não vem ao caso, já que atendia seus clientes de forma excelente e estaria fazendo isso até hoje se não fosse sua demissão. Miller diz que lamenta muito, mas não poderá ajudá-lo, e mais: que não vê como poder se abrir um processo contra a empresa neste caso. Beckett fica decepcionado afirma que é possível sim processá-los e questiona Miller se ele possui motivos pessoais para não aceitar o caso? Então o advogado responde que sim, e se desculpa. Ainda segundo Goffman:

Pode-se supor que a posse de um defeito secreto desacreditável adquire um significado mais profundo quando as pessoas para quem o indivíduo ainda não se

revelou não são estranhas para ele, mas sim suas amigas. A descoberta prejudica não só a situação social corrente, mas ainda as relações estabelecidas; não apenas a imagem corrente que outras pessoas têm dele, mas também a que terão no futuro; não só aparências, mas ainda a reputação. (GOFMANN, 1963, p. 76).

Tanto os chefes do Beckett, como o seu oponente Miller tiveram diante dos seus olhos a imagem de um brilhante advogado destruída pelo estigma da AIDS e da homossexualidade. Como compreendemos com Goffman que a descoberta do estigma prejudica a pessoa que o carrega, as relações antes estabelecidas. O prestígio do personagem foi destruído por causa da AIDS. A reputação de Andrew Beckett não foi mais a mesma, para seus chefes ele era um mentiroso, para Miller inicialmente foi considerado um farsante.

A marca que a AIDS trouxe para o físico do personagem, marcou suas relações sociais, que a partir daquele momento nunca mais voltaria a ser como antes. De “desacreditável” Beckett passou para o que Goffman chama de “desacreditado”. Agora o estigma estava exposto, não tinha mais como voltar atrás.

Ainda na mesma sequência de cenas Beckett sai da sala cabisbaixo. Iris ainda o cumprimenta, mas ele não lhe dá mais atenção, passa outro advogado e pergunta a Iris o que é que este cara tem. Joe Miller sai da sala e pede para Iris marcar consulta com o doutor Armbruster e pede urgência. A cena é cortada para a porta de saída do escritório, onde notamos principalmente no rosto de Beckett toda a sua decepção, agonia e desespero. Na vitraça atrás de sua cabeça, aparece o nome Shillts, uma singela homenagem ao jornalista que no período do filme ainda estava vivo, e que morre em 1994 em consequência da AIDS.

Miller vai ao médico na mesma tarde. No consultório, com um close no rosto do médico são explicadas as maneiras de contaminação. Este close com o olhar do personagem diretamente para a câmera explicando as formas de contaminação é como se ele estivesse explicando para o próprio público. Aqui vemos claramente o caráter informativo no filme. Dando continuidade a cena. Miller ele fica mais tranquilo, porém ainda questiona o médico argumentando que todo dia há uma notícia nova sobre esta doença. Se não é possível pegar, através da roupa. O doutor vira de costas pega uma seringa e mostra para Miller e o diz que o conhece desde criança, e não se importa com sua vida pessoal. Ele ri e diz que não precisa tirar sangue, pede para lhe enviar a conta para seu escritório e sai do consultório, dando risada.

Nesta cena compreendemos de forma clara que a doença, na ficção, não aparece como a causadora do estigma e do preconceito sozinha, a AIDS divide seu papel de vilã com a incompreensão da homossexualidade no período. Mesmo o filme tratando do tema em 1993,

o diretor do filme teve a preocupação de mostrar em sua obra em alguns personagens, as “minorias” que possuem seu país: o negro, o latino americano e o homossexual, porem agora vamos nos deter a analise da homossexualidade e na sua relação com a doença.

O que podemos observa nas cenas desde as imagens e as falas dos personagens, que a doença é caracterizada como uma moléstia que atinge principalmente os homossexuais. Em nenhum momento na conversa que Beckett tem com Miller ele cita sua orientação sexual, porem Miller diz não aceitar defende-lo por motivos pessoais. Além do medo da doença, quando Miller vai ao médico ele se recusa a fazer o exame de sangue, o profissional de saúde sugere que ele faça, porém Miller não se vê em nenhuma das categorias de risco, e pelo seu sorriso sarcástico nos dar entender seu pensamento, o que o médico estaria imaginando a seu respeito?

Tal cena nos faz inferir que a questão da AIDS é representada na ficção de forma categorizada. Há categoria de quem pode ou não se contaminar com a doença, a diferença de enfermos para enfermos, o que nos faz pensar na hipótese de níveis de estigmatização. Porém mais a frente na historia de certa forma o enfermo será “humanizado”, porém a representação da doença aparece como na década de 1980.

Tronca (2000) explica que os primeiros meses da epidemia da enfermidade. A doença era nomeada com categorizações específicas, como peste gay, praga gay, ou ainda câncer gay e outros diversos. Podemos ver os mais diversos nomes que foram dados a AIDS relacionando com os homossexuais. Percebemos que a Síndrome ainda é associada principalmente com o Grupo de Risco, em primeiro lugar os homossexuais masculinos. A obra de ficção a doença não foge de representar o que durante anos, na sociedade foi construído como representação da doença. Neste tópico falamos da vida do personagem principal, antes do estigma vir a tona, como ele era bem sucedido e conseguia esconder sua enfermidade, até que a ultima a denunciou e ele viu sua vida profissional se acabando rapidamente.

4.3 “EU NÃO ME CONSIDERO DIFERENTE DE OUTROS QUE TEM ESTA DOENÇA”: NÍVEIS DE ESTIGMA E O DESACREDITADO EM FILADÉLFIA.

Neste tópico vamos dar continuidade à narrativa do filme, percebendo como depois da revelação do diagnostico do personagem Beckett, a vida se tornou mais difícil para ele. A doença na sociedade e na obra filmica **Filadélfia** aparece representada pelos os

homossexuais. Mesmo a doença, atingindo a todos os tipos de pessoas, a negação da doença ser heterossexual, ainda é forte e permanente.

Na cena a seguinte a câmera filma em plano aberto (mostrando todo o ambiente), logo em seguida em plano médio. Miller está em casa preparando o jantar com sua esposa na cozinha e com sua filha, Lisa pergunta a Miller se ele não sente repulsa por gays, inicialmente ele nega, porém a esposa diz que conhece vários e começa a citar os homossexuais que convivem com o casal, e que Miller não tinha ideia de que eram homossexuais. Então Miller confessa seu preconceito para esposa, dizendo que não consegue imaginar homem com outro homem que chega a sentir nojo. E pergunta a sua esposa se ela aceitaria um cliente que não suportasse que ele o tocasse ou respirasse próximo dele, Lisa responde que se fosse ele não.

Compreendermos nesta cena que não aceitar o caso de Beckett, não apenas por causa da enfermidade, mas por causa da sexualidade. Miller de início não conseguiu desvincular todo seu ódio contra os homossexuais, para conseguir analisar a situação de injustiça vivida por Beckett em seu ambiente de trabalho por causa da doença e também por causa da sua orientação sexual.

Em seguida há um recorte temporal, a câmera em plano aberto a cena a seguir Miller aparece saindo de um pequeno estabelecimento de venda de lanches com um saco de papel na mão, já era noite as ruas cobertas de neve e enfeitadas de luzes coloridas, havia também um papai Noel na calçada, e Miller lhe dar uns trocados e seu cartão e deseja feliz ano novo, o papai Noel o indaga se ele é o cara da TV ele responde que sim. Miller se dirige há uma grande biblioteca, e há um outro corte, entramos na grande sala da biblioteca.

Miller, nesta cena estuda e come o sanduíche. Então passa um homem branco ao lado da mesa da qual ele está e o encara como se estivesse medindo de cima para baixo. Miller também o olha segue-o com os olhos por um tempo, mas não lhe dá atenção. Então há uma mudança de cena, ainda dentro da biblioteca, aparece um bibliotecário, vindo em direção a Beckett que está sentado a estudar em uma mesa, e fala para ele que encontrou o suplemento que ele queria, e diz que ele tinha razão, pois o escrito menciona a discriminação contra as pessoas com AIDS. Neste momento que é mencionada a palavra AIDS a câmera se volta para rostos de terceiros que olham Beckett com expressão, inicialmente, de indagação, mas depois de receio.

Ele agradece e começa a folhear as páginas do livro que o bibliotecário lhe trouxe, então a cena volta-se para Miller e dá um close em seu rosto, expressão entre sério e surpreso por encontrá-lo de novo. Então o funcionário da biblioteca lhe oferece uma sala individual,

onde Beckett possa ficar mais a vontade, Beckett agradece, mas não acha necessário, e continua a folhear as páginas do suplemento. O bibliotecário atende agora, a um rapaz que lhe solicita uma informação. Enquanto isso há outra aproximação do rosto de Miller que agora empilha os livros como se não quisesse ser visto por Beckett, mas após o rapaz sair o funcionário sem mais saber como convencer Beckett a sair da sala, angustiado passa a mão na boca e volta a insistir e diz que ele ficaria muito mais a vontade na sala individual. Com olhar de constrangimento, Beckett olha para a sua frente e há um homem olhando para ele, porém quando Beckett o olha ele baixa o olhar. Ao lado, uma mulher o encara também, porém Beckett pergunta ao bibliotecário se ele ficaria mais a vontade com ele lá? É quando Miller se levanta e vai até a mesa de Beckett. O cumprimenta e pergunta se está tudo bem. Então Andrew responde com uma pequena expressão de surpresa. É quando o funcionário desiste de importuná-lo e a pessoa que estava compartilhando a mesma mesa com ele pede licença para sair.

A cena em plano médio, Miller o pergunta se ele já conseguiu um advogado, Andrew retruca dizendo que ele mesmo é um advogado. Andrew pergunta como vai sua filha. Todo orgulho Miller responde que muito bem, e cada dia mais linda. Então Andrew pergunta também o nome do bebê ele diz que é Elouise, nome da sua irmã. Andrew elogia o nome e volta a estudar. Sem jeito Miller anda alguns passos, porém volta e pergunta a Andrew como um advogado reconhece uma lesão em sua testa e pode associar com a AIDS? Beckett acha uma excelente pergunta e procura em suas anotações, e encontra um caso que aconteceu na Walsh, Ulmer & Brahm em Washington uma assistente de lá Melissa Benedict apresentou lesões durante três anos, e todos sabiam, pois ela havia falado para todos sobre o seu diagnóstico. No período o mesmo sócio Walter Klenton que identificou as lesões de Beckett trabalhava nesta extensão da empresa em Washington, Miller lhe pergunta se ela foi demitida, Beckett afirma que não.

Então Miller o indaga se ele encontrou algum precedente relevante. Beckett diz que sim a decisão da Arline, da Suprema Corte. Esta decisão da Arline fala sobre a invalidez, porém abre precedentes para a AIDS, pois além das limitações físicas que a enfermidade impõe a morte social é precedente a morte física.

Nas cenas que acabamos de narrar vemos como o diretor representa a sociedade norte americana na ficção de **Filadélfia**. Primeiro caso é o de Miller que é encarado por um homem branco desconhecido, o olhar é depreciativo, que entendemos como o racismo, porém ele o encara, mas depois o ignora. E na outra cena Beckett, importunado pelo bibliotecário e

com todos os olhares receosos para ele. Miller se sente tocado, pois sabe como é sofrer preconceito cria coragem, vencendo preconceito dentro de si mesmo, para falar com Beckett, e a partir deste momento, há um sentimento de alteridade de Miller em relação a Beckett e ele aceita assumir a queixa.

Consideramos diante destas cenas que a representação da doença é de forma evidente exemplificada pela desorganização social que uma epidemia perversa como a AIDS pode causar e provocar muitas vezes nos seres humanos o pavor a tal ponto de tratar outro ser humano, como se não fosse um semelhante, mas como um objeto sem valor e desprezível. Estas cenas o estigma é representado de forma clara pelo personagem Goffman nos lembra que:

As atitudes que nós, normais, temos com uma pessoa com um estigma, e os atos que empreendemos em relação a ela são bem conhecidos na medida em que são as respostas que a ação social benevolente tenta suavizar e melhorar. Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. (GOFFMAN, 1963, p. 14-15).

Ainda sobre a cena anterior podemos compreender com autor o estigma sofrido pelo personagem por ter a doença, Beckett não estava sendo visto como um ser humano comum sentado na biblioteca, como nos explica Goffman o estigma deteriora uma pessoa e faz com que ele não seja mais considerado completamente um ser humano. O autor fala que as chances de vida também são diminuídas, assim como vemos nesta cena Beckett lendo o suplemento da Suprema Corte sobre a doença, que antes de causar a morte física, causa a morte social.

Em outra sequencia de cenas é entregue de uma intimação para os sócios da Empresa que Beckett trabalhava. A câmera filma em plano aberto, para mostrar o ambiente e a movimentação intensa de pessoas. Todos estavam reunidos na área vip de um estádio, onde se divertiam e assistiam a um jogo de basquete, confraternizando uns com os outros em um ambiente onde não se encontrava apenas pessoas do trabalho, mas outros amigos. Miller vai até ao camarote e lhes entrega a notificação e os comunica que os espera no tribunal.

Na mesma sequencia, porém em outra cena vemos os sócios se encontrarem em um corredor estreito, e a imagem nos remete a uma sensação de conspiração, pois a câmera esta bem atrás deles, e a conversa comprova esta sensação, pois eles tramam prejudicar Andrew Beckett, fazendo um levantamento aprofundado do seu passado, recolhendo

informações mais sórdidas possíveis para humilhá-lo, publicamente, por ter desafiado este grande grupo diante de todo o magistrado da Filadélfia.

Além da cena em si as falas dos sócios demonstram todo o ódio contra o personagem principal da trama. Para eles Beckett levou a AIDS para o escritório e para o cotidiano de suas vidas, e isto é imperdoável. Um dos sócios comenta que ele era quem deveria ser processado. Bob diz que eles deveriam tentar um acordo, porém os demais recusam então Bob insiste que eles deveriam ter piedade. Porém Wheller retruca dizendo que Beckett foi demitido por incompetência, não porque tinha AIDS. Nesta cena percebemos mais uma vez o que perpassa todo o filme: a AIDS e a homossexualidade compactadas, refletindo todo o preconceito e estigma sobre duas questões indesejáveis na sociedade de então.

A seguir antes de ter o início do clímax⁹⁷ do filme, em outra sequência de cenas Beckett vai à casa de seus pais, pois eles completam 50 anos de casado e Miguel grava este momento, com câmera em mãos os dois fazem uma gravação estilo documentário, com Andrew explicando como foi sua infância na casa. O que percebemos nesta festa, é que não parece ser o aniversário de casamento dos pais de Andrew, mas que todos estão reunidos por causa dele, a atenção é voltada toda para Andrew. Todos bajulam como se a festa fosse para ele. Aparece cada membro de sua família o abraçando, cumprimentando-o, e ele dançando com sua mãe. Além de comemorar as bodas de seus pais, Andrew tinha o objetivo de pedir permissão para dar seguimento ao processo, contra a empresa que trabalhou. Todos se mostram a favor da causa e ele recebe apoio incondicional. Apenas uma de suas irmãs que teme por seus pais que sofrem demais com a condição de Andrew e enfrentar mais um processo. Porém a mãe de Andrew diz que não teve filhos para abaixar a cabeça para ninguém.

Desson Howe crítico de cinema da Washington Post descreve uma lista de supostas cenas ridículas em **Filadélfia**, e entre as piores, o crítico acredita que se destaca esta do apoio incondicional da família de Andrew. Tal cena do filme pode retratar um desejo do diretor que aqui tenta demonstrar como a sociedade estadunidense poderia ser, se fosse mais compreensiva e aceitasse a preferência sexual das pessoas, esta é a nossa hipótese.

O que observamos nas críticas do período aos filmes é que com a presença dos homossexuais incomodava uma parcela da sociedade. Os personagens homossexuais eram estranhos e muitas vezes recebiam papéis de psicopatas, adúlteros e que morriam no final.

⁹⁷ Segundo Bahiana o Climax nada mais é do que: um evento em que todas as ações e os conflitos chegam ao seu ápice. (BAHIANA, 2012, p. 52-53).

Entendemos que o crítico de cinema é um profissional que entremeia o mundo do cinema, dos filmes e liga com a sociedade e suas opiniões são importantes, porque através delas podemos entender um pouco dos dois lados: o do cinema “ficção” e o da sociedade “realidade”.

Em prosseguimento ao filme há um grande recorte temporal desta vez a cena é um leve sobrevoo sobre a cidade de Filadélfia. A cidade é filmada de forma vertical, tendo como referencia uma estatua de Willian Penn que fica no topo do prédio da prefeitura da cidade de Filadélfia. Segundo Jim Powell⁹⁸ Penn é considerado um herói americano fundador do estado da Pensilvânia e da cidade de Filadélfia que estabeleceu a liberdade de consciência, a constituição na Pensilvânia que limitava o poder do Governo e trouxe um código penal “mais humanitário”.

Compreendemos que a escolha para realizar o filme na cidade de Filadélfia, não foi por acaso. Esta cidade é repleta de significados históricos que mesclam com a construção do pensamento de justiça nos cidadãos norte-americanos. O nome da cidade que significa amor fraternal demonstra o que a sociedade deseja representar.

Inicia-se o julgamento do processo de Beckett. As primeiras cenas no tribunal a câmera filme em close Joe Miller. O advogado apresentando ao júri o caso. Joe Miller é o primeiro a fazer suas colocações e pede para o júri esquecer tudo que viu em novelas, filmes e outros meios de comunicação, não haveria ali testemunhas de ultima hora, ou qualquer outra surpresa, apenas a apresentação dos argumentos de seu cliente Andrew Beckett que se sentiu injustiçado ao ser demitido por causa de sua enfermidade.

Em sequencia a também em close outra advogada Srta Belinda Conine (Mary Steenburgen), representando agora Wheller e seus sócios da Walsh, Ulmer & Brahm apresenta agora a outra versão: que Beckett foi demitido por incompetência, não por causa da doença, e que ele, por estar enfermo e morrendo deseja culpar alguém, fazer alguém pagar por seus erros, por seu mau comportamento, que o levou a estar nesta condição.

O que podemos analisar é que quando os advogados estão apresentando a argumentação é como se eles estivessem falando para o próprio público, já que as lentes estão de frente e o olhar é direto, não sabemos informar se este efeito de apresentação foi intencional, porém intencionalmente ou não o filme faz com que o público julgue por si

⁹⁸ Jim Powell, sênior fellow do Cato Institute, é especialista na história da liberdade. Seu livro mais recente é "Greatest Emancipations: How the West Abolished Slavery". Disponível em: <<http://ordemlivre.org/posts/biografia-william-penn>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

mesmo se todo o sofrimento causado pelo preconceito e todo estigma sofrido pelo personagem é justo. Barros nos fala que:

Por fim, lembraremos também que o cinema é ele mesmo um “agente histórico” importante, no sentido de que termina por interferir na própria História de diversas maneiras – seja por intermédio de sua indústria, seja pela formação de opinião pública e de influências na mudança de costumes, sejam por meio daqueles que dele se utilizam para objetivos diversos, como os próprios governos e os grupos sociais que, com a produção fílmica, impõem seus discursos, pontos de vistas e ideologias. (BARROS, 2011, p. 179).

Barros explica porque o cinema é um agente histórico e nesta cena que acabamos de narrar e explicar compreendemos que a obra fílmica, pode opinar, ou sensibilizar em uma sociedade. A forma com que a câmera pode ser posicionada pode levar a uma sensação de direta com o publico. O diretor de **Filadélfia** dá ao publico a oportunidade de escolher o lado que desejasse escolher, mesmo que no final mostre a opção que considera certa em sua opinião. **Filadélfia** e sua repercussão causou na sociedade do período opiniões sobre o assunto, veremos de forma mais profunda isso no próximo tópico ainda deste capítulo.

Os depoimentos se iniciam, os ângulos da câmera serão plano geral e médio, ultimo principalmente quando as testemunhas, ou advogados estiverem falando. É chamado para depor um cliente Sr. Laid (Roger Cortam) do escritório de advocacia que fora atendido por Andrew e que consta nas provas que ficou muito satisfeito com o seu trabalho, chegando a dizer que Beckett havia realizado um excelente trabalho. Porém neste momento tenta minimizar a grandeza dos resultados. Miller fala que ele acabou de fazer um juramento, e que os resultados segundo uma afirmação dele era que o trabalho de Beckett era mais que satisfatório: era excelente. Então o Sr. Laid olha para os sócios da empresa de Wheller com uma expressão no olhar de temor e responde que em alguns aspectos foram excelentes, mas no geral apenas satisfatório. Miller rebate a reposta do depoente, perguntado se um sanduíche de mortadela lhe parece uma refeição satisfatória, enquanto uma refeição com caviar seria uma refeição excelente, porém o outro advogado da oposição protesta. No primeiro momento o juiz deixa Miller prosseguir, mas depois mantém o protesto. Miller então lhe faz uma ultima pergunta para a testemunha: indaga se eles venceram a causa e o Sr. Laid responde que sim. Então, Miller de forma sarcástica, responde: “deve ter sido uma vitória muito satisfatória”.

Nestas cenas e nas próximas do tribunal, o que analisamos que os depoimentos das testemunhas que representam a empresa que Andrew trabalhou tenta diminuir suas contribuições, que quase sempre foram excelentes. Concluímos, então que há um “antes” e

um “depois” da doença na vida das pessoas que desenvolvem a AIDS. Os resultados apresentados por Andrew antes de se descobrir a enfermidade não são levados em consideração. Nascimento (2004) apud Revel e Peter afirma:

[...] a doença é quase sempre um elemento de desorganização e de reorganização social. [...]. O acontecimento mórbido pode ser o lugar privilegiado de onde melhor observar a significação real dos mecanismos administrativos ou das praticas religiosas, as relações entre poderes, ou a imagem que uma sociedade tem de si mesma. (NASCIMENTO, 2004, p. 14).

Nesta citação acima podemos observa que a sociedade representa a si mesma e que e o individuo doente ganha um novo espaço nestas representações. O que uma pessoa constrói antes ficar enfermo, nem sempre permanece com o mesmo sentido para a sociedade em que esta inserido. A doença desorganiza e reorganiza o social, colocando o doente em outro patamar. Compreendemos também com Goffman sobre a identidade social virtual de um individuo que possui um estigma é deteriorada. E na analise da obra fílmica percebemos que a partir do momento que o personagem manifesta a doença sua identidade social real vem a tona e ele passa a ser desprezado, por seus empregadores. O estigma faz com que Andrew seja completamente “desacreditado”.

Podemos entender com Chartier (2002) que há uma luta de representações e quando o individuo, entra para o grupo dos enfermos, que geralmente é um grupo considerado mais fraco, o que ele representava antes para sociedade, perde o significado anterior. Na ficção, o diretor representa o papel social da doença e não toca apenas nesta questão, mas na homossexualidade que na película, não se desvincula da enfermidade como vamos entender na próxima cena.

Acabada a primeira audiência, na saída do tribunal, dezenas de pessoas estão à porta com cartazes. Algumas mostram seu apoio à Andrew, e outros desapontamentos, pois não acreditam que ele tenha o direito de reclamar. A questão colocada agora na sociedade ficcional é referente à homossexualidade. O filme **Filadélfia** representa de forma clara que a AIDS era entendida como uma doença ligada diretamente com a homossexualidade.

Nas imagens a seguir é possível ver a representação do preconceito social. A imprensa também presente, fazendo daquele julgamento um acontecimento sensacionalista. Porém tanto as respostas de Andrew como as de Miller às perguntas da mídia foram sensatas. Miller fala que Filadélfia sendo a cidade do amor fraternal, berço da liberdade e do reconhecimento dos direitos humanos, não tem porque fazer diferença, referente ao direito de

seus cidadãos, seja ele homens, homossexuais e etc. Até o prefeito da cidade de Filadélfia aparece no filme desprezando tal injustiça contra Beckett.

Ainda nesta cena que é transportada para um canal de TV Miller está em um bar cheio de homens bebendo e com alguns conhecidos, assistindo sua entrevista, a câmera neste momento filma em plano aberto, quando os personagens começam o diálogo ela passa a gravar em plano médio. As expressões dos demais são de um leve desgosto, quando um de seus colegas insinua para Miller, maliciosamente, que ele está cada dia mais delicado. Miller fixa seus olhos nele e diz: “que sim e que não procura qualquer homem para se relacionar, mas um homem como ele, que deseje brincar de marinheiro com ele”. Seu colega fica irritado, porém Miller fala que tem nojo de pessoas homossexuais, contudo uma lei foi violada neste caso, e pergunta a ele se lembra o que é uma lei. Então o atendente do bar fala para Miller que concorda com ele em apenas uma coisa, Miller retruca no que, então o atendente responde que não gosta de trutinhas.

O preconceito contra os homossexuais aqui é desvelado. Mesmo Miller defendendo Andrew Beckett não aceitava a orientação sexual de seu cliente, mas o defendia por causa da injustiça sofrera por causa da sua enfermidade. Todavia, Miller vai entender que no contexto em que vive, o preconceito estava de maneira tão arraigada sobre os homossexuais e sobre a doença, que de alguma forma, naquele momento não tinha como separá-los.

Há um leve corte para as ruas da cidade, tendo como foco a prefeitura de Filadélfia onde a estatua de Willian Penn se encontra. Em seguida para o tribunal. Agora a depoente será a Sra. Benedict que trabalhava na empresa Walsh, Ulmer & Brahm na cidade de Washington, junto a um dos sócios, Walter Kenton. Antes, vamos descrever Benedict. Uma mulher com semblante de aflição, magra, vestimentas sociais simples. Ela responde que sim para Miller que trabalhava na empresa. Miller a questiona se na época ela possuía marcas no rosto, referentes ao Sarcoma de Kaposi, ela responde que sim e que havia comentado com todos a respeito de seu diagnóstico, o advogado a pergunta como o sócio especificamente a tratava, depois de saber que tinha AIDS, ela diz que ficava com uma expressão peculiar e a chamava de “ai meu Deus”, toda vez que a encontrava.

Sem mais perguntas Miller cede à palavra a parte oponente para continuar o interrogatório. O advogado oponente pergunta a Sra. Benedict como ela contraiu AIDS, ela responde que foi após um parto, pois ela necessitou de uma transfusão de sangue. Então o advogado a indaga se ela não fez nada que provocasse a contaminação com aquela

enfermidade. Enquanto o advogado lhe fazia a pergunta ela olhava para Beckett com um olhar de compaixão e compreensão. Mas ela diz que acha que não. O advogado agradece e passam-se alguns segundos de silêncio. A câmera se volta para os sócios que murmuram palavras entre eles quando ela começa a falar que não se considera diferente de ninguém que possui a enfermidade, não é culpada ou inocente, e que esta tentando sobreviver. Sontag nos explica sobre este tipo de situação:

[...]. Os homossexuais promíscuos que levavam as últimas consequências os seus hábitos sexuais, com a convicção ilusória – promovida pela ideologia da medicina, com antibióticos que curam tudo - de que todas as doenças sexualmente transmissíveis são relativamente inócuas, podiam ser encaradas como hedonistas radicais, ainda que agora esteja claro que seu comportamento era igual suicida. Aqueles que, por mais que se amplie o conceito de culpa, não podem ser considerados responsáveis por sua doença – por exemplo, os hemofílicos e pacientes que receberam transfusões de sangue [...]. (SONTAG, 2007, p 98- 99).

Esta cena do filme é uma das quais consideramos mais importantes o que podemos analisar é a condição de culpa que a doença trazia para as pessoas acometidas, na ficção como na sociedade procurava-se culpados. A procura de culpados acontece principalmente quando a enfermidade é contagiosa e também transmitida sexualmente. A explicação de Sontag nos faz entender porque pessoas como Benedict não carregavam a culpa, pois a imagem construída socialmente dos homossexuais era mais devastadora.

Nossa hipótese é que houve uma representação em Filadélfia de níveis de estigmatização. O estigma é uma marca que diferencia o indivíduo socialmente, a personagem Benedict possuía um estigma e sofreu por causa dele foi desacreditada e não considerada como um ser humano completo. Porém, Andrew sofreu além do desprezo: foi demitido, completamente “desacreditado” em virtude da sua orientação sexual. A sua condição sexual foi ônus que os sócios da sua empresa, não conseguiram tolerar. Nesse momento, podemos questionar: se a enfermidade era a mesma, por que apenas Beckett foi demitido? No filme que analisamos no capítulo dois vimos um personagem heterossexual que havia se contaminado com vírus do HIV e se encontrava enfermo, porém se acha “superior”, aos demais doentes que eram homossexuais, como se com ele fosse uma fatalidade, já com os homossexuais eram tidos como responsáveis por aquele mal.

E houve mais sete depoimentos com o de Andrew Beckett e todos falavam da rotina de Beckett no escritório houve o depoimento da Sra. Anthea Buton (Ana Deavere Smith) assistente que afirmava que Andrew trabalhava demais, porém o cansaço excessivo que ele demonstrava sentir, não podia ser apenas referente ao trabalho, e ainda citou o

emagrecimento de Andrew e olhou para os sócios enquanto falava que não podia acreditar que eles não haviam percebido nada de errado, pois lhe parecia evidente. A Sra. Buton era negra e Miller a pergunta se ela alguma vez já se sentiu discriminada ela disse que sim, então Miller perguntou como. Ela disse que a secretaria do Sr. Wleeton havia dito que ele achava os brincos dela étnicos demais e se ela não poderia usar algo mais americano, então Buton respondeu que seus brincos eram americanos, porém afro americanos.

Sem mais perguntas, Miller cede à vez agora a advogada Conine, que pergunta para a Sra. Buton se ela não havia sido promovida a chefe de seu departamento há pouco tempo, e ela responde que sim. Então Conine responde que como o Sr. Wleeton pode ter preconceito com ela, e ter lhe dado uma promoção. Por caso ela e Beckett, não tem exagerado, referente ao que afirmam. Então Buton fala para advogada que ela simplifica o que não é simples, a advogada ri com expressão sarcástica e diz que irá pensar em seus comentários.

Nesta cena percebemos como os assuntos como preconceito tendem a ganhar um ar superficial no grupo dono da empresa que o personagem principal trabalhava. Na ficção não se enxerga como um grupo opressor, pelo contrário, considera-se detentor da verdade. Além da Srta. Conine tentar diminuir, ou afirmar a inexistência de constrangimento sofrido por Beckett, agora tenta mostrar que se Buton recebeu uma promoção, é porque não sofria com o racismo.

Após esta cena, aparece Joe Miller comprando fraldas em uma farmácia, inicialmente a câmera esta em plano aberto, depois ficará em plano médio. Um jovem alto negro se aproxima. Carrega em suas mãos uma bola de basquete e cumprimenta Miller. Pergunta se ele é o advogado do caso que viu na televisão. Miller responde que sim. Então o rapaz diz para ele que também faz direito esta no segundo semestre e acha que ele esta fazendo um trabalho muito importante. Miller sorri e diz que quando ele terminar pode procurar seu escritório e lhe dá seu cartão. Se despede e então o rapaz vai atrás de Miller e lhe pergunta se ele não quer beber alguma coisa em algum lugar, pois acabou de sair de um jogo, mas Miller olha para o relógio no pulso e diz que não pode, pois sua esposa o espera. Então o rapaz diz que não costuma paquerar em público. Uma mulher que esta próxima olha para eles com um olhar de quem vê/ouve uma aberração, então Miller o olha e com um olhar de raiva o pergunta se ele parece gay? O rapaz o retruca e diz parece que eu sou? Então Miller o pega pela blusa e o diz que são pessoas como ele que faz os outros indivíduos odiarem os homossexuais e chama de idiota o rapaz.

Nesta cena em que Miller é paquerado por um homossexual. Para quem não tolera homossexuais, ser flertado por um é inadmissível. Porém o que compreendemos é que o personagem esta sendo testado em todos os níveis e representando até onde a tolerância referente à orientação sexual do outro pode chegar. Para que mais a frente possa no mínimo respeitar a orientação sexual do outro.

A cena é cortada e filmada em plano aberto no pátio do tribunal e em seguida a cena em plano médio, aparece à ex-secretária de Beckett, Srta. Shelbe, contando com detalhes o dia que o processo foi perdido e encontrado. Explica que Andrew estava fora de si e não parava de gritar e como fora um caos aquele dia no escritório. Chegada à vez de Miller a interrogar, pede licença para oferecer um lenço a Shelbe que não parava de chorar ao se lembrar do episódio. Ele pergunta se ela esta bem, e se Beckett era um bom chefe, ela responde que sim “era um doce”. Miller lhe pergunta como ela definiria o trabalho de Beckett, ela diz que não sabe dizer, pois apenas trabalhava para ele. Então todos riem e o advogado da parte oponente pergunta se isso constará nos autos, então o juiz solicita a Miller que volte para o seu lugar, então Miller lhe pergunta para ela se antes deste incidente ela soube de algum problema que Beckett possa ter tido com os sócios, então ela responde que não.

A cena é cortada para a porta do banheiro masculino do tribunal onde o pai de Beckett esta saindo para entrar na sala da audiência novamente a voz de Miller é ouvida do lado de fora da sala de audiência. Duas pessoas saem da sala enquanto o pai de Beckett entra e a câmera o acompanha. Miller indaga a Jamey se para fazer um advogado parecer incompetente por caso não poderia ser forjada a perda de um documento importante. James retruca em forma de pergunta por causa de uma doença? Miller responde talvez. Então James afirma que eles não se comportariam de forma ultrajante por causa de uma doença, pois no escritório havia muitos advogados doentes de úlceras, do coração, com câncer de próstata e não foram prejudicados. Então, Miller lhe pergunta se ele teve alguma coisa haver com o sumiço do processo, James responde enfaticamente que não. Então Miller pergunta se ele é gay. Com foco em seu rosto James pergunta “o que” como expressão de como se não tivesse entendido a pergunta então Miller pede para responder se ele é ou não é e usa agora expressões de baixo calão refazendo a mesma pergunta e alterado e elevando o tom de voz, perguntando se ele é gay. A Srta. Conine se levanta impaciente pedindo protesto e falando que a vida sexual do depoente não esta em questão e ele ofende a própria testemunha.

O juiz pede para advogada se sentar e solicita que Miller se aproxime. A câmera de volta para Beckett que olha para a família e para seu companheiro Miguel que estão atrás

dele com uma expressão de quem não está entendendo a manobra de seu advogado. O juiz pergunta a Miller o que se passa pela sua cabeça, que ele não consegue imaginar! Miller responde olhando para todos que ali todos pensavam naquele momento em preferências ou orientações sexuais, e que este caso não se tratava apenas da doença, mas sobre o ódio e medo que a maioria tinha dos homossexuais, e que isso se traduziu na demissão do seu cliente Sr. Beckett.

O juiz manda Miller se sentar e câmera volta para ele que diz que no tribunal a justiça era cega para as preferências: sexuais, credos, religiões e raciais. A câmera se volta para Miller e Beckett e ele responde falando que com todo o respeito que as pessoas não vivem naquele tribunal, e o juiz concorda com Miller, mas mantém o protesto pedido pela defesa.

Estas duas cenas que apresentamos anteriormente são importantes. Shelbe diz que Andrew antes da perda deste importante processo, nunca teve nenhum problema com os sócios e a outra é James falando que no escritório havia diversas pessoas com as mais variadas enfermidades e nunca foram prejudicadas. Salientamos mais uma vez que a questão aqui não era apenas a enfermidade, Andrew, como veremos posteriormente nunca revelou sua orientação sexual, contudo quando se descobre que ele tem AIDS associa ele imediatamente a imagem do homossexual, que para os sócio da empresa era inaceitável. Miller para defender este caso também constantemente admitiu seus preconceitos, mas tenta conviver e suprimi-los, porque leis estão sendo violadas, e ele não deseja participar como mais um opressor das injustiças da qual seu cliente sofre.

A imagem do doente e do homossexual vai ganhando “humanidade” no decorrer do filme e são criadas situações que visam, talvez, despertar a simpatia do público. Se partirmos do pressuposto de Goffman fala que o estigma faz o que o ser humano seja considerado por sua sociedade, menos humano. Fica clara a tentativa do Diretor em representar a sociedade através do personagem de Denzel Washington e os diversos conflitos pelos quais passa o personagem por causa de suas convicções, e ao mesmo tempo o desenjando de ser justo. E ainda do doente e homossexual, através do personagem de Tom Hanks que sofre com toda a culpa atribuída pela sociedade ficcional por ser homossexual e por este motivo ter adquirido a AIDS.

O próximo depoimento é de um dos sócios. Sr. Wleton exatamente o sócio que identificou o Sarcoma de Kaposi no rosto de Andrew. A câmera grava em plano médio no momento da fala dos personagens. Wleton serviu à marinha, e Miller o questiona de quanto

tempo eles ficavam no mar. Wleton responde que variava de duas semanas a meses, então Miller o indaga se havia mulheres a bordo, Wleton responde que não quando ele servia na marinha. Então Miller retruca, perguntando, se sem mulheres a bordo se todos jovens com hormônios ativos não acontecia nada. Wleton finge-se de desentendido, porém Miller o indaga se não havia homossexuais. Wleton fala que existia um que andava nu tentando chamar atenção, mas eles o notificaram, pois estava destruindo a moral da corporação, e Miller perguntou como eles fizeram isso, “por escrito”? Wleton responde, dizendo que enfiaram a cabeça dele em uma privada usada. A câmera mostra um homem do júri sorrindo com satisfação, e Miller lhe diz que ensinaram uma lição para ele e o depoente confirma que sim, ensinaram. Volta à câmera para Beckett que esta com uma expressão de raiva e para Miller, que retruca, dizendo “assim como ensinaram a Beckett”.

A Srta. Conine protesta e Miller a retira esta pergunta. Continua as indagações e o questiona se ao trabalhar com Melissa Benedict sabia que ela tinha AIDS. Wleton responde que ela não escondeu. Miller pergunta se ele sabe diferenciar um Sarcoma de Kaposi de um hematoma. Wleton diz que Beckett falou que havia levado uma pancada com a raquete e que havia acreditado. Miller ainda o indagando pergunta se ele não evitou Melissa ao saber que ela tinha AIDS, posto que Melissa havia afirmado claramente que ele sentia repulsa, por ela. Wleton responde dizendo que sente apenas profunda compaixão e solidariedade por pessoas como Melissa que pegaram a enfermidade de maneira inocente. Chartier nos esclarece que:

A relação de representação é assim confundida pela acção da imaginação, essa parte dominante do homem, essa mestra do erro e da falsidade, que faz tornar o logro pela verdade, que ostenta os signos visíveis como provas de uma realidade que não o é. Assim deturpada, a representação transforma-se em máquina de fabrico de respeito e de submissão, num instrumento que produz constrangimento interiorizado, que é necessário onde quer que falte o possível recurso a uma violência imediata: Só os homens de guerra não se mascaram dessa maneira, porque efectivamente o seu papel é mais essencial, eles afirmam-se pela força, enquanto os outros o fazem por meio de dissimulações. (CHARTIER, 2002, p. 22.)

A partir da citação de Chartier podemos analisar a cena acima descrita, pois Wleton que foi militar da marinha viveu os dois tipos de representação abordadas por Chartier. Quando militar utilizou-se do recurso de violência, notificando o jovem homossexual, colocando sua cabeça no vaso sanitário sujo, por infringir os bons costumes dos considerados a maioria, na instituição da marinha. Já no segundo tipo de representação, aplicou a Andrew, utilizando-se da má representação da doença e do homossexual na sociedade ficcional, que produz o constrangimento como uma maquina de fabrico de respeito

e verdade estabelecida pelo grupo que não está doente e que são a maioria, tornando-se os dominantes.

Nesta cena também é possível perceber também os níveis de estigmatização. Wleton demonstra um grau de estigma maior contra Beckett, do que por Melissa, que se contaminou por causa de uma transfusão sanguínea, enquanto, Andrew, através de uma relação sexual desprotegida com outro homossexual. É evidente que o sócio atribuía culpa a Beckett e seu desprezo era muito maior por ele. Aqui podemos compreender que os graus de estigma podem ser diferentes, pois a vida do personagem Andrew se tornou mais difícil, pois ele perdeu seu emprego, enquanto a personagem Melissa, que mesmo sofrendo estigma, não sofreu esta perda.

Retornando a narrativa fílmica, há um corte para uma janela com a vista para as ruas de Filadélfia. A câmera passa por uma lousa que tem anotado os nomes dos medicamentos para o tratamento da AIDS e os horários. Podemos identificar por causa da anotação do medicamento AZT; a cena se passa no apartamento de Andrew que está sentado em sua poltrona, e não para de escrever em seus papéis. Tudo indica que são apontamentos para o processo. Miguel coloca uma agulha do medicamento no braço de Andrew e percebe que o líquido não desce, e propõe ligar para enfermeira para ver se ela consegue aplicar o medicamento. Andrew pede para ele tirar e lavar os instrumentos, mas Miguel pede para ele esperar e vai até o telefone e o tira do gancho, não chega a discar, porque Andrew pede para ele só esta noite pular o tratamento, pois ele tem muita coisa para fazer e Miguel diz que é isso que está salvando a vida de Andrew.

O último insiste e diz que o tratamento é dele, o braço é dele é que esta noite ele decidiu não usar a medicação. Então Miguel fala ok senta-se na frente de Andrew. Neste momento a câmera dá um close no rosto de Miguel que fala que o mínimo que Andrew podia fazer era dar a ele um pouco de sua atenção. Fecha o caderno de Andrew e joga para trás de suas costas. Andrew por sua vez sorri e diz que sabe o que acontece com Miguel: que ele está com medo, pois sabe que lhe resta pouco tempo. Ficam uns segundos em silêncio. Andrew continua e diz que sabe o que vai fazer, vai começar a se preparar para o inevitável e organizar seu funeral. Miguel que está em pé frente a pia diz que era bom ele pensa a respeito. Andrew fica pensativo com a resposta de Miguel, mas começa a falar não, não e não e que sabe exatamente o que vai fazer.

Em seguida há um corte para frente do prédio de Andrew. É noite. Depois para dentro do apartamento dele (a câmera filma em plano aberto, nos apresentando todo ambiente,

voltando para o plano médio, apenas quando há algum diálogo) está acontecendo uma festa a fantasia em que Miguel e Andrew estão vestidos de marinheiros. Joe Miller chega à festa com sua esposa ela de sanduíche e ele de processo. Miller vê Andrew e diz que ele parece muito bem àquela noite e ele diz que se sente ótimo, pois fez uma transfusão de sangue. Miller diz que esta noite eles precisaram ensaiar o interrogatório. Andrew se desculpa e diz que no momento não será possível, e indaga se ele não percebeu que ele está em uma festa?

As cenas do local da festa se seguem a câmera esta em plano aberto. A festa esta repleta de homossexuais, fantasiados que cantam músicas de amor Gay. Uma musica muito emblemática que toca na festa e faz todo sentido para o momento no filme é quando a frase diz que no céu nada dá errado. Andrew e Miguel dançando juntos olham para Miller e sua esposa que também dançam. Acaba-se a festa Miller coloca sua esposa em um táxi. Miguel vai com ela, para que Andrew e Miller possam ensaiar o interrogatório.

Beckett colocava uma opera de Maria Callas para tocar, e serve um chá para Miller. Ambos sentados apoiados em uma mesa. Andrew lhe parabeniza, e Miller o questiona por que. Andrew sorri diz que presumia que era a sua primeira festa gay e que ele havia sobrevivido intacto, então Joe ri e começa a falar sobre o imaginário social, diz que não se ouve falar de homossexualidade ou de estilo de vida alternativo, mas que a maioria das pessoas do país, e que ele deste criança ouve que as bichas são esquisitas e o que elas querem quando você é garoto é baixar suas calças, é isso que a maioria das pessoas diz por ai. Andrew agradece o esclarecimento, então Joe sem mais de longas fala para iniciar o ensaio do interrogatório. Miller inicia o interrogatório e pergunta como você entrou na empresa Wyant Wheeler? Andrew o interrompe e pergunta a Joe se ele reza. O último fala que esta não é a resposta, mas que sim que reza. Andrew continua perguntando e diz pelo que ele reza. Miller estranha a pergunta e fala “como assim” e diz que reza para que a filha tenha saúde, por sua esposa na hora do parto e pelo Faleis no Campeonato, mas esta não era a questão e sim como ele entrou na empresa Wyant Wheeler, Hellerman Tetlow & Brown.

Andrew o interrompe mais uma vez e diz que há possibilidade de não ver o final do processo Miller responde que já pensou nesta possibilidade. Andrew continua e diz que em seu testamento colocou algumas instituições de caridade, mas Miguel ira precisar de um advogado e sabe que não é a área de Joe. O último fala que indicara um dos bons para Miguel, e volta a fazer a mesma questão do interrogatório para Andrew.

Andrew agora fecha os olhos com uma expressão de satisfação, pois começa a ouvir a ária que mais gosta de Maria Callas e pergunta a Joe se ele se incomoda e se gosta de

opera. Miller responde que não entende de opera. Andrew diz que aquela ária é a sua favorita: é Maria Callas. E se levanta. A câmera agora foca em Andrew de cima para baixo na vertical é como se a musica o possuísse e podemos perceber isso na cena, a câmera volta-se para Miller olhando entediado o relógio, e Andrew explicando os personagens da opera e a Historia que acontece na Revolução Francesa em que Madeleine é salva por sua mãe que morre em chamas ao resgatá-la. Andrew pergunta a Miller se ele consegue sentir a dor em sua voz. As lentes da câmera estão em Andrew na forma vertical e a luz oscila de quente para frio. Mas, com a intensidade da musica a luz fica vermelha Andrew esta com os olhos cerrados é como se a musica estivesse dentro dele, pois ele a traduz para Joe, não apenas no sentido de idioma, mas no sentido emocional. Ele explica as fases da musica que fica cada vez mais intensa. Quando entram o som das cordas, tudo muda se enche de esperança. Andrew diz que a frase da musica tocante é: “trago sofrimento a quem me ama”. A câmera se volta para Joe e para sua expressão que começa a ser tocado pela interpretação de Andrew, e o ultimo cita mais uma frase emblemática “que foi durante o sofrimento que descobri o amor”. Há uma baixa na luz na outra frase “segue vivendo”. Percebemos a voz de Andrew embargada luz volta a ficar vermelha, a cada frase Andrew fica mais emocionado e sua emoção consegue tocar Miller de forma profunda.

Quando a música acaba é como se Andrew tivesse voltado de um estado de êxtase e Miller acorda também de seu transe e fala que precisa ir. Andrew diz que vai olhar o interrogatório, Miller fala para ele que está preparado, e sai. No corretor pensativo, pensa em voltar, mas vai embora. Quando chega a sua casa vai até o quarto de sua filha que esta dormindo a abraça e depois vai para o seu quarto deita-se ao lado de sua esposa que o recebe ainda com os olhos fechados com carinho e a expressão de Miller é pensativa.

Nestas cenas percebemos o organismo desgastado e o cansaço de Andrew em relação ao tratamento com medicamentos; sua paixão pela vida e a necessidade de negação da morte, mesmo sabendo que o fim era inevitável. Em vez de começar a planejar seu funeral, ele organiza uma festa e ao final, em conversa com seu advogado fala da possibilidade de não ver o processo e dos cuidados que Miguel vai precisar. Porém de toda esta sequência de cenas que aqui estamos a analisar a mais tocante do filme é a atuação de Hanks da Ária de Maria Callas. Desde o inicio do filme percebemos esta musica tocar, quando ele esta fazendo o tratamento; nas primeiras cenas, no trabalho, antes de ser promovido e digitando observações sobre o processo em que almejava trabalhar é uma musica que aparece em outros momentos que Andrew ou esta fazendo o que precisa para manter sua vida, ou com prazer no seu

trabalho. Desta vez ele apresenta para seu advogado que desta vez percebe seu cliente como um ser humano que ama sua vida. Segundo Rober Ebert um grande crítico de cinema nos EUA:

[...]. uma cena brilhante e original, Hanks interpreta uma ária de sua ópera favorita, que ele identifica com em seu estado moribundo. Washington não é um fã de ópera, mas como a música toca e Hanks fala sobre ela, explicando-o apaixonadamente, Washington sofre uma conversão da alma. O que ele vê, finalmente, é um homem que ama a vida e não quer deixá-la. E, em seguida, a ação corta para a casa de Washington, tarde da noite, como ele olha sem dormir na escuridão, e nós entendemos o que ele está sentindo.
(EBERT, Roger. Philadelphia. RogerEbert.Com 14 Jan. 1994. Tradução nossa).

Assim como já identificamos, inicialmente Ebert entende que são apresentadas ao público a vida e a morte. O diretor tenta mostrar Andrew como ser humano que vai morrer jovem, mas não deixa de amar a sua vida e Joe Miller que consegue entender que independente de suas diferenças Andrew é um ser humano que deseja viver.

Chegamos ao depoimento de Andrew Beckett. A cena filmada em plano médio, a primeira pergunta parte de Joe Miller que lhe pergunta como e em quais circunstâncias ele entrou na empresa. Beckett diz que foram eles que o procuraram. Eles eram um dos melhores escritórios de advocacia de Filadélfia com muitas oportunidades, não tinha como ele negar esta oferta de trabalho, pois admirava os sócios. Miller pergunta se inclusive Wheeler. Andrew responde: em especial Wheeler porque ele é um advogado que possui a enciclopédia das leis dentro dele, consegue despertar o que havia de melhor nas pessoas; possuía uma habilidade para esclarecer conceitos complexos da lei que com facilidade aos colegas e a homens comuns, jogava até três partidas de tênis sem se cansar e outras qualidades mais. Miller o indaga se alguma vez revelou sua sexualidade. Ele diz que até pensou na possibilidade de falar para Charles, mas um dia no clube de tênis, ele não se recorda quem começou a fazer piadas sobre homossexuais, então ele desistiu, Miller o pergunta como ele se sentiu Andrew diz que aliviado, por não ter contado.

Miller pergunta se Andrew se considera um bom advogado. Ele responde que é excelente e Miller pergunta por que. Então ele responde por que ama a lei. E Joe retruca o que você ama na lei. Ele diz muitas coisas. Mas ele questiona Miller se ele deseja saber o que mais ama na lei. Ele ama quando, mesmo que não seja sempre, que a justiça seja feita. Em toda parte desta cena há a troca o jogo de câmera para o sócio, para Andrew e para Miller, tanto a expressão do último como dos sócios quando Andrew fala sobre o que ele mais ama é de admiração e respeito.

A Srta. Conine com a palavra inicia seu interrogatório. Beckett já está cansado e como as perguntas de Conine serão mais sobre sua vida pessoal, tentando encontrar culpa nele. Ele começa a passar mal. Vemos a câmera em ângulos diferentes quando se remete ao que Beckett está olhando para a Srta. Conine ou qualquer outra pessoa, o efeito é de tontura, desequilíbrio.

A primeira pergunta de Conine se remete ao que próprio Andrew havia elogiado em Wleeler o espírito aventureiro. Ela pergunta se ele corre risco ele diz que sim, na sua profissão são riscos calculados. Já a próxima questão de Conine é sobre a enfermidade se não era verdade que a médica de Andrew não havia falado do risco da estafa, do cansaço que poderia piorar sua condição de saúde. Andrew diz que a médica esclareceu que a estafa seria uma das consequências da enfermidade. Conine parte para o ataque e pergunta se Andrew já esteve no “Cine Teatro 21 Stallion” na Rua 12.

A câmera se volta para Miguel, depois para Miller fazendo uma negação com a cabeça, para a mãe de Andrew que abaixa a cabeça e finalmente para Andrew que tem um pensamento e há então um Flash Back⁹⁹, mostrando a entrada do cine e ele responde que esteve três vezes no local. Conine lhe pergunta que tipos de filmes são apresentados Beckett responde que filmes gays. Então Conine corrige que são filmes pornográficos Gays. Beckett confirma. Miller protesta. Conine diz que é necessário está questão para dar credibilidade ao processo e o juiz pede para ela continuar, porque quer ver até onde ela deseja chegar. Conine da prosseguimento as suas perguntas e fala que homens fazem sexo naquele local, e Andrew responde, alguns. Ela continua e pergunta se ele fez sexo ali. Então há outro Flash Back em que um rapaz se apresenta a Andrew. Ele responde que sim, uma única vez. A câmera se volta para Miguel que não está surpreso, pois já sabia do fato e Conine o indaga quando. Ele diz que foi entre 1984 ou 1985. A câmera mostra Miller que está com uma expressão de chateado e preocupado e olha para o júri. Todos com expressões sérias olhando para Andrew. A Advogada o pergunta se ele não sabia que a doença era sexualmente transmissível, então Andrew diz que tinha ouvido falar sobre peste gay, câncer gay, mas não sabia como era transmitida.

Conine lhe oferece uma pausa e Andrew diz apenas que gostaria de um copo de água, então o juiz solicita que alguém lhe traga água. Conine continua as indagações e fala se Andrew fez todo possível para esconder que era um homossexual ativo, ele responde que não,

⁹⁹ “Elemento do passado (flashback) ou do futuro (flashwards) da trama é revelado, sob a forma de lembrança, especulação ou simplesmente como uma interferência na narrativa “presente”. É um recurso poderoso quando usado sabiamente, e que a plateia conhece bem”. (BAHIANA, 2012, p. 60).

nunca mentiu a respeito. Ela continua dizendo que os homossexuais precisam esconder sua sexualidade. Andrew diz que em certas circunstâncias sim. Conine continua a falar que diante disso eles vivem a arte do disfarce e da desonestidade. Miller protesta e Conine retira a pergunta. A advogada indaga Beckett estava vivendo com Miguel Alvarez quando teve seu encontro anônimo no cinema pornô. Andrew confirma. Então Conine o pergunta se Alvarez não poderia ter sido contaminado; Beckett um pouco receoso diz que Miguel não foi contaminado. Então Conine fala que ele não respondeu sua pergunta e Beckett diz que sim ele poderia sim ter sido contaminado.

A advogada continua suas duras questões, pergunta sobre as manchas que Beckett diz que possuía no rosto e que um dos sócios havia reconhecido e o questiona se no momento ele possuía alguma lesão no rosto. Ele responde que sim próximo à orelha esquerda. A advogada solicita ao juiz permissão para se aproximar da testemunha e o juiz lhe concede, com um espelho ela lembra que esta sobre juramento e aproxima o espelho de Beckett e pede para ele olhar e na distância de um metro consegue ver a lesão em seu rosto. Beckett retruca dizendo que na ocasião havia quatro bem maiores em seu rosto, mas a advogada diz para ele responder e ele posiciona o espelho e vê o seu rosto próximo à orelha e nega conseguir ver alguma mancha. A advogada agradece e senta-se e comenta com o advogado ao lado que detesta aquele caso.

O juiz diz poderia encerrar a questão por aquele dia, mas Miller pede mais cinco minutos com a testemunha. O juiz pergunta a Beckett se ele aguenta, pois aparentava estar muito cansado. Este diz que sim. Então Miller fala que será menos de cinco minutos e solicita o espelho que os oponentes utilizaram, então eles lhe emprestam e pergunta a Beckett se ele tem lesões em outras partes do corpo. Andrew diz que sim, no tórax, então Miller pede licença para o juiz para que Beckett retire a camisa para mostrar ao júri sobre o que se trata. Conine protesta e diz que o isso ira influenciar o júri. Miller fala que se Beckett estivesse de cadeira de rodas eles o iriam deixar do lá de fora da audiência, para não influenciar o júri? Então o juiz autoriza e solicita que Andrew abra a camisa. Beckett abre sua camisa e mostra seu tórax mais de dez lesões por Sarcoma de Kaposi e Miller coloca a sua frente o espelho e pergunta a Andrew se ele consegue ver e ele diz que sim e sorri.

O depoimento de Andrew Beckett oscila de emocionante, para dramático, quando Miller o esta interrogando Beckett, tenta mostrar o melhor de seu cliente, o quanto ele era um ótimo profissional, independente de sua orientação sexual, ou até mesmo da enfermidade que o afligia. Enquanto Conine tenta acabar com sua reputação. Neste trecho é claro como a AIDS

é vista como uma consequência de atos inconsequentes dos homossexuais, que se relacionavam com pessoas que mal conheciam. A AIDS era o preço a ser pago pelos atos de liberdade sexual ao extremo. A justificativa que a advogada Conine tenta colocar para o júri, é que tudo o que esta ocorrendo na vida de Beckett foi causado por ele próprio. Sontag nos explica que:

A transmissão sexual da doença, encarada pela maioria das pessoas como uma calamidade da qual a própria vítima é culpada, é mais censurada do que as outras – particularmente porque a AIDS é vista como uma doença causada não apenas pelos excessos sexuais, mas também pela perversão sexual (...). (SONTAG, 2007, p. 98.)

Compreendemos com Sontag que a doença sexualmente transmissível a vítima é quase sempre considerada culpada socialmente. Na ficção a doença é mais uma vez vista compactada com a homossexualidade, com a ressalva da vida sexual desregrada que muitos homossexuais possuíam. E que Beckett, por ir ao “Cine 21” três vezes e se entregar ao seu desejo sexual uma vez, estava sendo apontado como merecedor por tamanha tragédia em sua vida. Para seus sócios ele merecia ser demitido e sua carreira de sucesso destruída, por um simples ato na sua vida pessoal, considerado errado por seus empregadores.

A próxima sequência o depor é exatamente Wheeler o dono e sócio majoritário da empresa que Andrew trabalhava. O close agora é em sua mão em cima da bíblia aberta fazendo o juramento. A advogada Conine, com a palavra, pergunta se ele sabia que Andrew tinha AIDS, na época que saiu da Wyant Wheeler, ele responde que não. Conine pede absoluta transparência se demitiu Andrew porque ele tinha AIDS, mas uma vez ele responde que não. Então Conine pede para ele explicar porque ele deu uma promoção e depois o demitiu. Então Sr. Wheeler fala que Andrew estudou na Penn e era um jovem promissor, por isso o convidou para trabalhar. Conine pede para que ele falar sobre estas oportunidades. Wheeler explica que quando se dá um apoio como fora dado a Andrew, este se torna um tipo de investimento e que se esperam resultados favoráveis, mas depois de um tempo, não podia negar que a realidade não era igual a promessa. Conine agradece e agora é a vez de Miller interroga-lo, mas antes, ele aplaude e Conine protesta. Então Miller começa a elogiá-lo dizendo que Andrew tinha razão quando dizia que ele era o melhor e por isso era o seu herói.

Miller pergunta se ele é gay e Conine protesta. Wheeler começa a dar risada e pergunta como ele se atreve e o juiz pede para ele responder a pergunta. Com um close em seu rosto, olhando com uma expressão seria para Miller ele responde que não é homossexual. O advogado prossegue e pergunta se quando ele descobriu que seu garoto de ouro era gay e

tinha AIDS isso não foi como uma estaca em seu coração heterossexual. Enquanto Miller fala a câmera se volta para Andrew, que não esta se sentindo bem e seu corpo declina para frente. Miller continua sua explanação dizendo que Wleeler ao se lembrar dos momentos íntimos que esteve com Andrew na sauna, abraços e apertos de mãos, das tapas no trazeiro que os homens dão entre si, mas uma vez a câmera volta o júri que ri da explanação de Miller. A imagem começa a aparecer turva, pois esta é a visão que Andrew esta obtendo do local, pois esta passando mal. É dado um close em seu rosto e agora mal consegue abrir os olhos de mal estar. A fala de Miller não terminar e sua pergunta para Wleeler é se ele pensou onde iria ficar o seu respeito?

Conine pede protesto. Wleeler com a expressão de um grande incômodo olha para o juiz na esperança de o protesto fosse aceito, porem o juiz pede à testemunha que faça o favor de responder. Wleeler com a expressão indignada, mas não com a voz alterada responde que o Sr. Miller poderia borboletear o quanto quiser com suas insinuações e fantasias. Ele volta agora o olhar para Andrew e responde a Miller que o cliente dele só trabalhava quando queria, só contava o que lhe convinha contar, que Andrew insistia em burlar as regras e com o tempo seu desempenho foi afetado. Nesta cena com olhar focado em Andrew a câmera se aproxima cada vez mais do rosto de Wleeler, nos dando a sensação de acusação de Andrew.

Andrew tenta pegar sua bengala. Enquanto, Miller pergunta a Wleeler, onde estão escritas as regras as quais ele se reporta. Então Wleeler pede para Miller ler a bíblia o velho e o novo testamento, pois as regras muito valiosas lá. Andrew pega a bengala e pede licença. Miller o chama pelo nome e Andrew pede licença e diz que não consegue e tenta se levantar quando cai no chão tendo um choque anafilático. Sua mãe se levanta sua irmã corre para ajudá-lo e Miguel pula onde ele estava sentado pedindo licença para tentar ajudá-lo todos é solicitado com urgência um medico, uma ambulância e o julgamento é interrompido.

Há um corte, a cena se volta para o hospital com vários médicos e enfermeiros em volta de Andrew tentando com um tubo abrir sua garganta que esta fechada e ele não consegue respirar. Ao mesmo tempo em que Miguel grita que não esta adiantando e que ele esta ficando pior a doutora Gillman o retira da sala. A cena volta para o julgamento e agora depõem a ultima testemunha outro sócio chamado Bob Seidman. Miller pergunta se ele notou alguma mudança na aparência de Andrew durante o ano que ele foi demitido. Bob confirma que sim, e diz que às vezes para melhor, mas a maioria das vezes para pior. Miller pergunta a ele o que ele acha que provocava tais mudanças. Bob responde que temia e suspeitava que Andrew tivesse AIDS.

É dada a palavra para Conine que questiona Seidman se em algum momento fez presente suas suspeitas ao Sr. Wheeler ou a qualquer outro sócio, antes de demitir Sr. Beckett. Seidman responde que não. Não conversou sobre o assunto com Andrew, pois não lhe deu oportunidade e isso ele iria lamentar enquanto viver.

A cena é cortada para uma sala com uma grande mesa onde o todo o júri esta reunido, e um deles começa a comentar que dizem que ele (Andrew) era um advogado medíocre, mas deram a ele o caso mais importante que já tiveram envolvendo um dos maiores clientes do escritório, e ainda dizem que isso não prova nada, que isso era um teste e faz uma colocação engraçada falando que é igual colocando uma cenoura, para o Pernalonga (coelho) desenho animado da (Warner), ou para um burro, porém se mandar um piloto para uma guerra com um avião que custa 350 milhões de dólares, qual vamos escolher o menos experiente ou mais experiente. Todo o júri chega há um acordo, com exceção de uma pessoa, concorda com a indenização de Beckett.

Algumas das ultimas cenas aconteceu no hospital em que Andrew estava internado. Já é noite e mostra-se se primeiro o grande prédio do hospital e logo em seguida Miller entrando e a doutora Gillman no corredor com a mãe de Beckett, Miguel e uma de suas irmãs explicando o quadro de Andrew. Esclarece que por causa da crise que teve, ele não voltara mais a vitalidade de antes, estava cego do olho direito e a infecção por herpes tomou grande parte de seus órgãos. Miller entra no quarto, parte dos amigos e irmãos de Beckett estão lá. Todos os cumprimenta e o agradece e de certa forma comemora. O irmão mais velho de Beckett se aproxima do leito para ver se Andrew está acordado e pede para Joe se aproximar. Beckett o olha e com a mão sinaliza para ele chegar próximo. É uma conversar rápida, Andrew tira a mascara de oxigênio e pergunta a Miller o que são mil advogados acorrentados no fundo mar. Miller diz que não sabe Andrew responde que é um bom começo Joe sorri e Andrew fala que foi um excelente trabalho e o agradece, Miller fala que foi bom trabalhar com ele, depois Andrew tentar colocar a mascara novamente no rosto, Miller o ajuda, e o olhar de compaixão.

Miller fala que é bom ir, Andrew agradece a visita e Joe diz que depois eles se veem. A mãe de Andrew entra no quarto e o cumprimenta, e no corredor ele encontra Miguel e diz que Andrew é um lutador. Miguel diz para Joe que o eles querem agora é levá-lo para casa o agradece e se despede com um abraço. Joe entra no elevador e conta a piada que Beckett havia lhe contado (dos advogados amarrados no fundo do mar) para um homem acidentado e um enfermeiro. O homem consegue decifrar a charada e Miller e o enfermeiro

riem bastante. Após esta cena volta-se o cenário do quarto o que é bom salientar é que mesmo em um hospital a ambientação está diferente e há muita claridade, muita luz, mesmo diante da dor e sentimento de conformação, porque todos entendem que a morte de Andrew esta próxima, o sentimento é de dever cumprido. A família se despede de Andrew, e apenas Miguel fica com ele se aproxima com os olhos cheios de lagrimas e Andrew diz para ele que está pronto. Na ultima cena vê-se todos reunidos na casa de Beckett realizado uma espécie de memorial e lá não se vê ninguém triste ou arrasado, mas todos confraternizam enquanto é passado um vídeo de Andrew quando criança, cenas cedidas pelo ator Tom Hanks sobre a sua infância.

Nas cenas finais do filme vemos os últimos depoimentos e a decisão do Júri, assim como o processo esta chegando ao fim, a vida de Beckett também esta próxima do final. Quando Beckett fala para Miguel que já esta pronto, não é apenas para morrer, mas para planejar seu funeral. Pronto Beckett estava porque a justiça pela qual ele trabalhou com muito prazer para ser feita nos casos que representou pela empresa, também percebia ser feita em sua própria vida.

Filadélfia, segundo seu Diretor, não tinha a intenção de influenciar opinião publica ou ser militante a favor dos homossexuais ou as pessoas que desenvolveram a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, contudo, mesmo sem esta intenção declarada, trouxe ao publico uma critica a sociedade norte americana.

Para nossa analise entendemos claramente a representação da enfermidade na obra fílmica, esta funcionando como Ferro (1992) nos esclarece um agente social e histórico, pois demonstra dentro daquele contexto na ficção a desestruturação social por causa da AIDS, provocando sentimentos, pensamentos, criticas, elogios e ação em volta das obras que abordaram esta temática.

4.4 RECEPÇÃO DO FILME FILDÉLFIA 1993 e 1994.

Depois de abordar certos aspectos da produção do filme, e analisar a obra, vamos agora compreender como ela foi recebida, principalmente pelos críticos e jornalistas que noticiaram **Filadélfia**. Através das criticas e noticias observaremos quais foram as principais impressões destes profissionais, e através deles tentaremos perceber como a sociedade estadunidense reagiu com a apresentação desta temática no cinema.

Hollywood demorou uma década para falar sobre a AIDS, segundo o Diretor de **Filadélfia** a maior indústria cinematográfica da América, não tinha segurança para abordar a temática. Compreendemos que a AIDS era uma doença nova e havia pouca certeza sobre as informações da enfermidade ainda na década de 1980, motivo que pode ter intimidado Hollywood a não produzir um filme sobre o assunto.

Porém, vimos no segundo capítulo a emissora de TV NBC, também possuía a mesma preocupação, contudo, não demorou muito a abordar a temática, e além dos noticiários elaborou junto ao Diretor John Erman o primeiro filme sobre a AIDS. Houve crítica em relação à postura de Hollywood por não tomar nenhuma atitude, referente à enfermidade, muitos artistas conceituados prestaram-se a participar de produções menores realizadas pela TV, ou produções independentes que abordassem a temática da AIDS.

Porém, o primeiro filme, **Filadélfia** trouxe para as telas do cinema nomes que segundo Roger Ebert crítico de cinema considera importantes, tornando **Filadélfia** em um bom filme, pois quem não estivesse interessado em vê-lo por causa da doença, pôde encontrar outro motivo para assisti-lo:

E ainda “Philadelphia” é um bom filme, em seus próprios termos. E para os espectadores com uma antipatia a AIDS, mas com entusiasmo por estrelas como Tom Hanks e Denzel Washington. O filme pode ajudar a ampliar a compreensão da doença. É um quebra-gelo como “Adivinhe Quem Vem para Jantar” (1967), o primeiro grande filme sobre um romance interracial; ele usa a química de estrelas populares em um gênero confiável para contornar o que parece ser polêmica. (EBERT, Roger. Philadelphia. RogerEbert.Com 14 Jan. 1994. Tradução nossa).

O atrativo seria os famosos atores que estavam protagonizando os papéis principais do filme. Assistir o desempenho de Tom Hanks e Denzel Washington juntos seria um presente para o público. Enfatizamos a importância de atores de sucesso como os citados para um filme com uma temática arriscada como a AIDS. Esta enfermidade ainda em 1993 era carregada de estigma e os enfermos acometidos por ela sofriam em demasia. Um ator como Hanks representando os mais atingidos na década de 1980 e ainda na década de 1990, poderia de alguma forma alcançar a simpatia do público.

Já Denzel Washington representou um cidadão comum que possuía preconceitos contra os homossexuais e não sabia quase nada sobre a doença, porém até o fim do filme seu personagem passou por uma transformação. Demme ao longo das entrevistas que participou referente à **Filadélfia**, que a obra era sobre laços de ternura, contudo, o que as críticas e a própria análise do filme nos mostra que houve uma crítica social.

O crítico também se refere a um filme de 1960 sobre um romance interracial, década que foi extremamente importante para a nação norte americana, pois aconteceram diversas lutas por direitos humanos, no comentário de Ebert à obra fílmica retrata esta fase de lutas da história estadunidense, utilizando atores famosos para quebrar o gelo em abordar assuntos polêmicos para o período. Os filmes foram e são, utilizados para influenciar a opinião pública, de forma sutil ele consegue tocar em temáticas considerados difíceis.

Para alguns críticos um filme que tocasse no assunto da AIDS foi muito esperado, muitos em sua escrita demonstraram até ironia ao falar da obra:

Eu gostaria de receber Hollywood de volta de sua viagem extraterrestre - e também discutir “Filadélfia” sua corajosa tentativa de recuperar o atraso com a história humana. Dirigido por Jonathan Demme, e estrelado por Tom Hanks e Denzel Washington, este drama de tribunal é tão bombeado, cheio de óxido nitroso, você poderia ter os dentes perfurados por ele.

Em termos de feio, debilitante, a verdade sobre AIDS, ou em termos de vidas homossexuais - ambos os quais este filme pretendem retratar – “Philadelphia” está perdido e flutuando em algum lugar no lado mais distante de Plutão. Uma tentativa séria - eu acredito - por parte de Demme e do roteirista Ron Nyswaner para fundir entretenimento com comentário social; o filme da TriStar Pictures é um show e não um conto. [...]. “Filadélfia” não é um filme, é um profilático. É o tipo de cinema do sexo seguro que protege seus telespectadores de todo o desconforto (...) para ficar um pouco mais perto da doença. (HOWE, Desson. ‘Philadelphia’ (R): This movie won Oscars for Best Actor (Tom Hanks); and Original Song (“The Streets of Philadelphia”). The Washington Post. 14 Jan. 1994. Tradução nossa.).

Na crítica de Desson Howe¹⁰⁰ percebemos a espera por um filme que falasse sobre a doença, e este crítico não foi o único a criticar Hollywood por isso; para ele houve um atraso com a história humana. O que consideramos importante é a cobrança feita sobre Hollywood para falar sobre a AIDS, pois se um filme é considerado também uma obra de arte, um entretenimento, por que os profissionais de cinema tinham que ter alguma “obrigação” em produzir algo sobre a doença? Segundo Valim (2005) citando Ferro e em seguida Meneguello.

Marc Ferro, certa vez assinalou que avaliar a ação exercida pelo cinema é difícil; entretanto, certos efeitos, ao menos, são distinguíveis (Ferro, 1992, p. 15). Certamente, os filmes contribuem para a significação de alguns fenômenos históricos e para a difusão do conhecimento sobre determinados temas, pois possuem uma virtude pedagógica, um caráter formativo que influi diretamente nos modos de pensar e agir, até mesmo modelando políticas sociais (Meneguello, 1996) [...]. (VALIM, 2005, p. 27).

¹⁰⁰ Howe tem sido um crítico de cinema em The Post por 13 anos. Ele foi criado na Inglaterra, onde ele frequentou a escola privada em Surrey. Embora ele estava em transe, como a maioria das crianças, por filmes de Walt Disney, ele diz que foi uma visita ao teatro local, em meados da década de 1960, para ver de David Lean "Lawrence da Arábia", que o fez perceber filmes tinha que ser uma parte de sua vida. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-srv/liveonline/style/howe.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

Valim (2005) nos faz compreender e nos ajuda a responder nossa indagação, pois tanto Ferro como Mineguello explicam como um filme pode ser complexo e influenciar a opinião pública, a nosso ver ao ponto de cobrar destes profissionais posturas, referente a alguns assuntos de debate da sociedade.

Contudo, mostramos na crítica de Ebert que outros assuntos da vida cotidiana são abordados nas obras fílmicas, entretanto, temáticas de caráter polemico, denúncias, ou ainda “questões pedagógicas” são vistos em filmes com mensagens direitas, ou indiretas; porém Demme não enfatiza que sua obra o principal objetivo foi o combate a algum preconceito em relação à doença, o doente, ou a homossexualidade, porém o filme revela que pode ser entendido para esta finalidade.

O crítico ainda avalia o filme como um profilático para tentar reduzir ou diminuir a ignorância referente à doença, porém Howe confessa que em relação à vida homossexual e até mesmo a enfermidade Demme deixou a desejar e faz uma lista do que achou ridículo entre as diversas observações estão:

- Hanks e o parceiro Antônio Banderas, ocasionalmente, se tocam, mas nunca realmente se beijam. Há um pouco de oi com mel, quando eles se cumprimentam no hospital, mas está obscurecida pela colocação da câmera.
- No auge da sua doença, Hanks está rodeado pelo mais insuportavelmente apoio da família politicamente correta. [...].
- Boa parte do filme é retomada com ensino de recuperação de Washington sobre os Gays / AIDS. [...]. Ele recua em tocar Hanks. Sua esposa tem um bebê: Ele aprende que o nascimento tem tudo a ver com o que ele descobre sobre a morte. Mas depois de tomar o caso (esquece o porquê), Washington começa a ver a forma como os gays são tratados neste mundo. Ele usa sua consciência para cutucar o júri, a oposição e América. [...]. (HOWE, Desson. ‘Philadelphia’ (R): This movie won Oscars for Best Actor (Tom Hanks); and Original Song (“The Streets of Philadelphia”). The Washington Post. 14 Jan. 1994. Tradução nossa).

Na citação acima vemos as críticas de Howe. Para ele a representação do personagem de Tom Hanks e de Banderas ainda foi débil referente à vida homossexual, porém a liberdade da arte, ou a falta desta liberdade, pode ter provocado esta representação mais amena da vida homossexual.

Em análise da produção do filme Nyswaner roteirista colocou suas impressões pessoais por ser homossexual, porém um filme como **Filadélfia**, não é apenas artístico, mas comercial e precisa atender interesses dos mais variados públicos e de seus patrocinadores, o aprofundamento do estilo de vida homossexual poderia não estar nos planos dos investidores e do público geral que o Diretor desejava atingir.

A transformação do personagem de Washington, também foi criticada, contudo o Diretor em suas entrevistas também fala que muito do personagem Joe Miller era sobre o que ele pensava e a mudança do personagem em nossa análise é uma sugestão de Demme para a sociedade. Segundo Rita Klempay redatora também do jornal Washington Post:

Embora tenha sido criticado por seu impulso [...], não há cenas românticas entre Miguel e Andrew - é autocensura e o poder de estrela que irá salvá-lo do gueto da casa da arte. É, pelo menos, um passo gigante para Hollywood, que tende a retratar os homossexuais como travestis psicopatas ou os fruitcakes vertiginosos que vivem ao lado. (KEMPLEY, Rita. 'Philadelphia': This movie won Oscars for Best Actor (Tom Hanks); and Original Song("The Streets of Philadelphia"). The Washington Post. 14 Jan. 1994. Tradução nossa).

Em sua análise Kempley considera um grande passo dado pela indústria cinematográfica em representar um casal homossexual em **Filadélfia**, para ela foi um avanço importante, para Hollywood que antes tratavam desta temática sem desenvoltura, fazendo dos homossexuais quase sempre: vilões, ou ainda pessoas de má índole. O Diretor John Erman se deparou com situação semelhante, enquanto produzia: **AIDS, Aconteceu comigo** em 1985, e relatou que a NBC queria de alguma forma esclarecer que não apoiava a relação dos homossexuais, mesmo que nas entrevistas a emissora demonstrasse “neutralidade”.

Porém Demme o diretor de **Filadélfia** foi “acusado” de representar os homossexuais de forma injusta em sua obra fílmica anterior: *Silêncio dos Inocentes*¹⁰¹, para alguns o serial Killer apresentado no filme era um homossexual. E **Filadélfia** seria uma maneira do Diretor se redimir com os homossexuais? Não é o que Demme afirmar. Vejamos:

Demme é mais do que ciente de quão volátil a comunidade gay pode ser em lidar com temas como AIDS. É ele que menciona os protestos contra: “O Silêncio dos Inocentes”. Manifestantes opuseram-se à descrição do assassino como, em suas opiniões, homossexual. “Eu tenho todo esse abuso impreciso em “O Silêncio dos Inocentes”, diz ele, obviamente, ainda ardia”. “Ele não era um personagem gay. Ele era um homem atormentado que se odiava e desejava ser uma mulher, porque isso teria feito ir o mais longe que ele mesmo, como ele, possivelmente, poderia ir”. “Mas os protestos tiveram claramente um efeito”.

¹⁰¹ O Silêncio dos Inocentes é um filme de suspense, baseado no livro homônimo de Thomas Harris. A história é sobre um serial killer, chamado Buffalo Bill, que sequestra suas vítimas, mantém-nas em cativeiro por cerca de três dias e, posteriormente, mata-as, esfolia seus corpos e os joga em diferentes rios no território dos Estados Unidos. O porquê de ele fazer isso e a real natureza desse serial killer tentará ser descoberta pela agente do FBI Clarice Starling, juntamente com um psiquiatra antropófago que está preso, o Dr. Hannibal Lecter. Informações podem ser encontradas no artigo: O Silêncio dos Inocentes: aplicação de um método de análise. De Gustavo Aguiar. Disponível em: <<http://www.rua.ufscar.br/o-silencio-dos-inocentes-aplicacao-de-um-metodo-de-analise-2/>>. Acesso em: 18 ago.2016.

“Eu me acordei”, diz ele. “Eu vim a perceber que, de fato, há uma tremenda falta de personagens gays em filmes positivos.” (SCHMALZ, Jeffrey. From Visions of Paradise to Hell on Earth. New York Times. 28 Feb. 1993. Tradução nossa).

Demme não assume que o personagem era homossexual, porém que as manifestações principalmente dos homossexuais contra o personagem, por interpretá-lo como um homossexual, gerou nele uma consciência que Hollywood, ainda não tinha realizado uma produção fílmica com representação homossexual com “bons sentimentos”. Então **Filadélfia** foi a sua oportunidade. Mesmo com sua autocensura de construir um personagem como: Andrew Beckett interpretado por Tom Hanks, diferente dos demais representados por anos na indústria cinematográfica.

Filadélfia é um filme que aborda temáticas que para o período, mesmo com toda a luta engajada dos homossexuais desde a década de 1970 e a luta principalmente das ONG's contra a AIDS, ainda causavam estranhamento na sociedade norte americana. Podemos perceber isto na fala do crítico Maslin:

Para um cineasta que gosta de arriscar, “Philadelphia” soa como a maior aposta de todos os tempos. Como o primeiro filme de alto perfil de cinema. Hollywood para levar a praga da AIDS a sério. O mais recente trabalho de Jonathan Demme tem preconceitos teimosos para superar, bem como um enorme potencial para fazer ondas. O que ele não tem, apesar da atuação fina e imensa decência que lhe dão substância, são evidências de ousadia habitual do Sr. Demme. Talvez isso não é surpreendente: não é fácil deixar impressões digitais quando você está vestindo luvas de pelica. (MASLIN, Janet. Review/Film: Philadelphia; Tom Hanks as an AIDS Victim Who Fights the Establishment. New York Times. 22 Dec. 1993. Tradução nossa).

O crítico Maslin considerava arriscado fazer um filme sobre a AIDS, mesmo feito por um Diretor que acabava de ganhar cinco premiações do óscar com o ousado filme: Silêncio dos Inocentes 1991. Abordar uma temática como a AIDS foi necessário muita coragem, pois nenhum Diretor havia tido esta interpredeiz antes. E argumenta sobre a questão do investimento em um filme sobre a temática e considera ousada, pois ainda após uma década, alguns críticos e profissionais do cinema e outros cobravam um filme sobre a enfermidade, já pessoas como Maslin ainda acreditavam que o filme poderia de alguma forma afetar de maneira negativa a carreira do Diretor que produziu, ou ainda dos atores que participaram deste projeto.

Estas colocações do crítico mostram como a homossexualidade e principalmente a doença não era bem vista, e poderiam causar um grande desconforto, mesmo que fosse a forma de representação em uma tela de cinema. Mesmo com a pouca expressividade de

Demme, pois segundo Maslin não há impressões digitais do Diretor. Esta “sutileza” ao abordar a temática da AIDS como estamos vendo agradou a uns e desagradou a outros. Houve críticos, por exemplo, que recomendaram o filme para o público que não era conhecedor da enfermidade:

“Filadélfia” é um filme ideal para pessoas que nunca conheceu ninguém com AIDS. A imagem e a mensagem extremamente bem-feita sobre a tolerância, a justiça e a discriminação é lançado em público [...], condizente com o primeiro grande filme de Hollywood para enfrentar diretamente a doença. (McCARTHY, Todd. Review: ‘Philadelphia’. Variety. 6 Dec. 1993. Tradução nossa).

O crítico McCarthy elogia a produção de Filadélfia e recomenda o filme para pessoas que não conheceram ninguém com AIDS. Nossa indagação é por que o crítico indica para as pessoas que não conhecem ninguém com a doença? Será que o filme para o crítico é triste ao ponto de fazer pessoas que tenham a enfermidade, ou que conheça alguém que a tenha saído triste da sessão do filme? Afinal o personagem doente morre no final. Ainda no início da década de 1990 era comum à morte dos acometidos pela AIDS; ou o filme é de caráter informativo, próprio, para as pessoas que não conhecem a doença de perto? Para ele o relevante foi à função social que o filme poderia exercer referente ao caráter da mensagem passada para o público, que precisava saber mais sobre a AIDS.

Como vimos no tópico referente à produção neste capítulo Demme e sua equipe construiu o filme para que: os atingidos direta ou indiretamente, ou ainda os não atingidos pela enfermidade se identificasse de alguma forma com a obra. Porém nos chama atenção à possibilidade que foi criada do encontro entre os “normais” e os considerados “não normais” por ter a doença.

Entendemos a força de mobilização de uma obra fílmica, além de informar sobre a enfermidade criou a possibilidade da sociedade se encontrar reunida em um mesmo espaço (sala do cinema) com pessoas atingidas pela enfermidade. Neste encontro, a AIDS poderia ser visível, ou não dependendo da evolução da doença no indivíduo contaminado pelo vírus do HIV. Uma situação que não pode ser caracterizada de modo simples, segundo Goffman (1963) considerada um encontro misto: entre “normais” e “estigmatizados”, onde existe uma tensão. O próprio filme de Filadélfia representa isso e cria situações para que o público também viva esta situação, pois o encontro de uma pessoa com AIDS, e uma pessoa sem a enfermidade era muito provável.

Segundo Maslin elogiando esclarece que:

Se o drama do medo-doença muitas vezes tem sido relegado à televisão, [...] a AIDS provou ser assustadora: da HBO “e a banda continua a tocar” era um filme muito mais morno do que “Philadelphia” acaba por ser-recebendo atenção. Ao contrário do que dramatização obviamente paralisada, “Philadelphia” principalmente consegue ser forte, apaixonada e comovente, por vezes, mesmo subindo para toda a gama de emoções que seus mandados de assuntos. Mas, muitas vezes, até mesmo em sua forma mais assertiva, ele funciona de formas seguras e previsíveis. (MASLIN, Janet. Review/Film: Philadelphia; Tom Hanks as an AIDS Victim Who Fights the Establishment. New York Times. 22 Dec. 1993. Tradução nossa).

O crítico argumenta que as doenças foram relegadas a televisão e cita o filme: **A banda continua a tocar**, conhecido no Brasil como: **A Vida Continua**¹⁰² que abordou a temática da AIDS, e foi lançado em 1993 sendo um sucesso na TV fechada HBO. Contudo, Maslin tenta comparar os dois filmes enaltecendo Filadélfia, porém, não há como comparar uma grande produção como Filadélfia no cinema de Hollywood, com um filme de televisão, pois os recursos são diferentes, as construções são distintas; há por menores que devem ser considerados nestas produções, principalmente, referente aos recursos.

Contudo, diferente de Filadélfia, este filme produzido para Televisão do canal HBO, não era puramente ficcional, pois se utilizava de notícias e pronunciamentos reais intercalando suas cenas, sendo considerado um “docudrama”. **A Vida Continua** fez ao Governo, inúmeras críticas, que outros filmes sobre a enfermidade, não foi capaz de fazer, e ainda representou ousadamente a doença. Sua recepção foi considerada um sucesso. Houve participações de artistas ilustres¹⁰³, as participações das estrelas de Hollywood não eram longas, porém são significativas, pois atraíam o público. O interesse de participar da luta contra a

¹⁰² A vida continua de 1993 foi produzido para a TV norte americana pelo canal a cabo HBO Pictures, inspirado em um livro de literatura científica do jornalista gay e ativista Randy Shits, que faleceu devido à doença em questão, em 1994. O filme é considerado um “docudrama”, porque possui algumas cenas reais e é inspirado nas inúmeras investigações do jornalista. A obra fílmica narra a história de um médico chamado Don Francis interpretado por Matthew Modine que em 1976, foi a África Central ajudar a controlar um surto de Ebola. Quando retorna aos EUA há uma Nova doença mortal dizimando centenas de pessoas. Francis e a equipe do Centro de Controle de Doenças - CDC dos EUA se esforça ao máximo para tentar encontrar respostas para entender a Nova Síndrome. O filme mostra a política inicial de combate a AIDS, sua suposta relação com os homossexuais e possibilita uma compreensão de como foram construídas representação social e o estigma, tanto no campo científico, como nas práticas religiosas.

¹⁰³ Depois de Gere emprestar seu prestígio para “Band” - por menor do que sua taxa usual, é claro - todo mundo queria entrar no ato. Contanto que a atuação não fosse necessária. Exceto por Alan Alda, que interpreta o retrovirologista Robert Gallo, o único personagem principal que não é piedoso; as estrelas do filme se comportam como se fosse o suficiente para aparecer no set, colherem publicidade por suas altas intenções e darem um desempenho proporcional com a sua reduzida remuneração e generosidade de serviço a uma boa causa. Um exemplo particularmente escandaloso é o grande ator britânico Ian McKellen, que, no papel de um político gay de São Francisco, Bill Kraus, não pode ser incomodado em tentar um sotaque americano (Kraus era de Ohio) e contribui com uma cena de morte de tal Narcissistic bathos que Greer Garson poderia ter encontrado um pouco demais. (RICH. Frank. ENDPAPER: PUBLIC STAGES; The Band Preened On. New York Times. 26 Sept. 1993. Tradução nossa). Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1993/09/26/magazine/endpoint-public-stages-the-band-preened-on.html>>. Acesso em: 09 set. 2015.

enfermidade, e chamar a atenção para a catástrofe que a AIDS estava causando era o objetivo. Entretanto, **Filadélfia** mesmo recebendo os mais elevados elogios a conclusão que Maslin chega é que não há nada que o surpreenda, pois era previsível.

Hollywood se poupou durante anos, enquanto alguns de seus artistas se mobilizavam, oferecendo, seu trabalho e fama para participar de filmes menores em canais de TV, ou ainda fazendo propagandas de informação para o público. Segundo a reportagem do jornalista Michel Kimmelman do jornal New Times de 19 de março de 1989, muitos campos da arte não ficaram de braços cruzados diante a epidemia da AIDS nos EUA. Houve peças de teatro como a famosa: **The Normal Heart** do jornalista e ativista Larry Kramer, exposições fotográficas de Nicolas Nixon, pinturas metafóricas de Ross Bleckner e outras diversas na área das artes visuais, que não temeram em falar da enfermidade, que por muito tempo, não foi mencionada nem pelo presidente do país. Ainda segundo o jornalista:

A arte tem iluminado a nossa capacidade como uma nação para ser auto absorvida e também altruísta; ela expõe as barreiras cruéis que erguemos entre saudável e doente, ricos e pobres. O sofrimento humano tem inspirado algumas de nossa maior arte, mas no meio de uma crise, julgamentos tradicionais de qualidade parecem menos importantes. Com efeito, os termos em que as discussões sobre a cultura e a AIDS foram expressos são extraordinariamente e resolutamente pragmática - essencialmente, não que a AIDS faz para a arte, mas o que a arte pode fazer sobre AIDS. (KIMMELMAN, Michael. Bitter Harvest: AIDS and the Arts. New York Times. 19 Mar. 1989. Tradução nossa).

O jornalista além de citar exemplos, faz uma reflexão sobre a importância da arte nas suas representações, onde a mesma apresenta as barreiras que são levantadas na sociedade. Kimmelman acredita que a arte estava fazendo algo sobre a enfermidade, tentando de alguma forma lutar contra a AIDS, mesmo sem nenhuma obrigação com qualquer tipo de causa.

Uma moléstia como a AIDS, não conseguiu unir todos em prol do combate, as diferenças ainda conseguiram falar mais alto do que a própria epidemia. Contudo vemos a luta ser travada em quase todas as partes. Os artistas realmente se importaram com a causa da enfermidade, mesmo que nem todos estivessem no mesmo conjunto, mas tinha uma mesma meta. Porém ao deixar as outras camadas sociais (negros, latinos, mulheres e outros) sem representação as comunidades também se mobilizaram para divulgar informações:

Para os brancos de classe média para pintar uma tela ou escrever uma peça destinada a negros pobres ou Latinos pode não ser particularmente eficaz. Tais obras de arte pode melhor surgem de dentro das comunidades negras e latinas. Ou pelo menos eles podem vir de artistas, incluindo músicos pop, que frequentemente atingem

populações minoritárias. Mas talvez por razões comerciais ou por medo de alterar imagens públicas cuidadosamente cultivadas, estes artistas têm sido desconfiados do assunto. Uma das exceções é “Ojos Que No Ven” (“Olhos que não vêem”). Um vídeo produzido para o Projeto Latino AIDS como uma espécie de novela dirigida especificamente para Chicanos na área de San Francisco Bay, fala literal e metaforicamente em uma linguagem familiar para o público-alvo. Como muitos dos vídeos produzidos em resposta à AIDS, “Ojos Que No Ven” está cheio de informações práticas sobre o sexo seguro, agulhas limpas e testes de AIDS, mas tecem suas notícias em um drama. (KIMMELMAN, Michael. Bitter Harvest: AIDS and the Arts. New York Times. 19 Mar. 1989. Tradução nossa).

Kimmelman nos explica que negros, latinos, músicos, e outros estavam envolvidos na causa da AIDS, era importante que a informação sobre a doença chegasse a todos, e para isso houve estas organizações destes grupos através das artes, para o maior alcance de alerta possível sobre a enfermidade. A arte era utilizada de maneira pedagógica, para passar as informações sobre a doença. A enfermidade já havia atingindo alguns artistas importantes, ou ainda pessoas que eles conviviam, diante de perdas de vidas, não tinha como manter-se parado, sem lutar e usaram sua principal arma: seu trabalho, sua arte e estavam sendo acompanhados.

Não eram apenas os críticos que estavam atentos a produções que falassem sobre a AIDS, no primeiro tópico deste capítulo falamos também de pessoas ligadas a ONG's que lutavam contra a enfermidade e até uma pessoa ligada à administração do Governo do Presidente Clinton, apoiava a produção e aprovava o roteiro escrito por Nyswaner e Demme. Contudo, o filme **AIDS, aconteceu comigo**, por exemplo, moveu o público a fazer doações e mobilizações no sentido de ajudar principalmente o combate contra a enfermidade, que no início da década de 1980 era apavorante.

Na obra fílmica **Filadélfia** percebemos que Demme através dos personagens representou: negros, brancos, mulheres e latinos, todavia, não observamos o mesmo retorno através da crítica e das notícias referente ao filme, reconhecemos que a espera pelos críticos, e por outros foi grande em relação ao um filme no cinema que tocasse na temática da AIDS, referente a mobilizações em torno da obra não encontramos em nossas fontes.

Segundo o ativista gay contra a AIDS e um dos primeiros a criar uma ONG contra a enfermidade nos EUA ele esperava mais de **Filadélfia**:

“Filadélfia” é um filme dolorosamente medíocre. É desonesto, é muitas vezes, legalmente, medicamente e politicamente incorreto, e isso parte meu coração que eu tenho que dizer que não é simplesmente bom o suficiente, e eu prefiro que as pessoas não vá vê-lo. Durante 12 anos, milhões de pessoas - gays, pessoas com AIDS, as pessoas infectadas com o HIV, suas famílias e amigos - ficaram esperando desesperadamente por um “grande” filme para lidar com esta praga de uma forma

madura. (KRAMER, Larry. FILM COMMENT : Why I Hated 'Philadelphia': A playwright and gay activist goes to see Hollywood's first major AIDS movie and comes away bitterly disappointed. Los Angeles Times. 09. Jan. 1994. Tradução nossa).

Kramer em entrevista no jornal Los Angeles Times demonstra todo o seu descontentamento com **Filadélfia**. Para o ativista o filme, não representa as pessoas com AIDS, muito menos a comunidade homossexual; ele chega a sugerir que as pessoas não deveriam assistir o filme, porque para ele era totalmente desleal com a realidade dos homossexuais e das pessoas que viviam com AIDS. Inclusive menciona a espera destas pessoas por uma grande produção na grande indústria cinematográfica que as representasse.

A forma “amena” de abordagem que Demme e sua equipe elaboraram **Filadélfia** não agradou a todos. Alguns assuntos não foram abordados no filme como, por exemplo: a política, a doença não foram dados muitos detalhes, pois o autor optou pelo preconceito e estigma ao doente. Contudo, Kramer esperava mais, pois uma década. O filme em sua opinião teria aprofundar em alguns aspectos:

[...]. Não só tem nos dado “Filadélfia”, mas, todos os outros em Hollywood, deixaram que todos nós ficassemos sabendo que, se “Philadelphia” não for um sucesso, não pode não haver quaisquer outros filmes sobre a AIDS. Em outras palavras, como nova política gays-in-the-military de Clinton, para lutar por nosso bem-estar vamos para este filme, mas que não devemos dizer a ninguém como é terrível. Nós deveríamos ser gratos de ter sido feito. Mas “Philadelphia” não tem nada a ver com a AIDS que eu conheço, ou com o mundo gay que eu conheço. Ele não tem qualquer semelhança com verdade para a vida, mundo e universo que eu vivo. Crer que qualquer espectador -. Particularmente aqueles que eu gostaria que tivessem experiência de algo significativo assistindo a este filme - iria mudar o seu ponto de vista depois de ver é como pensar Jesse Helms ou George Bush iria mudar depois de assistir a um episódio de “Another World”. (KRAMER, Larry. FILM COMMENT : Why I Hated 'Philadelphia': A playwright and gay activist goes to see Hollywood's first major AIDS movie and comes away bitterly disappointed. Los Angeles Times. 09. Jan. 1994. Tradução nossa).

Kramer como gay e ativista contra a AIDS, não se identifica com **Filadélfia**. Para ele o filme não iria fazer sucesso e Hollywood que havia deixado claro que a abordagem da doença dependeria do êxito do filme. O ativista já desenganado. A mensagem de Filadélfia, não era suficiente para alterar nenhuma opinião, referente o mundo gay e o mundo das pessoas que viviam com AIDS. Para Kramer os produtores de **Filadélfia** como o Governo de Clinton tratavam com pouco caso a doença e os homossexuais.

A cobrança em relação à obra fílmica, tanto críticos como ativistas esperavam de um filme ficcional uma abordagem mais realista, ou “verdadeira” sobre o estilo de vida homossexual e a doença. Compreendemos que principalmente os ativistas como Kramer

queriam fazer do filme uma mensagem de crítica, de luta em defesa dos doentes e dos homossexuais.

É tão patentemente ilegal para disparar contra uma pessoa com AIDS que a própria noção de que um escritório de advocacia Main Line iria contra esse cara é absurdamente inacreditável. Quem foi o assessor jurídico sobre esse filme? Será que ninguém sabe dos Americans with Disabilities Act, proíbe categoricamente tal despedimento? Há outro problema de credibilidade: Washington nunca realmente nos faz acreditar que ele é tão viscoso como o script está nos dizendo que ele é. Seu personagem faz tantas flip-flops, que me perguntei se eles tinham feito duas versões e as intercalaram. Uma cena que ele está protestando contra gays; a próxima cena, ele está defendendo-os; então [...] um atleta gay que tenta pegá-lo; então ele fala com sua esposa sobre o caso. O roteirista pode ter significado Robards, Steenburgen e Washington tudo para ser vermes; mas pelo menos as suas partes são escritas. Eles são mais animados do que o gay no filme. Hanks, seu amante e sua mãe estão em um filme mudo. Todo o diálogo juntos não poderia cobrir 10 páginas. O personagem de Hanks é uma incógnita total. Eu não podia dizer nada sobre ele - opiniões, crenças ou até mesmo se ele é gay. O Tom Hanks não age neste filme. Sua maquiagem faz sua atuação. Eu não vi tantas mudanças articuladas em tons de Max Factor, desde James Cagney em "Man of a Thousand Faces". Vemos que Hanks usa um anel de casamento, mas quem é seu companheiro? Ele poderia muito bem ser casado com uma mulher. Algum ator que eu não poderia reconhecer de uma cena para a próxima, mas que tinha cabelo escuro e falava com um sotaque espanhol gira em torno de Tom agora; então, Tom pisca para ele no tribunal, mas para todo o roteiro lhe diz, que podiam estar tentando pegar uns aos outros, ou o cara poderia ser um voluntário de uma organização da AIDS. Não - Eu retiro o que disse. O cara de cabelos escuros não poderia trabalhar para uma organização da AIDS: Ele não sabe nada sobre AIDS. Ele fala sobre uma colonoscopia como se fosse uma cirurgia no cérebro. Quem foi o conselheiro médico neste filme? (KRAMER, Larry. FILM COMMENT : Why I Hated 'Philadelphia': A playwright and gay activist goes to see Hollywood's first major AIDS movie and comes away bitterly disappointed. Los Angeles Times. 09. Jan. 1994. Tradução nossa).

As críticas negativas do ativista não pararam por aqui ele analisa o filme e encontra diversas falhas, tomando nota do que acha uma representação fraca sobre a AIDS e sobre o universo homossexual fala sobre o que ele desaprovou, como, por exemplo: do casal homossexual que não tem nenhum momento íntimo na obra; da inconstância do personagem de Washington que em cena quase que intercaladas uma hora tenta entender os homossexuais, na próxima os condena. Crítica o processo jurídico que o personagem aplica sobre seus empregadores, porque o considera improvável, a atuação de Hanks se sua fala pouco expressiva e ainda a ignorância do personagem de Banderas sobre o exame de colonoscopia.

Kramer era homossexual, e como presidente de uma das primeiras ONGs contra a doença achou estas cenas absurdas; aconselhou que as pessoas não deveriam assistir **Filadélfia**, pois entendemos que ele achava que nada iria contribuir para uma mudança na consciência social. Kramer faz estas observações sobre o filme antes de se tornar público o processo contra **Filadélfia**, o filme que o ativista considerou irreal, preconceito improvável de

acontecer em uma grande empresa de advocacia, porém foi inspirado em um caso real omitido por Demme e sua equipe:

Quem vai ver um filme como este? Por que os cineastas não entendem que mentiras e distorções que fazem (...) que procuraram agradar e o medo de ofender que acaba afastando em massa? Há seis anos, após cinco anos depois ir ao shopping e assistir inúmeros programas de TV que lidam com este assunto melhor - sabe os gays não vivem e nem parecem e nem agem como este. Estou cansado de ouvir o velho castanheiro, dizer que a razão de Hollywood não financia filmes sobre gays e AIDS é que eles não vão ganhar dinheiro. ("Philadelphia" não vai ganhar dinheiro.) Eu grito de volta: Se você fizer um filme honesto, as pessoas virão a ele, e nunca houve um filme honesto financiado por um grande estúdio com gays ou líderes lésbicas caracteres em que estamos tratando de forma dramática, assim como os heterossexuais são! Eu fervorosamente acredito que o primeiro filme decente em que uma estrela masculina como Tom Hanks faz o amor, em uma cama, nu, com outra estrela masculina, como Tom Cruise, na mesma cama, também nu, e eles se abraçam e falam a um ao outro de uma forma adulta, fazendo as mesmas coisas amantes fazem em cada filme, programa de TV e comercial, ele vai fazer uma fortuna. (KRAMER, Larry. FILM COMMENT : Why I Hated 'Philadelphia': A playwright and gay activist goes to see Hollywood's first major AIDS movie and comes away bitterly disappointed. Los Angeles Times. 09. Jan. 1994. Tradução nossa).

A representação cobrada pelo ativista, referente, principalmente a forma de viver a vida homossexual, porém Hollywood não estava disposta a aprofundar esta temática, pois compreendermos de forma clara em nossas análises que ainda era um assunto delicado para a sociedade e para a indústria cinematográfica. O medo de falar abertamente sobre este assunto e ainda a AIDS estar ligada desde a década de 1980 a imagem do homossexual fez com que **Filadélfia** não abordasse de forma profunda como desejada por Kramer.

Hanks havia dito que estudou a maneira de vida homossexual, para protagonizar o personagem, principal. Também que Nyswaner o roteirista como gay, buscou dentro si características e os preconceitos que já passou na vida, para compor Andrew Beckett. Porém, para Kramer não foi o suficiente, a vida homossexual era obrigatório em uma obra fílmica, e ele demonstra seu cansaço em tanto descaso de Hollywood; o ativista ainda desabafa mais falando sobre o Diretor, referente ao seu filme anterior.

Que mundo irreal que os fabricantes deste filme vivem? Como pode ser possível que um roteirista gay escreva esta cornucópia de mentiras? Sim, estou com raiva. Eu esperei 12 anos para isso? Qualquer um que quer ver o que a vida gay é, realmente gosta, e como o público esta reagindo a ela, deve ir e ver as sete horas a peça de teatro conhecida como "**Angels in America**", que está vendendo para fora, cada performance na Broadway.

Para assistir o diretor Jonathan Demme e roteirista Ron Nyswaner em uma recente "Nightline" - tentando manter que, bem, caramba, não é realmente um filme sobre AIDS, (...) é o suficiente para fazer qualquer um perder a fé no artista como o contador da verdade. Por que eles fazem isso, então? Eu trago o lembrete doloroso que Demme também dirigiu "O Silêncio dos Inocentes", que muitos gays consideram um dos filmes mais virulentamente e insidiosamente homofóbico já

feito. “Filadélfia” é algum tipo de atentado contra a sua parte para oferecer um pedido de desculpas? Após estes dois filmes, eu gostaria que ele tivesse acabado, e fosse embora e nos deixasse em paz. Ele é tão bom para a nossa causa como Reagan, Bush ou Clinton. (KRAMER, Larry. FILM COMMENT : Why I Hated ‘Philadelphia’: A playwright and gay activist goes to see Hollywood’s first major AIDS movie and comes away bitterly disappointed. Los Angeles Times. 09. Jan. 1994. Tradução nossa).

Nesta crítica, mais uma vez vemos a citação do filme *Silêncio dos Inocentes* do mesmo Diretor e Produtor executivo de *Filadélfia* onde Demme é lembrado por Kramer que muitos homossexuais se sentiram ofendidos com o filme anterior do Diretor que ganhou cinco óscar. Para o ativista *Filadélfia* não sanou a falta de Demme com os homossexuais.

Ele esperava que Hollywood fizesse uma obra sobre a temática com uma crítica ao Governo, e representasse mais ousadamente à comunidade a qual ele pertencia, porém o receio de Demme e de seus companheiros fez com que ele fizesse um filme, onde eles consideravam que não iria se arriscar ao ponto de não conseguir patrocínio para produzir, ou ainda que o público que não fizesse parte da Comunidade Homossexual se negasse a assistir.

O silêncio de Demme sobre a política e o Governo também foi um fator que incomodou muito Kramer, enquanto outros críticos o elogiaram pela omissão deste mesmo assunto.

No final, porém, a minha raiva não é contra Demme e Nyswaner. Eles são apenas pequenas batatas que perderam em um barco que poderia ter trazido alguma carga valiosa. Minha fúria é contra o terceiro Presidente em silêncio em uma fila que se recusa a assumir uma posição de liderança em acabar com esta praga, permitindo assim cumplicidades de toda a gente em um encobrimento monstruoso que não só permite que um filme ruim sobre a AIDS a ser feito após 12 anos, mas da mesma forma permite que um mundo inteiro a olhar para o outro lado. (KRAMER, Larry. FILM COMMENT : Why I Hated ‘Philadelphia’: A playwright and gay activist goes to see Hollywood’s first major AIDS movie and comes away bitterly disappointed. Los Angeles Times. 09. Jan. 1994.).

Compreendemos que para o ativista, **Filadélfia** era uma oportunidade de combate a AIDS e poderia, segundo sua opinião ser mais bem aproveitado, com as críticas e representações das lutas dos homossexuais e contra a doença de forma mais agressiva. Porém Kramer confessa que sua maior revolta é contra o Governo dos EUA, que desde o início da epidemia na década de 1980, após três presidentes diferentes, ainda não conseguiu ver um plano de ação mais forte e eficaz para combater a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

Entendemos a liberdade da arte, a complexidade do cinema, porém fica evidente em nossa análise como a doença pode interferir e fazer com que os diversos setores da sociedade, fazendo com que a mesma cobre, acompanhem e avaliem uma obra de arte,

tentando extrair dela a verdade, muitas vezes esquecendo toda a sua liberdade, e que ela é uma representação. Martin (2013) nos esclarece que:

Consequentemente, se o sentido da imagem é função do contexto fílmico criado pela montagem, também o é do contexto mental do espectador, reagindo cada um conforme seu gosto, sua instrução, sua cultura, suas opiniões morais, políticas e sociais, seus preconceitos e suas ignorâncias. [...].

Tudo isso mostra que a imagem, apesar da sua exatidão figurativa, é extremamente maleável e ambígua ao nível de sua interpretação. Mas seria errôneo argumentar com isso a favor de um agnosticismo injustificável: é perfeitamente possível evitar todo erro de interpretação recorrendo-se a crítica interna (referência ao filme enquanto totalidade significativa que jamais pode ser inteiramente equivocada) e externa (personalidade do diretor e sua concepção de mundo podem indicar a priori o sentido de sua mensagem) documento fílmico. (MARTIN, 2013, p. 28).

A explicação do autor é importante para elucidar a questão interpretativa das imagens, ou melhor de um filme. Como vimos tanto na recepção de **AIDS, Aconteceu comigo** de 1985, como em **Filadélfia** 1993, as obras fílmicas referentes à AIDS levantaram inúmeras opiniões e questões a respeito.

Muitos elogiaram a ousadia dos diretores em produzir um filme sobre a temática, outros acharam as realizações das obras fracas, não atendendo por completo a necessidade de se falar sobre a doença. Contudo como vimos com Martin (2013) na recepção das imagens de um filme, não dependerá apenas do Diretor a mensagem produzida, mas do que há de concepções de cada indivíduo que irá receber.

AIDS, Aconteceu comigo 1985 e **Filadélfia** 1993 foram os primeiros filmes em abordar a AIDS na televisão e no cinema, respectivamente. Seus produtores enfrentaram o desafio de transformar uma realidade difícil de uma enfermidade estigmatizada em representações em obras de artes. Filmes que não precisavam ter compromisso com a realidade, porém a gravidade da doença, a urgência por informações esclarecedoras e confiáveis fez com que estas obras, que muitas vezes servem para o entretenimento, tivessem um compromisso com o social.

Com análise dos filmes e das matérias e informações produzidas referentes aos mesmos, compreendemos que além das obras fílmicas serem um agente social e histórico, pois de alguma maneira interferem na sociedade; a AIDS foi uma enfermidade que causou um grande desconforto social e gerou uma cobrança de lealdade, referente à enfermidade. As obras fílmicas serviram para sensibilizar, informar e em alguns casos como o de **AIDS, Aconteceu comigo**, promover eventos para arrecadação de fundos para os atingidos pela doença.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa teve como um de seus objetivos, contribuir com o Campo da História da Saúde e das Doenças. Discutimos uma doença grave e seu portador. Não é uma doença qualquer, mas talvez uma das enfermidades mais estigmatizadas de toda História Universal: a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS. Assim como outras doenças na história da humanidade já abalou certezas científicas e confundiu a medicina, provocando respostas imediatas que trouxeram reações sociais adversas: estigmatizações, preconceitos sobre a doença e o doente. As dúvidas referentes aos modos de contaminação, a demora de se encontrar o agente etiológico da enfermidade, e ainda as inúmeras mortes em pouco tempo foram fatores que contribuíram para o terror referente à moléstia na sociedade.

Abordar a sociedade estadunidense residiu no fato da escolha dos filmes, a princípio. Nossa principal fonte, as duas obras filmicas, são as primeiras narrativas a terem a doença e o doente como tema principal. Essa foi a razão da escolha de **Aids, aconteceu comigo** e **Filadélfia**. Assim, para nós, foi importante acompanhar o debate em torno da produção dos filmes, dos avanços e recuos na composição de ambos os filmes e a opinião da crítica especializada. Desse modo, conhecemos um pouco do que se dizia, do que era censurado, e do que era permitido. Foi também relevante nesse processo, compreender um pouco desta sociedade e seu sistema de saúde, pois as obras ficcionais selecionadas para análise representaram os vários modos de abordagem da doença nos Estados Unidos e o debate ali produzido e reproduzido para as obras filmicas que analisamos, também representou o debate em outros países.

Nossa escolha também pode ser justificada por esta sociedade ter sido a primeira a notificar a doença em seu território e apresentar um número considerável de enfermos e óbitos em pouquíssimo tempo. Assim, foi necessário entender um pouco da sua organização política, sociedade e cultura, que são bastante complexas. Para ilustrar nossa afirmação basta enfatizar que cada Estado possui sua própria legislação. Isso significa que, o que pode ser ilegal em alguns Estados em outros pode ser lícito. Muitos Estados são praticamente autossuficientes, financeira e politicamente. Assim, houve algumas pequenas discrepâncias no trato com a doença no país, por exemplo, em relação à mobilização e aos investimentos empregados no combate à enfermidade.

Assim, um ponto que foi ressaltado neste trabalho foi à questão da saúde nos EUA naquele momento. Com quase todo seu sistema de saúde privado, nosso interesse foi

compreender como o mesmo funcionava, e como as pessoas acometidas pela AIDS foram tratadas. Percebemos em nossas fontes que recursos Federais foram disponibilizados para pessoas que não tinham condições de arcar com as despesas dos medicamentos, ou ainda estavam desempregadas. Existiam programas do Governo que tornou isto possível. Contudo, o silêncio do presidente e do governo federal por cerca de sete anos sobre a grave doença, gerou desconforto e inúmeras críticas. Observando nossas fontes e bibliografias entendemos que houve uma grande dificuldade em falar sobre a AIDS pelos presidentes dos EUA, e chegamos a conclusão que até eles negavam que sua nação possuísse um grande índice da doença. Talvez porque reconhecer seria uma grande falha para um país que era a maior potência mundial.

Em nossas fontes e bibliografias também encontramos a mídia com receio em abordar o tema da AIDS. O fato da doença atingir, principalmente, os homossexuais masculinos, inicialmente, foi o motivo que afastou muitos meios de comunicação a se pronunciar sobre a enfermidade. Porém, o que nos chamou atenção é que foi necessário um grande artista ficar muito doente, para que houvesse uma mudança de atitude dos grandes jornais e emissoras para tratar da enfermidade, como se a saúde de estrelas fosse mais importantes do que a de qualquer outro ser humano que não fosse assunto para as mídias.

Estabelecemos então a importância do meio artístico em volvido no combate a enfermidade, pois muitos foram atingidos e viam a necessidade de alertar sua classe e a sociedade sobre a nova moléstia mortal. Então, organizaram-se e além de produzir arte com a temática da enfermidade, também participavam de trabalhos que ajudavam a causa, informando, através de propagandas, ou ainda através de seu talento, demonstrando pelo próximo empatia, que não era possível encontrar em todos, pois a falta de informação causava um medo aterrorizador da doença, e consequentemente, do doente, provocando assim o preconceito e o estigma.

As produções foram diversas: de fotografias a pinturas, de Peças de Teatro a Series e Filmes de TV, e dez anos depois uma obra fílmica feita para o cinema. Em nossa pesquisa nos propomos a discutir como dois filmes: o primeiro em passar em uma rede de Televisão sobre a enfermidade **AIDS, Aconteceu Comigo** 1985, e o primeiro filme do Cinema: **Filadélfia** 1993.

Notamos na construção de ambos os filmes, a cautela em se produzir um filme sobre um tema tão polemico para o momento. As recomendações foram diversas, houve algumas censuras e corte cenas ocorreram. Podemos compreender a dificuldade em se fazer

um filme sobre a AIDS, ainda na década de 1980, pois as informações eram mínimas, enquanto isso o preconceito e o estigma se espalhavam mais rápido do que as informações concretas sobre a enfermidade. Apenas em 1985, depois da descoberta do agente etiológico em um ano e poucos meses antes, é que se teve coragem de lançar uma obra fílmica sobre a temática.

O acompanhamento da produção do filme feito pela emissora NBC foi minucioso, pois o que ela não estava de acordo, com algumas ideias, desde o início deixou claro para os produtores. Entendemos que apesar da resistência, eles usaram de ousadia e enfrentaram algumas opiniões para fazer valer as suas ideias. Já **Filadélfia** também foi acompanhada, até por um representante do Governo Clinton, o que nos fez constatar como o filme é um agente influenciador da opinião pública, e talvez por isso, tanta preocupação com as produções destas obras. Desse modo entendemos que o filme é um agente histórico que registra através de representações o período pelo qual ele foi produzido a sociedade, da qual ele faz parte, e no nosso caso, como esta mesma sociedade podia representava a AIDS e seus portadores.

Nossa análise nas obras fílmicas, intentou compreender como a doença e o doente foi representado, e principalmente como o estigma da enfermidade era apresentado nos personagens a partir das duas obras de ficção. Percebemos, no entanto, que no filme **AIDS, Aconteceu comigo** 1985 e em **Filadélfia** 1993, as experiências pessoais de seus diretores e produtores foram um dos pontos de partida para a composição dos filmes, inclusive a necessidade e o desejo de realizar um filme sobre a AIDS segundo os diretores, foram justificados em virtude de situações vivenciadas com pessoas próximas que tinham a enfermidade.

A representação da enfermidade e do enfermo se deu através do medo causado pela ignorância, referente às formas de contaminação, o pavor apresentado nas duas obras que atingia a sociedade ficcional afastava o doente de suas relações sociais mais elementares, como a família, ou ainda de seu ambiente de trabalho. Porém, o que ambas as obras fílmicas também abordaram foi à diferença entre o enfermo homossexual e o enfermo heterossexual, e isto nos fez criar a hipótese de níveis de estigmatização.

Quando analisamos os filmes notamos que o doente homossexual é mais estigmatizado, do que o doente heterossexual. A imputação moral seria uma das causas que aumentaria o nível do estigma, entretanto, em **AIDS, Aconteceu comigo**, por exemplo, o personagem heterossexual que é apresentado como enfermo adquiriu a enfermidade, através de uma relação sexual de risco, traindo sua esposa, quando toca no assunto, sente-se

“superior” referente aos homossexuais. Em **Filadélfia** não notamos este ar de superioridade na personagem heterossexual contaminada com a AIDS, porém ela não é demitida da mesma empresa que Andrew Beckett por ter AIDS, pois não foi considerada “culpada” por ter a enfermidade: foi vítima. Já Beckett foi considerado responsável porque era homossexual.

O fato é que o estigma era maior para o homossexual, pois qualquer um que se contaminasse com a AIDS e essa informação se tornasse publica, o portador se tornava um “desacreditado”; porém o homossexual já era considerado um desacreditado por causa de sua orientação sexual, que se ele quisesse poderia ocultar, posição tomada pelos personagens dos filmes. Porém a publicização da condição de enfermo da AIDS foi à consumação das mortes sociais na ficção. Nesse ponto, a arte imitava a vida.

Comprometemos-nos a identificar as mudanças na abordagem da temática da AIDS nos filmes analisados, quais avanços foram dados referentes à informação e também a liberdade em falar sobre a temática. Em primeiro lugar o que mudou foi à questão do investimento da indústria de entretenimento. Ainda no início e metade da década de 1980, a indústria cinematográfica se negava a tocar no assunto, porém no já no final da década de 1980 mais precisamente em 1987, **Filadélfia** começava a ser produzido. No entanto, Larry Kramer em sua entrevista no New York Times, afirma que apenas houve investimento, porque a TrisTar filmes não era norte americana. Anteriormente, havia apenas pequenas produções como series de TV, filmes de TV, ou pequenas produções independentes, que tinham bastante dificuldade de serem executadas, sendo necessários muitos filtros aos roteiros originais. Porém não foram menos importantes. Pelo contrário, geraram ações e reações sociais imediatas que resultaram em varias campanhas de informação e levantamento de fundos de combate à doença, de certa forma, como o desdobramento de **AIDS, Aconteceu comigo**, enquanto em **Filadélfia** não encontramos nas noticias e criticas estas mobilizações sociais em volta do filme.

Ao analisar a recepção de **Filadélfia** através das criticas e noticias, vimos que alguns críticos não gostaram da cena em que aparece todo o apoio familiar do personagem principal Andrew, pois acharam neste aspecto, toda esta demonstração de carinho e respeito ao personagem muito exagerada; porém, compreendemos a posição dos críticos, pois na ficção estava muito diferente o que era quase sempre outra realidade. Todavia, nós consideramos um avanço, porque comparando ao primeiro filme sobre a moléstia, onde o Diretor John Erman sofreu censura da própria emissora ao tentar colocar a personagem que

fazia a vó do personagem principal falando que gostava do companheiro do neto, o apoio da família à condição do personagem já era um passo a frente.

Outra diferença importante, entre a obra de 1985, para a obra de 1993, apesar de diretores e produtores completamente diferentes, porém estamos falando da temática. No filme do diretor John Erman e sua equipe de produção optaram por representar uma família que qualquer norte americano comum desejaria ter. Já Jonathan Demme e sua equipe escolheu criar uma representação de uma família que muitos homossexuais sonharam em obter, com o apoio incondicional.

O avanço de informações também é possível perceber entre os filmes. Enquanto em **Filadélfia** conseguimos identificar os medicamentos como o AZT, em anotações em uma lousa na casa do personagem Beckett, todavia em **AIDS, Aconteceu comigo** os medicamentos mal são mencionados, e fora da ficção em 1985, algumas drogas ainda estavam em fase de testes pela ciência e pela indústria farmacêutica e eram tratadas, principalmente, as doenças oportunistas.

Filadélfia também trouxe uma novidade entre os personagens, uma mulher heterossexual com AIDS, mesmo representando a contaminação através de transfusão sanguínea que necessitou após um parto. Consideramos importante, pois a doença, quase não era associada a heterossexuais, principalmente a mulheres. Côrrea (2007) em sua dissertação que aborda também sobre o filme **Filadélfia**, enfatiza muito esta questão de gênero: a sexualidade e a homossexualidade fazendo destas temáticas o assunto principal da sua pesquisa.

A história contada em **Filadélfia** também representa a discriminação. Esta narrativa fílmica mostrou que o personagem conseguiu que fosse corrigida uma injustiça cometida em virtude da sua enfermidade. Tais punições via justiça é outro fator que não encontramos nos filmes que pesquisamos na década de 1980. Consultando as fontes, fora da ficção, descobrimos que existiam leis em alguns Estados nos EUA que protegiam os enfermos em relação a demissões por acometimento do HIV. Em **AIDS, Aconteceu comigo**, um personagem que foi demitido de seu trabalho por causa da enfermidade, não foi representado como portador de direitos.

Concluimos que houve uma evolução na apresentação e representação da temática da AIDS nos filmes, por nós apresentados no período em questão. O que no início da década de 1980 era quase proibido ser tocado, no início da década de 1990 foi apresentado ao grande público. Porém deixamos claro que havia uma série de precauções a serem tomadas para se

produzir um filme sobre a AIDS, principalmente, em uma das maiores indústrias cinematográficas do mundo, no caso, Hollywood.

Em vista dos argumentos apresentados chegamos ao entendimento que a AIDS causava (e ainda causa) na sociedade uma grande perturbação, atingindo setores sociais, que não tinham por obrigação nenhuma em se envolver com o combate da enfermidade e ser cobrada por isso diretamente, como a arte, pois a arte sempre foi considerada a marca da liberdade, contudo, em um momento de grande crise foi intimada para a luta no combate contra a terrível e mortal epidemia que a AIDS provocou.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Rita de Cássia Barreto de. **A história silenciosa das pessoas portadoras do HIV contada pela História Oral**. 2004. 173 f. Dissertação (Mestrado Setor de Ciências da Saúde) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

Disponível em: < <http://www.ppgenf.ufpr.br/Disserta%C3%A3oAlmeida.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2013.

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da historia oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. 277 p.

ANDERSON, Susan Heller; DUNLAP, David W. New York Day By Day; Help for AIDS Victims. **New York Times**. New York 13 Nov. 1985. NY. Region Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1985/11/13/nyregion/new-york-day-by-day-help-for-aids-victims.html>>. Acesso em: 07 set. 2015.

ARMUS, Diego. **Avatares de la medicalización em América Latina (1870-1970)**. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2005. 176 p.

_____. **La ciudad impura**. Salud tuberculosis y cultura en Buenos Aires, 1870-1950. Buenos Aires: Edhasa, 2007. 416 p.

A VIDA CONTINUA. Direção: Roger Spottiswoode, Produção: Sarah Pillsbury Midge Sanford, Roteiro: Arnold Schulman, Baseado em: *And the Band Played On: Politics, People, and the AIDS Epidemic* de Randy Shilts, Elenco: Matthew Modine e Alan Alda, Gênero: Drama, Música: Carter Burwell, Cinematografia: Paul Elliott, Edição: Lois Freeman-Fox, Distribuição: HBO Pictures, Lançamento: Estados Unidos 11 de setembro de 1993, Orçamento: US\$ 8 milhões. Legenda: em português. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jHCJCGcQRZY>>. Acesso em: 26/09/2015.

BACELLAR, Carlos, Fontes histórica: Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. 23-79 p.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: Leach, Edmund et al. **Anthropos-Homem**. Lisboa, Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985. 295-300 p.

BAHIANA, Ana Maria. **Como ver um filme**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. 253 p.

BALABAN, Bob. **Visual History with John Erman**. mar. 2007. Disponível em: <<http://www.dga.org/Craft/VisualHistory/Interviews/John-Erman.aspx?Filter=Full%20Interview>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

BARATA, Germana Fernandes. **A primeira década da AIDS no Brasil: O Fantástico apresenta a doença ao público**. 2006. 196 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História Social) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-07072006-124258/publico/Dissetacao-GermanaBarata.pdf>>. Acesso: 20 fev. 2012.

BARROS, Bruna A. **“A vida continua e se entregar é uma bobagem”**: Grupo Rede Solidária Positiva e sua batalha diária contra o estigma sobre os portadores do vírus do HIV/AIDS em Fortaleza. (2000 a 2013), 81.f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em história) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

BARROS, José D’ Assunção. Cinema e história: considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas. **Comunicação e Sociedade**, São Paulo, Ano 32, n. 55, p. 175 - 202. 2011.

BASTOS, Francisco Inácio. **AIDS na Terceira Década**. Rio de Janeiro: FioCruz, 2006. 104 p. (Coleção Temas em Saúde).

BERARDINELLI, James. Philadelphia. **Reelviews**. 1993. Disponível em: <<http://www.reelviews.net/reelviews/Philadelphia>>. Acesso em: 09 set. 2015.

BOFFEY, Philip M. Reagan Urges Wide AIDS Testing But Does Not Call For Compulsion. **New York Times**, Washington, Jun. 1987. U.S. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1987/06/01/us/reagan-urges-wide-aids-testing-but-does-not-call-for-compulsion.html?pagewanted=all>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

BRITO, Eleonora Zicari Costa de. História, histografia e representações. In: KUYUMIJAN, Marcia de Melo Martins (org). **Os espaços da historia cultural**. Brasília: Paralelo, 2008. 29-39 p.

BURKER, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Tradução: Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: EDUSC, 2004. 264 p.

BUSH, Alan J.; DAVIES, Victoria. State Governments' Response to the AIDS Crisis: An Advertising Perspective. **Journal of Public & Marketing**, v. 8, p. 53 – 63, 1989. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/30000312>>. Acesso em: 03. out. 2015.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de. **A AIDS e a sociedade contemporânea**: estudos e histórias de vida. São Paulo: Letras e Letras, 1994. 384 p.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir. **Representações**: Contribuições a um debate transdisciplinar. Campinas, SP: Papirus, 2000. 288 p.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Tradução: Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982. 422 p.

CENTER FOR DISEASES CONTROL. **Report of the Center for Disease Control Surveillance of HIV / AIDS**: AIDS cases reported in December 1990, report issued January 1991. 22 p. Disponível em: <<https://www.cdc.gov/hiv/pdf/library/reports/surveillance/cdc-hiv-surveillance-report-1990-vol-3.pdf>>. Acesso em: 08 maio 2015.

CENTER FOR DISEASES CONTROL. **Report of the Center for Disease Control Surveillance of HIV / AIDS.** AIDS cases report in December 1993, report issued December 1993. 33 p. Disponível em: <<https://www.cdc.gov/hiv/pdf/library/reports/surveillance/cdc-hiv-surveillance-report-1993-vol-5-4.pdf>>. Acesso em: 08 maio 2015.

CHARTIER, Roger. **A beira da falésia:** a história e as incertezas e inquietudes. Tradução: Patricia Chittoni Ramos. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 277.p

_____. **História Cultural:** Entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Alges: Difusão Editorial, 2002. 243 p.

_____. e ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). **A força das representações:** história e ficção. Chapecó: Argos, 2011. 291 p.

CLARK, Kenneth R. Aids Tragedy ‘An Early Frost’ Chills The Blood. **Chicago Tribune.** nov. 1985. Disponível em: <http://articles.chicagotribune.com/1985-11-10/entertainment/8503170702_1_aids-tragedy-air-time-homosexuals>. Acesso em: 23 fev. 2017.

COLBY, David C; BAKER, David. G. State Policy Responses to the AIDS Epidemic. **CSF Associates Inc. and Oxford University**, v. 8, n. 3, p. 113 – 130, 1987. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3330276>>. Acesso em: 03 out. 2015.

CORRÊA, Anderson Rodrigues. **No escurinho do cinema:** sobre HIV/AIDS, gênero e sexualidade em filmes hollywoodianos. 2007. 149 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13737>>. Acesso em: 08 maio 2015.

DANIEL, Herbert e PARKER, Richard. **AIDS, a Terceira epidemia:** ensaios e tentativa. São Paulo: Iglu, 1991. 127 p.

EBERT, Roger. Philadelphia. **RogerEbert.Com.** 1994. Disponível em: <<http://www.rogerebert.com/reviews/Philadelphia-1994>>. Acesso em: 09 set. 2015.

FARBER, Stephen. News Special on AIDS to Follow NBC Drama. **New York Times.** Los Angeles, nov. 1985. Arts. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1985/11/06/arts/news-special-on-aids-to-follow-nbc-drama.html>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

_____. A Decade Into the AIDS Epidemic, The TV Networks Are Still Nervous. **New York Times.** Los Angeles. abr. 1991. Arts. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1991/04/30/arts/a-decade-into-the-aids-epidemic-the-tv-networks-are-still-nervous.html>>. Acesso em: 09 set. 2015.

FARREL, Jeanette. **A Assustadora História das Pestes e Epidemias.** Tradução: Mauro Silva. São Paulo: Ediouro, 2003. 280 p.

FERRO, Marc. **Cinema e História.** Tradução: Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 143 p.

FILADÉLFIA. Direção: Jonathan Demme. Roteiro: Ron Nyswaner. Música: Howard Shore. Produção: Edward Saxon. Elenco: Tom Hanks e Denzel Washington, Antonio Bandeiras, Jason Roberts, Mary Steenburgen. Estados Unidos: TriStar Pictures, 1993. 1 DVD (128 min) son., color.; DVD vídeo. Áudio: Inglês Legendas em inglês, português, e espanhol.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Nascimento. 23. ed. São Paulo: Loyola, 2013. 80 p.

GALLO, Robert. **Caça ao Vírus: AIDS – CÂNCER e Retrovírus Humano**. A história de uma descoberta científica. Tradução: J. E. Smith Caldas. São Paulo: Siciliano, 1994. 344 p.

GALVÃO, Jane. **AIDS no Brasil**: A agenda de construção de uma epidemia. ed. 34 Rio de Janeiro: ABIA, 2000. 256 p.

_____. **1980-2001**: uma cronologia da epidemia de HIV/AIDS no Brasil e no mundo. Rio de Janeiro: ABIA, 2002. 30 p.

GARRET, Laurie. **A próxima peste**: novas doenças em um mundo em desequilíbrio. Tradução: Margarida Dorfman Balck, Sonia Siessere e Marina Appenzeller. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. 708 p.

GELMIS, Joseph. MOVIES : How to Get a Major Hollywood Studio to Do an AIDS Movie (Finally). **Los Angeles Times**. fev. 1993. Disponível em: <http://articles.latimes.com/1993-02-28/entertainment/ca-3_1_aids-movie>. Acesso em: 27 ago. 2016.

GLEIBERMAN, Ower. Philadelphia. **Entertainment Weekly**. 24 dez. 1993. Disponível em: <<http://www.ew.com/article/1993/12/24/Philadelphia>>. Acesso em: 09 set. 2015.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1963. 183 p.

HALLER, Scot. AIDS in the Family. **People**. 18 nov. 1985. Disponível em: <<http://people.com/archive/cover-story-aids-in-the-family-vol-24-no-21/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

HEREK, Gregory. M; CAPITANIO, John. P; WIDAMAN, Keith F. HIV-Related Stigma and Knowledge in the United States: Prevalence and Trends, 1991-1999. **National Center for Biotechnology Information**, v. 5, n. 2, mar. 2002. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1447082/>>. Acesso em: 14 maio 2015.

HILL, Michael E. 'An Early Frost'. **Washington Post**. 10 nov. 1985. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/lifestyle/tv/1985/11/10/an-early-frost/56ac957e-75a9-449b-af5e-13ce454fce7a/?utm_term=.5c9369bae201>. Acesso em: 23 fev. 2017.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: O breve século XX 1914-1991. Tradução: Marcos Santarrita. Revisão técnica: Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 632 p.

HOWE, Desson. 'Philadelphia' (R): This movie won Oscars for Best Actor (Tom Hanks); and Original Song("The Streets of Philadelphia"). **The Washigton Post**. 14 jan. 1994. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wp-srv/style/longterm/movies/videos/Philadelphiarhowe_a0b026.htm>. Acesso em: 09 set. 2015.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A Oralidade dos Velhos na Polifonia Urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003. 130 p.

JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes Santiago. Entre a representação e a visualidade: alguns dilemas da relação história e cinema. Londrina: **Domínios da Imagem**, v. 2, n. 3, 2008. Disponível em: <[hppt://www.uel.br/cch/his/dominiosdaimagem/revista3/arqtxt/Nova%20pasta/7-EntrerepresentacaoFRANCISCOFCSJr.pdf](http://www.uel.br/cch/his/dominiosdaimagem/revista3/arqtxt/Nova%20pasta/7-EntrerepresentacaoFRANCISCOFCSJr.pdf)>. Acesso em: 27 set. 2015.

JÚNIOR, Ives Mauro Silva da Costa. **Conta-me tudo**: representações de doença na filmografia de Pedro Almodóvar. 2006. 131 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde) - Programa em Pós Graduação da História das Ciências da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <[hppt://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/6117/2/10.pdf](http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/6117/2/10.pdf)>. Acesso em: 01 set. 2015.

_____. A Doença nos filmes de Pedro Almodóvar um estudo de caso: Tudo sobre minha mãe. Florianópolis – SC. **Revista Esboço**, v. 5, n 16, 2007. Disponível em: <[hppt://periódicos.ufsc.br/index.php/esboços/article/view/126](http://periódicos.ufsc.br/index.php/esboços/article/view/126)>. Acesso em: 01 set. 2015.

KARNAL, Leandro. et al. **História dos Estado Unidos**: das origens ao século XXI. 2.ed., São Paulo: Contexto, 2008. 239 p.

KEMPLEY, Rita. 'Philadelphia': This movie won Oscars for Best Actor (Tom Hanks); and Original Song("The Streets of Philadelphia"). **The Washigton Post**. 14 jan. 1994. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wp-srv/style/longterm/movies/videos/Philadelphiar Kempley_a0a3ff.htm>. Acesso em: 09 set. 2015.

KIERNAN, Victor G. **Estados Unidos**: o novo imperialismo. Tradução: Ricardo Doninelli Mendes. Rio de Janeiro: Record, 2009. 490 p.

KIMMELMAN, Michael. Bitter Harvest: AIDS and the Arts. **New York Times**. 19 mar. 1989. Arts. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1989/03/19/arts/bitter-harvest-aids-and-the-arts.html>>. Acesso em: 09 set. 2015.

KOENENN, Joseph C. Actor Finds Fulfillment Playing Aids Sufferers. **Orlando Sentinel**. 20 fev. 1991. Actor. Disponível em: <http://articles.orlandosentinel.com/1991-02-20/news/9102200520_1_moffett-early-frost-normal-heart>. Acesso em: 09 set. 2105.

KORNIS, Monica Almeida. **Cinema, Televisão e Historia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 66 p.

_____. História e Cinema: um debate metodológico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p.237 – 250. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/1940/1079>>. Acesso em: 27 set. 2015.

KRAMER, Larry. FILM COMMENT: **Why I Hated 'Philadelphia'**: A playwright and gay activist goes to see Hollywood's first major AIDS movie and comes away bitterly disappointed. **Los Angeles Times**. 09. jan. 1994. Disponível em: <http://articles.latimes.com/1994-01-09/entertainment/ca-9875_1_aids-movie>. Acesso em: 28 ago. 2016.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **AIDS: o desafio final**. Tradução: Marilena Pires Caetano Ruas. São Paulo: Best Seller, 1988. 299 p.

LEEPER, Mark R. And the Band Played On (1993): A film review. **IMDB**. 1993. Reviewed. Disponível em: <<http://www.imdb.com/reviews/21/2153.html>>. Acesso em: 09 set. 2015.

LE GOFF, Jacques. **As doenças têm História**. Lisboa: Terramar, 1997. 368 p.

LEWINSOHN, Rachel. **Três Epidemias: Lições do Passado**. Campinas, SP: Unicamp, 2003. 318 p.

LIMA, Zilda Maria Menezes. **“O grande polvo de mil tentáculos”**: a lepra em Fortaleza (1920-1942). 2007. 292 f. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

_____. **Uma enfermidade à flor da pele**: A lepra em Fortaleza (1920 -1937). Fortaleza: Secult, 2009. 243 p.

LUCA, Tânia Regina, Fontes históricas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p.111 – 155 p.

MARTIN, Marcel. **A Linguagem cinematográfica**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Brasiliense, 2013. 279 p.

MASLIN, Janet. Review/Film: Philadelphia; Tom Hanks as an AIDS Victim Who Fights the Establishment. **New York Times**. 22 dez. 1993. Movies. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1993/12/22/movies/review-film-Philadelphia-tom-hanks-aids-victim-who-fights-establishment.html>>. Acesso em: 09 set. 2015.

MCCARTHY, Todd. Review: 'Philadelphia'. **Variety**. 6 dez. 1993. Film. Disponível em: <<http://variety.com/1993/film/reviews/Philadelphia-1200434876/>>. Acesso em: 09 set. 2015.

MELEIRO, Alessandra. et. al. **Cinema no Mundo: Indústria, política e mercado Estados Unidos**. São Paulo: Escrituras, 2007. 252 p.

MEU QUERIDO COMPANHEIRO. Direção: Norman René. Roteiro Craig Lucas. Produção: Stan Wlodkowski. Elenco: Esthephen Caffre, Patrick Cassidy, Brian Cousins, Bruce Davidson, John Dossett, Mark Lamos, Dermot Mulroney, Mary-Louisse Parker, Michel Schoefeling, Campbell Scott. Estados Unidos: Cult Class, 1989. 1 DVD. (96 min) son., color.; DVD vídeo. Áudio: Inglês. Legendas em inglês, português, francês e espanhol.

MICHAUD, Christopher. FILM; Is There a Distributor Out There for This Film? **New York Times**, v. 5, mar. 1990. Movies. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1990/03/18/movies/film-is-there-a-distributor-out-there-for-this-film.html?pagewanted=all>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

MODRO, Nielson Ribeiro. **Nas entrelinhas do cinema**. Jonville, SC: Univille, 2008. 103 p.

MONTEIRO, Simone ; VILLELA, Wilza. **Estigma e Saúde**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2013. 207 p.

MORETTIN, Eduardo Victorio: O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. **História: Questões e Debates**, Curitiba, n. 38, 2003. P. 11-42. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/historia/article/download/2713/2250>>. Acesso em: 01 set 2015.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes históricas: A História depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. 235-290 p.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. A Construção de Si Uma narrativa em torno da Experiência da AIDS. **Revista de História Regional**, v. 2, n. 3, p. 157-166, 1998. Disponível em: <http://www.inesul.edu.br/site/documentos/revista_historia_regional95.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2012.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de. **Uma história brasileira das doenças**. Brasília: Paralelo 15, v. 1. 2004. 360 p.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de. et. al. **Uma história brasileira das doenças**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010. 364 p.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; FRANCO, Sebastião Pimentel. et. al. **Uma História Brasileira das Doenças**, Belo Horizonte, v. 4, 307 p.2013.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; **As pestes do século XX: tuberculose e AIDS no Brasil, uma história comparada**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. 193 p.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; MARQUES, Vera Regina Beltrão. et. al. **Hanseníase: a voz que sofreram o isolamento compulsório**. Curitiba: UFPR, 2011. 303 p.
NOSSOS FILHOS. Direção: John Erman. Roteiro: Micki Dickoff e William Hanley. Música: John Morris. Produção: Philip Kleinbarth. Elenco: Hugh Grant, Julie Andrews, Zeljko Ivanek e Ann Margret. Estados Unidos: Columbia Broadcasting Sistemy. 1991. 1 DVD (90 min).

O'CONNOR, John J. NBC Offers a Drama on AIDS. **New York Times**. 11 nov. 1985. Arts. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1985/11/11/arts/nbc-offers-a-drama-on-aids.html>>. Acesso em: 07 set. de 2015.

_____. Gay Images: TV's Mixed Signals. **New York Times**. 11 maio 1991. Arts. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1991/05/19/arts/gay-images-tv-s-mixed-signals.html>>. Acesso em: 07 set. de 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 129 p.

POLLAK, Michel. **Os Homossexuais e a AIDS**: sociologia de uma epidemia; Tradução: Paula Rosas. São Paulo: Estação Liberdade, 1990. 216 p.

PRISTIN, Terry. What Is the Story Behind the 'Philadelphia' Story? : Movies: A lawsuit alleging the film's idea is based on a real case has aroused curiosity about the origins of the TriStar feature. **Los Angeles Times**. 17 fev.1994. Disponível em: <http://articles.latimes.com/1994-02-17/entertainment/ca-24208_1_bowers-family>. Acesso em: 10 ago. 2016.

RICH, Frank. ENDPAPER: PUBLIC STAGES; The Band Preened On. **New York Times**. 26 set. 1993. Magazine. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1993/09/26/magazine/endpaper-public-stages-the-band-preened-on.html>>. Acesso em: 09 set. 2015.

ROSENSTONE, Robert. História em imagens, história em palavras: reflexões sobre as possibilidades de plasmar a história em imagens. **Revista Olho da História**, n 5. 1-12 p. 2010. Disponível em: <[hppt://docslide.com.br/documents/rosenstone-robert-historia-em-imagens-historia-em-palavrapdf.html](http://docslide.com.br/documents/rosenstone-robert-historia-em-imagens-historia-em-palavrapdf.html)>. Acesso em: 26 set. 2015.

SANTOS, Márcia Juliana. **It's All True**: E o Brasil de Orson Welles (1942-1993). São Paulo: Alameda, 2015. 188 p.

SCHEFFER, Mário. **Coquetel**: A incrível história dos antirretrovirais e do tratamento da AIDS no Brasil. São Paulo: Hucite, 2012. 288 p.

SCHMALZ, Jeffrey. From Visions of Paradise to Hell on Earth. **New York Times**. 28 fev. 1993. Movies. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1993/02/28/movies/from-visions-of-paradise-to-hell-on-earth.html?pagewanted=1>>. Acesso em: 10 set. 2015.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI**: no loop da montanha russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 140 p.

SHARBUTT, Jay. 'Early Frost' A Dramatic Look At Aids. **Los Angeles Times**. 04 nov. 1985. Disponível em: <http://articles.latimes.com/1985-11-04/entertainment/ca-218_1_early-frost>. Acesso em: 09 set. 2015.

SHILTS, Randy. **O Prazer com Risco de vida:** A Epidemia da AIDS, Como surgiu como se espalhou porque não foi possível controlá-la. Tradução: Salvyano Cavalcante de Paiva. Rio de Janeiro: Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A, 1987. 735 p.

SOARES, Mariza de Carvalho e FERREIRA, Jorge (Orgs.). **A Historia vai ao Cinema.** Rio de Janeiro: Record, 2001. 268 p.

SONTAG, Susan: **A AIDS e suas metáforas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 108 p.

SPAN, Paula. The Playwright As Witness. **Washington Post.** New York. 25 maio 1990. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/lifestyle/1990/05/25/the-playwright-as-witness/af13f7b6-7d8a-4806-aad1-f592509ce494/?utm_term=.c62a0b4d2748>. Acesso em: 14 fev. 2017.

TRONCA, Ítalo Arnaldo. **As máscaras do medo:** lepra e AIDS. Campinas, SP: Unicamp, 2000. 150 p.

TROVÃO, Flavio Vilas-Bôas. **O Exército Inútil de Robert Altman:** Cinema e Política (1983). 2010. 171 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-16112010-1415/publico/2010_FlavioVilasBoasTrovao.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2017.

_____. 30 anos de Isolamento: o HIV e a trajetória da AIDS no Filme “Meu querido companheiro”. **Revista Espaço Feminino**, Uberlândia, MG, v. 26. n. 2, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/nenguem/article/view/24668>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

VALIM, Alexandre Busko. Entre textos, mediações e Contextos: Anotações para uma possível História Social do Cinema. Campinas: **Revista História Social**, v. 5, n. 25, p. 17-40, 2013. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/download/148/141>>. Acesso em: 26 set. 2015.

WEINRAUB, Bernard. Hollywood Called Hypocritical by Actor Who Died of AIDS. **New York Times.** Los Angeles. 11 set.1991. Movies. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1991/09/12/movies/hollywood-called-hypocritical-by-actor-who-died-of-aids.html>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

ZONANA, Victor F. Profile in Courage, Anger: Brad Davis Battled AIDS, Hollywood Indifference. **Los Angeles Times.** 11 set. 1991. Actors. Disponível em: <http://articles.latimes.com/1991-09-11/entertainment/ca-1883_1_brad-davis>. Acesso em: 14 fev. 2017.